

188



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

LIV.-	01
PAG.-	01
REG.-	017

TÍTULO DA PEÇA: " O CASTELO DE MULUMI "

AUTOR DA PEÇA: " JURANDIR PEREIRA "

DISTRIBUIÇÃO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

CHEFE DA T.C.D.P./ D.P.F/ DF.
Edifício do B.N.D.E. Brasília- DF

SC
11/1/70
[Handwritten signature]

Maria de Lourdes Anagnostopoulos, brasileira, filha do Gen. Franklin Dias de Castro é de D. Leopoldina Dias de Castro, residente à Rua Carazinho, 315, Pôrto Alegre, vem pelo presente solicitar a V.Sa. se digno submeter à censura a peça teatral, infantil, em 2 atos, original de Jurandir Pereira: "O CASTELO DE MULUMÍ", a ser apresentada no Auditório Araújo Vianna a partir 07.02.70, às 17 hrs.

N. Têrmos,
E. Deferimento.

Pôrto Alegre, 06 de janeiro de 1970.

[Handwritten signature]
p. Maria de Lourdes Anagnostopoulos

MARIA DE LOURDES ANAGNOSTOPOULOS
RUA CARAZINHO, 315 -P. ALEGRE/RS

[Circular stamp]
8/1/70 [Handwritten signature]

CHEFE DA T.C.D.P./ D.P.F/ DF.

Edifício do B.N.D.E. Brasília- DF

3

Maria de Lourdes Anagnostopoulos, brasileira, filha do Gen. Franklin Dias de Castro e de D. Leopoldina Dias de Castro, residente à Rua Carazinho, 315, Porto Alegre, vem pelo presente solicitar a V.Sa. se gigne submeter à censura a peça teatral, infantil, em 2 atos, original de Jurandir Pereira: "O CASTELO DE MULUMÍ", a ser apresentada no Auditório Araújo Vianna a partir 07.02.70, às 17 hrs.

N. Têrmos,

E. Deferimento.

Porto Alegre, 06 de janeiro de 1970.

Mário Otávio Leij
p. Maria de Lourdes Anagnostopoulos

MARIA DE LOURDES ANAGNOSTOPOULOS
RUA CARAZINHO, 315 -P. ALEGRE/RS

" O CASTELO DE MULUMI "Peça em dois atos de
JURANDIR PEREIRA.-

Personagens: (por ordem de entrada em cena)

PIRETSIM- o arrumador do castelo.

ASSOMBRAÇÃO- a aluna do Reizinho.

REIZINHO- de mil anos de idade.

MESTRE CORUJA- o relógio Real.

CENÁRIOS-

Salão do trono de um velhíssimo castelo. Escadaria de oito degraus que sobe do centro ao fundo. Porta grande, de madeira, - estilosa, à direita. Uma arca à esquerda da porta, que caiba - alguém dentro. Um alto e estiloso trono, digo trono à esquerda da escada. Um relógio de pêndulo, marcando uma hora, à direita e que caiba alguém dentro- com porta, portanto. Uma caminha para Piretsim. Saída pelos dois lados do palco. Maiores caracterizações à gôsto.

PRIMEIRO ATO

CENA- (Piretsim dorme tranqüilamente em sua caminha. Entra Entra assombração muito estabanada, com sua cartilha nas mãos.)

ASSOMBRAÇÃO- (Lendo a cartilha) A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá; - bebeu, beu; Barba, arba; bode, ode; (Fecha a cartilha, e tenta falar de cor.) Bebeu a borda do bade.... Ah, eu não consigo decorar isto!" (Sai lendo) A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá...

REIZINHO- (Entra com uma caçarola e bate nela com uma concha, seis vezes.) Seis horas!" (Vê que Piretsim não se mecheu, digo mexeu) Piretsim! Seis horas!" A noite agora mesmo, sumiu,

O dia já amanheceu.

O sol agoramesmo surgiu,

E a caçarola seis horas bateu". (olha a ver se Piretsim acordou, mas, como continua imóvel, irrita-se e grita.) -Piretsim!

PIRETSIM- (Mal acordando) Já sei, Majestade! A noite agora mesmo sumiu, o dia já amanheceu...(Dorme de novo).

REIZINHO- E o que mais? (Grita) Piretsim!

PIRETSIM- (Erguendo a cabeça) O que foi? A noite agora mesmo amanheceu, o dia já sumiu... (Dorme).

REIZINHO- Piretsim!

PIRETSIM- Eu já falei Majestade!

REIZINHO - Fa-lou tudo es, digo errado! É sinal de que você ainda não - despertou direito! Desperte logo e trate de fazer o serviço que precisa.

PIRETSIM - Sei. (Dorme).

REIZINHO - (Indo até êle, descobre-o) Piretsim!

PIRETSIM - (Encolhendo e procurando a cobertura de olhos fechados). Ai, que frio!

REIZINHO - Sente-se e diga os versos.

ASSOMBRAÇÃO- (Entrando) Que quer que eu diga?

REIZINHO- Não se meta, decore as lições!

ASSOMBRAÇÃO- Deixe-me dizer, só para ver se eu decorei! Posso Majestade? digo, Posso Matageste?

REIZINHO - Matageste não, eu já disse! É Majestade!

ASSOMBRAÇÃO- Eu sei, eu sei! Eu que me enganei agora. Escute os versos: O sol já bateu seis horas, o caçarolar já amanheceu, o dia sumiu agora mesmo e... e ninguém achou!

REIZINHO - Cale a bôca Assombração!

PIRETSIM- Sei.

REIZINHO - (A Piretsim) Nãaao! Não é com você! Você faça o favor de falar os versos direitinho e levantar-se, preguiçoso!(Gritando) Piretsim!

6

PIRETSIM - (Senta-se na cama e diz bem rápido.)
 "A noite agora mesmo sumiu,
 O dia já amanheceu,
 O sol agora mesmo surgiu,
 E a caçarola seis horas bateu." (Apanha a coberta e, cobrindo-se, deita e dorme.)

ASSOMBRAÇÃO - O sol já bateu seis horas a caçarolar já sumiu...

REIZINHO - Cale-se!

ASSOMBRAÇÃO - Matageste!

REIZINHO - MAJESTADE!! Matageste não, Assombração burra! Majestade! Majestade!

ASSOMBRAÇÃO - Olhe, Majestade:: ontem eu cacei um vala-gume mas êle amanheceu morto!

REIZINHO - Pois agora coma-o! (Vem para Piretsim) Pi-re-TSIM!!

ASSOMBRAÇÃO - Saúde! (Rei vira-se bastante irritado olhando para sua Assombração e esta, sem jeito, come o vaga-lume.)

REIZINHO - Piretsim! (Piretsim repentinamente levanta-se com a coberta nas costas e camm, digo caminha. Reizinho acompanha-o, falando) Por que você me dá tanto trabalho, Piretsim? Eu grito, eu chamo eu qy, digo quase morro de tanto falar e você... dormindo! (Piretsim, terminando a sua volta pelo palco, deita-se e, cobrindo-se dorme de novo.) Piretsim!

PIRETSIM - (Senta-se na beirada da cama.) Bom dia, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO - Bom dia, Matageste!

REIZINHO - Ai, não! Eu fico maluco neste castelo! Ainda bem que hoje será o fim. (Saide cena)

ASSOMBRAÇÃO - (Sai de cena lendo o livro.) A babá bebeu a barba do bode...

PIRETSIM - (Conclui um longo bocejo.) Ai! Todos os dias a mesma coisa! É tão gozoso dormir de manhã! Ai, Esse rei me amola! Qualquer hora eu vou embora daqui! Eu não tenho direito de dormir! Todos os dias bem cedo a danada dessa caçarola vem:: bem, bem, bem, bem, bem... acordar a gente, e eu sou obrigado a pegar a vassoura e... (Toca feliciosa música que dê para os versos que se seguem e, Piretsim, varrendo, vai cantando.)
 É varre tudo bem varridinho
 Para tudo ficar bem limpinho!
 O Reizinho está tão zangado,
 Eu me levantei atrasado!
 Pego tôda esta sujeira
 E jogo dentro da lareira!
 E a vassoura vou guardar
 Sempre no mesmo lugar.
 A lareira eu vou acender
 E vai aquecer
 A sala para nós
 Que aqui vivemos sós
 Assombração, Piretsim
 E um Rei que bate em mim!
 Deixe-me trabalhar!
 Se o rei chegar
 Pega o chinelo
 E me toca do castelo.
 (Pegando o espanador)
 Com isto vou espanar aqui,
 Com isto vou espanando ali.
 Quanto pó está saindo
 Eu já estou quase tossindo!
 É um serviço tão grosseiro
 Este de ser faxineiro!
 Uma hora eu kargo tudo
 Pego as coisas e me mudo..
 (Sentando-se no trono)
 Aguentar eu já não posso mais!
 Trabalho demais,
 Levanto-me bem cedo!
 Já vem o rei azêdo.

S. B. A. T.

Peça liberada exclusivamente para
Maria de Lourdes Aguiar dos Santos
 e para fins de Consulta. Sua apresentação em teatro, rádio, televisão, e outros meios de comunicação, depende do pagamento prévio dos direitos autorais.

P. Alegre, 8 de janeiro de 1970

S. B. A. T.

Dizer:: Não quero assim!
 Venha cá, Piretsim!
 Pegue isto aqui.
 E ponha ali
 E aquilo lá.
 Traga tudo para cá!
 Se eu fosse rei de Mulumí
 Pintava tudo isto aqui
 Troca-va o trono que é feinho
 Por outro mais bonitinho
 Mas se a gente é ninguém
 Se contenta com o que tem!
 Mas eu já estou enjoado
 De viver tão despresado.
 ((Suspira). Ai, se eu pudesse ser rei!

- REIZINHO - (Entrando) Piretsim! Tudo pronto?
 PIRETSIM - Sim, Majestade!
 REIZINHO - Então vamos a aula para a Assombração, que depois eu e você vamos a lição de esgrima.
 PIRETSIM - Ah, Majestade! Não podemos deixar a aula da Assombração para depois?
 REIZINHO - Não, não, não. Agora mesmo.
 ASSOMBRAÇÃO - (Atravessa o palco lendo) A babá bebeu a barba do bode. - Babá, bá; bebeu, beu; barba, arba; bode, ode... (Sa i)
 PIRETSIM - Essa Assombração é tão burra,, Majestede! Não apreende nada!
 REIZINHO - Ao menos apreendeu a ler. Já é alguma coisa.
 PIRETSIM - Mas levou quase mil anos!
 REIZINHO - Pois então! O mais difícil eu já fiz! Agora que já sabe ler, o resto vai mais depressa! Precisa ter paciência Piretsim! Veja quanta paciência eu tive, ensinando-a durante mil anos! (Caminhando) Mil anos! Hoje completo mil anos!
 PIRETSIM - Parabéns Majestade!!
 REIZINHO - Obrigado, menino!
 PIRETSIM - V. Majestade é exatamente novecentos e noventa anos mais velho do que eu.
 REIZINHO - É verdade! Você é mais nôvo do que eu! Bem mais nôvo!
 PIRETSIM - V. Majestade deve estar feliz por haver durado tanto!
 REIZINHO - Feliz até hoje!
 PIRETSIM - Por que até hoje, Majesta de?
 REIZINHO - Por nada. Não lhe interessa. Vamos às lições, Piretsim.. Você e a Assombração são os únicos súditos que eu tenho e quero-os bem capazes.
 PIRETSIM - Mas, por que devo apreender esgrima, Majestade?
 REIZINHO - Para ajudar-me a defender o castelo contra o inimigo!
 PIRETSIM - Que inimigos?
 REIZINHO - O inimigo, ora essa! O inimigo!!
 PIRETSIM - Durante mil anos nunca a pareceu inimigo algum! Porque apareceria agora?
 REIZINHO - Hoje vai aparecer o inimigo que eu espero durante mil anos!
 PIRETSIM - E quem será ele?
 REIZINHO - Não sei quem será. A inscrição da torre do castelo, ah...
 PIRETSIM - (Interessado) Inscrição da torre do castelo?
 REIZINHO - Você se interessa pelo que não deve, Piretsim! Esqueça isso e vamos à aula com a assombração. Chame-a (Sai de cena).
 PIRETSIM - (Pensando) Inscrição da torre! Por isso que ele nunca me deixou entrar na torre. Fechou a porta da torre com um enorme cadeado e escondeu a chave!
 ASSOMBRAÇÃO - (Entra experimentando falar a lição da cartilha, de cor.) O bode bebeu a barba da babá. (Grita entusiasmada) Matageste! Matageste! Decorei! Decorei!
 PIRETSIM - Decorou nada! Está errado!
 ASSOMBRAÇÃO - Decorei sim! Ouça: A barba bebeu a babá do bode!
 PIRETSIM - Está tudo invertido!

- ASSOMBRAÇÃO - Está? Mas...eu tinha falado de corzinha agora mesmo!
 Espere: A barba da babá bebeu o bode...
- PIRETSIM - Não! Está errado! É: A boda barbeu a beda do bobeu...Não, não, não! Não é assim! Você até me atrapalha! É...É...A babá bebeu a barba do bode!
- ASSOMBRAÇÃO - Mas como isto é difícil! Precisa mesmo decorar?
- PIRETSIM - Claro! Para ver se você fica um pouco mais inteligente! Você precisa apreender a decorar as coisas que ouve ou lê!
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, mas eu acho que estou tão bem assim como estou!
- PIRETSIM - Assombração, eu preciso que você me ajude!
- ASSOMBRAÇÃO - (Com má vontade) Ajudar?
- PIRETSIM - Não seja preguiçosa! Ouça, : se você fizer o que eu quero, eu lhe darei um pacote deste tamanho de carvões von, digo, novos, deliciosos,!
- ASSOMBRAÇÃO - Dá mesmo?
- PIRETSIM - Prometo que sim. Mas você terá que me ajudar primeiro.
- ASSOMBRAÇÃO - Ajudo (Pega a vassoura e começa a varrer) .
- PIRETSIM - (Tirando-lhe a vassoura e guardando-a) Não é para varrer!
- ASSOMBRAÇÃO - (Pega o espanador e começa a espanar) Ah, já sei!
- PIRETSIM - (Tirando-lhe o espanador) Não se trata de limpeza!, Assombração! Ouça o que eu quero. Sente-se aí- (Ela senta-se) Eu quero que você vá até a torre do castelo e leia uma inscrição - que está gravada na parede e depois venha me contar o que leu. Para você será fácil, porque você atravessa as portas sem - precisar abrir, não é?
- ASSOMBRAÇÃO - Inscrição?! Ah, aquele negócio que está escrito na torre?
- PIRETSIM - É isso mesmo! Você já viu lá?
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, eu vejo todos os dias! Lá é a minha sala de estudos!
- PIRETSIM - E... você lembra do que leu lá?
- ASSOMBRAÇÃO - Se eu me lembro? Deixa-me ver...Hum! Não me lembro mais.
- PIRETSIM - Você é uma coisa horrerosa, Assombração! Lê todos os dias e não se lembra mais de nada!
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, me lembrei da primeira palavra: é assim: "Quando".
- PIRETSIM - Só isso? Veja se se lembra do resto. Pense um pouco, Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO - (Senta-se com a mão no queixo) Estou pensando.
- PIRETSIM - (Tentando ajudá-la) Quando...Quando...
- ASSOMBRAÇÃO - Quando...Quando... Não sei mesmo.
- PIRETSIM - Ai, minha mãe, que coisa! Ouça: vá até lá e leia a outra palavra e venha me dizer. Assim é mais fácil. Vá.
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, quando eu chegar aqui já me esqueci de novo!
- PIRETSIM - Pexoteza!
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, me lembrei de mais duas palavras!
- PIRETSIM - Boa, Assombração! Você é ótima! Diga lá!
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, Piretsim: você fa lou aí eu me esqueci!
- PIRETSIM - Oh, não!
- ASSOMBRAÇÃO - Não fale! Me lembrei de novo! É assim: "-...o rei". É isso "... o rei".
- PIRETSIM - ... o rei! "Quando o rei..."
- ASSOMBRAÇÃO - É isso. "Quando o rei..." O que quer dizer isso?
- PIRETSIM - (UM tanto irritado) Isso? quer dizer: "Quando o rei..."
- ASSOMBRAÇÃO - É?!
- PIRETSIM - Mas você é mesmo pouco inteligente, Assombração! Nunca vi - igual! Ouça aqui: precisamos descobrir como é esse negócio - direitinho. Eu e você devemos-nos unir para descobrirmos o - segredo do rei.
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, me lembrei de outro pedaço!
- PIRETSIM - Qual é?!
- ASSOMBRAÇÃO - Puiu! Não fale comigo agora. Espere. É... "...mil...anos... mil anos!
- PIRETSIM - Mil anos! (Reconstitui) "Quando o rei... mil anos..." "Quando o rei completar mil anos..."
- ASSOMBRAÇÃO - Isso mesmo! "Quando o rei completar mil anos!"
- PIRETSIM - Mas isto não está completo. Falta a parte mais importante, Assombração! Se esforce, por favor! (Lembrando) O rei disse que "chegará" o inimigo?

- ASSOMBRAÇÃO - "Chegará"! É isso!
- PIRETSIM - Chegará (Forma) "Quando o rei completar mil anos chegará..."
Chegará o inimigo?
- ASSOMBRAÇÃO - Inimigo? Não. Não é inimigo. Chegará... chegará... "o nô..."
Espere! Quase saiu! "Chegará ... o nôvo..." É isso! Chegará o nôvo!"
- PIRETSIM - "Quando o rei completar mil anos chegará o nôvo..." Ai, minha mãe, falta um pedacinho importante! "...o nôvo..." Nôvo Rei, não pode ser!
- ASSOMBRAÇÃO - É isso! "Chegará o nôvo rei!"
- PIRETSIM - (Assustado) Chegará o nôvo rei? "Quando o rei completar mil anos chegará o novor, digo rei?"
- ASSOMBRAÇÃO - O que quer dizer isso?
- PIRETSIM - Raciocine, Assombração! Preste atenção: "Quando o rei completar mil anos chegará o nôvo rei."!
- ASSOMBRAÇÃO - Nôvo rei? Que rei nôvo?
- PIRETSIM - Isto é que não sabemos! (O rei entra) Só precisamos saber quem será o novo rei do castelo de Mulumi.
- REIZINHO - Piretsim!
- PIRETSIM - (Assustando-se) Pronto, Majestade!
- REIZINHO - O que foi que você disse?
- PIRETSIM - Sinto muito Majestade! A inscrição da torre do castelo.
- REIZINHO - (Irritado) E como foi que você descobriu?
- PIRETSIM - Usando a minha inteligência.
- ASSOMBRAÇÃO - Eu também!
- REIZINHO - (à Assombração) Você é burra!
- PIRETSIM - Sinto muito Majestade!
- REIZINHO - (Sentando-se no trono) Que horas são?
- ASSOMBRAÇÃO - Uma hora.
- REIZINHO - Ah, esse relógio! Há dois anos que é sempre a mesma hora! Eu sou um rei muito pobre e infeliz! Mil anos de reinado sem nunca fazer nada de importante! Nunca fui herói! Nunca pratiquei um ato de bravura! Nunca matei nada!
- ASSOMBRAÇÃO - Matou sim Matageste! Matou um rato.
- REIZINHO - Cale a bôca! Matar um rato qualquer um mata! Rei mata dragão com a espada!
- ASSOMBRAÇÃO - Puxa, se aqui tivesse um dragão, não Matageste? Vossa Matageste matava êle.
- REIZINHO - E mesmo que tivesse. Eu não teria tempo de matá-lo. Hoje, até a mai, digo, meia-noite, deverá chegar um nôvo rei, e eu serei súdito de um rei ninguém! Eu não posso permitir isso! Não posso! Piretsim! Feche tôdas as portas e janelas do castelo. Não permitirei que o novo rei entre! Se eu conseguir evitar que êle chegue até a meia-noite, estarei salvo! Reij narei por mais mil anos! Feche tudo, Piretsim!
- PIRETSIM - Sim Majestade! ((Sai)).
- ASSOMBRAÇÃO - (Abre a cartilha e lê) Para pegar pombos precisa por pão.
Para, ara; pegar, ar...
- REIZINHO - Não, não! Já estou enjoado de ouvir você ler estas coisas.
- ASSOMBRAÇÃO - Esta aqui é bonitinha, ouça: O rato roeu a rica roupa do rei de Roma. Rato, to...
- REIZINHO - Não me interessa i rei de Roma. O rato fez bem em roer a rica roupa do rei de Roma. Leia-me outra coisa.
- ASSOMBRAÇÃO - (Lendo) A cadela comeu a ca sa do coioete. Cadela, ela; comeu, meu; coioete, ote...
- REIZINHO - Não gosto. Já ouvi essa história também. Conte-me uma história alegre.
- ASSOMBRAÇÃO - Lendo?
- REIZINHO - Não largue-me o livro e conte-me uma qualquer.
- ASSOMBRAÇÃO - A Borba borbeu o borbo...
- REIZINHO - Não!
- ASSOMBRAÇÃO - A pompa pegou o pão...
- REIZINHO - Não!
- ASSOMBRAÇÃO - O rico ratou a roma do rau...
- REIZINHO - Não!
- ASSOMBRAÇÃO - A casa comeu a cadela do coioete...

REIZINHO - (Levantando-se) Silêncio!

ASSOMBRAÇÃO - (Após alguma pausa) Eu conheço uma bonita.

REIZINHO - Qual?

ASSOMBRAÇÃO - A do boné do bobo.

REIZINHO - (Sentando-se) Não quero!

ASSOMBRAÇÃO - Quer que leia um livro que achei lá no porão?

REIZINHO - Que livro é?

ASSOMBRAÇÃO - É ... Como é mesmo o nome? É ... me esqueci... Ai, minha mãe, como é mesmo o nome? Ah, já sei: "LISTA TELEFÔNICA"!

REIZINHO - Hum! O nome não me agrada. Não deve ser de aventura. Gosto de histórias de aventuras!

ASSOMBRAÇÃO - De aventuras?

REIZINHO - Sim, histórias de reis valentes, reis guerreiros, que comandam soldados nas grandes batalhas e que lutam destemidos contra o inimigo...! De reis que desembainham suas espadas, enfrentam os de frente, derrubam dez, vinte, trinta, mil, milhões e ainda saem vivos para o clamor do povo que os carrega triunfantes pelas ruas e gritando: Viva o rei! Viva o rei! Viva o rei!

ASSOMBRAÇÃO - Isto é só história, não é Matageste? Isso não existe, não é mesmo?

REIZINHO - (Triste) Existe. Existe sim. Só que nunca se passou comigo. Eu sou um rei diferente de todos os reis! Tenho somente dois súditos, mil anos de idade e nenhuma aventura heróica! (Caminhando) E hoje chegará o novo rei!

ASSOMBRAÇÃO - Ora, talvez ele seja um bom rei, Matageste!

REIZINHO - Mas eu não quero ser súdito de oure digo, outro rei, seja lá quem fôr.

ASSOMBRAÇÃO - Não quer? Mas é tão bom, Matageste!

REIZINHO - Você quer dizer que ser um simples súdito é muito melhor do que ser rei?

ASSOMBRAÇÃO - Naturalmente que sim! (Sentando-se no trono).

REIZINHO - Você não gostaria de ser rei?

ASSOMBRAÇÃO - Eu não gostaria de ser não!

REIZINHO - E por que não?

ASSOMBRAÇÃO - Ah, porque é ruim ser rei. Eu acho uma delícia ter um rei que cuida de mim, que vive para me atender e zelar para que esta humilde assombração seja feliz. (Beijando as mãos do rei). Muito obrigada, Matageste! (Volta a sentar-se no trono).

REIZINHO - (Abismado) Eu nunca havia pensado nisso! Eu sempre achei que ser rei era ser xu digo, superior, e no entanto, eu não passo de um simples pagem de vocês dois!

ASSOMBRAÇÃO - É sim!

REIZINHO - Precisaréi completar mil anos para compreender isso. Como são bobos os reis! Vou deixar de ser rei!

PIRETSIM - (Entrando) Majestade tôdas as portas e janelas estão fechadas.

REIZINHO - Pois abra-as tôdas novamente!

PIRETSIM - Abrir?

REIZINHO - Sim, abra tudo do geito, digo, jeito que estava. Resolvi aceitar o novo rei. Quero ser feliz!

PIRETSIM - Sério, Majestade?

REIZINHO - Claro que é sério! Abra tudo já, já!

PIRETSIM - Está bem, Majestade. (Sai)

REIZINHO - (Abre bem a porta do castelo) Que entre o novo rei!

ASSOMBRAÇÃO - Mas será que V. Majestade se acostumará a não ser rei?

REIZINHO - Claro que sim! Quer ver? (Pões a corôa na cabeça da assombração) Seja rei!

ASSOMBRAÇÃO - (Rindo sem poder conter o ridículo) Hi, hi, hi, hi, Matageste. Que brincadeira é essa? Hi, hi, hi, ...

REIZINHO - Tome o cetro também. Agora o meu manto de arminho. (Veste - lhe o seu manto real)

ASSOMBRAÇÃO - Ai, minha mãe. V. Matageste está troçando de mim! Hi, hi, hi...

REIZINHO - Fique quieta! (Assombração cala, mas, de repente, deseta a rir.)

ASSOMBRAÇÃO - Hi, hi, hi...

REIZINHO -Fique quieta! Porte-se como um rei! Respeite a corôa, o cetro e o manto reais! Cale-se! (Assombração cala-se) Agora, seja rei!

ASSOMBRAÇÃO-Ser rei? Hi, hi, hi...

REIZINHO - Silêncio! Seja rei, estou mandando!

ASSOMBRAÇÃO-Mas, como é que se faz?

REIZINHO -Como você quizer. Seja um rei como você achar que deve ser. Não precisa me imitar.

ASSOMBRAÇÃO-Mas eu não queria ser rei, Matageste!

REIZINHO -Seja sim. Eu serei o seu súdito!

ASSOMBRAÇÃO-V. Matageste meu súdito? Oh, não Matageste! Onde se viu isso? Um rei ser súdito de uma simples assombração!

REIZINHO -Eu quero! Seja rei!

ASSOMBRAÇÃO-Está bem! Se V.Matageste manda eu serei.

REIZINHO -Dê as ordens!

ASSOMBRAÇÃO-Ai, ... Dar ordens... Hi, hi, hi...

REIZINHO -Mande-me fazer alguma coisa.

ASSOMBRAÇÃO-Mandar?... Bem... Pois bem... Matageste...

REIZINHO -Não me chame de Matageste. Agora o rei é você.

ASSOMBRAÇÃO-Pois não. É... sabe: eu nem sei como o senhor se chama!

REIZINHO -Não precisa. Os reis não sabem os nomes de seus súditos! Chame-me de súdito, pronto!

ASSOMBRAÇÃO-Pois não. O... "seu" súdito...

REIZINHO -"Seu" súdito, não! Súdito simplesmente!

ASSOMBRAÇÃO-Pois não. Súdito: se não for incômodo, o senhor poderia me fazer o grande favor de...

REIZINHO - Não peça por favor e nem por nada! Mande! Ordene!

ASSOMBRAÇÃO:Súdito: leia a cartilha para mim!

REIZINHO -A cartilh?,digo, A cartilha? Justo, isso?!

ASSOMBRAÇÃO-Desculpe. Então eu peço... eu mando outra coisa.

REIZINHO -Não peça desculpas. Mandou, está mandado. Eu leio a cartilha.

ASSOMBRAÇÃO-Então leia.

REIZINHO -(Pega a cartilha, abre-a ao meio e lê).O cavalo cavou a cova na curva do corvo.Cavalo, alo; cavou, vou; covo, ova; curva, urva; corvo, orvo. Pedro perguntou pela pena preta porque precisava pincelar pamonha pelo pé.(Suspira) Puxa!

ASSOMBRAÇÃO-Chega! Agora... traga-me um carvaozinho bem gostoso.

REIZINHO -(Não gostando muito) Pois não, Majestade. (Sai).

ASSOMBRAÇÃO-Hi, hi, hi, hi.... Quem diria! Eu sou rei! Hi, hi, hi...Eu sou rei! Hi, hi, hi...

(Toca uma música que dê para os versos que a Assombração canta, movimentando-se)

Eu sou rei
Nunca pensei
Com coroa
Muito boa
E o cetro
De quase um metro
Um casaquinho
De arminho
Eu sou rei
Nunca pensei!
Eu me sinto inteligente
Eu me sinto até valente.

Se tivesse espada dura
Eu faria uma aventura
Lutaria com anões,
Mataria dez dragões
Eu seria invencível
Eu seria tao terrível
Que o povo orgulhoso
Me faria poderoso
E todos me saudariam
A uma só voz e gritariam
Viva i rei!
Viva o rei! Viva o rei!

REIZINHO -(Entrando).Aqui está o carvão, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO-(Tomada pelo entusiasmo de ser rei) Coma-o.

REIZINHO -Não tenho fome, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO-Coma assim mesmo!

REIZINHO -Mas, quem come carvão, é somente assombração, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO-Pois de agora em diante, seja assombração. Eu sou assombração e por isso meus súditos dever ser assombrações também. Coma!

REIZINHO -Não quero, Majestade.

ASSOMBRAÇÃO-Coma!!

REIZINHO -É ruim, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO-Coma!!

REIZINHO -(Irritando-se, joga o carvão no chão e grita). Não como!'

- (Irritando-se joga o carvão no chão e grita.) Não como!
(Assombração cai sentada e o Rei tira-lhe a corôa, o cetro e o manto). Você não serve para Rei! Só eu gerei o rei. Ninguém mais! Feche essa porta! (Assombração sai correndo e fecha a porta.)
- PIRETSIM - (Entrando cansado) Pronto, Majestade. Todas as portas e janelas estão abertas novamente.
- REIZINHO - Pois feche-as tôdas novamente.
- PIRETSIM - Como?
- REIZINHO - Feche-as, eu disse.
- PIRETSIM - Fechar, Majestade?
- REIZINHO - Fechar sim! Feche tudo! Não deixe nada aberto!
- PIRETSIM - Mas, Majestade! Agora mesmo eu...
- REIZINHO - Pois feche-as novamente. (Senta-se no trono). Resolvi não ceder o meu trono a ninguém. Está escrito que virá outro rei, mas eu não permitirei que se cumpra a profecia da inscrição da Torre do Castelo de Mulumi! Não permitirei! (Corre e passa a tranca na porta e ao voltar-se nota que Piretsim sentou-se no trono, e irrita-se). Piretsim! Vá fechar as portas e janelas!
- PIRETSIM - Sinto muito, Majestade, mas eu estou cansado. Quero descansar.
- REIZINHO - Não seja teimoso, Piretsim! Você... Você... (Concordando) Está bem. Vamos à esgrima primeiro. Pegue a sua espada.
- PIRETSIM - Já disse que estou cansado, Majestade. Estou bastante cansado.
- REIZINHO - Amanhã você descansa. Amanhã eu o deixarei dormir até mais tarde. Agora precisamos trabalhar. Eu preciso manter o meu exército em ordem. Você melhorou muito na última aula. Eu preciso que você fique tão bom quanto eu, para hoje à noite.
- PIRETSIM - V. Majestade pretende lutar com o novo rei?
- REIZINHO - Farei todo o possível para evitar que ele me tire o poder. Tudo. Pegue a sua espada. (Dá a Piretsim a sua espada.) Vamos lá. Faça de contas que eu sou seu inimigo e vou atacá-lo. Você, então, se defende. Vamos lá. Ponha-se distraído como se eu fosse atacar de surpresa. Fique sentado aí, que eu entro de lá e ataco-o. Vamos ver. (Sai e Piretsim, com muito pouca vontade, continua sentado com a espada na mão). (Entra o rei num salto). Uá!!
- ASSOMBRAÇÃO - (Cai sentada de susto). Ui! Que susto!!
- REIZINHO - É agora que eu vou me apoderar deste Castelo!
- ASSOMBRAÇÃO - Oh! Não!
- REIZINHO - (Ataca piretsim que, sem mudar de posição, defende-se com pouca vontade.) Ânimo! Assim o inimigo mata você! Vou entrar outra vez. (Sai de cena e Piretsim continua na mesma posição. Assombração se levanta e se refaz. Entra o rei num salto.) Uá!!
- ASSOMBRAÇÃO - (Cai sentada de novo). Ai! Que susto!!
- REIZINHO - É Agora que eu vou me apoderar deste castelo! (Ataca Piretsim, que se defende da mesma forma anterior). Mas, Piretsim, assim não pode! Por favor: reaja! Eu vou precisar de você hoh, digo, hoje, Piretsim! (Piretsim boceja. Assombração levant-se) Eu vou sair novamente. Prepare-se, mas por favor, Piretsim, se defenda! Eu agora vou atacar para valer mesmo! (Sai. Assombração senta-se depressa, para não cair de susto e cobre os olhos com as mãos. Piretsim dorme e ronca. Entra o rei num salto.) Uá!!
- ASSOMBRAÇÃO - (De, sentada, cai de costas.) Ui, que susto!
- REIZINHO - É agora que eu vou me apoderar des... (Nota que Piretsim dorme. (). Dormiu! (Sacode-o). Piretsim!! (A Assombração). Vá buscar a caçarola. (Assombração vai depressa.) Piretsim, acorde menino! O bandido vai chegar, Piretsim! O novo rei está chegando!
- ASSOMBRAÇÃO - (Chega batendo a caçarola com a concha). Seis horas! - Seis horas!
- REIZINHO - A noite agora mesmo sumiu

O dia já amanheceu
O sol agora mesmo surgiu
E a caçarola...

PIRETSIM- (Enquanto ouve o barulho, vai irritando-se e acorda bar, digo, bastante zangado e ataca o rei com a espada.). Chega (Rei de - fende-se como pode da fúria de Piretsim) V. Majestade é hor - roroso com êstes seus versos horrorosos, com essa mania hor - rorosa de me acordar todos os dias de madrugada com essa pa - nela velha fazendo: bem, bem, bem... (Cada "bem", é uma espa - dada contra a espada do rei.) É horrível, fique sabendo! (En - quanto vai falando vai atacando o rei que, um tanto assustado, defende-se. Piretsim ataca violentamente e a luta se faz mes - para valer, com nuances bastante interessantes e espetacula - res. Ao final, num lance mais violento, Piretsim atira a espa - da do rei e êste cai ao chão).

REIZINHO - Piretsim, o que é que você fez?

PIRETSIM - Desculpe-me, Majestade mas eu o venci.

REIZINHO - Incrível! Como conseguiu isso?

PIRETSIM - Eu sempre fui capaz de vencê-lo, Majestade. Não o venci antes, para não desagradá-lo. Mas agora eu me irritei. Fui obrigado a vencê-lo.

REIZINHO - Que ninguém saiba disso, Piretsim! Que ninguém saiba disso - Piretsim!

ASSOMBRAÇÃO - Eu sei, eu ví, eu sei. (Rí). Hi, hi, hi...

REIZINHO - Cale essa boca Assombraçao de uma figa! E quanto a você, Piret - sim, não estou de acôrdo com o que fez você. Foi um desres - peito para com o rei. Como castigo, vá fechar tôdas as portas e janelas agora mesmo.

PIRETSIM - Ouça agora, Majestade: há quase um ano que eu trabalho neste Castelo, lavando as escadas, varrendo o castelo inteiro sò - zinho e até as nossas roupas sem nunca V. Majestade ter me deixado, nem ao menos dormir até um pouco mais tarde. Pois a - gora resolvi, não concordar mais com isso. Resolvi ir embora.

ASSOMBRAÇÃO - Ir embora? Para onde?

PIRETSIM - Por aí. Vou andando, andando, até encontrar outro lugar inte - ressante para ficar. Sei que conseguirei um lugar, lugar melhor do que êste.

ASSOMBRAÇÃO - Ora não vá, Piretsim! (Triste) Não vá.

PIRETSIM - Eu vou sim, Assombraçao. Antes vou fechar as portas e janelas. Farei isso mais, mas será o meu último trabalho aqui. (Sai de cena).-

REIZINHO - (Falando pouco sincero) Vá. Pode ir. Conseguirei outro empre - gado mais forte do que você e muito melhor. Um empregado que não vive reclamando e me obedece direitinho.

ASSOMBRAÇÃO - E se tiver outro rei?

REIZINHO - (Irritando-se). Não vai ter outro rei nenhum!

ASSOMBRAÇÃO - E se êle chegar e teimar de entrar aqui à fôrça? V. Matagesde lutaria com êle sôzinho?

REIZINHO - (Sacando da espada, o que assusta a Assombraçao). E duvida ? (Guardando a arma). Pois não duvide. Eu lutarei. Enfrentarei o inimigo sôzinho. E vencerei! (Senta-se no trono). Assombra - çao: vá na Torre do Castelo e me traga um cofre pequeno que está lá.

ASSOMBRAÇÃO - E onde está a chave?

REIZINHO - Para que a chave?

ASSOMBRAÇÃO - Da porta da torre!!

REIZINHO - Mas você não é assombraçao? E Assombraçao não vara porta mes - mo sem abrir?

ASSOMBRAÇÃO - Mas o cofre não é assombraçao, Matageste!

REIZINHO - (Admite). É o primeiro raciocínio correto que eu já ví você fazer! Pegue a chave número dez no armário oito que está na sa - digo, sala sete no funf, digo, fundo do corredor seis.

ASSOMNRAÇÃO - (De longe). Seis.

REIZINHO - (Triste). Hoje... é o dia do meu aniversário! E ao invéz de re - ceber um presente de alguém, terei de enfrentar um inimigo que vai chegar e ... e perderei o meu melhor amigo! (Chora). Piret - sim vai embora! Elele, digo, Ele vai embora, Vai embora...

FIM DO PRIMEIRO ATO.

SEGUNDO ATO

- CENA- Quando a cortina se abre, ninguém está em cena. Logo entra o Rei desconsolado, em seguida, Assombração; porém entram por lados o - postos.
- ASSOMBRAÇÃO- Encontrou, Matageste?
- REIZINHO - Não.
- ASSOMBRAÇÃO- Nem eu, acho que foi embora mesmo! (Triste). Sem se despedir! Pobre Piretsim!
- REIZINHO - (Tocando a cama de Piretsim). A caminha dêle! O cobertorzinho dêe, digo, dêle!
- ASSOMBRAÇÃO- (Solidarizando-se). O travesseirinho dêle! O cobertorzinho - dêle!
- REIZINHO :-Eu... Eu reconheço que fui muito rude para com o pobre menino, mas, eu sempre gostei demais dêle! Ele foi a coisa mais importante dêste Castelo dos mil anos de minha existência! Sei que vou sofrer muito! Era um menino tão inteligente, tão competente! Ele seria um grande rei, sabe? Foi uma pena! - (Chora). Hoje chegará o nôvo rei! Isto me deixará ainda mais triste! Eu não consentirei que o nôvo rei ocupe o seu cargo! Não consentirei! Tôdas as portas e janelas estão fechadas. Cuidarei para que o nôvo rei não entre. (Segurando Assombração pelos ombros.). E você, Assombração, terá de me ajudar agora. Você será a porteira da entrada principal do Castelo para não permitir que ninguém entre. Fique de guarda aqui e qualquer ruído que ouvir, me avise. Mas atende, está ouvindo, digo, ouvindo? Se alguém entrar aqui eu a transformarei em... em fumaça, está me ouvindo? Em fu-ma-ça. (Sai).
- ASSOMBRAÇÃO- Em fu-ma-ça! Ai... Não permitirei que ninguém entre. (Encosta-se na porta do castelo, de braços abertos, para evitar - que alguém a abra. Nisso, batem à porta.) (Assombração dá - um salto e corre. Repetem a batida). Não abro. (Tornam a bater) Não abro!
- CORUJA -(De fora) Abra!
- ASSOMBRAÇÃO- Não abro!
- CORUJA -(De fora) Quem está aí?
- ASSOMBRAÇÃO- Aqui é a fumaça! Isto é... eu... eu não posso abrir!
- CORUJA - Abra por favor! Está chovendo muito!
- ASSOMBRAÇÃO- Quem é você?
- CORUJA - Um pobre mu, digo, molhado.
- ASSOMBRAÇÃO- É o nôvo rei?
- CORUJA - Não! Eu não sou rei nenhum!
- ASSOMBRAÇÃO- É o nôvo rei sim. Eu sei que é não abro não.
- CORUJA - Não sou rei nenhum. Sou o Mestre Coruja!
- ASSOMBRAÇÃO- Coruja? (Abre a porta um tantinho para espiar) É coruja mesmo!!
- CORUJA - Posso entrar?
- ASSOMBRAÇÃO- Coruja pode ser rei?
- CORUJA - Rei? Mas que estória é essa? Eu não sou e nem pretendo ser rei.
- ASSOMBRAÇÃO- Então eu vou deixar você entrar, mas, só até passar a chuva. Depois você vai embora, está bem?
- CORUJA - Está. (Entra) Você teria um pano para eu me enxugar?
- ASSOMBRAÇÃO- Não tenho nada, Rei Nôvo. Só tenho y, digo, um lenço, serve? (Oferece-lhe o lenço).
- CORUJA - Por que me chama de Rei Nôvo?
- ASSOMBRAÇÃO- Porque você é rei mesmo.
- CORUJA - Sou nada! Eu me chamo Mestre Coruja da Nobreza.
- ASSOMBRAÇÃO- Da Nobreza? Então é rei mesmo. Nobreza é rei. O rei de Mulumí disse que hoje chegará aqui o nôvo rei de mulumí. Está escrito na Tórredo Castelo. Eu lí. "Quando o rei completar mil anos, chegará o nôvo rei." Eu lí lá. E o rei completa mil - anos hoje. E será substituído por um nôvo rei.
- CORUJA - Mas que estória complicada! Eu... Eu, bem... Eu não quero ser rei nenhum.
- ASSOMBRAÇÃO- Assim é melhor! Você não quer ser rei e assim é melhor, digo, mais fácil. Mas fique sabendo que você é rei.
- REIZINHO -(Gritando lá de dentro) Assombração!!!

- ASSOMBRAÇÃO-Ih, vem êle de nôvo! Esconda-se! (Coruja entra no relógio).
- REIZINHO -(Entrando). Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO-Ih, parece que o rei está me chamando! (Rei chega bem perto da Assombração, sem ser notado por ela. Ela pergunta alto) Me chamou, Matageste?
- REIZINHO -(Gritando em seus ouvidos) Chamei!
- ASSOMBRAÇÃO-(Dando um pulo sem, digo, assustada) Ai, que susto, Matageste! (Joga o lenço nêle, dengosa).
- REIZINHO -Mais respeito com sua Majestade! Está consertado?
- ASSOMBRAÇÃO-Ainda não terminai, digo, terminei.
- REIZINHO -Descobriu ao menos qual é o defeito?
- ASSOMBRAÇÃO-Não, mas estou procurando com muito interêsse.
- REIZINHO -Veja se não falta corda. Dê uma olhada geral. (Sai). Conserve de pressa que já é tarde da noite e eu preciso saber quanto tempo falta para a meia-noite.
- ASSOMBRAÇÃO-Pois não, Matageste. (Abrindo a porta, pergunta à Coruja). Você viu se tem uma corda aí dentro?
- CORUJA - Corda? Não ví corda nenhuma! (Procuram os dois)
- ASSOMBRAÇÃO-É! Não tem corda! Por isso não funciona. Precisamos de uma. O rei disse que com corda vai. Mas onde encontrar uma?
- CORUJA -Eu enrosquei o pé numa corda aí fora quando cheguei!
- ASSOMBRAÇÃO-Vá buscá-la bem depressa. (Abre-lhe a porta e a Coruja sai)
- REIZINHO -(Entrando de surpresa) Assombração! (Aquela cai de susto, fechando a porta ao mesmo tempo) Que faz com a porta aberta?
- ASSOMBRAÇÃO-É que... Eu ouvi um ruído lá fora e fui ver o que era!
- REIZINHO -Ruído? E viu o que era?
- ASSOMBRAÇÃO-Ví.
- REIZINHO -E o quen era?
- ASSOMBRAÇÃO-Chuva! Chove que é um colosso, Matageste!
- REIZINHO -Feche esta porta com a tranca depressa! (Assombração passa a tranca na porta) E não abra mais! Mesmo que haja ruidos lá fora. Se encontrar você abrindo essa porta novamente, eu a transformo em... em...
- ASSOMBRAÇÃO-Fumaça!
- REIZINHO -Não. Em cigarro. (Sai).
- ASSOMBRAÇÃO-Em cigarro? Ai! Dá na mesma! Acabo fumaça do mesmo jeito! (Vai pé-ante-pé abrir a porta. Ouve um ruído lá dentro e sai correndo. Coruja bate na porta. Assombração vai depressa abrir. Quando está abrindo...)
- REIZINHO -(Grita lá de dentro) Assombração! (Assombração fecha-a depressa. Entra o rei)
- ASSOMBRAÇÃO-(Disfarçando) Ih, parece que o rei está me chamando!
- REIZINHO -Que faz aí na porta?
- ASSOMBRAÇÃO-Estou aqui para ver se, digo, para ouvir se não vem vindo alguém. (Põe o ouvido junto à porta)
- REIZINHO -Não precisa ficar aí. Mesmo que chegue não vamos deixar entrar. (Coruja bate à porta e Assombração, para disfarçar bate também).
- ASSOMBRAÇÃO-E se baterem assim?
- REIZINHO -Mesmo que betam. (Coruja bate de nôvo e Assombração bate também).
- ASSOMBRAÇÃO-E se continuarem batendo?
- REIZINHO -Nem que continuem batendo o dia inteiro!
- CORUJA -(Grita lá de fora) Abra!
- ASSOMBRAÇÃO-(Grita logo em cima) Abra a porta! E se gritarem assim?
- REIZINHO -Não seja imbecil! Não vai abrir! Já está pronto o relógio?
- ASSOMBRAÇÃO-Vá lá para dentro que qun, digo, quando estiver pronto eu chamo.
- REIZINHO -(Saindo). Eu vou, mas estarei impaciente. Voltarei em seguida. Apresse-se. (Sai).
- ASSOMBRAÇÃO-(Abre a porta. A Coruja entra e torna a fechá-la) Achou a corda?
- CORUJA -(Com a corda) Achei. (Mostrando) Será que serve?
- ASSOMBRAÇÃO-Deve servir. Vamos experimentar.
- REIZINHO -(Gritando de lá) Assombração!!

- ASSOMBRAÇÃO - Esconda-se! (Como o rei esteja entrando, Coruja ~~esconde-se~~ atrás do trono).
- REIZINHO - Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO - Ih, parece que o rei está me...
- REIZINHO - (Segurando Assombração pela roupa) Você está brincando comigo? Tôda vez que eu entro, não vejo você consertando o relógio! Ah.
- ASSOMBRAÇÃO - Estou procurando peças... (Põe-se a catar pelo chão).
- REIZINHO - Que peças precisas?
- ASSOMBRAÇÃO - Um martelo.
- REIZINHO - Tome o cetro. Bata com ãle.
- ASSOMBRAÇÃO - Obrigado. Pode ir, Matageste. Com V. Matageste aqui, eu não trabalho direito. Sou capaz de martelar o dedo.
- REIZINHO - Eu vou, mas contarei até vinte. Se ao fim disso, o relógio não estiver consertado, você vira charuto. (Sai).
- ASSOMBRAÇÃO - Oh, que será de mim?
- CORUJA - Vamos consertá-lo depressa! (Assombração entra no relógio e procura amarrar a corda nalguma parte lá. Nisso ouve o rei contando.)
- REIZINHO - (De fora) ... onze, doze, treze, catorze, quinze...
- ASSOMBRAÇÃO - (Olha o pêndulo do relógio que está parado). Não funciona! Entre aí depressa que o rei já vai voltar. (Fecha a porta do relógio).
- REIZINHO - (Enquanto isso continuava contando)... desesseis, dezessete, dezoito, dezenove, e... vinte!! (Entra irritado). Não consertou, não é?
- ASSOMBRAÇÃO - Consertei sim, Matageste!
- REIZINHO - Como consertou se ãle continua marcando uma hora?
- ASSOMBRAÇÃO - Mas ãste relógio é diferente, Matageste! V. Matageste precisa dar três batidinhas nêle e perguntar que horas são, que ãle responde certinho. Experimente!
- REIZINHO - (Um tanto duvidoso). Espero que você não esteja brincando comigo. (Dá três batidinhas no relógio e pergunta) Que horas são relógio?
- CORUJA - (De dentro) Onze e quarenta da noite! Cuco!
- REIZINHO - Que formidável! Este relógio é incrível! Onze e quarenta! Onze horas e quarenta minutos! Faltam apenas vinte minutos! Se eu conseguir evitar que o nôvo rei chegue dentro de vinte minutos, estarei livre! Poderei ser rei por mais mil anos! (Agarrando a Assombração pela roupa) Atenda a porta, está ouvindo? Que ninguém entre! (Sai).
- ASSOMBRAÇÃO - (À Coruja que está saindo do relógio) Coitado! Ele pensa que o nôvo Rei ainda não chegou! Quando ãle vir você aqui vai desmaiar!
- CORUJA - (Com o cetro na mão e sentando-se no trono), Mas será que eu sou mesmo o nôvo rei que deve chegar?
- ASSOMBRAÇÃO - Cláro! Quem mais poderia ser se não chegou mais ninguém?
- REIZINHO - (Entra e vai direito ao relógio e dá três pancadinhas) Que horas são relógio?
- CORUJA - (Do trono) Onze e quarenta e cinco!
- REIZINHO - (Contente) Onze e quarenta e cinco! Faltam quinze minutos apenas! (De alegri dá um beijo na coruja) Daqui a quinze minutos eu renovarei o meu reinado... (Em si, vira-se de pressa deparando, apenas, com o vulto da Coruja, que está acabando de entrar no relógio e fechando-se nêle). O que foi isso?
- ASSOMBRAÇÃO - (Fica na frente do relógio). Nada, Matageste! É o cuco do relógio que veio aqui fora conversar comigo!
- REIZINHO - Cuco de cetro na mão e sentado no trono?
- ASSOMBRAÇÃO - É um cuco peralta, Matageste.
- REIZINHO - (Muito irritado). Não acredito! Não era cuco nenhum! Eu já estava desconfiado mesmo de você! Eu sabia que você estava conspirando contra mim! Eu sabia que você havia deixado o nôvo rei entrar aqui! Eu sabia! Eu sabia! Agora... Oh... (Desmaia).
- ASSOMBRAÇÃO - (Socorre o rei, dando-lhe batidinhas pelas faces). Matageste. Matagestinha! Acorde! Acorde! Eu explico tudo! Matagestinha!

- REIZINHO -(Acordando-se)Ai! Ai! Porque você foi fazer isso comigo, ASSOMBRAÇÃO! Eu que sempre cuidei de você! Por quê? (Chora).
- ASSOMBRAÇÃO-Mas, Matageste! Eu bem que tentei...
- REIZINHO -Eu quero ver este sujeito! Eu quero vê-lo! Mande-o sair aqui!
- ASSOMBRAÇÃO-(Abrindo a porta do relógio. O rei desembaihi, digo, desembainha a sua espada). Matajeste! Saia daí!
- CORUJA -(Saindo do relógio com pose real). Majestade!(Reverenciando).
- REIZINHO -(Aproximando-se). Que bicho é esse?
- CORUJA -Eu sou o Mestre Coruja da Nobreza!
- REIZINHO -Coruja? (Rindo muito). Ho, ho, ho,...Coruja! Ho, ho, ho... Quem diria! Uma coruja querendo ser rei! Ho, ho, ho...(Batendo nas costas da Assombração) Que susto você me deu! Uma coruja não me oferece perigo nenhum! Coruja não pode ser rei! Ho, ho, ho....
- ASSOMBRAÇÃO-Não? Antes assim!
- REIZINHO -(Parando de repente). Mas, então, o relógio não está funcionando?
- ASSOMBRAÇÃO-O relógio é o Mestre Coruja, Matageste! Ele conhece as horas de cor! Quando V.Matageste quizer saber as horas, basta perguntar à ele que ele responde certinho, minuto por minuto!
- REIZINHO -É verdade Mestre Coruja?
- CORUJA -Sim, Majestade!
- REIZINHO -Então me diga: que horas são?
- CORUJA -Onze horas, cincoenta ninutos e dez segundos.'
- REIZINHO -Ótimo! Você trabalhará para mim até a meia-noite. Será o relógio Real do Castelo de Mulumí.
- CORUJA -Sinto-me honrado com tamanha distinção, Matageste! Um humilde servo, às Vossas ordens. (Reverência).
- REIZINHO -Bravos! Uma coruja realmente inteligente e educada! Digna de um Rei!.E você, Assombração, continue no seu posto de guarda. Que ninguém entre. Esteja atenta e me avise de qualquer coisa.(Sai).
- CORUJA -(Sentando-se na arca)Eu até já estava gostando da idéia de ser rei! Mestre Coruja, Sua Majestade Real!
- PJRETSIM -(Que está dentro da arca, bate três pancadinhas nela).
- CORUJA -Estão batendo!
- ASSOMBRAÇÃO-Não ouvi nada!
- CORUJA -Pois eu ouvi.(Correm a por o ouvido na porta).
- PIRETSIM -(Repete as batidas dentre da arca).
- CORUJA -Ouviu?
- ASSOMBRAÇÃO-Parece-me que ouvi!
- CORUJA -Ouviu sim. Umás batidinhas muito leves! Batidinhas delicadas!
- ASSOMBRAÇÃO-Mas...
- CORUJA -Ma s?
- ASSOMBRAÇÃO-Mas não foi na porta.
- CORUJA -Não foi na porta?
- ASSOMBRAÇÃO-Não. Vou escutar outra vez. (Esperam em silêncio, bem tesos).
- REIZINHO -(Entrando). Que hora s são?
- CORUJA E ASSOMBRAÇÃO- Pssiu!!!
- REIZINHO -O que foi?
- AMBOS -Estão batendo.
- REIZINHO -Não abra! Não abra!
- ASSOMBRAÇÃO-Não é na porta!
- REIZINHO -Não é na porta? E onde é?
- CORUJA -Por ali, assim. Vamos esperar e ver se bate de novo.(Ficam os três em expectativa).
- REIZINHO -Vocês estão ouvindo coisas! Não existem nem ratos mais neste Castelo! Como poderiam estar batendo aqui dentro se ninguém entrou?
- ASSOMBRAÇÃO-Será que é assombração? Tomara que seja! Tomara que seja!
- CORUJA -Fique quieta! Não fale em assombração! Eu morro de medo nisso.
- ASSOMBRAÇÃO-Mêdo de assombração? E como é que você não tem mêdo de mim?
- CORUJA -Você é Assombração, por acaso?
- ASSOMBRAÇÃO-Totalmente!

- CORUJA -Não acredito! Assombração não é assim.
 ASSOMBRAÇÃO-Que jeito que é então?
 CORUJA -Não sei, nunca vi. Mas acho que é diferente.
 ASSOMBRAÇÃO-É igualzinho sim. Não tem diferença!
 CORUJA -(Ao rei) É verdade que ela é assombração?
 REIZINHO -É verdade sim, mas não importa; diga-me as horas.
 CORUJA -Ass...som...bra...ção... de ver...dade? Oh! (Desmaia).
 REIZINHO -Desmaiou! Acorde-o, Assombração. Preciso sa ber as horas!
 ASSOMBRAÇÃO-(Batendo-lhe ta-pinhas) Acorde Mestre coruja! Acorde! O rei quer saber as horas!
 CORUJA -(Acordando) Oh, o que passou?
 REIZINHO -Que horas são? Que horas são?
 CORUJA -Assombração!! (Desmaia de novo).
 REIZINHO -Ai, não. (Ajudando a fazê-la acordar-se) Corujinha! Mestri-nha Corujinha! Acorde por favor. (Empurrando Assombração) Saia daqui de perto que êle tem medo! Coruja! Acorde, por favor!
 CORUJA -(Despertando). Oh, oh, oh...
 REIZINHO -Está acordando! Está acordando!
 ASSOMBRAÇÃO-(Aproximando-se) Está acordando?
 REIZINHO -Vá pra lá! (Assombração corre e fica espiando de longe) Está melhor Mestre Coruja? Está melhor?
 CORUJA -Estou bem. É que eu sofro do coração! Não posso levar sus-tos muito fortes.
 REIZINHO -Que horas são? Me diga: que horas são?
 CORUJA -Estou sem relógio, Majestade!
 REIZINHO -Como, sem relógio?! Você não disse que sabia de cor as ho-ras, minuto por minuto?
 CORUJA -Ah, é verdade! Com o susto até me esquecí de que eu sabia!
 ASSOMBRAÇÃO-Êle sabe sim!
 CORUJA -Assombração!! (Desmaia de novo).
 REIZINHO -(Correndo atrás da Assombração com o cetro). Assobração burra! Vá embora daqui! Não volte mais aqui! (Volta para a Coruja) Mestre Coruja! Acorde, por favor! Eu preciso saber as horas logo! Acorde!
 CORUJA - Oh! Oh! oh,... Ai, meu coração!
 REIZINHO -Acalme-se, Mestre Coruja! Não tenha medo da Assombração! Ela é totalmente inofensiva! Não faz mal a nada! E além do mais é muito burra! Agora que está apreendendo a ler! Não ligue! Não ligue! Olhe: me diga as horas. Que horas são, Mestre Coruja? Diga-me as horas por favor.
 CORUJA -Agora...? Agora são onze horas, cinquenta e quatro minutos e vinte e sete segundos.
 REIZINHO -Faltam apenas seis minutos para a meia-noite! Esses seis minutos parecerão seis séculos! Mas eu esperarei! (Sai)
 ASSOMBRAÇÃO-(Gritando de fora de cena). Mestre Coruja!
 CORUJA -(Num susto) Ui, quem é?
 ASSOMBRAÇÃO-Sou eu. Posso ir aí?
 CORUJA -Não, não gosto de assombração.
 ASSOMBRAÇÃO-Mas não tenha medo de mim! Eu...eu sou inofensiva!
 CORUJA -Mas assim mesmo não gosto.
 ASSOMBRAÇÃO-Ah, mas deixa!
 CORUJA -Eu...eu não quero! Ai, que medo.
 ASSOMBRAÇÃO-Por favor, Mestre Coruja da Nobraza! Eu queria ir aí com você
 CORUJA -Só se você não esbarrar em mim e nem conversar comigo.
 ASSOMBRAÇÃO-Eu não esbarro. E conversar, eu só converso depois que você se acostumar comigo.
 CORUJA -Então venha, mas devagarinho! Não vá entrar de repente. (Co-ruja esconde-se atrás do trono, porém, espiando.)
 ASSOMBRAÇÃO-(Entra devagar) Oi! (Coruja encobre-se atrás do trono)(Assom-bração um tanto sem graça, vai se aproximando do trono, até sentar-se nêle. Nisso a Coruja resolve espiar e, só ao dar com ela, dá um berro e corre).
 CORUJA - Uai!! (Esconde-se atrás da arca).
 ASSOMBRAÇÃO-Mestre Coruja! Não fuja assim! (Coruja vem vindo para a pon-ta da arca, a fim de espiar a assombração, quando Piretsim,

abrindo um pouco a arca, sem que sua figura seja distinguida pelo público, diz).

- PIRETSIM -Olá! (E fecha-se novamente na arca).
 CORUJA -(Sai gritando) Socorro! Socorro! (Entra rápida no relógio e fecha a porta.)
 ASSOMBRAÇÃO-Minha mãe!!
 REIZINHO -(Entra assustado) Oque se passou aqui?
 ASSOMBRAÇÃO-Eu acho que o Mestre Coruja não está se sentindo bem. Está tão assustado.
 REIZINHO - Onde está êle?
 ASSOMBRAÇÃO-No relógio.
 REIZINHO (Dando três pancadinhas no relógio para perguntar as horas.)
 Que horas são relógio?
 CORUJA -(Assustando-se sai do relógio e pula no rei que o retém suspenso em seus braços). Socorro! (Desmaia).
 REIZINHOB -(Colocando-o no chão). Ai, meu Deus! Desmaiou de novo! E eu queria saber as horas! (Senta-se no trono, tristonho) Devem faltar uns três minutos ou quatro!
 ASSOMBRAÇÃO-Mais ou menos "Majestade!"
 REIZINHO -Você não apreende mesmo, digo, mesmo, Assombração! Não é Majestade! É Ma-ta-ges... (Em sí) Como foi que você disse?
 ASSOMBRAÇÃO-MAJESTADE.
 REIZINHO -Repita de novo, bem devagar!
 ASSOMBRAÇÃO-MA-JES-TA-DE. Apreendi!
 REIZINHO -Que grande satisfação você me está dando, Assombração!
 ASSOMBRAÇÃO-A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá; bebeu, beu; barba, arba; bode, ode!
 REIZINHO -BRAVOS!!!
 ASSOMBRAÇÃO-O rato roeu a rica roupa do rei de Roma!
 REIZINHO -Viva!!!
 ASSOMBRAÇÃO-Para pegar pombos precisa pôr pão!
 REIZINHO -Maravilhoso! (Abraça Assombração freneticamente entusiasmado)
 Maravilhoso! Maravilhoso! Hoje é um grande dia para mim, Assombração! O meu trabalho de mil anos coroado de pleno êxito! Isso é uma recompensa!
 PIRETSIM -(Aparecendo de dentro da arca) V. Majestade é um herói!
 REIZINHO -Obrigado! (Em sí) Quem foi que falou?
 ASSOMBRAÇÃO-(Vendo Piretsim). Piretsim!!
 REIZINHO -Piretsim, você está aqui?
 PIRETSIM -Sim Majestade. Eu não fui embora. Apenas me escondi. Eu queria ir, mas, na hora não tive coragem. Eu vi que gos tava muito de vocês, e deste Castelo velho de Mulumí.
 REIZINHO -(Abraçando Piretsim) Meu bom amigo! Que grande satisfação! Estou feliz por você e pela Assombração! Muito obrigado a vocês dois! Muito obrigado mesmo! (Chora).
 PIRETSIM -V. Majestade foi um grande rei! A maior virtude do homem é a perseverança, a paciência! V. Majestade sempre teve essa virtude! A grande prova foi a educação que conseguiu dar a Assombração. Ensinou-a a ler e transformou-a em um ser inteligente como nós. Nenhum rei seria capaz disso! Só V. Majestade! Meus parabéns, Majestade!
 REIZINHO -Obrigado Piretsim! Você realmente me comove! Está me dando a maior felicidade da minha longa vida! Muito obrigado Piretsim! (Abraça-o). Estou muito feliz por você, Assombração! (Abraça-a) Sinto-me orgulhosos por você, sinceramente!
 ASSOMBRAÇÃO-Eu lhe agradeço muito Majestade.
 REIZINHO -(Sentando-se em seu tromo, pensativo). Agora me preocupo: o que terei para fazer durante mais mil anos de reinado se eu continuar sendo rei? Creio que nada terei a fazer! Será um reinado monótono, eu sei! Sabe, Piretsim: eu... acho que não pretendo continuar sendo rei. Acho que... eu vou permitir que o novo rei chegue. (Tira a corôa, o manto e, juntamente o cetro, entrega-o a Piretsim). Guarda tudo isso lá na torre, junto com as corôas, mantos e cetros dos reis anteriores.
 PIRETSIM -Sim, Majestade. (Vai para a escada)
 REIZINHO -E você, Assombração: traga-me o cofre. Aquêle que você foi buscar na torre. (Assombração vai buscá-lo. O rei levanta-se,

a bre a porta do Castelo bem aberta e diz). Que entre o nôvo rei que será recebido de braços abertos por todos nós! Que entre a-quêle que será o nôvo rei de Mulumí!"

- CORUJA
REIZINHO - (Acordando). Oh! Oh! Oh!
- (Dando a sua mão para ajudar Mestre Coruja a levantar-se) Mestre Coruja!
- CORUJA - (Levantando-se) Obrigado, Majestade!
ASSOMBRAÇÃO - Aqui está, Majestade. (Entrega o cofre ao rei).
REIZINHO - Que horas são Mestre Coruja? (Piretsim começa a subir os degraus da escada para guardar os apetrechos que o rei lhe entregou).
CORUJA - Onze horas, cinquenta e nove minutos e cinquenta e cinco segundos.
REIZINHO - Já vai ser meia-noite e... o nôvo rei não chegou ainda! Será que a inscrição da Torre não tem valor? (Ouvem-se as doze badaladas da meia-noite, fortes, que chegam de não muito longe.)
CORUJA - Que é isso?
REIZINHO - O sino da Torre dando mil anos de reinado, indicando a substituição do rei pelo nôvo rei!
OS QUATRO REIZINHO - Mas, e o rei??
- (Abrindo o cofre com a chave). Neste cofre está, o segredo sobre o nôvo rei. Vamos ver o que diz. (Aberto, lê em uma placa metálica. Ao concluir a leitura sua expressão muda; devagar, volta-se para Piretsim que está parado no topo da escada esperando e desenrolar dos acontecimentos, e diz-lhe:) O nôvo rei do Castelo de Mulumí é o menino Piretsim! É você o nôvo rei, Piretsim!"
ASSOMBRAÇÃO - Piretsim, o nôvo rei?
CORUJA - O menino?
REIZINHO - Sim, o menino! Ozmenimo sábio e bondoso que saberá fazer de Mulumí um grande reinado! Será um poderoso rei a que eu terei a i mensa satisfação de servir! (Toca bonita música e a escadaria se ilumina toda, e Piretsim desce-a de vagar, com a coroa na cabeça, o manto real às costas e com o cetro na mão, sob os aplausos do rei, da Coruja e da Assombração).
OS TRÊS PIRETSIM - (Gritam). Viva o rei! Viva o rei! Viva o rei!
- (Já no sopé da escada, diz) Farei tudo para ser um rei tão capaz como o senhor o foi. O senhor será meu Ministro Conselheiro! Mestre Coruja da Nobreza continuará sendo o Relógio Real do Castelo de Mulumí, e Assombração será meu Pai Real. (A música que Piretsim tocou, digo, cantou no início volta a tocar e, numa bela movimentação, canta m:)
TODOS - Esta estória termina aqui
Do Castelo de Mulumí
O Rei velho saiu assim
E Chegou Piretsim
O Rei velho mil anos reinou
E Piretsim começou.
PIRETSIM - E mil anos reinarei!
TODOS - (Menos Piretsim) Viva o Rei! Viva o Rei!
Salve o Rei
Salve o Rei
Salve o Rei!

.....-FIM-.....



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

O CASTELO DE MULUMI

- a) Título em Português: _____
- b) Título original: _____
- c) Autor: Jurandir Pereira
- d) Tradutor: _____
- e) Diretor: Maria de Lourdes Anagnostopoulos
- f) Produtor: Auditório Araujo ~~Viana~~ Viana (Porto Alegre)
- g) Companhia: _____
- h) Classificação da Censura: LI VRE

II) Análise

- a) Gênero: INFANTIL
- b) Argumento: _____
Peça editada na coleção infantil " Teatro da Juventude
da Comissão Estadual de Teatro do Governo da Guanabara.
Seu trecho e temática nada contém que possa impedir
seu liberação sem restrições .
Trata-se de uma estória focalizando um reinado ficti
cio onde o rei já velho procura um substituto a sua altura.
- c) 1 - Mensagem: _____
Positiva ressaltando os valores da moral, do trabalho ,
da generosidade e da obediência as leis.
- 2 - Impressão final: Muito boa, Um es espetáculo para crianças de cunho didat
co e moral
- d) Diálogos: _____
Leves sem compromissos.
- e) Cenas: De acordo com o script .

f) Personagens: varios

g) Valor educativo: ~~Peça~~ Alem de educativo , didatico no sentido que educa
o pequeno espectador para o bom teatro e as coisas da moral .

III) Conclusão Peça anteriormente liberada por mim , o texto atual confere com
o anterior . LIVRE

3 fevereiro 1970
Brasília, de de 19

Técnico de Censura - Cart. nº

Jose Augusto Costa

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o voto do Técnico de Censura JOSÉ AUGUSTO COSTA, que a examinou:

TÍTULO :- O CASTELO DE MULUMI
AUTOR :- JURANDIR PEREIRA
REST. :- LIVRE

EM, 04-02-70

TCTC-SC=SCDP

*A Chefia do Jusp
nao a obr.*

J.2.70

*Ve o voto
do Técnico de Censura
Jose Augusto Costa
H/3/70*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p.22 23

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2210/70

PEÇA -:::/ O CASTELO DE MULUMI /:::-

ORIGINAL DE JURANDIR PEREIRA

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 06 de FEVEREIRO de 19 75

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 06 de FEVEREIRO de 19 70

LIVRE

Wilson A. de Aguiar
Chefe do S. C. D. P. **PROF. WILSON A. DE AGUIAR**

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p. 23

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 70, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -!!!/ O CASTELO DE MULUMI /!!!-

Original de JURANDIR PEREIRA

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de MARIA DE LOURDES ANAGNOSTOPOULOS-R. CARAZINHO, 315-P. ALEGRE-RS.

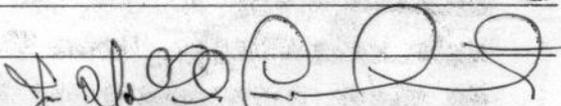
Tendo sido censurada em 03 de FEVEREIRO de 19 70 e recebido

a seguinte classificação: L I V R E.-

-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME
§ 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA
PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 06 de FEVEREIRO de 19 70


JOSE HOLANDA CAVALCANTI

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



N.º DE REGISTRO 017/68

TÍTULO DA PEÇA: - " O CASTELO DE MULUMI " -

PEÇA TEATRAL INFANTIL

~~PRODUÇÃO~~ AUTOR: - JURANDIR PEREIRA

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

Válido até 11 de JANEIRO de 1969

Brasília 11 de JANEIRO de 1968

LIVRE

Manoel F. de Souza Neto
MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO

Chefe do S. C. D. P.

25



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA

DEP. FEDERAL	CARIMBO DA ESTAÇÃO
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES	SEÇÃO PÚBLICA
SETOR - CENTRO DE MENSAGENS	DATA
Rec. b. lo	Hr.
1730	
AS-	

DE: SPAULO NR. 18 PIs. 40 Dt. 10 Hr. 1730

RECEBIDO DE: DPF-3 As 2115 Por HF=

Endereço

GEN JUVENCIO CHEFE PFS
BRASILIA=DF

Texto e Assinatura

9/68 DE 10-01-68 === SOL FINEZA ORDENS SENTIDO ABREVIAR LIBERTAÇÃO
PECA ASPAS CASTELO DE MULUMI ASPAS AUTORIA JURANDYR PEREIRA PT REFE=
RIDA SERAH ENCENADA TEATRO NAÇÕES PELO GRUPO TEATRO INFANTIL CIRANDI=
NHA PT

CEL MONTESERRAT PELO DR DPF SPAULO

Então na TCIC no dia 11/1/68
no mesmo dia foi assinado
pelo Prof da Turma. JVRK
11/1/68

44-TCTC
06-02-70

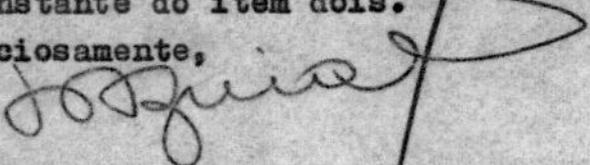
Chefe do SCDP
Sr.Delegado Regional do DPF/RS
Providências (solicita)

Sr.Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste - Serviço:

1. assistir ao ensaio geral de peça " O CASTELE/ DE MULUMI ", autoria de Jurandir Pereira;
2. enviar a êste SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
3. entregar a documentação anexa (scripts e certificados) ao interessado com nome e endereço // constante dos versos dos certificados, somente - após autorização desta Chefia, via rádio, tendo em vista o constante do ítem dois.

Atenciosamente,


PROF. WILSON A. DE AGUIAR
Chefe do SCDP.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

27
C.O. 7/68

PARECER DE PEÇA TEATRAL

Titulo : " O CASTELO DE MULUMI "

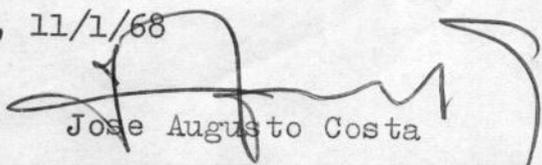
Genero : Infantil

Autor : Juarandir Pereira

Peça editada na coleção Teatro da Juventude da Comissão Estadual de Teatro (GB) - Seu entrecho nada tem que possa impedir sua liberação . Trata-se de um reinada ficticio onde o Rei, procura va um substituto. Finalmente achou entre os seus suditos um que por ser trabalhador , obediente e generoso ~~xxx~~ pode substituirlo .

LIVRE

Brasilia , 11/1/68


Jose Augusto Costa



29

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0246, p.29

Direitos de Representação

Autorização Nº 171451

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral:

O Castelo de Pulumi

Original de Jurandir Pereira

Música de

Tradução de

No Teatro

Das Nações Cidade A. Vago

Empresa

Teatro Inf. Cirandinha Pela Cia.

nos dias

JARA Censura da Peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

A. Vago de Sociedade Brasileira de Autores Teatrais de 1956

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

RECORSAL DE S. (pelo SBAT)

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarês, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

30

A CENSURA

de Departamento de Polícia Federal de Brasília.

Eu, EWERTON CASTRO, abaixo assinado, empresário teatral, venho requerer a censura da peça infantil "O Castelo de Mulumi" de Jurandir Pereira. Esta peça foi montada pelo grupo TEATRO INFANTIL CIRANDINHA sob a direção deste empresário e deverá ir a cena pela primeira vez no próximo dia 13 deste mês, às 16 horas. A temporada será normal, isto é, todos os sábados e domingos no mesmo horário, com o seguinte elenco profissional:

- Reizinho.....José Luis Redi
- Assembleia.....Cristina Aubry
- Piretsim.....Ewerton Castro
- Mestre Ceruja.....Claudio Matias

É necessário informar ainda que esta peça já foi montada pelo autor e já possui censura estadual.

*para o Secretário
receber a DR-SP
Em 11-01-1968
Fláudio
Recebi em 11-09-68
Ruth*

Nêstes Têrmos

Pede Deferimento

Ewerton Castro

Ewerton Castro

O CASTELO DE MULUMI

de Jurandir Pereira

LIVRE

Editada no volume de nº 4 e 5 da coleção TEATRO
DA JUVENTUDE da COMISSÃO ESTADUAL DE TEATRO.

O CASTELO DE MULUMI

DE JURANDYR PEREIRA

Peça infantil em dois atos

PERSONAGENS:

(por ordem de entrada em cena)
PIRETSIM — (o arrunador do Castelo)
ASSOMBRAÇÃO — (a aluna do Reizinho)
REIZINHO — (de mil anos de idade)
MESTRE CORUJA — (o Relógio Real)

LIVRE

CENÁRIO:

Salão do trono de um velhíssimo castelo. Escadaria de oito degraus que sobe do centro ao fundo.

Porta grande, de madeira, estilosa, à direita. Uma arca à esquerda da porta, que caiba alguém dentro.

Um alto e estiloso trono à esquerda da escada. Um relógio de pêndulo, marcando uma hora, à direita, e que caiba alguém dentro — com porta, portanto. Uma caminha — para Piretsim.

Saídas pelos dois lados do palco. Maiores caracterizações, a gosto.

PRIMEIRO ATO

CENA — (Piretsim dorme tranqüilamente em sua caminha. Entra Assombração, muito estabanaada, com sua cartilha nas mãos)

ASSOMBRAÇÃO — (Lendo a cartilha) A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá; bebeu, beu; barba, arba; bode. ode. (Fecha a cartilha e experimenta falar de cor) Bebeu a borba do bade... Ah, eu não consigo decorar isto! (Sai lendo) A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá...

REIZINHO — (Entra com uma caçarola e bate nela com uma concha, seis vezes) Seis horas! (Vê que Piretsim não se mexeu) Piretsim! Seis horas! "A noite agora mesmo sumiu,

O dia já amanheceu

O Sol agora mesmo surgiu

E a caçarola seis horas bateu."

(Olha a ver se Piretsim acordou, mas, como continua imóvel, irrita-se e grita) Piretsim!

PIRETSIM — (Mal acordando) Já sei, Majestade! A noite agora mesmo sumiu, o dia já amanheceu... (Dorme de novo)

REIZINHO — E o que mais? (Grita) Piretsim!

PIRETSIM — (Erguendo a cabeça) O que foi? A noite agora mesmo amanheceu, o dia já sumiu... (Dorme)

REIZINHO — Piretsim!

PIRETSIM — Eu já falei, Majestade!

REIZINHO — Falou tudo errado! É sinal de que você ainda não despertou direito! Desperte logo e trate de fazer o serviço que precisa!

PIRETSIM — Sei. (Dorme)

REIZINHO — (Indo até ele, descobre-o) Piretsim!

PIRETSIM — (Encolhendo e procurando a coberta de olhos fechados) Ai, que frio!

REIZINHO — Sente-se e diga os versos.

ASSOMBRAÇÃO — (Entrando) Quer que eu diga?

REIZINHO — Não se mêta! Decore as lições.

ASSOMBRAÇÃO — Deixe-me dizer, só para ver se eu decorei! Posso, Matajesde?

REIZINHO — Matajesde não, eu já disse! É Majestade!

ASSOMBRAÇÃO — Eu sei, eu sei! Eu que me enganei agora. Escute os versos: O Sol já bateu seis horas, a caçarola já amanheceu, o dia sumiu agora mesmo e... e ninguém achou!

REIZINHO — Cale a bôca, Assombração!

PIRETSIM — Sei.

REIZINHO — (A Piretsim) Não é com você! Você faça o favor de falar os versos direitinho e levantar-se, preguiçoso! (Gritando) Piretsim!

PIRETSIM — (Senta-se na cama e diz bem rápido)

"A noite agora mesmo sumiu

O dia já amanheceu

O Sol agora mesmo surgiu
E a caçarola seis horas bateu"
(Apanha a coberta e, cobrindo-se, deita-se e dorme)

ASSOMBRAÇÃO — O Sol já bateu seis horas a caçarola já sumiu....

REIZINHO — Cale-se!

ASSOMBRAÇÃO — Matajesde!

ASSOMBRAÇÃO —Majestade!

REIZINHO — Majestade não, Assombração burral
Majestade! Majestade!

ASSOMBRAÇÃO — Olhe, Majestade: ontem eu caeci um vala-gume mas êle amanheceu morto!

REIZINHO — Pois agora coma-o! (Vem para Piretsim) Pi-re-TSIM!

ASSOMBRAÇÃO — Saúde! (Rei vira-se bastante irritado olhando para Assombração e esta, sem jeito, come o vaga-lume)

REIZINHO — Piretsim! (Piretsim repentinamente levanta-se com a coberta nas costas e caminha. Reizinho acompanha-o, falando) Por que você me dá tanto trabalho, Piretsim? Eu grito, eu chamo, eu quase morro de tanto falar e você... dormindo! (Piretsim terminando a sua volta pelo palco, deita-se e, cobrindo-se, dorme de nóvo) Piretsim!

PIRETSIM — (Senta-se na beirada da cama) Bom dia, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO — Bom dia, Matajesde!

REIZINHO — Ai, não! Eu fico maluco neste castelo! Ainda bem que hoje será o fim! (Sai de cena)

ASSOMBRAÇÃO — (Sai de cena lendo o livro) A babá bebeu a barba do bode...

PIRETSIM — (Conclui um longo bocejo) Ai! Todos os dias a mesma coisa! Ê tão gostoso dormir de manhã! Ai! Esse rei me amola! Qualquer hora eu vou embora daqui! Eu não tenho direito de dormir! Todos os dias bem cedo a danada dessa caçarola vem: bem, bem, bem, bem, bem, bem... acordar a gente, e eu sou obrigado a pegar a vassoura e... (Toca deliciosa música que dê para os versos que se seguem e, Piretsim, varrendo, vai cantando)

Ê varre tudo bem varridinho

Para tudo ficar bem limpinho!

O Reizinho está tão zangado,

Eu me levantei atrasado!

Pego tôda esta sujeira

E jogo dentro da lareira!

E a vassoura vou guardar

Sempre no mesmo lugar.

A lareira eu vou acender

E vai aquecer

A sala para nós

Que aqui vivemos sós

Assombração, Piretsim

E um rei que bate em mim!

Deixe-me trabalhar!

Se o rei chegar

Pega o chinelo

E me toca do castelo.

(Pegando o espanador)

Com isto vou espanando aqui,

Com isto vou espanando ali.

Quanto pó está saindo

Eu já estou quase tossindo!

Ê um serviço tão grosseiro

Êste de ser faxineiro!

Uma hora eu largo tudo

Pego as coisas e me mudo.

(Sentando-se no trono)

Agüentar eu já não posso mais!

Trabalho demais!

Levanto-me bem cedo,

Já vem o Rei azêdo

Dizer: "Não quero assim!

Venha cá Piretsim!

Pegue isto aqui

E ponha ali

E aquilo lá

Traga tudo para cá!

Se eu fôsse rei de Mulumi

Pintava tudo isto aqui

Trocava o trono que é feinho

Por outro mais bonitinho

Mas se a gente é ninguém

Se contenta com o que tem!

Mas eu já estou enjoado

De viver tão desprezado.

(Suspina) Ai! Se eu pudesse ser rei!

REIZINHO — (Entrando) Piretsim! Tudo pronto?

PIRETSIM — Sim, Majestade.

REIZINHO — Então vamos à aula para a Assombração, que depois eu e você vamos à lição de esgrima.

PIRETSIM — Ah, Majestade! Não podemos deixar a aula da Assombração para depois?

REIZINHO — Não, não, não. Agora mesmo.

ASSOMBRAÇÃO — (Atravessa o palco lendo) A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá; bebeu, beu; barba, arba; bode, ode... (Sai)

PIRETSIM— Essa Assombração é tão burra, Majestade! Não aprende nada!

REIZINHO — Ao menos aprendeu a ler. Já é alguma coisa.

PIRETSIM — Mas levou quase mil anos!

REIZINHO — Pois então! O mais difícil eu já fiz! Agora que já sabe ler, o resto vai mais depressa! Precisa ter paciência, Piretsim! Veja quanta paciência que eu tive, ensinando-a durante mil anos! (*Caminhando*) Mil anos! Hoje eu completo mil anos!

PIRETSIM — Parabéns, Majestade!

REIZINHO — Obrigado, menino!

PIRETSIM — V. Majestade é exatamente novecentos e noventa anos mais velho do que eu.

REIZINHO — É verdade! Você é mais novo do que eu! Bem mais novo!

PIRETSIM — V. Majestade deve estar feliz por haver durado tanto!

REIZINHO — Feliz até hoje.

PIRETSIM — Por que até hoje, Majestade?

REIZINHO — Por nada. Não lhe interessa. Vamos às lições, Piretsim. Você e Assombração são os únicos súditos que eu tenho e quero-os bem capazes.

PIRETSIM — Mas, por que devo aprender esgrima, Majestade?

REIZINHO — Para ajudar-me a defender o Castelo contra o inimigo!

PIRETSIM — Que inimigo?

REIZINHO — O inimigo, ora essa! O inimigo!

PIRETSIM — Durante mil anos nunca apareceu inimigo algum! Por que apareceria agora?

REIZINHO — Hoje vai aparecer o inimigo que eu espero durante mil anos!

PIRETSIM — E quem será êle?

REIZINHO — Não sei quem será. A inscrição da torre do castelo, ah...

PIRETSIM — (*Interessado*) Inscrição da torre do castelo?!

REIZINHO — Você se interessa pelo que não deve, Piretsim! Esqueça isso e vamos à aula com a Assombração. Chame-a. (*Sai de cena*)

PIRETSIM — (*Pensando*) Inscrição da torre! Por isso que êle nunca me deixou entrar na torre. Fechou a porta da torre com um enorme cadeado e escondeu a chave!

ASSOMBRAÇÃO — (*Entra experimentando falar a lição da cartilha de cor*) O bode bebeu a barba da babá. (*Grita entusiasmada*) Matajesde! Matajesde! Decorei! Decorei!

PIRETSIM — Decorou nada! Está errado!

ASSOMBRAÇÃO — Decorei sim! Ouça: a barba bebeu a babá do bode!

PIRETSIM — Está tudo invertido!

ASSOMBRAÇÃO — Está?! Mas... eu tinha falado de corzinho agora mesmo! Espere: a barba da babá bebeu o bode...

PIRETSIM — Não! Está errado! É: a boda barbeu a beba do bode... Não, não, não! Não é assim! Você até me atrapalha! É... É... A babá bebeu a barba do bode!

ASSOMBRAÇÃO — Mas como isso é difícil! Precisa mesmo decorar?

PIRETSIM — Claro! Para ver se você fica um pouco mais inteligente! Você precisa aprender a decorar as coisas que ouve ou que lê!

ASSOMBRAÇÃO — Ah, mas eu acho que estou tão bem assim como estou!

PIRETSIM — Assombração: eu preciso que você me ajude.

ASSOMBRAÇÃO — (*Com má vontade*) Ajudar?! PIRETSIM — Não seja preguiçosa! Ouça: se você fizer o que eu quero, eu lhe darei um pacote deste tamanho de carvões novos, deliciosos!

ASSOMBRAÇÃO — Dá mesmo?

PIRETSIM — Prometo que sim. Mas você terá que me ajudar primeiro.

ASSOMBRAÇÃO — Ajudo. (*Pega a vassoura e começa a varrer*)

PIRETSIM — (*Tirando-lhe a vassoura e guardando*) Não é para varrer!

ASSOMBRAÇÃO — (*Pega o espanador e começa a espanar*) Ah, sei!

PIRETSIM — (*Tirando-lhe o espanador*) Não se trata de limpeza, Assombração! Ouça o que eu quero. Sente-se aí. (*Ela senta-se*) Eu quero que você vá até a torre do castelo e leia uma inscrição que está gravada na parede e depois venha me contar o que leu. Para você será fácil, porque você atravessa portas sem precisar abrir, não é?

ASSOMBRAÇÃO — Inscrição?! Ah, aquêle negócio que está escrito na torre?

PIRETSIM — É isso mesmo. Você já viu lá?

ASSOMBRAÇÃO — Ah, eu vejo todos os dias! Lá é a minha sala de estudos!

PIRETSIM — E... você se lembra do que leu lá?

ASSOMBRAÇÃO — Se eu me lembro? Deixa-me ver... Hum! Não me lembro mais.

PIRETSIM — Você é uma coisa horrorosa, Assombração! Lê todos os dias e não se lembra mais de nada!

ASSOMBRAÇÃO — Ah, me lembrei da primeira palavra: é assim: "Quando".

PIRETSIM — Só isso? Veja se se lembra do resto. Pense um pouco, Assombração!

ASSOMBRAÇÃO — (Senta-se com a mão no queixo) Estou pensando.

PIRETSIM — (Tentando ajudá-la) Quando... Quando...

ASSOMBRAÇÃO — Quando... Quando... Não sei mesmo.

PIRETSIM — Ai, minha mãe, que coisa! Ouça: vá até lá e leia a outra palavra e venha me dizer. Depois suba e veja a palavra seguinte e volte para me dizer. Assim é mais fácil. Vá.

ASSOMBRAÇÃO — Ah, quando eu chegar aqui já me esqueci de nóvo!

PIRETSIM — Pexoteza!

ASSOMBRAÇÃO — Ah, me lembrei de mais duas palavras!

PIRETSIM — Boa, Assombração! Você é ótima! Diga lá!

ASSOMBRAÇÃO — Ah! Piretsim: você falou aí e eu me esqueci!

PIRETSIM — Oh, não!

ASSOMBRAÇÃO — Não fale! Me lembrei de nóvo! É assim: "...o...rei". É isso. "...o rei".

PIRETSIM — ...o rei! "Quando o rei..."

ASSOMBRAÇÃO — É isso. "Quando o rei...". O que quer dizer isso?

PIRETSIM — (Um tanto irritado) Isso? Isso quer dizer: "Quando o rei..."

ASSOMBRAÇÃO — É?!

PIRETSIM — Mas você é mesmo pouco inteligente, Assombração! Nunca vi igual! Ouça aqui: precisamos descobrir como é êsse negócio direitinho. Eu e você devemos unir para descobrirmos o segrêdo do rei.

ASSOMBRAÇÃO — Ah, me lembrei de outro pedaço!

PIRETSIM — Qual é?

ASSOMBRAÇÃO — Pssiu! Não fale comigo agora. Espere. É... "...mil...anos..." Mil anos!

PIRETSIM — Mil anos! (Reconstitui) "Quando o rei... mil anos..." Quando o rei... (Descobrimo) "Completar"! É isso! "Quando o rei completar mil anos..."!

ASSOMBRAÇÃO — Isso mesmo! "Quando o rei completar mil anos"!

PIRETSIM — Mas ainda falta a parte mais importante, Assombração! Se esforce, por favor! (Lembrando) O Rei disse que "chegará" o inimigo?

ASSOMBRAÇÃO — "Chegará"! É isso!

PIRETSIM — Chegará? (Forma) "Quando o rei completar mil anos chegará..." Chegará o inimigo?

ASSOMBRAÇÃO — Inimigo? Não. Não é inimigo. Chegará... Chegará... "o nó..." Espere! Quase saíu! "Chegará... o nóvo"! É isso! Chegará o nóvo!

PIRETSIM — "Quando o rei completar mil anos chegará o nóvo..." Ai, minha mãe, falta um pedacinho importante! "...o nóvo..." Nóvo rei, não pode ser.

ASSOMBRAÇÃO — É isso! "Chegará o nóvo rei"!

PIRETSIM — (Assustado) Chegará o nóvo rei? "Quando o rei completar mil anos chegará o nóvo rei"!?

ASSOMBRAÇÃO — O que quer dizer isso?

PIRETSIM — Raciocine, Assombração! Preste atenção: "Quando o rei completar mil anos, chegará o nóvo rei!"

ASSOMBRAÇÃO — Nóvo rei? Que rei nóvo?

PIRETSIM — Isso é que não sabemos! (O Rei entra) Só precisamos saber quem será o nóvo rei do castelo de Mulumi.

REIZINHO — Piretsim!

PIRETSIM — (Assustando-se) Pronto, Majestade!

REIZINHO — Que foi que você disse?

PIRETSIM — Sinto muito, Majestade!

a inscrição da torre do castelo.

REIZINHO — (Irritado) E como foi que descobriu?

PIRETSIM — Usando a minha inteligência!

ASSOMBRAÇÃO — Eu também.

REIZINHO — (À Assombração, irritado) Você é burra!

PIRETSIM — Sinto muito, Majestade!

REIZINHO — (Sentando-se no trono) Que horas são?

ASSOMBRAÇÃO — Uma hora.

REIZINHO — Ah, êsse relógio! Há dois anos que é sempre uma hora! Eu sou um rei muito pobre e infeliz! Mil anos de reinado sem nunca fazer nada de importante! Nunca fui herói! Nunca pratiquei um ato de bravura! Nunca matei nada!

ASSOMBRAÇÃO — Matou sim, Matajesde! Matou um rato!

REIZINHO — Cale a boca! Matar rato qualquer um mata! Rei mata dragão com a espada!

ASSOMBRAÇÃO — Puxa, se aqui tivesse um dragão, não, Matajesde? Vossa Matajesde matava ê'e!

REIZINHO — E mesmo que tivesse. Eu não teria tempo de matá-lo. Hoje, até à meia-noite, deverá chegar o nóvo rei, e eu serei súdito de um rei ninguém! Eu não posso permitir isso! Não posso! Piretsim! Feche tôdas as portas e

janelas do castelo. Não permitiremos que o nôvo rei entre! Se eu conseguir evitar que êle chegue até à meia-noite, estarei salvo! Reinaré por mais mil anos! Feche tudo, Piretsim!

PIRETSIM — Sim, Majestade. (Sai)

ASSOMBRAÇÃO — (Abre a cartilha e lê) Para pegar pombos precisa pôr pão. Para, ara; pegar, ar...

REIZINHO — Não, não! Já estou enjoado de ouvir você ler essas coisas.

ASSOMBRAÇÃO — Esta aqui é bonitinha, ouça: O rato roeu a rica roupa do rei de Roma. Rato, to...

REIZINHO — Não me interessa o rei de Roma. O rato fêz muito bem em roer a rica roupa do rei de Roma. Leia-me outra coisa.

ASSOMBRAÇÃO — (Lendo) A cadela comeu a casa do coiote. Cadela, ela; comeu, meu; coiote, ote...

REIZINHO — Não gosto. Já ouvi essa também. Conte-me uma história alegre.

ASSOMBRAÇÃO — Lendo?

REIZINHO — Não. Largue do livro e conte-me uma qualquer.

ASSOMBRAÇÃO — A borba borbeu o borbo...

REIZINHO — Não!

ASSOMBRAÇÃO — A pompa pegou o pão...

REIZINHO — Não!

ASSOMBRAÇÃO — O rico ratou o roma do rau...

REIZINHO — Não!

ASSOMBRAÇÃO — A casa comeu a cadela do coiote...

REIZINHO — (Levantando-se) Silêncio!

ASSOMBRAÇÃO — (Após alguma pausa) Eu conheço uma bonita.

REIZINHO — Qual?

ASSOMBRAÇÃO — A do boné do bôbo.

REIZINHO — (Sentando-se) Não quero.

ASSOMBRAÇÃO — Quer que eu leia um livro que achei lá no porão?

REIZINHO — Que livro é?

ASSOMBRAÇÃO — É... Como é mesmo o nome? É... Me esqueci... Ai, minha mãe! Como é mesmo o nome? Ah, já sei! É: "LITA TESLEFÔNICA"!

REIZINHO — Um! O nome não me agrada. Não deve ser de aventura. Gosto de estórias de aventuras!

ASSOMBRAÇÃO — De aventuras?

REIZINHO — Sim, estórias de reis valentes, reis guerreiros, que comandam soldados nas grandes batalhas e que lutam destemidos contra o

inimigo...! De reis que desembainham suas espadas, enfrentam os ataques de frente, derrubam dez, vinte, trinta, mil, milhões e ainda saem vivos para o clamor do povo que os carrega triunfantes pelas ruas e gritando: Viva o rei! Viva o rei! Viva o rei!

ASSOMBRAÇÃO — Isso é só estória, não é Matajesde! Isso não existe, não é mesmo?

REIZINHO — (Triste) Existe. Existe sim. Só que nunca se passou comigo! Eu sou um rei diferente de todos os reis! Tenho sómente dois súditos, mil anos de idade e nenhuma aventura heróica! (Caminhando) E hoje chegará o nôvo rei!

ASSOMBRAÇÃO — Ora, talvez êle seja um bom rei, Matajesde!

REIZINHO — Mas eu não quero ser súdito de outro rei, seja lá quem fôr!

ASSOMBRAÇÃO — Não quer? Mas é tão bom, Matajesde!

REIZINHO — Bom? Você quer dizer que ser um simples súdito é melhor do que ser rei?

ASSOMBRAÇÃO — Naturalmente que sim! (Sentando-se no trono)

REIZINHO — Você não gostaria de ser rei?

ASSOMBRAÇÃO — Eu não gostaria não.

REIZINHO — E por que não?

ASSOMBRAÇÃO — Ah, porque é ruim ser rei. Eu acho uma delícia ter um rei que cuida de mim, que vive para me atender e zelar para que esta humilde assombração seja feliz (Beijando as mãos do rei) Muito obrigada, Matajesde! (Volta a sentar-se no trono)

REIZINHO — (Abismado) Eu nunca havia pensado nisso! Eu sempre achei que ser rei era ser superior, e no entanto, eu não passo de um simples pajem de vocês dois!

ASSOMBRAÇÃO — É sim.

REIZINHO — Precisei completar mil anos para compreender isso! Como são bobos os reis! Vou deixar de ser rei!

PIRETSIM — (Entrando) Majestade: tôdas as portas e janelas estão fechadas.

REIZINHO — Pois abra-as tôdas novamente.

PIRETSIM — Abrir?!

REIZINHO — Sim. Abra tudo do jeito que estava. Resolvi aceitar o nôvo rei. Quero ser feliz.

PIRETSIM — Sério, Majestade?

REIZINHO — Claro que é sério! Abra tudo já-já.

PIRETSIM — Está bem, Majestade. (Sai)

REIZINHO — (Abre bem a porta do Castelo) Que entre o nôvo rei!



ASSOMBRAÇÃO — Mas... Mas será que V. Majestade se acostumará em não ser rei?

REIZINHO — Claro que sim! Quer ver? (Põe a coroa na cabeça da Assombração) Seja rei.

ASSOMBRAÇÃO — (Rindo sem poder conter o ridículo) Hi, hi, hi... Matajesde! Que brincadeira é essa! Hi, hi, hi...

REIZINHO — Tome o cetro também. Agora o meu manto de arminho. (Veste-lhe o seu manto real)

ASSOMBRAÇÃO — Ai, minha mãe! V. Matajesde está troçando de mim! Hi, hi, hi...

REIZINHO — Fique quieta! (Assombração cala, mas, de repente, desata a rir)

ASSOMBRAÇÃO — Hi, hi, hi...

REIZINHO — Fique quieta! Porte-se como um rei! Respeite a coroa, o cetro e o manto reais! Cale-se! (Assombração cala-se) Agora, seja rei.

ASSOMBRAÇÃO — Ser rei...? Hi, hi, hi...

REIZINHO — Silêncio! Seja rei, estou mandando!

ASSOMBRAÇÃO — Mas, como é que se faz?

REIZINHO — Como você quiser. Seja um rei como você achar que deve ser. Não precisa me imitar.

ASSOMBRAÇÃO — Mas, eu não queria ser rei, Matajesde!

REIZINHO — Seja sim! E eu serei o seu súdito!

ASSOMBRAÇÃO — V. Matajesde meu súdito?! Oh, não, Matajesde! Onde se viu isso? Um rei ser súdito de uma simples assombração!

REIZINHO — Eu quero! Seja rei.

ASSOMBRAÇÃO — Está bem! Se V. Matajesde manda, eu serei.

REIZINHO — Dê as ordens.

ASSOMBRAÇÃO — Ai... Dar ordens... Hi, hi, hi...

REIZINHO — Mandem-me fazer alguma coisa.

ASSOMBRAÇÃO — Mandar...? Bem... Pois bem... Matajesde...

REIZINHO — Não me chame de Matajesde. Agora o rei é você.

ASSOMBRAÇÃO — Pois não. É... Sabe: eu nem sei como o senhor se chama!

REIZINHO — Não precisa! Os reis não sabem os nomes de seus súditos! Chame-me de súdito, pronto.

ASSOMBRAÇÃO — Pois não. O... "seu" súdito...

REIZINHO — "Seu" súdito, não! Súdito simplesmente!

ASSOMBRAÇÃO — Pois não. Súdito: se não fôr incômodo, o senhor poderia me fazer o grande favor de...

REIZINHO — Não peça por favor e nem por nada! Mandem! Ordem!

ASSOMBRAÇÃO — Súdito: leia a cartilha para mim.

REIZINHO — A cartilha?! Justo isso?!

ASSOMBRAÇÃO — Desculpe. Então eu peço... eu mando outra coisa.

REIZINHO — Não peça desculpas. Mandou, está mandado. Eu leio a cartilha.

ASSOMBRAÇÃO — Então leia.

REIZINHO — (Pega a cartilha, abre-a ao meio e lê)

O cavalo cavou a cova na curva do corvo. Cavalo, alo; Cavou, ou; cova, ova, curva, urva. Pedro perguntou pela pena preta porque precisava pincelar pamonha pelo pé. (Suspira) Puxa!

ASSOMBRAÇÃO — Chega! Agora... traga-me um carvãozinho bem gostoso.

REIZINHO — (Não gostando muito) Pois não, Majestade. (Sai)

ASSOMBRAÇÃO — Hi, hi, hi... Quem diria! Eu sou rei! Hi, hi, hi... Eu sou rei! Hi, hi, hi... (Toca uma música que dê para os versos que Assombração canta, movimentando-se)

"Eu sou rei
Nunca pensei
Com coroa
Muito boa
E o cetro
De quase um metro
Um casaquinho
De arminho
Eu sou rei
Nunca pensei!
Eu me sinto inteligente
Eu me sinto até valente
Se tivesse espada dura,
Eu faria uma aventura!
Lutaria com amões,
Mataria dez dragões!
Eu seria invencível!
Eu seria tão terrível
Que o povo orgulhoso
Me faria poderoso
E todos me saudariam
A uma só voz e gritariam
Viva o rei!
Viva o rei!
Viva o rei!

REIZINHO — (Entrando) Aqui está o carvão, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO — (Tomada pelo entusiasmo de ser rei) Coma-o.

ASSOMBRAÇÃO — Nem eu. Mas, nós temos de dar um jeito, porque o rei quer! Vamos consertá-lo. Me dá o lenço. (Coruja dá-lhe o lenço e Assombração põe-se a limpar o relógio com ele. Coruja, para ajudar, limpa-o com as mãos)

REIZINHO — (Chamando de fora) Assombração!

ASSOMBRAÇÃO — Ih, vem ele de novo! Esconda-se! (Coruja entra no relógio)

REIZINHO — (Entrando) Assombração!

ASSOMBRAÇÃO — Ih, parece que o rei está me chamando! (Rei chega bem perto da Assombração, sem ser notado por ela. Ela pergunta alto) Me chamou, Matajesde?

REIZINHO — (Gritando em seus ouvidos) Chamei!

ASSOMBRAÇÃO — (Dando um pulo de susto) Ai, que susto, Matajesde! (Joga o lenço, nele dengosa),

REIZINHO — Mais respeito com sua Majestade! Está consertado?

ASSOMBRAÇÃO — Ainda não terminei.

REIZINHO — Descobriu ao menos qual é o defeito?

ASSOMBRAÇÃO — Não, mas estou procurando com muito interesse.

REIZINHO — Veja se não falta corda. Dê uma olhada geral. (Sai) Conserte depressa que já é tarde da noite e eu preciso saber quanto tempo falta para meia noite.

ASSOMBRAÇÃO — Pois não, Matajesde. (Abrindo a porta, pergunta à Coruja) Você viu se tem uma corda aí dentro?

CORUJA — Corda? Não vi corda nenhuma! (Procuram os dois)

ASSOMBRAÇÃO — É! Não tem corda! Por isso que não funciona. Precisamos de uma. O rei disse que com corda vai. Mas, onde encontrar uma?

CORUJA — Eu enrosquei o pé numa corda aí fora quando cheguei!

ASSOMBRAÇÃO — Vá buscá-la bem depressa. (Abre-lhe a porta e a Coruja sai)

REIZINHO — (Entrando de surpresa) Assombração! (Aquele cai de susto, fechando a porta ao mesmo tempo) Que faz com a porta aberta?

ASSOMBRAÇÃO — É que... Eu ouvi um ruído lá fora e fui ver o que era!

REIZINHO — (Assustado) Ruído? E viu o que era?

ASSOMBRAÇÃO — Vi.

REIZINHO — E o que era?

ASSOMBRAÇÃO — Chuva! Chove que é um colosso, Matajesde!

REIZINHO — Feche essa porta com a tranca depressa! (Assombração passa a tranca na porta) E não abra mais! Mesmo que haja ruídos lá fora.

encontrar você abrindo essa porta novamente, eu a transformo em... em...

ASSOMBRAÇÃO — ...fumaça!

REIZINHO — Não. Em cigarro! (Sai)

ASSOMBRAÇÃO — Em cigarro?! Ai! Dá na mesma! Acabo fumaça do mesmo jeito! Vai, pé-ante-pé, abrir a porta. Ouve um ruído lá dentro e sai correndo. Coruja bate na porta. Assombração vai depressa abrir. Quando está abrindo...

REIZINHO — (Grita lá de dentro) Assombração! (Assombração fecha-a depressa. Entra o Rei)

ASSOMBRAÇÃO — (Disfarçando) Ih, parece que o Rei está me chamando!

REIZINHO — Que faz aí na porta?

ASSOMBRAÇÃO — Estou aqui para ouvir se não se aproxima alguém. (Põe o ouvido junto à porta)

REIZINHO — Não precisa ficar aí. Mesmo que chegue não vamos deixar entrar. (Coruja bate à porta e Assombração, para disfarçar, bate também)

ASSOMBRAÇÃO — E se baterem assim?

REIZINHO — Mesmo que batam. (Coruja bate de novo e Assombração bate também)

ASSOMBRAÇÃO — E se continuarem batendo?

REIZINHO — Nem que continuem batendo o dia inteiro!

CORUJA — (Grita lá de fora) Abra!

ASSOMBRAÇÃO — (Grita logo em cima) Abra a porta! E se gritarem assim?

REIZINHO — Não seja imbecil! Não vai abrir! Já está pronto o relógio!

ASSOMBRAÇÃO — Vá lá para dentro que quando estiver pronto eu chamo.

REIZINHO (Saindo) Eu vou mas estarei impaciente. Voltarei em seguida. Apresse-se (Sai)

ASSOMBRAÇÃO — (Abre a porta, a Coruja entra e torna a fechá-la) Achou a corda?

CORUJA — (Com a corda) Achei. Será que serve?

ASSOMBRAÇÃO — Deve servir. Vamos experimentar.

REIZINHO — (Gritando de lá) Assombração!

ASSOMBRAÇÃO — Esconda-se! (Como o rei esteja entrando, Coruja esconde-se atrás do trono)

REIZINHO — Assombração!

ASSOMBRAÇÃO — Ih, parece que o Rei está me...

REIZINHO — (Segurando Assombração pela roupa)

Você está brincando comigo? Toda vez que eu entro, não vejo você consertando o relógio!

ASSOMBRAÇÃO — Estou procurando peças...

(Põe-se a catar pelo chão)

REIZINHO — Que peças precisa?

ASSOMBRAÇÃO — Um martelo.

- ra mesmo! (Triste) Sem se despedir! Pobre Piretsim!
- REIZINHO — (Tocando a cama de Piretsim) A caminha dêle! O cobertorzinho dêle!
- ASSOMBRAÇÃO — (Solidarizando-se) O travesseirinho dêle! (Chorando) O piniquinho dêle!
- REIZINHO — Eu... Eu reconheço que fui muito rude para com o pobre menino, mas, eu sempre gostei demais dêle! Ele foi a coisa mais importante dêste Castelo dos mil anos de minha existência! Sei que vou sofrer muito! Era um menino tão inteligente, tão competente! Ele seria um grande rei, sabe? Foi uma pena! (Chora) Hoje chegará o nôvo rei! Isso me deixará ainda mais triste! Eu não consentirei que o nôvo rei ocupe o meu lugar! Não consentirei! Tôdas as portas e janelas estão fechadas. Cuidarei para que o nôvo rei não entre. (Segurando Assombração pelos ombros) E você, Assombração, terá de me ajudar agora. Você será a porteira da entrada principal do Castelo para não permitir que alguém entre. Fique de guarda aqui e qualquer ruído que ouvir, me avise. Mas atenda, esta ouvindo? Se alguém entrar aqui, eu a transformarei em... em fumaça, está me ouvindo? Em fu-ma-ça! (Sai)
- ASSOMBRAÇÃO — Em fu-ma-ça! Ai... Não permitirei que ninguém entre. (Encosta-se na porta do castelo, de braços abertos, para evitar que alguém a abra. Nisso, batem à porta. Assombração dá um salto e corre. Repetem a batida) Não abro. (Tornam a bater) Não abro!
- CORUJA — (De fora) Abra!
- ASSOMBRAÇÃO — Não abro!
- CORUJA — (De fora) Quem está aí?
- ASSOMBRAÇÃO — Aqui é a fumaça! Isto é, eu... Eu não posso abrir!
- CORUJA — Abra, por favor! Está chovendo muito!
- ASSOMBRAÇÃO — Quem é você?
- CORUJA — Um pobre molhado!
- ASSOMBRAÇÃO — É o nôvo rei?
- CORUJA — Não! Eu não sou rei nenhum!
- ASSOMBRAÇÃO — É o nôvo rei sim. Eu sei que é. Não abro não.
- CORUJA — Não sou rei, nenhum! Sou o Mestre Coruja!
- ASSOMBRAÇÃO — Coruja?! (Abre a porta um tantinho para espiar) É coruja mesmo!
- CORUJA — Posso entrar?
- ASSOMBRAÇÃO — Coruja pode ser rei?
- CORUJA — Rei?! Mas que estória é essa? Eu não sou e nem pretendo ser rei!
- ASSOMBRAÇÃO — Então eu vou deixar você entrar, mas, só até passar a chuva. Depois você vai embora, está bem?
- CORUJA — Está. (Entra) Você teria um pano para eu me enxugar?
- ASSOMBRAÇÃO — Não tenho nada, Rei Nôvo. Só tenho um lenço, serve? (Oferece-lhe o lenço)
- CORUJA — Por que me chama de Rei Nôvo?
- ASSOMBRAÇÃO — Porque você é rei mesmo.
- CORUJA — Sou nada! Eu me chamo Mestre Coruja da Nobreza.
- ASSOMBRAÇÃO — Da Nobreza?! Então é rei mesmo. Nobreza é rei. O rei de Mulumi disse que hoje chegará aqui o nôvo rei de Mulumi. Está escrito na torre do castelo. Eu li. "Quando o rei completar mil anos, chegará o nôvo rei." Eu li lá. E o rei completa hoje mil anos e será substituído por um nôvo rei.
- CORUJA — Mas que estória complicada! Eu... Eu não quero ser rei nenhum.
- ASSOMBRAÇÃO — Assim é melhor. Você não quer ser rei e assim é mais fácil. Mas fique sabendo que você é rei.
- REIZINHO — (Gritando lá de dentro) Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO — Ih, o Rei! Esconda-se! Esconda-se!
- CORUJA — Onde?
- ASSOMBRAÇÃO — Aí atrás do trono. Não, aí não. Aí êle acha. Esconda-se dentro do relógio. (Abre a porta do relógio e a Coruja entra lá)
- REIZINHO — (Chegando) Não m conviu chamá-la?
- ASSOMBRAÇÃO — Olha, Matajesde: eu não ouvi nada! Chame de nôvo.
- REIZINHO — (Chamando) Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO — Ih, parece que o Rei está me chamando! (Pergunta alto) V. Matajesde está me chamando, por acaso?
- REIZINHO — Estou! (Em si) Não seja burra! Eu quero saber que horas são. Preciso saber que horas são de qualquer jeito e depressa.
- ASSOMBRAÇÃO — Mas o relógio está estragado!
- REIZINHO — Pois conserte-o depressa
- ASSOMBRAÇÃO — Consertar? Mas está tão desmanchado, Matajesde! Quer que eu vá procurar um relojoeiro por aí?
- REIZINHO — Não. Não quero que ninguém entre no castelo hoje. Conserte-o você mesma. (Sai)
- ASSOMBRAÇÃO — Ai, como é que vai ser agora? (Abre a porta do relógio e pergunta à Coruja) Você sabe consertar relógio?
- CORUJA — Eu não!

- perguntar a êle que êle responde certinho, minuto por minuto!
- REIZINHO — É verdade, Mestre Coruja?
- CORUJA — Sim, Majestade!
- REIZINHO — Então me diga: que horas são?
- CORUJA — Onze horas, cinqüenta minutos e dez segundos!
- REIZINHO — Ótimo! Você trabalhará para mim até à meia-noite. Será o relógio real do Castelo de Mulumi.
- CORUJA — Sinto-me honrado com tamanha distinção, Majestade! Um humilde servo, às vossas ordens! (*Reverência*)
- REIZINHO — Bravos! Uma coruja realmente inteligente e educada! Digna de um rei! E você, Assombração, continue no seu posto de guarda. Que ninguém entre. Esteja atenta e me avise de qualquer coisa. (*Sai*)
- CORUJA — (*Sentando-se na arca*) Eu até já estava gostando da idéia de ser rei! Mestre Coruja, Sua Majestade Real!
- PIRETSIM — (*Que está dentro da arca, bate três pancadinhas nela*)
- CORUJA — Estão batendo!
- ASSOMBRAÇÃO — Não ouvi nada!
- CORUJA — Pois eu ouvi! (*Correm a pôr o uovido à porta*)
- PIRETSIM — (*Repete as batidas dentro da arca*)
- CORUJA — Ouviu?
- ASSOMBRAÇÃO — Parece-me que ouvi!
- CORUJA — Ouviu sim. Umass batidinhas muito leves! Batidinhas delicadas!
- ASSOMBRAÇÃO — Mas...
- CORUJA — Mas...?
- ASSOMBRAÇÃO — Mas não foi na porta.
- CORUJA — Não foi na porta?
- ASSOMBRAÇÃO — Não. Vamos ouvir outra vez. (*Esperam em silêncio, bem tesos*)
- REIZINHO — (*Entrando*) Que horas são?
- CORUJA e ASSOMBRAÇÃO — Pssiu!
- REIZINHO — O que foi?
- AMBOS — Estão batendo!
- REIZINHO — Não abra! Não abra!
- ASSOMBRAÇÃO — Não é na porta!
- REIZINHO — Não é na porta? E onde é?
- CORUJA — Por ali, assim. Vamos esperar e ver se bate de novo. (*Ficam os três em expectativa*)
- REIZINHO — Vocês estão ouvindo coisas! Não existe nem ratos mais neste castelo! Como poderiam estar batendo aqui dentro se ninguém entrou?
- ASSOMBRAÇÃO — Será que é assombração? Toma-que seja! Tomara que seja!
- CORUJA — Fique quieta! Não fale em assombração! Eu morro de medo disso!
- ASSOMBRAÇÃO — Medo de assombração? E como é que você não tem medo de mim?
- CORUJA — Você é assombração, por acaso?
- ASSOMBRAÇÃO — Totalmente!
- CORUJA — Não acredito. Assombração não é assim.
- ASSOMBRAÇÃO — Que jeito que é então?
- CORUJA — Não sei. Eu nunca vi, mas acho que é diferente.
- ASSOMBRAÇÃO — É igualzinho sim. Não tem diferença.
- CORUJA — (*Ao Rei*) É verdade que ela é assombração?
- REIZINHO — É verdade sim, mas não importa; diga-me as horas.
- CORUJA — Ass...som...bra...ção de ver...dade?! Oh! (*Desmaia*)
- REIZINHO — Desmaiou! Acorde-o, Assombração. Preciso saber as horas! Acorde-o!
- ASSOMBRAÇÃO — (*Batendo-lhe tapinhas*) Acorde, Mestre Coruja! Acorde! O Rei quer saber as horas!
- CORUJA — (*Acordando*) Oh, o que se passou?
- REIZINHO — Que horas são? Que horas são?
- CORUJA — A assombração! (*Desmaia de novo*)
- REIZINHO — Ai, não (*Ajudando a fazê-la acordar-se*) Corujinha! Mestrinha Corujinha! Acorde por favor! (*Empurrando Assombração*) Saia daqui de perto que êle tem medo! Coruja! Acorde, por favor!
- CORUJA — (*Despertando*) Oh! Oh! Oh!...
- REIZINHO — Está acordando! Está acordando!
- ASSOMBRAÇÃO — (*Aproximando-se*) Está acordando?
- REIZINHO — Vá pra lá! (*Assombração corre e fica espiando de longe*) Está melhor, Mestre Coruja? Está melhor?
- CORUJA — Estou bem. É que eu sofro do coração! Não posso levar sustos muito fortes!
- REIZINHO — Que horas são? Mediga: que horas são?
- CORUJA — Estou sem relógio, Majestade.
- REIZINHO — Como, sem relógio?! Você não disse que sabia de cor as horas, minuto por minuto?
- CORUJA — Ah, é verdade! Com o susto até me esqueci de que eu sabia!
- ASSOMBRAÇÃO — Ele sabe sim.
- CORUJA — A assombração! (*Desmaia de novo*)
- REIZINHO — (*Correndo atrás da Assombração com o cetro*) Assombração burra! Vá embora daqui! Não me volte mias aqui. (*Volta para a Coruja*) Mestre Coruja! Acorde, por favor! Eu preciso saber as horas logo! Acorde!

- REIZINHO — Tome o cetro. Bata com êle.
- ASSOMBRAÇÃO — Obrigado. Pode ir, Matajesde Com V. Matajesde aqui, eu não trabalho direito. Sou capaz de martelar o dedo.
- REIZINHO — Eu vou, mas contarei até vinte. Se ao fim disso, o relógio não estiver consertado, você vira charuto! (Sai)
- ASSOMBRAÇÃO — Oh, o que será de mim?!
- CORUJA — Vamos consertá-lo depressa! (Assombração entra no relógio e procura amarrar a corda nalguma parte lá. Nisso ouve o Rei contando)
- REIZINHO — (De fora) ...onze, doze, treze, catorze, quinze...
- ASSOMBRAÇÃO — (Olha o pêndulo do relógio que está parado) Não funciona! Entre aí depressa que o Rei já vai voltar. (Fecha a porta do relógio)
- REIZINHO — (Enquanto isso, continuava contando) ...dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, e... vinte! (Entra irritado) Não consertou, não é?
- ASSOMBRAÇÃO — Consertei sim Matajesde!
- REIZINHO — Como consertou, se êle continua marcando uma hora?
- ASSOMBRAÇÃO — Mas êste relógio é diferente, Matajesde! V. Matajesde precisa dar três batidinhas nêle e perguntar que horas são, que êle responde certinho. Experimente!
- REIZINHO — (Um tanto duvidoso) Espero que você não esteja brincando comigo. (Dá três batidinhas no relógio e pergunta) Que horas são, relógio?
- CORUJA — (De dentro) Onze e quarenta da noite! Cuco!
- REIZINHO — Que formidável! Êsse relógio é incrível! Onze e quarenta! Onze horas e quarenta minutos! Faltam apenas vinte minutos! Se eu conseguir evitar que o nôvo rei chegue dentro de vinte minutos, estarei livre! Poderei ser rei por mais mil anos! (Agarrando a Assombração pela roupa) Atenda a porta, está ouvindo? Que ninguém entre! (Sai)
- ASSOMBRAÇÃO — (À Coruja, que está saindo do relógio) Coitado! Êle pensa que o nôvo rei ainda não chegou! Quando êle vir você aqui, vai desmaiar!
- CORUJA — (Sentando-se no trono com o cetro na mão) Mas será que eu sou mesmo o nôvo rei que deve chegar?
- ASSOMBRAÇÃO — Claro! Quem mais poderia ser se não chegou mais ninguém?
- REIZINHO — (Entra e vai direito ao relógio e dá três batidinhas) Que horas são, relógio?
- CORUJA — (Do trono) Onze e quarenta e cinco!
- REIZINHO — (Contente) Onze e quarenta e cinco! Faltam quinze minutos apenas! (De alegria dá um beijo na Coruja) Daqui a quinze minutos, eu renovarei o meu reinado... (Em si, vira-se depressa, deparando, apenas, com um vulto da Coruja que está acabando de entrar no relógio e fechando-se nêle) O que foi isso?
- ASSOMBRAÇÃO — (Ficando na frente do relógio) Nada, Matajesde! É o Cuco do relógio que veio aqui fora conversar comigo!
- REIZINHO — Cuco de cetro na mão e sentado no trono?
- ASSOMBRAÇÃO — É um cuco peralta, Matajesde
- REIZINHO — (Muito irritado) Não acredito! Não era Cuco nenhum! Eu já estava desconfiado mesmo de você! Eu sabia que você estava conspirando contra mim! Eu sabia que você havia deixado o nôvo rei entrar aqui! Eu sabia! Eu sabia! Agora... Oh! Oh! (Desmaia)
- ASSOMBRAÇÃO — (Socorre o Rei, dando-lhe batidinhas pelas faces) Matajesde! Matajesdinha! Acorde! Acorde! Eu explico tudo! Matajesdinha!
- REIZINHO — (Acordando-se) Ai! Ai! Por que você foi fazer isso comigo, Assombração! Eu que sempre cuidei de você! Por quê? (Chora)
- ASSOMBRAÇÃO — Mas, Matajesde! Eu bem que tentei...
- REIZINHO — Eu quero ver êsse sujeito! Eu quero vê-lo! Mande-o sair aqui!
- ASSOMBRAÇÃO — (Abrindo a porta do relógio. O Rei desembainha sua espada) Matajesde! Saia daí!
- CORUJA — (Saindo do relógio com pose real) Majestade! (Reverenciando)
- REIZINHO — (Aproximando-se) Que bicho é êsse?
- CORUJA — Eu sou Mestre Coruja da Nobreza!
- REIZINHO — Coruja? (Rindo muito) Ho, ho, ho... Coruja! Ho, ho, ho... Quem diria! Uma coruja querendo ser rei! Ho, ho, ho... (Batendo nas costas da Assombração) Que susto você me deu! Uma coruja não me oferece perigo nenhum! Coruja não pode ser rei! Ho, ho, ho...
- ASSOMBRAÇÃO — Não?! Antes assim!
- REIZINHO — (Parando de repente) Mas, então, o relógio não está funcionando?
- ASSOMBRAÇÃO — O relógio é o Mestre Coruja, Matajesde! Êle conhece as horas de cor! Quando V. Matajesde quiser saber as horas, basta

CORUJA — Oh! Oh! Oh!... Ai, meu coração!
 REIZINHO — Acalme-se, Mestre Coruja! Não tenha medo da Assombração! Ela é totalmente inofensiva! Não faz mal a nada! E além do mais, é muito burra! Agora que está aprendendo a ler! Não ligue! Não ligue! Olha: me diga as horas. Que horas são, Mestre Coruja? Diga-me as horas por favor.
 CORUJA — Agora...? Agora são onze horas, cinquenta e quatro minutos e vinte e sete segundos.
 REIZINHO — Faltam apenas seis minutos para meia noite! Estes seis minutos parecerão seis séculos para mim! Mas eu esperarei! (Sai)
 ASSOMBRAÇÃO — (Gritando de fora de cena) Mestre Coruja!
 CORUJA — (Num susto) Ui! Quem é?
 ASSOMBRAÇÃO — Sou eu! Posso ir aí?
 CORUJA — Não. Não gosto de assombração!
 ASSOMBRAÇÃO — Mas não tenha medo de mim! Eu... Eu sou inofensiva!
 CORUJA — Mas assim mesmo não gosto.
 ASSOMBRAÇÃO — Ah, mas deixa!
 CORUJA — Eu... Eu não quero.
 ASSOMBRAÇÃO — Por favor, Mestre Coruja da Nobreza! Eu queria ir aí com você!
 CORUJA — Só se você não esbarrar em mim e nem conversar comigo.
 ASSOMBRAÇÃO — Eu não esbarro. E conversar, eu só converso depois que você se acostumar comigo.
 CORUJA — Então venha, mas devagarinho! Não vá entrar de repente. (Coruja esconde-se atrás do trono, porém, espiando)
 ASSOMBRAÇÃO — (Entra devagar) Oi! (Coruja encobre-se atrás do trono. Assombração, um tanto sem graça, vai se aproximando do trono, até sentar-se nele. Nisso a Coruja resolve espiar e, ao dar com ela, dá um berro e corre)
 CORUJA — Uai! (Esconde-se atrás da arca)
 ASSOMBRAÇÃO — Mestre Coruja! Não fuja assim! (Coruja vem vindo para a ponta da arca, a fim de espiar a Assombração, quando Piretsim,, abrindo um pouco a arca, sem que sua figura seja distinguida pelo público, diz)
 PIRETSIM — Olá! (E fecha-se novamente na arca)
 CORUJA — (Sai gritando) Socorro! Socorro! Socorro! (Entra rápida no relógio e fecha a porta)
 ASSOMBRAÇÃO — Minha mãe!
 REIZINHO — (Entra assustado) O que se passou aqui?
 ASSOMBRAÇÃO — Eu acho que Mestre Coruja não está se sentindo bem. Está tão assustado!

REIZINHO — Onde está ele?
 ASSOMBRAÇÃO — No relógio!
 REIZINHO — (Dando três pancadinhas no relógio para perguntar as horas) Que horas são, relógio?
 CORUJA — (Assustando-se, sai do relógio e pula no Rei que o retém suspenso em seus braços) Socorro! (Desmaia)
 REIZINHO — (Colocando-o no chão) Ai, meu Deus! Desmaiou de novo! E eu queria saber as horas! (Senta-se no trono, tristonho) Devem faltar uns três minutos ou quatro.
 ASSOMBRAÇÃO — Mais ou menos, Majestade.
 REIZINHO — Você não aprende mesmo, Assombração! Não é Majestade! É Matajes... (Em si) Como foi que você disse?
 ASSOMBRAÇÃO — Majestade.
 REIZINHO — Repita de novo, bem devagar!
 ASSOMBRAÇÃO — Majestade!
 REIZINHO — Você aprendeu, Assombração!
 ASSOMBRAÇÃO — Aprendi.
 REIZINHO — Que grande satisfação você me está dando, Assombração!
 ASSOMBRAÇÃO — A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá; bebeu, beu; barba, arba; bode, ode!
 REIZINHO — Bravos!
 ASSOMBRAÇÃO — O rato roeu a rica roupa do rei de Roma!
 REIZINHO — Viva!
 ASSOMBRAÇÃO — Para pegar pombos precisa pôr pão!
 REIZINHO — Maravilhoso! (Abraça Assombração freneticamente entusiasmado) Maravilhoso! Maravilhoso! Hoje é um grande dia para mim, Assombração! O meu trabalho de mil anos coroadado de pleno êxito! Isso é uma recompensa!
 PIRETSIM — (Aparecendo de dentro da arca) V. Majestade foi um herói.
 REIZINHO — Obrigado! (Em si) Quem foi que falou?
 ASSOMBRAÇÃO — (Vendo Piretsim) Piretsim!
 REIZINHO — Piretsim! Você está aqui?
 PIRETSIM — Sim, Majestade. Eu não fui embora. Apenas me escondi. Eu queria ir, mas, na hora não tive coragem. Eu vi que gostava muito de vocês, e dêste castelo velho de Mulumi.
 REIZINHO — (Abraçando Piretsim) Meu bom amigo! Que grande satisfação! Estou feliz por você e pela Assombração! Muito obrigado a vocês dois! Muito obrigado mesmo! (Chora)

PIRETSIM — V. Majestade foi um grande rei! A maior virtude do homem é a perseverança, a paciência! V. Majestade sempre teve essa virtude. A grande prova foi a educação que conseguiu dar a uma assombração. Ensinou-a a ler e transformou-a em um ser inteligente como nós. Nenhum grande rei conseguiu isso! Só V. Majestade! Nenhum rei seria capaz disso! Só V. Majestade! Meus parabéns, Majestade!

REIZINHO — Obrigado, Piretsim! Você realmente me comove! Está me dando a maior felicidade da minha longa vida! Muito obrigado, Piretsim! (Abraça-o) Estou muito feliz por você, Assombração! (Abraça-a) Sinto-me orgulhoso por você, sinceramente.

ASSOMBRAÇÃO — E eu lhe agradeço muito, Majestade.

REIZINHO — (Sentando-se em seu trono, pensativo) Agora me preocupo: o que terei para fazer durante mais mil anos de reinado se eu continuar sendo rei? Creio que nada terei a fazer! Será um reinado monótono, eu sei! Sabe, Piretsim: eu... acho que não pretendo continuar sendo rei. Acho que... que vou permitir que o novo rei chegue. (Tira a coroa, o manto e, juntamente com o cetro, entrega-o a Piretsim) Guarde tudo isso lá na torre, junto com as coroas, mantos e cetros dos reis anteriores.

PIRETSIM — Sim, Majestade. (Vai para a escada)

REIZINHO — E você, Assombração: traga-me o cofre. Aquêle que você foi buscar na torre. (Assombração vai buscá-lo. O Rei levanta-se, abre a porta do Castelo bem aberta e diz) Que entre o novo Rei que será recebido de braços abertos por todos nós! Que entre aquêle que será o novo rei de Mulumi!

Que entre aquêle que será o novo rei de Mulumi!

CORUJA — (Acordando) Oh! Oh! Oh!

REIZINHO — (Dando sua mão para ajudar Mestre Coruja a levantar-se) Mestre Coruja!

CORUJA — (Levantando-se) Obrigado, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO — Aqui está, Majestade. (Entrega o cofre ao Rei)

REIZINHO — Que horas são, Mestre Coruja? (Piretsim começa a subir os degraus da escada para guardar os apetrechos que o Rei lhe entregou)

CORUJA — Onze horas, cinqüenta e nove minutos e cinqüenta e cinco segundos.

REIZINHO — Já vai dar meia noite e... o novo rei não chegou ainda! Será que a inscrição da torre

não tem valor?

(Ouvem-se as doze badaladas da meia-noite, fortes, que chegam de não muito longe)

CORUJA — O que é isso?

REIZINHO — O sino da Torre dando meia-noite depois de mil anos de reinado, indicando a substituição do rei pelo novo rei!

OS QUATRO — Mas, e o rei?!

REIZINHO — (Abrindo o cofre com a chave) Neste cofre está o segredo sobre o novo rei. Vamos ver o que diz. (Aberto, lê em uma placa metálica. Ao concluir a leitura, sua expressão muda; devagar, volta-se para Piretsim que está parado no topo da escada esperando o desenrolar dos acontecimentos, e diz-lhe) O novo rei do Castelo de Mulumi é o menino Piretsim! É você o novo rei, Piretsim!

ASSOMBRAÇÃO — Piretsim... o novo rei?

CORUJA — O menino?!

REIZINHO — Sim, o menino! O menino sábio e bondoso que saberá fazer de Mulumi um grande reinado! Será um poderoso rei a quem eu terei imensa satisfação em servir.

(Toca bonita música e a escadaria se ilumina toda, e Piretsim desce-a devagar, com a coroa na cabeça, a manta real às costas e com o cetro na mão, sob os aplausos do Rei, da Coruja e da Assombração)

OS TRÊS — (Gritam) Viva o Rei! Viva o Rei! Viva o Rei!

PIRETSIM — (Já no sopé da escada, diz) Farei tudo para ser um rei tão capaz como o senhor o foi. O senhor será meu Ministro Conselheiro! Mestre Coruja da Nobreza continuará sendo o Relógio Real do Castelo de Mulumi, e Assombração será meu Pajem Real. (A música que Piretsim cantou no início volta a tocar e, numa bela movimentação, cantam)

TODOS — Esta estória termina aqui

Do Castelo de Mulumi

O Rei velho saiu assim

E chegou Piretsim

O Rei velho mil anos reinou

E Piretsim começou

PIRETSIM — E mil anos reinarei!

TODOS — (Menos Piretsim) Viva o Rei! Viva o Rei!

Salve o Rei

Salve o Rei

Salve o Rei!

FIM

REIZINHO — Não tenho fome, Majestade!
 ASSOMBRAÇÃO — Coma assim mesmo.
 REIZINHO — Mas, quem come carvão, é somente
 assombração, Majestade!
 ASSOMBRAÇÃO — Pois de agora em diante, seja
 assombração. Eu sou assombração e por isso
 meus súditos devem ser assombrações também.
 Coma!
 REIZINHO — Não quero, Majestade.
 ASSOMBRAÇÃO — Coma!
 REIZINHO — É ruim, Majestade!
 ASSOMBRAÇÃO — Coma!
 REIZINHO — (*Irritando-se, joga o carvão no chão
 e grita*) Não como!
 (*Assombração cai sentada e o Rei tira-lhe a
 coroa, o cetro e o manto*) Você não serve para
 rei! Ninguém serve para rei! Só eu serei o rei!
 Ninguém mais! Feche essa porta! (*Assombra-
 ção vai correndo e fecha a porta*)
 PIRETSIM — (*Entrando cansado*) Pronto, Majesta-
 de. Tôdas as portas e janelas estão abertas no-
 vamente.
 REIZINHO — Pois feche-as tôdas novamente.
 PIRETSIM — Como?
 REIZINHO — Feche-as, eu disse.
 PIRETSIM — Fechar, Majestade?
 REIZINHO — Fechar sim! Feche tudo! Não deixe
 nada aberto.
 PIRETSIM — Mas, Majestade! Agora mesmo eu...
 REIZINHO — Pois feche-as novamente. (*Senta-se
 no trono*) Resolvi não ceder o meu trono a
 ninguém. Está escrito que virá outro rei, mas
 eu não permitirei que se cumpra a profecia da
 inscrição da Torre do Castelo de Mulumil!
 Não permitirei! (*Corre e passa a tranca na
 porta ao voltar-se nota que Piretsim sentou-se
 no trono, e irrita-se Piretsim! Vá fechar as por-
 tas e janelas!*)
 PIRETSIM — Sinto muito, Majestade, mas eu estou
 cansado. Quero descansar.
 REIZINHO — Descansar?! Então você pensa que te-
 remos tempo de descansar?! Como descansar
 se ainda teremos a nossa aula de esgrima, que
 talvez demore o dia inteiro até que você fique
 bom espadachim até à meia-noite?
 PIRETSIM — Sinto muito. (*Cruza os braços e en-
 costa-se*)
 REIZINHO — Não seja teimoso, Piretsim! Você...
 Você... (*Concordando*) Está bem. Vamos à
 esgrima primeiro. Pegue a sua espada.
 PIRETSIM — Já disse que estou cansado, Majesta-
 de. Estou bastante cansado.

REIZINHO — Amanhã você descansa. Amanhã eu o
 deixarei dormir até mais tarde. Agora precisa-
 mos trabalhar. Eu preciso manter o meu exér-
 cito em ordem. Você melhorou muito na úl-
 tima aula. Eu preciso que você fique tão bom
 quanto eu, para hoje à noite.
 PIRETSIM — V. Majestade pretende lutar com o
 nôvo rei?
 REIZINHO — Farei tudo que fôr preciso para evitar
 que êle me tire o poder. Tudo. Pegue a sua
 espada. (*Dá a Piretsim a sua espada*) Vamos
 lá. Faça de contas que eu sou seu inimigo e
 vou atacá-lo. Você, então, se defende. Vamos
 lá. Ponha-se distraído como se eu fôsse atacar
 de surpresa. Fique sentado aí, que eu entro
 de lá e ataco você. Vamos ver. (*Sai e Piretsim,
 com muito pouca vontade, continua sentado
 com a espada na mão. Entra o rei num salto*)
 Uá!
 ASSOMBRAÇÃO — (*Cai sentada de susto*) Ui!
 Que susto!
 REIZINHO — É agora que eu vou me apoderar dês-
 te Castelo!
 ASSOMBRAÇÃO — Oh, não!
 REIZINHO — (*Ataca Piretsim que, sem mudar de
 posição, defende-se com pouca vontade*) Ani-
 mo! Assim o inimigo mata você! Vou entrar
 outra vez. (*Sai de cena e Piretsim continua
 na mesma posição. Assombração se levanta e se
 refaz. Entra o rei num salto*) Uá!
 ASSOMBRAÇÃO — (*Cai sentada de nôvo*) Ai, que
 susto!
 REIZINHO — É agora que eu vou me apoderar dês-
 te Castelo!
 ASSOMBRAÇÃO — Oh, não!
 REIZINHO — (*Ataca Piretsim que se defende da
 mesma forma anterior*) Mas, Piretsim! Assim
 não pode! Por favor: reaja! Eu vou precisar de
 você hoje, Piretsim! (*Piretsim boceja. Assom-
 bração levanta-se*) Eu vou sair novamente. Pre-
 pare-se, mas, por favor, Piretsim, se defendal!
 Eu agora vou atacar para valer mesmo!
 (*Sai. Assombração senta-se depressa, para não
 cair de susto e cobre os olhos com as mãos.*
*Piretsim dorme e ronca. Entra o Rei num
 salto*) Uá!
 ASSOMBRAÇÃO — (*De sentada, cai de costas*) Ui,
 que susto!
 REIZINHO — É agora que eu vou me apoderar
 dês... (*Nota que Piretsim dorme*) Dormiu!
 (*Sacode-o*) Piretsim! (*À Assombração*) Vá
 buscar a caçarola. (*Assombração vai depressa*)

Piretsim! Acorde menino! O bandido vai chegar, Piretsim! O nôvo rei está chegando!

ASSOMBRAÇÃO — (Chega batendo a caçarola com a concha) Seis horas! Seis horas!

REIZINHO — “A noite agora mesmo sumiu
O dia já amanheceu
O Sol agora mesmo surgiu
E a caçarola...”

PIRETSIM — (Enquanto ouve o barulho, vai irritando-se e acorda bastante zangado e ataca o rei com a espada) Chega! (Rei defendese como pode da fúria de Piretsim) V. Majestade é horroroso com êsses seus versos horrorosos, com essa mania horrorosa de me acordar todos os dias de madrugada com essa panela velha fazendo: bem, bem, bem, bem, bem, bem... (Cada “bem” é uma espadada contra a espada do rei) É horrível, fique sabendo! (Enquanto vai falando vai atacando o rei que, um tanto assustado, defende-se. Piretsim ataca violentamente e a luta se faz mesmo para valer, com nuances bastante impressionantes e espetaculares. Ao final, num lance mais violento, Piretsim tira a espada do Rei e êste cai ao chão)

REIZINHO — Piretsim! Que é que você fêz?

PIRETSIM — Desculpe-me, Majestade, mas, eu o venci.

REIZINHO — Incrível! Como conseguiu isso?

PIRETSIM — Eu sempre fui capaz de vencê-lo, Majestade. Não o venci antes para não desagradá-lo. Mas agora eu me irritei. Fui obrigado a vencê-lo.

REIZINHO — Que ninguém saiba disso, Piretsim! Que ninguém saiba disso!

ASSOMBRAÇÃO — Eu sei, eu vi, eu sei. (Ri) Hi hi, hi...

REIZINHO — Cale essa bôca, Assombrção de uma figa! E quanto a você, Piretsim: não estou de acôrdo com o que você fêz. Foi um desrespeito para com o rei. Como castigo, vá fechar tôdas as portas e janelas agora mesmo.

PIRETSIM — Ouça agora, Majestade: há quase um ano que eu trabalho neste Castelo, lavando as escadas, varrendo o Castelo inteiro sòzinho e até as nossas roupas sem nunca V. Majestade ter me deixado, nem ao menos dormir até um pouco mais tarde. Pois agora resolvi não concordar mais com isso. Resolvi ir embora.

ASSOMBRAÇÃO — Ir embora? Para onde?

PIRETSIM — Por aí. Vou andando, andando, até encontrar outro lugar interessante para ficar. Sei que conseguirei um lugar melhor do que êste.

ASSOMBRAÇÃO — Ara, não vá, Piretsim! (Triste)
Não vá!

PIRETSIM — Eu vou sim, Assombrção. Antes vou fechar as portas e janelas. Farei mais isso, mas, será meu último trabalho aqui. (Sai de cena)

REIZINHO — (Falando pouco sincero) Vá. Pode ir. Conseguirei outro empregado mais forte do que você e muito melhor. Um empregado que não vive reclamando e que me obedece direitinho.

ASSOMBRAÇÃO — E se tiver outro rei?

REIZINHO (Irritando-se) Não vai ter outro rei nenhum.

ASSOMBRAÇÃO — E se êle chegar e teimar de entrar aqui à força? V. Matajesde lutaria contra êle sòzinho?

REIZINHO — (Sacando da espada, o que assusta Assombrção) E duvida? (Guardando a espada) Pois não duvide. Eu lutarei. Enfrentarei o inimigo sòzinho. E vencerei! (Senta-se no trono)
Assombrção: vá na tôrre do castelo e me traga um cofre pequeno que está lá.

ASSOMBRAÇÃO — E onde está a chave?

REIZINHO — Para que a chave?

ASSOMBRAÇÃO — Da porta da tôrre!

REIZINHO — Mas você não é assombrção? E assombrção não vira porta mesmo sem abrir?

ASSOMBRAÇÃO — Mas o cofre não é assombrção, Matajesde!

REIZINHO — (Admite) É o primeiro raciocínio correto que eu já vi você fazer! Pegue a chave número dez no armário oito que está na sala sete no fundo do corredor seis.

ASSOMBRAÇÃO — Sei. (Sai falando) Chave nove, no corredor sete, na sala seis, no armário dez.

REIZINHO — Não é! Chave dez, do armário oito da sala sete do corredor seis!

ASSOMBRAÇÃO — (De longe) Seis.

REIZINHO — (Triste) Hoje... é dia do meu aniversário! E ao invés de receber um presente de alguém, terei de enfrentar um inimigo que vai chegar e... e perderei o meu melhor amigo! (Chora) Piretsim vai embora! Êle vai embora! Vai embora...

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

CENA — Quando a cortina se abre, ninguém está em cena. Logo entra o Rei desconsolado em seguida, Assombrção; porém, entram por lados opostos.

ASSOMBRAÇÃO — Encontrou, Matajesde?

REIZINHO — Não.

ASSOMBRAÇÃO — Nem eu. Acho que êle foi embo-

Ilmo Snr Diretor do Departamento de Polícia Federal: Censura Federal



Eu, abaixo assinado, Sérgio Nunes Faria, diretor responsável pelo G.A.T.O. (Grupo de Artes Teatrais de Ourinhos, venho respeitosamente solicitar a V.S. que se digne fornecer o certificado liberatório do texto teatral: O CASTELO DE MULUMÍ, de autoria de Jurandir Pereira, que para tanto juntamos as cópias do texto e o respectivo certificado de autorização da Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais.

Nêstes Têrmos,
P. Deferimento;

Ourinhos, 26 de março de 1.970

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Sérgio Nunes Faria'.

Sérgio Nunes Faria
Diretor responsável

Grupo de Artes Teatrais de Ourinhos
Av. Jacinto Sá 495
Ourinhos SP

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiação à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

**AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70 - SP № 10106

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O Castelo de Chelini

 Original de Jurandir Pereira

Música de

Tradução de

 No Teatro Ime Salto Grande Cidade S. Paulo

 Empresa G.A.T.O. Pela Cia.

 nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de%

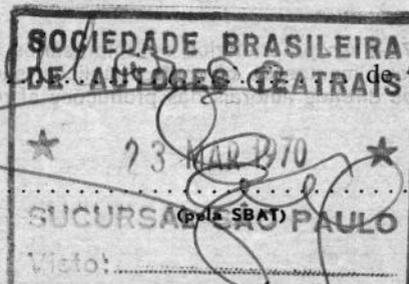
da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios colistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.



Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

42

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: " O CASTELO DE MULUMÍ "

b) Título original: XXXXXX

c) Autor: JURANDIR PEREIRA

d) Tradutor: XXXXXXXXX

e) Diretor: Sérgio Nunes Faria

f) Produtor:

g) Companhia: Grupo de Artes Teatrais de Ourinho (G.A.T.O.)

h) Classificação da Censura: Sem Restrição de idades - LIVRE -

II) Análise Ambas as peça são iguais, valendo para as mesmas igual restrição de idade, ou seja: LIVRE.

a) Gênero: Comédia

b) Argumento: Peça que se dirige diretamente para criança e que conta-nos a estória de Rei que governava um durante 1.000 anos e que após esse // período era substituído. A estória em pauta, revela a vida do Rei e de // seus dois únicos súditos. Um dos quais era ábil e inteligente servindo- / e satisfazendo plenamente o Rei, o outro, "Assombração", era extremamente atrasado e esquecido. No decorrer da peça o súdito inteligente, começou a auxiliar o menos privilegiado tornando-o bom e bem fasejo. Finalmente o rei é substituído pelo súdito tornando-se súdito do mesmo.

c) 1 - Mensagem em mensagem positiva, onde procura ressaltar o valor e moral.

2 - Impressão final: Peça bastante educativa e que deverá ser de grande proveito para criança .

d) Diálogos: Todos os diálogos são próprios para a peça que procura engrandecer e elevar o padrão moral da criança insentivando-a ao trabalho e a honestidade.

e) Cenas: De acôrdo com o script, a peça não se compromete, ou deixa a desejar.

f) Personagens: Rei; Assombração ; Pirestsim e Curuja.

g) Valor educativo: Contem bastante valor educativo.

III) Conclusão Peça que pode ser considerada de boa qualidade.

Brasília, 16 de Abril de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº 215

Lúcio Jaimes Acosta
Lúcio Jaimes Acosta

AO SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

Em anexo encaminho o parecer do Técnico de Censura LÚCIO JAIMES ACOSTA, referente a peça ábiaxe indicada,
TÍTULO:- O CASTELO DE MULUMI
AUTOR :- JURANDIR PEREIRA
REST. :- L I V R E

EM, 17/ABRIL/1970

Jurandir Pereira
#CTC=SC=SCDP

Sr. chefe da se.

*Esta peça foi
censurada varias ve-
zes, sendo libera-
da e/a improprrieda
de acima invidia
da, a documenta-
ção esta em ordem.*

17-04-70

Jurandir Pereira

*De acordo
20/4/70*

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2471/70



PEÇA -: : : / O CASTELO DE MULUMÍ / : : -

ORIGINAL DE JURANDYR PEREIRA

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 20 de ABRIL de 19 75

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 20 de ABRIL de 19 70

LIVRE

Wilson A. de Aguiar
Chefe do S. C. D. P. **PROF. WILSON A. DE AGUIAR**

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BK DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p. 53

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 77, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ O CASTELO DE MULUMÍ /:::-

Original de JURANDYR PEREIRA

Tradução de _____

Adaptação de _____

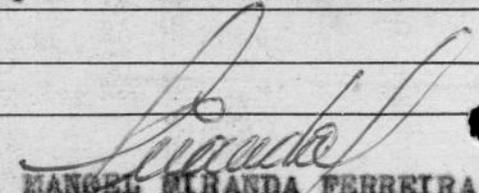
Produção de GRUPO DE ARTES TEATRAIS DE OUTRINHOS - SÃO PAULO/=
OURINHOS-ESTADO DE SÃO PAULO.

Tendo sido censurada em 16 de ABRIL de 19 70 e recebido a seguinte classificação: L I V R E

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 20 de ABRIL de 19 70


CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA


MANOEL MIRANDA FERREIRA

**Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres**

Chefe do SCDP

Sr.Delegado Regional do DPF/SP

Providências (solicita)

Sr.Delegado,

Solicito vossas providências, no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP, dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir ao ensaio geral da peça "O CASTELO-DE MULUMÍ" ;
2. enviar a este SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
3. entregar a documentação anexa ao interessado somente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante no item dois.

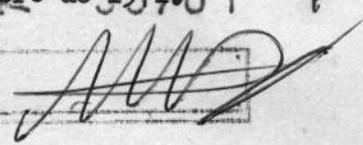
ATENCIOSAMENTE,


PROF. WILSON A. DE AGUIAR
CHEFE DO SCDP

hn

WJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

Curitiba, 06 de setembro de 1970 1 4/6

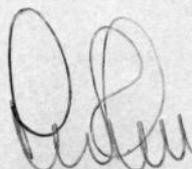
RECEBIDO POR: 

Senhor Chefe:

Sirvo-me do presente, para encaminhar a Vossa Senhoria, para a necessária liberação do Serviço de Censura de Diversões Públicas, quatro / (4) exemplares da peça "O CASTELO DE MULUMI", de Jurandyr Pereira, em dois (2) atos, a ser apresentada pelo TEATRO JOVEM DO PARANÁ.

Outrossim, solicito a Vossa Senhoria se digne devolver este material através a Delegacia de Polícia Federal, desta Capital.

Na oportunidade, apresentamos a Vossa Senhoria os os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.



LUIZ FERNANDO ZENI
P/ Grupo Teatro Jovem do Paraná

Ao Ilustríssimo Senhor
Professor WILSON A. DE AGUIAR
MD. Chefe do Serviço de Censura e Diversões
Públicas do Departamento de Polícia Federal
Edifício do B.N.D.E. - 3º Andar

BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

Curitiba, 06 de setembro de 1971.

- 9 SET 09 57 35701

RECEBIDO POR: 

Senhor Chefe:

Sirvo-me do presente, para encaminhar a Vossa Senhoria, para a necessária liberação do Serviço de Censura de Diversões Públicas, quatro / (4) exemplares da peça "O CASTELO DE MULUMI", de Jurandyr Pereira, em dois (2) atos, a ser apresentada pelo TEATRO JOVEM DO PARANÁ.

Outrossim, solicito a Vossa Senhoria se digne devolver este material através a Delegacia de Polícia Federal, desta Capital.

Na oportunidade, apresentamos a Vossa Senhoria os os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.



LUIZ FERNANDO ZENI
P/ Grupo Teatro Jovem do Paraná

Ao Ilustríssimo Senhor
Professor WILSON A. DE AGUIAR
MD. Chefe do Serviço de Censura e Diversões
Públicas do Departamento de Polícia Federal
Edifício do B.N.D.E. - 3º Andar

BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

US



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

SUC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
-7- CONJ. 75
RUA 15 DE N.º 150
CX. POS. 110

Curitiba, 06 de Setembro de 1.971

Nº..... 022/71-Pr.

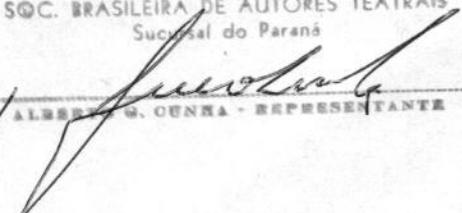
A U T O R I Z A Ç Ã O

O ABAIXO ASSINADO, NA QUALIDADE DE REPRESENTANTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), NO ESTADO DO PARANÁ, PELO PRESENTE AUTORIZA A CENSURA DA PEÇA "O CASTELO DE MULUMI" / DE AUTORIA DE JURANDYR PEREIRA.

ATENCIOSAMENTE

S. B. A. T.

SQC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

P/ 
ALVARO G. CUNHA - REPRESENTANTE

49



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Curitiba, 06 de Setembro de 1.971

Nº..... 022/71-Pr.

COPIA

A U T O R I Z A Ç Ã O

O ABAIXO ASSINADO, NA QUALIDADE DE REPRESENTANTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), NO ESTADO DO PARANÁ, PELO PRESENTE AUTORIZA A CENSURA DA PEÇA "O CASTELO DE MULUMI" / DE AUTORIA DE JURANDYR PEREIRA.

ATENCIOSAMENTE

S. B. A. T.

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

Alberto G. Cunha
ALBERTO G. CUNHA - REPRESENTANTE

O CASTELO DE MULUMI

DE JURANDYR PEREIRA

Peça infantil em dois atos

PERSONAGENS:

(por ordem de entrada em cena)
PIRETSIM — (o arrumador do Castelo)
ASSOMBRAÇÃO — (a aluna do Reizinho)
REIZINHO — (de mil anos de idade)
MESTRE CORUJA — (o Relógio Real)

CENÁRIO:

Salão do trono de um velhíssimo castelo. Escadaria de oito degraus que sobe do centro ao fundo.

Porta grande, de madeira, estilosa, à direita. Uma arca à esquerda da porta, que caiba alguém dentro.

Um alto e estiloso trono à esquerda da escada. Um relógio de pêndulo, marcando uma hora, à direita, e que caiba alguém dentro — com porta, portanto. Uma caminha — para Piretsim.

Saídas pelos dois lados do palco. Maiores caracterizações, a gosto.

PRIMEIRO ATO

CENA — (Piretsim dorme tranqüilamente em sua caminha. Entra Assombração, muito estabonada, com sua cartilha nas mãos)

ASSOMBRAÇÃO — (Lendo a cartilha) A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá; bebeu, beu; barba, arba; bode. ode. (Fecha a cartilha e experimenta falar de cor) Bebeu a borba do bade... Ah, eu não consigo decorar isto! (Sai lendo) A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá...

REIZINHO — (Entra com uma caçarola e bate nela com uma concha, seis vezes) Seis horas! (Vê que Piretsim não se mexeu) Piretsim! Seis horas! "A noite agora mesmo sumiu,

O dia já amanheceu

O Sol agora mesmo surgiu

E a caçarola seis horas bateu."

(Olha a ver se Piretsim acordou, mas, como continua imóvel, irrita-se e grita) Piretsim!

PIRETSIM — (Mal acordando) Já sei, Majestade! A noite agora mesmo sumiu, o dia já amanheceu... (Dorme de novo)

REIZINHO — E o que mais? (Grita) Piretsim!

PIRETSIM — (Erguendo a cabeça) O que foi? A noite agora mesmo amanheceu, o dia já sumiu... (Dorme)

REIZINHO — (Piretsim! A noite agora mesmo sumiu)

PIRETSIM — Eu já falei, Majestade!

REIZINHO — Falou tudo errado! É sinal de que você ainda não despertou direito! Desperte logo e trate de fazer o serviço que precisa!

PIRETSIM — Sei. (Dorme)

REIZINHO — (Indo até ele, descobre-o) Piretsim!

PIRETSIM — (Encolhendo e procurando a cobertura de olhos fechados) Ai, que frio!

REIZINHO — Sente-se e diga os versos.

ASSOMBRAÇÃO — (Entrando) Quer que eu diga?

REIZINHO — Não se mêta! Decore as lições.

ASSOMBRAÇÃO — Deixe-me dizer, só para ver se eu decorei! Posso, Matajesde?

REIZINHO — Matajesde não, eu já disse! É Majestade!

ASSOMBRAÇÃO — Eu sei, eu sei! Eu que me enganei agora. Escute os versos: O Sol já bateu seis horas, a caçarola já amanheceu, o dia sumiu agora mesmo e... e ninguém achou!

REIZINHO — Cale a bôca, Assombração!

PIRETSIM — Sei.

REIZINHO — (A Piretsim) Não é com você! Você faça o favor de falar os versos direitinho e levantar-se, preguiçosos! (Gritando) Piretsim!

PIRETSIM — (Senta-se na cama e diz bem rápido)

"A noite agora mesmo sumiu

O dia já amanheceu

BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS SUCURSAL DO PARANÁ

Autoriza a Turma de Censura do D.P.F. à proceder a Censura desta obra, cujo Autor, é filiado a esta Sociedade.

Curitiba, 6 de 9 de 1977

da S.B.A.T.

O Sol agora mesmo surgiu
E a caçarola seis horas bateu"
(Apanha a coberta e, cobrindo-se, deita-se e dorme)

ASSOMBRAÇÃO — O Sol já bateu seis horas a caçarola já sumiu....

REIZINHO — Cale-se!

ASSOMBRAÇÃO — Matajesdel!

ASSOMBRAÇÃO — Majestade!

REIZINHO — Majestade não, Assombração burra! Majestade! Majestade!

ASSOMBRAÇÃO — Olhe, Majestade: ontem eu caeci um vala-gume mas êle amanheceu morto!

REIZINHO — Pois agora coma-o! (Vem para Piretsim) Pi-re-TSIM!

ASSOMBRAÇÃO — Saúde! (Rei vira-se bastante irritado olhando para Assombração e esta, sem jeito, come o vaga-lume)

REIZINHO — Piretsim! (Piretsim repentinamente levanta-se com a coberta nas costas e caminha. Reizinho acompanha-o, falando) Por que você me dá tanto trabalho, Piretsim? Eu grito, eu chamo, eu quase morro de tanto falar e você... dormindo! (Piretsim terminando a sua volta pelo palco, deita-se e, cobrindo-se, dorme de novo) Piretsim!

PIRETSIM — (Senta-se na beirada da cama) Bom dia, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO — Bom dia, Matajesdel!

REIZINHO — Ai, não! Eu fico maluco neste castelo! Ainda bem que hoje será o fim! (Sai de cena)

ASSOMBRAÇÃO — (Sai de cena lendo o livro) A babá bebeu a barba do bode...

PIRETSIM — (Conclui um longo bocejo) Ai! Todos os dias a mesma coisa! É tão gostoso dormir de manhã! Ai! Esse rei me amola! Qualquer hora eu vou embora daqui! Eu não tenho direito de dormir! Todos os dias bem cedo a danada dessa caçarola vem: bem, bem, bem, bem, bem, bem... acordar a gente, e eu sou obrigado a pegar a vassoura e... (Toca deliciosa música que dê para os versos que se seguem e, Piretsim, varrendo, vai cantando)

É varre tudo bem varridinho
Para tudo ficar bem limpinho!
O Reizinho está tão zangado,
Eu me levantei atrasado!
Pego tôda esta sujeira
E jogo dentro da lareira!
E a vassoura vou guardar
Sempre no mesmo lugar.

A lareira eu vou acender

E vai aquecer

A sala para nós

Que aqui vivemos sós

Assombração, Piretsim

E um rei que bate em mim!

Deixe-me trabalhar!

Se o rei chegar

Pega o chinelo

E me toca do castelo.

(Pegando o espanador)

Com isto vou espanando aqui,

Com isto vou espanando ali.

Quanto pó está saindo

Eu já estou quase tossindo!

É um serviço tão grosseiro

Êste de ser faxineiro!

Uma hora eu largo tudo

Pego as coisas e me mudo.

(Sentando-se no trono)

Agüentar eu já não posso mais!

Trabalho demais!

Levanto-me bem cedo,

Já vem o Rei azêdo

Dizer: "Não quero assim!

Venha cá Piretsim!

Pegue isto aqui

E popha ali

E aquilo lá

Traga tudo para cá!

Se eu fôsse rei de Mulumi

Pintava tudo isto aqui

Trocava o trono que é feinho

Por outro mais bonitinho

Mas se a gente é ninguém

Se contenta com o que tem!

Mas eu já estou enjoado

De viver tão desprezado.

(Suspina) Ai! Se eu pudesse ser rei!

REIZINHO — (Entrando) Piretsim! Tudo pronto?

PIRETSIM — Sim, Majestade.

REIZINHO — Então vamos à aula para a Assombração, que depois eu e você vamos à lição de esgrima.

PIRETSIM — Ah, Majestade! Não podemos deixar a aula da Assombração para depois?

REIZINHO — Não, não, não. Agora mesmo.

ASSOMBRAÇÃO — (Atravessa o palco lendo) A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá; bebeu, beu; barba, arba; bode, ode... (Sai)

PIRETSIM — Essa Assombração é tão burra, Majestade! Não aprende nada!

- REIZINHO — Ao menos aprendeu a ler. Já é alguma coisa.
- PIRETSIM — Mas levou quase mil anos!
- REIZINHO — Pois então! O mais difícil eu já fiz! Agora que já sabe ler, o resto vai mais depressa! Precisa ter paciência, Piretsim! Veja quanta paciência que eu tive, ensinando-a durante mil anos! (*Caminhando*) Mil anos! Hoje eu completo mil anos!
- PIRETSIM — Parabéns, Majestade!
- REIZINHO — Obrigado, menino!
- PIRETSIM — V. Majestade é exatamente novecentos e noventa anos mais velho do que eu.
- REIZINHO — É verdade! Você é mais nôvo do que eu! Bem mais nôvo!
- PIRETSIM — V. Majestade deve estar feliz por haver durado tanto!
- REIZINHO — Feliz até hoje.
- PIRETSIM — Por que até hoje, Majestade?
- REIZINHO — Por nada. Não lhe interessa. Vamos às lições, Piretsim. Você e Assombração são os únicos súditos que eu tenho e quero-os bem capazes.
- PIRETSIM — Mas, por que devo aprender esgrima, Majestade?
- REIZINHO — Para ajudar-me a defender o Castelo contra o inimigo!
- PIRETSIM — Que inimigo?
- REIZINHO — O inimigo, ora essa! O inimigo!
- PIRETSIM — Durante mil anos nunca apareceu inimigo algum! Por que apareceria agora?
- REIZINHO — Hoje vai aparecer o inimigo que eu espero durante mil anos!
- PIRETSIM — E quem será êle?
- REIZINHO — Não sei quem será. A inscrição da tôrre do castelo, ah...
- PIRETSIM — (*Interessado*) Inscrição da tôrre do castelo?!
- REIZINHO — Você se interessa pelo que não deve, Piretsim! Esqueça isso e vamos à aula com a Assombração. Chame-a. (*Sai de cena*)
- PIRETSIM — (*Pensando*) Inscrição da tôrre! Por isso que êle nunca me deixou entrar na tôrre. Fechou a porta da tôrre com um enorme cadeado e escondeu a chave!
- ASSOMBRAÇÃO — (*Entra experimentando falar a lição da cartilha de cor*) O bode bebeu a barba da babá. (*Grita entusiasmada*) Matajesde! Matajesde! Decoreil! Decoreil!
- PIRETSIM — Decorou nada! Está errado!
- ASSOMBRAÇÃO — Decorei sim! Ouça: a barba bebeu a babá do bode!
- PIRETSIM — Está tudo invertido!
- ASSOMBRAÇÃO — Está?! Mas... eu tinha falado de corzinho agora mesmo! Espere: a barba da babá bebeu o bode...
- PIRETSIM — Não! Está errado! É: a boda barbeu a beba do bode... Não, não, não! Não é assim! Você até me atrapalha! É... É... A babá bebeu a barba do bode!
- ASSOMBRAÇÃO — Mas como isso é difícil! Precisa mesmo decorar?
- PIRETSIM — Claro! Para ver se você fica um pouco mais inteligente! Você precisa aprender a decorar as coisas que ouve ou que lê!
- ASSOMBRAÇÃO — Ah, mas eu acho que estou tão bem assim como estou!
- PIRETSIM — Assombração: eu preciso que você me ajude.
- ASSOMBRAÇÃO — (*Com má vontade*) Ajudar?!
- PIRETSIM — Não seja preguiçoso! Ouça: se você fizer o que eu quero, eu lhe darei um pacote dêste tamanho de carvões novos, deliciosos!
- ASSOMBRAÇÃO — Dá mesmo?
- PIRETSIM — Prometo que sim. Mas você terá que me ajudar primeiro.
- ASSOMBRAÇÃO — Ajudo. (*Pega a vassoura e começa a varrer*)
- PIRETSIM — (*Tirando-lhe a vassoura e guardando*) Não é para varrer!
- ASSOMBRAÇÃO — (*Pega o espanador e começa a espanar*) Ah, sei!
- PIRETSIM — (*Tirando-lhe o espanador*) Não se trata de limpeza, Assombração! Ouça o que eu quero. Sente-se aí. (*Ela senta-se*) Eu quero que você vá até a tôrre do castelo e leia uma inscrição que está gravada na parede e depois venha me contar o que leu. Para você será fácil, porque você atravessa portas sem precisar abrir, não é?
- ASSOMBRAÇÃO — Inscrição?! Ah, aquêle negócio que está escrito na tôrre?
- PIRETSIM — É isso mesmo. Você já viu lá?
- ASSOMBRAÇÃO — Ah, eu vejo todos os dias! Lá é a minha sala de estudos!
- PIRETSIM — E... você se lembra do que leu lá?
- ASSOMBRAÇÃO — Se eu me lembro? Deixa-me ver... Hum! Não me lembro mais.
- PIRETSIM — Você é uma coisa horrôsa, Assombração! Lê todos os dias e não se lembra mais de nada!
- ASSOMBRAÇÃO — Ah, me lembrei da primeira palavra: é assim: "Quando".
- PIRETSIM — Só isso? Veja se se lembra do resto. Pense um pouco, Assombração!

ASSOMBRAÇÃO — (Senta-se com a mão no queixo) Estou pensando.

PIRETSIM — (Tentando ajudá-la) Quando... Quando...

ASSOMBRAÇÃO — Quando... Quando... Não sei mesmo.

PIRETSIM — Ai, minha mãe, que coisa! Ouça: vá até lá e leia a outra palavra e venha me dizer. Depois suba e veja a palavra seguinte e volte para me dizer. Assim é mais fácil. Vá.

ASSOMBRAÇÃO — Ah, quando eu chegar aqui já me esqueci de nôvo!

PIRETSIM — Pexoteza!

ASSOMBRAÇÃO — Ah, me lembrei de mais duas palavras!

PIRETSIM — Boa, Assombração! Você é ótima! Diga lá!

ASSOMBRAÇÃO — Ah! Piretsim: você falou aí e eu me esqueci!

PIRETSIM — Oh, não!

ASSOMBRAÇÃO — Não fale! Me lembrei de nôvo! É assim: "...o...rei". É isso. "...o rei".

PIRETSIM — ...o rei! "Quando o rei..."

ASSOMBRAÇÃO — É isso. "Quando o rei...". O que quer dizer isso?

PIRETSIM — (Um tanto irritado) Isso? Isso quer dizer: "Quando o rei..."

ASSOMBRAÇÃO — É?!

PIRETSIM — Mas você é mesmo pouco inteligente, Assombração! Nunca vi igual! Ouça aqui: precisamos descobrir como é esse negócio direitinho. Eu e você devemos unir para descobriremos o segredo do rei.

ASSOMBRAÇÃO — Ah, me lembrei de outro pedaço!

PIRETSIM — Qual é?

ASSOMBRAÇÃO — Pssiu! Não fale comigo agora. Espere. É... "...mil...anos..." Mil anos!

PIRETSIM — Mil anos! (Reconstitui) "Quando o rei... mil anos..." Quando o rei... (Descobrimo) "Completar"! É isso! "Quando o rei completar mil anos..."!

ASSOMBRAÇÃO — Isso mesmo! "Quando o rei completar mil anos"!

PIRETSIM — Mas ainda falta a parte mais importante, Assombração! Se esforce, por favor! (Lembrando) O Rei disse que "chegar" o inimigo?

ASSOMBRAÇÃO — "Chegará"! É isso!

PIRETSIM — Chegará? (Forma) "Quando o rei completar mil anos chegará..." Chegará o inimigo?

ASSOMBRAÇÃO — Inimigo? Não. Não é inimigo. Chegará... Chegará... "o nô..." Espere! Quase sei! "Chegará...o nôvo"! É isso! Chegará o nôvo!

PIRETSIM — "Quando o rei completar mil anos chegará o nôvo..." Ai, minha mãe, falta um pedacinho importantel "...o nôvo..." Nôvo rei, não pode ser.

ASSOMBRAÇÃO — É isso! "Chegará o nôvo rei"!

PIRETSIM — (Assustado) Chegará o nôvo rei? "Quando o rei completar mil anos chegará o nôvo rei"!?

ASSOMBRAÇÃO — O que quer dizer isso?

PIRETSIM — Raciocine, Assombração! Preste atenção: "Quando o rei completar mil anos, chegará o nôvo rei!"

ASSOMBRAÇÃO — Nôvo rei? Que rei nôvo?

PIRETSIM — Isso é que não sabemos! (O Rei entra) Só precisamos saber quem será o nôvo rei do castelo de Mulumi.

REIZINHO — Piretsim!

PIRETSIM — (Assustando-se) Pronto, Majestade!

REIZINHO — Que foi que você disse?

PIRETSIM — Sinto muito, Majestade!

a inscrição da tórre do castelo.

REIZINHO — (Irritado) E como foi que descobriu?

PIRETSIM — Usando a minha inteligência!

ASSOMBRAÇÃO — Eu também.

REIZINHO — (À Assombração, irritado) Você é burra!

PIRETSIM — Sinto muito, Majestade!

REIZINHO — (Sentando-se no trono) Que horas são?

ASSOMBRAÇÃO — Uma hora.

REIZINHO — Ah, esse relógio! Há dois anos que é sempre uma hora! Eu sou um rei muito pobre e infeliz! Mil anos de reinado sem nunca fazer nada de importante! Nunca fui herói! Nunca pratiquei um ato de bravura! Nunca matei nada!

ASSOMBRAÇÃO — Matou sim, Matajesde! Matou um rato!

REIZINHO — Cale a boca! Matar rato qualquer um mata! Rei mata dragão com a espada!

ASSOMBRAÇÃO — Puxa, se aqui tivesse um dragão, não, Matajesde? Vossa Matajesde matava é'e!

REIZINHO — E mesmo que tivesse. Eu não teria tempo de matá-lo. Hoje, até à meia-noite, deverá chegar o nôvo rei, e eu serei súdito de um rei ninguém! Eu não posso permitir isso! Não posso! Piretsim! Feche todas as portas e

janelas do castelo. Não permitiremos que o nôvo rei entre! Se eu conseguir evitar que êle chegue até à meia-noite, estarei salvo! Raina-rei por mais mil anos! Feche tudo, Piretsim!

PIRETSIM — Sim, Majestade. (Sai)

ASSOMBRAÇÃO — (Abre a cartilha e lê) Para pegar pombos precisa pôr pão. Para, ara; pegar, ar...

REIZINHO — Não, não! Já estou enjoado de ouvir você ler essas coisas.

ASSOMBRAÇÃO — Esta aqui é bonitinha, ouça: O rato roeu a rica roupa do rei de Roma. Rato, to...

REIZINHO — Não me interessa o rei de Roma. O rato fez muito bem em roer a rica roupa do rei de Roma. Leia-me outra coisa.

ASSOMBRAÇÃO — (Lendo) A cadela comeu a casa do coioite. Cadela, ela; comeu, meu; coioite, ote...

REIZINHO — Não gosto. Já ouvi essa também. Conte-me uma história alegre.

ASSOMBRAÇÃO — Lendo?

REIZINHO — Não. Largue do livro e conte-me uma qualquer.

ASSOMBRAÇÃO — A borba borbeu o borbo...

REIZINHO — Não!

ASSOMBRAÇÃO — A pompa pegou o pão...

REIZINHO — Não!

ASSOMBRAÇÃO — O rico ratou o roma do rau...

REIZINHO — Não!

ASSOMBRAÇÃO — A casa comeu a cadela do coioite...

REIZINHO — (Levantando-se) Silêncio!

ASSOMBRAÇÃO — (Após alguma pausa) Eu conheço uma bonita.

REIZINHO — Qual?

ASSOMBRAÇÃO — A do boné do bôbo.

REIZINHO — (Sentando-se) Não quero.

ASSOMBRAÇÃO — Quer que eu leia um livro que achei lá no porão?

REIZINHO — Que livro é?

ASSOMBRAÇÃO — É... Como é mesmo o nome? É... Me esqueci... Ai, minha mãe! Como é mesmo o nome? Ah, já sei! É: "LITA TESLEFONICA"!

REIZINHO — Um! O nome não me agrada. Não deve ser de aventura. Gosto de histórias de aventuras!

ASSOMBRAÇÃO — De aventuras?

REIZINHO — Sim, histórias de reis valentes, reis guerreiros, que comandam soldados nas grandes batalhas e que lutam destemidos contra o

inimigo...! De reis que desembainham suas espadas, enfrentam os ataques de frente, derrubam dez, vinte, trinta, mil, milhões e ainda saem vivos para o clamor do povo que os carrega triunfantes pelas ruas e gritando: Viva o rei! Viva o rei! Viva o rei!

ASSOMBRAÇÃO — Isso é só estória, não é Matajesde. Isso não existe, não é mesmo?

REIZINHO — (Triste) Existe. Existe sim. Só que nunca se passou comigo! Eu sou um rei diferente de todos os reis! Tenho somente dois súditos, mil anos de idade e nenhuma aventura heróica! (Caminhando) E hoje chegará o nôvo rei!

ASSOMBRAÇÃO — Ora, talvez êle seja um bom rei, Matajesde!

REIZINHO — Mas eu não quero ser súdito de outro rei, seja lá quem fôr!

ASSOMBRAÇÃO — Não quer? Mas é tão bom, Matajesde!

REIZINHO — Bom? Você quer dizer que ser um simples súdito é melhor do que ser rei?

ASSOMBRAÇÃO — Naturalmente que sim! (Sentando-se no trono)

REIZINHO — Você não gostaria de ser rei?

ASSOMBRAÇÃO — Eu não gostaria não.

REIZINHO — E por que não?

ASSOMBRAÇÃO — Ah, porque é ruim ser rei. Eu acho uma delícia ter um rei que cuida de mim, que vive para me atender e zelar para que esta humilde assombração seja feliz (Beijando as mãos do rei) Muito obrigada, Matajesde! (Volta a sentar-se no trono)

REIZINHO — (Abismado) Eu nunca havia pensado nisso! Eu sempre achei que ser rei era ser superior, e no entanto, eu não passo de um simples pajem de vocês dois!

ASSOMBRAÇÃO — É sim.

REIZINHO — Precisei completar mil anos para compreender isso! Como são bobos os reis! Vou deixar de ser rei!

PIRETSIM — (Entrando) Majestade: tôdas as portas e janelas estão fechadas.

REIZINHO — Pois abra-as tôdas novamente.

PIRETSIM — Abrir?!

REIZINHO — Sim. Abra tudo do jeito que estava. Resolvi aceitar o nôvo rei. Quero ser feliz.

PIRETSIM — Sério, Majestade?

REIZINHO — Claro que é sério! Abra tudo já-já.

PIRETSIM — Está bem, Majestade. (Sai)

REIZINHO — (Abre bem a porta do Castelo) Que entre o nôvo rei!

ASSOMBRAÇÃO — Mas... Mas será que V. Majestade se acostumará em não ser rei?

REIZINHO — Claro que sim! Quer ver? (Põe a coroa na cabeça da Assombração) Seja rei.

ASSOMBRAÇÃO — (Rindo sem poder conter o ridículo) Hi, hi, hi... Matajesdel! Que brincadeira é essa! Hi, hi, hi...

REIZINHO — Tome o cetro também. Agora o meu manto de arminho. (Veste-lhe o seu manto real)

ASSOMBRAÇÃO — Ai, minha mãe! V. Matajesde está troçando de mim! Hi, hi, hi...

REIZINHO — Fique quieta! (Assombração cala, mas, de repente, desata a rir)

ASSOMBRAÇÃO — Hi, hi, hi...

REIZINHO — Fique quieta! Porte-se como um rei! Respeite a coroa, o cetro e o manto reais! Cale-se! (Assombração cala-se) Agora, seja rei.

ASSOMBRAÇÃO — Ser rei...? Hi, hi, hi...

REIZINHO — Silêncio! Seja rei, estou mandando!

ASSOMBRAÇÃO — Mas, como é que se faz?

REIZINHO — Como você quiser. Seja um rei como você achar que deve ser. Não precisa me imitar.

ASSOMBRAÇÃO — Mas, eu não queria ser rei, Matajesdel!

REIZINHO — Seja sim! E eu serei o seu súdito!

ASSOMBRAÇÃO — V. Matajesde meu súdito?! Oh, não, Matajesdel! Onde se viu isso? Um rei ser súdito de uma simples assombração!

REIZINHO — Eu quero! Seja rei.

ASSOMBRAÇÃO — Está bem! Se V. Matajesde manda, eu serei.

REIZINHO — Dê as ordens.

ASSOMBRAÇÃO — Ai... Dar ordens... Hi, hi, hi...

REIZINHO — Mande-me fazer alguma coisa.

ASSOMBRAÇÃO — Mandar...? Bem... Pois bem... Matajesde...

REIZINHO — Não me chame de Matajesde. Agora o rei é você.

ASSOMBRAÇÃO — Pois não. É... Sabe: eu nem sei como o senhor se chama!

REIZINHO — Não precisa! Os reis não sabem os nomes de seus súditos! Chame-me de súdito, pronto.

ASSOMBRAÇÃO — Pois não. O... "seu" súdito...

REIZINHO — "Seu" súdito, não! Súdito simplesmente!

ASSOMBRAÇÃO — Pois não. Súdito: se não fôr incômodo, o senhor poderia me fazer o grande favor de...

REIZINHO — Não peça por favor e nem por nada! Mande! Ordene!

ASSOMBRAÇÃO — Súdito: leia a cartilha para mim.

REIZINHO — A cartilha?! Justo isso?!

ASSOMBRAÇÃO — Desculpe. Então eu peço... eu mando outra coisa.

REIZINHO — Não peça desculpas. Mandou, está mandado. Eu leio a cartilha.

ASSOMBRAÇÃO — Então leia.

REIZINHO — (Pega a cartilha, abre-a ao meio e lê) O cavalo cavou a cova na curva do corvo. Cavalou, alo; Cavou, ou; cova, ova, curva, urva. Pedro perguntou pela pena preta porque precisava pincelar pamonha pelo pé. (Suspira) Puxa!

ASSOMBRAÇÃO — Chega! Agora... traga-me um carvãozinho bem gostoso.

REIZINHO — (Não gostando muito) Pois não, Majestade. (Sai)

ASSOMBRAÇÃO — Hi, hi, hi... Quem diria! Eu sou rei! Hi, hi, hi... Eu sou rei! Hi, hi, hi... (Toca uma música que dê para os versos que Assombração canta, movimentando-se)

"Eu sou rei

Nunca pensei

Com coroa

Muito boa

E o cetro

De quase um metro

Um casaquinho

De arminho

Eu sou rei

Nunca pensei!

Eu me sinto inteligente

Eu me sinto até valente

Se tivesse espada dura,

Eu faria uma aventura!

Lutaria com anões,

Mataria dez dragões!

Eu seria invencível!

Eu seria tão terrível

Que o povo orgulhoso

Me faria poderoso

E todos me saudariam

A uma só voz e gritariam

Viva o rei!

Viva o rei!

Viva o rei!

REIZINHO — (Entrando) Aqui está o carvão, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO — (Tomada pelo entusiasmo de ser rei) Coma-o.

REIZINHO — Não tenho fome, Majestade!
 ASSOMBRAÇÃO — Coma assim mesmo.
 REIZINHO — Mas, quem come carvão, é somente
 assombração, Majestade!
 ASSOMBRAÇÃO — Pois de agora em diante, seja
 assombração. Eu sou assombração e por isso
 meus súditos devem ser assombrações também.
 Coma!
 REIZINHO — Não quero, Majestade.
 ASSOMBRAÇÃO — Coma!
 REIZINHO — É ruim, Majestade!
 ASSOMBRAÇÃO — Coma!
 REIZINHO — *(Irritando-se, joga o carvão no chão
 e grita)* Não como!
*(Assombração cai sentada e o Rei tira-lhe a
 coroa, o cetro e o manto)* Você não serve para
 rei! Ninguém, serve para rei! Só eu serei o rei
 Ninguém mais! Feche essa porta! *(Assombra-
 ção vai correndo e fecha a porta)*
 PIRETSIM — *(Entrando cansado)* Pronto, Majesta-
 de. Todas as portas e janelas estão abertas no-
 vamente.
 REIZINHO — Pois feche-as todas novamente.
 PIRETSIM — Como?
 REIZINHO — Feche-as, eu disse.
 PIRETSIM — Fechar, Majestade?
 REIZINHO — Fechar sim! Feche tudo! Não deixe
 nada aberto.
 PIRETSIM — Mas, Majestade! Agora mesmo eu...
 REIZINHO — Pois feche-as novamente. *(Senta-se
 no trono)* Resolvi não ceder o meu trono a
 ninguém. Está escrito que virá outro rei, mas
 eu não permitirei que se cumpra a profecia da
 inscrição da Torre do Castelo de Mulumil!
 Não permitirei! *(Corre e passa a tranca na
 porta ao voltar-se nota que Piretsim sentou-se
 no trono, e irrita-se Piretsim! Vá fechar as por-
 tas e janelas!)*
 PIRETSIM — Sinto muito, Majestade, mas eu estou
 cansado. Quero descansar.
 REIZINHO — Descansar?! Então você pensa que te-
 remos tempo de descansar?! Como descansar
 se ainda teremos a nossa aula de esgrima, que
 talvez demore o dia inteiro até que você fique
 bom espadachim até à meia-noite?
 PIRETSIM — Sinto muito. *(Cruza os braços e en-
 costa-se)*
 REIZINHO — Não seja teimoso, Piretsim! Você...
 Você... *(Concordando)* Está bem. Vamos à
 esgrima primeiro. Pegue a sua espada.
 PIRETSIM — Já disse que estou cansado, Majesta-
 de. Estou bastante cansado.

REIZINHO — Amanhã você descansa. Amanhã eu o
 deixarei dormir até mais tarde. Agora precisa-
 mos trabalhar. Eu preciso manter o meu exér-
 cito em ordem. Você melhorou muito na úl-
 tima aula. Eu preciso que você fique tão bom
 quanto eu, para hoje à noite.
 PIRETSIM — V. Majestade pretende lutar com o
 nôvo rei?
 REIZINHO — Farei tudo que fôr preciso para evitar
 que ele me tire o poder. Tudo. Pegue a sua
 espada. *(Dá a Piretsim a sua espada)* Vamos
 lá. Faça de contas que eu sou seu inimigo e
 vou atacá-lo. Você, então, se defenda. Vamos
 lá. Ponha-se distraído como se eu fosse atacar
 de surpresa. Fique sentado aí, que eu entro
 de lá e ataco você. Vamos ver. *(Sai e Piretsim,
 com muito pouca vontade, continua sentado
 com a espada na mão. Entra o rei num salto)*
 Uá!
 ASSOMBRAÇÃO — *(Cai sentada de susto)* Ui!
 Que susto!
 REIZINHO — É agora que eu vou me apoderar des-
 te Castelo!
 ASSOMBRAÇÃO — Oh, não!
 REIZINHO — *(Ataca Piretsim que, sem mudar de
 posição, defende-se com pouca vontade)* Ani-
 mo! Assim o inimigo mata você! Vou entrar
 outra vez. *(Sai de cena e Piretsim continua
 na mesma posição. Assombração se levanta e se
 refaz. Entra o rei num salto)* Uá!
 ASSOMBRAÇÃO — *(Cai sentada de nôvo)* Ai, que
 susto!
 REIZINHO — É agora que eu vou me apoderar des-
 te Castelo!
 ASSOMBRAÇÃO — Oh, não!
 REIZINHO — *(Ataca Piretsim que se defende da
 mesma forma anterior)* Mas, Piretsim! Assim
 não pode! Por favor: reaja! Eu vou precisar de
 você hoje, Piretsim! *(Piretsim boceja. Assom-
 bração levanta-se)* Eu vou sair novamente. Pre-
 pare-se, mas, por favor, Piretsim, se defenda!
 Eu agora vou atacar para valer mesmo!
*(Sai. Assombração senta-se depressa, para não
 cair de susto e cobre os olhos com as mãos.
 Piretsim dorme e ronca. Entra o Rei num
 salto)* Uá!
 ASSOMBRAÇÃO — *(De sentada, cai de costas)* Ui,
 que susto!
 REIZINHO — É agora que eu vou me apoderar
 des... *(Nota que Piretsim dorme)* Dormiu!
(Sacode-o) Piretsim! *(À Assombração)* Vá
 buscar a caçarola. *(Assombração vai depressa)*

Piretsim! Acorde menino! O bandido vai chegar, Piretsim! O novo rei está chegando!

ASSOMBRAÇÃO — (Chega batendo a caçarola com a concha) Seis horas! Seis horas!

REIZINHO — "A noite agora mesmo sumiu

O dia já amanheceu

O Sol agora mesmo surgiu

E a caçarola..."

PIRETSIM — (Enquanto ouve o barulho, vai irritando-se e acorda bastante zangado e ataca o rei com a espada) Chega! (Rei defendese como pode da fúria de Piretsim) V. Majestade é horroroso com êsses seus versos horrorosos, com essa mania horrorosa de me acordar todos os dias de madrugada com essa panela velha fazendo: bem, bem, bem, bem, bem, bem... (Cada "bem" é uma espadada contra a espada do rei) É horrível, fique sabendo! (Enquanto vai falando vai atacando o rei que, um tanto assustado, defende-se. Piretsim ataca violentamente e a luta se faz mesmo para valer, com nuances bastante impressionantes e espetaculares. Ao final, num lance mais violento, Piretsim tira a espada do Rei e êste cai ao chão)

REIZINHO — Piretsim! Que é que você fez?

PIRETSIM — Desculpe-me, Majestade, mas, eu o venci.

REIZINHO — Incrível! Como conseguiu isso?

PIRETSIM — Eu sempre fui capaz de vencê-lo, Majestade. Não o venci antes para não desagradá-lo. Mas agora eu me irritei. Fui obrigado a vencê-lo.

REIZINHO — Que ninguém saiba disso, Piretsim! Que ninguém saiba disso!

ASSOMBRAÇÃO — Eu sei, eu vi, eu sei. (Ri) Hi hi, hi...

REIZINHO — Cale essa boca. Assombração de uma figa! E quanto a você, Piretsim: não estou de acordo com o que você fez. Foi um desrespeito para com o rei. Como castigo, vá fechar tôdas as portas e janelas agora mesmo.

PIRETSIM — Ouça agora, Majestade: há quase um ano que eu trabalho neste Castelo, lavando as escadas, varrendo o Castelo inteiro sozinho e até as nossas roupas sem nunca V. Majestade ter me deixado, nem ao menos dormir até um pouco mais tarde. Pois agora resolvi não concordar mais com isso. Resolvi ir embora.

ASSOMBRAÇÃO — Ir embora? Para onde?

PIRETSIM — Por aí. Vou andando, andando, até encontrar outro lugar interessante para ficar. Sei que conseguirei um lugar melhor do que êste.

ASSOMBRAÇÃO — Ara, não, vá, Piretsim! (Triste) Não vá!

PIRETSIM — Eu vou sim, Assombração. Antes vou fechar as portas e janelas. Farei mais isso, mas, será meu último trabalho aqui. (Sai de cena)

REIZINHO — (Falando pouco sincero) Vá. Pode ir. Conseguirei outro empregado mais forte do que você e muito melhor. Um empregado que não vive reclamando e que me obedece direitinho.

ASSOMBRAÇÃO — E se tiver outro rei?

REIZINHO (Irritando-se) Não vai ter outro rei nenhum.

ASSOMBRAÇÃO — E se êle chegar e teimar de entrar aqui à força? V. Matajesde lutaria contra êle sozinho?

REIZINHO — (Sacando da espada, o que assusta Assombração) E duvida? (Guardando a espada) Pois não duvide. Eu lutarei. Enfrentarei o inimigo sozinho. E vencerei! (Senta-se no trono) Assombração: vá na tôrre do castelo e me traga um cofre pequeno que está lá.

ASSOMBRAÇÃO — E onde está a chave?

REIZINHO — Para que a chave?

ASSOMBRAÇÃO — Da porta da tôrre!

REIZINHO — Mas você não é assombração? E assombração não vara porta mesmo sem abrir?

ASSOMBRAÇÃO — Mas o cofre não é assombração, Matajesde!

REIZINHO — (Admite) É o primeiro raciocínio correto que eu já vi você fazer! Pegue a chave número dez no armário oito que está na sala sete no fundo do corredor seis.

ASSOMBRAÇÃO — Sei. (Sai falando) Chave nove, no corredor sete, na sala seis, no armário dez.

REIZINHO — Não é! Chave dez, do armário oito da sala sete do corredor seis!

ASSOMBRAÇÃO — (De longe) Seis.

REIZINHO — (Triste) Hoje... é dia do meu aniversário! E ao invés de receber um presente de alguém, terei de enfrentar um inimigo que vai chegar e... e perderei o meu melhor amigo! (Chora) Piretsim vai embora! Ele vai embora! Vai embora...

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

CENA — Quando a cortina se abre, ninguém está em cena. Logo entra o Rei desconsolado em seguida, Assombração; porém, entram por lados opostos.

ASSOMBRAÇÃO — Encontrou, Matajesde?

REIZINHO — Não.

ASSOMBRAÇÃO — Nem eu. Achô que êle foi embo-

- ra mesmo! (Triste) Sem se despedir! Pobre Piretsim!
- REIZINHO — (Tocando a cama de Piretsim) A caminha dêle! O cobertorzinho dêle!
- ASSOMBRAÇÃO — (Solidarizando-se) O travessieirinho dêle! (Chorando) O piniquinho dêle!
- REIZINHO — Eu... Eu reconheço, que fui muito ru-
de para com o pobre menino, mas, eu sempre
gostei demais dêle! Ele foi a coisa mais impor-
tante dêste Castelo dos mil anos de minha exis-
tência! Sei que vou sofrer muito! Era um me-
nino tão inteligente, tão competente! Ele seria
um grande rei, sabe? Foi uma pena! (Chora)
Hoje chegará o nôvo rei! Isso me deixará ainda
mais triste! Eu não consentirei que o nôvo rei
ocupe o meu lugar! Não consentirei! Tôdas as
portas e janelas estão fechadas. Cuidarei para
que o nôvo rei não entre. (Segurando Assom-
bração pelos ombros) E você, Assombração, te-
rá de me ajudar agora. Você será a porteira da
entrada principal do Castelo para não permitir
que alguém entre. Fique de guarda aqui e qual-
quer ruído que ouvir, me avise. Mas atenda, es-
ta ouvindo? Se alguém entrar aqui, eu a trans-
formarei em... em fumaça, está me ouvindo?
Em fu-ma-ça! (Sai)
- ASSOMBRAÇÃO — Em fu-ma-ça! Ai... Não permi-
tirei que ninguém entre. (Encosta-se na porta
do castelo, de braços abertos, para evitar que
alguém a abra. Nisso, batem à porta. Assombra-
ção dá um salto e corre. Repetem a batida)
Não abro. (Tornam a bater) Não abro!
- CORUJA — (De fora) Abra!
- ASSOMBRAÇÃO — Não abro!
- CORUJA — (De fora) Quem está aí?
- ASSOMBRAÇÃO — Aqui é a fumaça! Isto é, eu...
Eu não posso abrir!
- CORUJA — Abra, por favor! Está chovendo muito!
- ASSOMBRAÇÃO — Quem é você?
- CORUJA — Um pobre molhado!
- ASSOMBRAÇÃO — É o nôvo rei?
- CORUJA — Não! Eu não sou rei nenhum!
- ASSOMBRAÇÃO — É o nôvo rei sim. Eu sei que é.
Não abro não.
- CORUJA — Não sou rei, nenhum! Sou o Mestre Co-
ruja!
- ASSOMBRAÇÃO — Coruja?! (Abre a porta um tan-
tinho para espiar) É coruja mesmo!
- CORUJA — Posso entrar?
- ASSOMBRAÇÃO — Coruja pode ser rei?
- CORUJA — Rei?! Mas que estória é essa? Eu não sou
e nem pretendo ser rei!
- ASSOMBRAÇÃO — Então, eu vou deixar você entrar,
mas, só até passar a chuva. Depois você vai em-
bora, está bem?
- CORUJA — Está. (Entra) Você teria um pano para
eu me enxugar?
- ASSOMBRAÇÃO — Não tenho nada, Rei Nôvo. Só
tenho um lenço, serve? (Oferece-lhe o lenço)
- CORUJA — Por que me chama de Rei Nôvo?
- ASSOMBRAÇÃO — Porque você é rei mesmo.
- CORUJA — Sou nada! Eu me chamo Mestre Coruja
da Nobreza.
- ASSOMBRAÇÃO — Da Nobreza?! Então é rei mes-
mo. Nobreza é rei. O rei de Mulumi disse que
hoje chegará aqui o nôvo rei de Mulumu. Está
escrito na torre do castelo. Eu li. "Quando o
rei completar mil anos, chegará o nôvo rei." Eu
li lá. E o rei completa hoje mil anos e será
substituído por um nôvo rei.
- CORUJA — Mas que estória complicada! Eu... Eu
não quero ser rei nenhum.
- ASSOMBRAÇÃO — Assim é melhor. Você não quer
ser rei e assim é mais fácil. Mas fique sabendo
que você é rei.
- REIZINHO — (Gritando lá de dentro) Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO — Ih, o Rei! Esconda-se! Esconda-
se!
- CORUJA — Onde?
- ASSOMBRAÇÃO — Aí atrás do trono. Não, aí não.
Aí êle acha. Esconda-se dentro do relógio. (Abre
a porta do relógio e a Coruja entra lá)
- REIZINHO — (Chegando) Não m ouviu chamá-la?
- ASSOMBRAÇÃO — Olha, Matajesde: eu não ouvi
nada! Chame de nôvo.
- REIZINHO — (Chamando) Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO — Ih, parece que o Rei está me
chamando! (Pergunta alto) V. Matajesde está
me chamando, por acaso?
- REIZINHO — Estou! (Em si) Não seja burro! Eu
quero saber que horas são. Preciso saber que
horas são de qualquer jeito e depressa.
- ASSOMBRAÇÃO — Mas o relógio está estragado!
- REIZINHO — Pois conserte-o depressa
- ASSOMBRAÇÃO — Consertar? Mas está tão desman-
chado, Matajesde! Quer que eu vá procurar um
relojeiro por aí?
- REIZINHO — Não. Não quero que ninguém entre no
castelo hoje. Conserte-o você mesma. (Sai)
- ASSOMBRAÇÃO — Ai, como é que vai ser agora?
(Abre a porta do relógio e pergunta à Coruja)
Você sabe consertar relógio?
- CORUJA — Eu não!

ASSOMBRAÇÃO — Nem eu. Mas, nós temos de dar um jeito, porque o rei quer! Vamos consertá-lo. Me dá o lenço. (Coruja dá-lhe o lenço e Assombração põe-se a limpar o relógio com êle. Coruja, para ajudar, limpa-o com as mãos)

REIZINHO — (Chamando de fora) Assombração!

ASSOMBRAÇÃO — Ih, vem êle de nôvo! Esconda-se! (Coruja entra no relógio)

REIZINHO — (Entrando) Assombração!

ASSOMBRAÇÃO — Ih, parece que o rei está me chamando! (Rei chega bem perto da Assombração, sem ser notado por ela. Ela pergunta alto) Me chamou, Matajesde?

REIZINHO — (Gritando em seus ouvidos) Chamei!

ASSOMBRAÇÃO — (Dando um pulo de susto) Ai, que susto, Matajesde! (Joga o lenço, nêle dengosa),

REIZINHO — Mais respeito com sua Majestade! Está consertado?

ASSOMBRAÇÃO — Ainda não terminei.

REIZINHO — Descobriu ao menos qual é o defeito?

ASSOMBRAÇÃO — Não, mas estou procurando com muito interesse.

REIZINHO — Veja se não falta corda. Dê uma olhada geral. (Sai) Conserte depressa que já é tarde da noite e eu preciso saber quanto tempo falta para meia noite.

ASSOMBRAÇÃO — Pois não, Matajesde. (Abrindo a porta, pergunta à Coruja) Você viu se tem uma corda aí dentro?

CORUJA — Corda? Não vi corda nenhuma! (Procuram os dois)

ASSOMBRAÇÃO — É! Não tem corda! Por isso que não funciona. Precisamos de uma. O rei disse que com corda vai. Mas, onde encontrar uma?

CORUJA — Eu enrosquei o pé numa corda aí fora quando cheguei!

ASSOMBRAÇÃO — Vá buscá-la bem depressa. (Abre-lhe a porta e a Coruja sai)

REIZINHO — (Entrando de surpresa) Assombração! (Aquele cai de susto, fechando a porta ao mesmo tempo) Que faz com a porta aberta?

ASSOMBRAÇÃO — É que... Eu ouvi um ruído lá fora e fui ver o que era!

REIZINHO — (Assustado) Ruído? E viu o que era?

ASSOMBRAÇÃO — Vi.

REIZINHO — E o que era?

ASSOMBRAÇÃO — Chuva! Chove que é um colosso, Matajesde!

REIZINHO — Feche essa porta com a tranca depressa! (Assombração passa a tranca na porta) E não abra mais! Mesmo que haja ruídos lá fora.

encontrar você abrindo essa porta novamente, eu a transformo em... em...

ASSOMBRAÇÃO — ...fumaça!

REIZINHO — Não. Em cigarro! (Sai)

ASSOMBRAÇÃO — Em cigarro?! Aí! Dá na mesma! Acabo fumaça do mesmo jeito! Vai, pé-ante-pé, abrir a porta. Ouve um ruído lá dentro e sai correndo. Coruja bate na porta. Assombração vai depressa abrir. Quando está abrindo...

REIZINHO — (Grita lá de dentro) Assombração! (Assombração fecha-a depressa. Entra o Rei)

ASSOMBRAÇÃO — (Disfarçando) Ih, parece que o Rei está me chamando!

REIZINHO — Que faz aí na porta?

ASSOMBRAÇÃO — Estou aqui para ouvir se não se aproxima alguém. (Põe o ouvido junto à porta)

REIZINHO — Não precisa ficar aí. Mesmo que chegue não vamos deixar entrar. (Coruja bate à porta e Assombração, para disfarçar, bate também)

ASSOMBRAÇÃO — E se baterem assim?

REIZINHO — Mesmo que batam. (Coruja bate de nôvo e Assombração bate também)

ASSOMBRAÇÃO — E se continuarem batendo?

REIZINHO — Nem que continuem batendo o dia inteiro!

CORUJA — (Grita lá de fora) Abra!

ASSOMBRAÇÃO — (Grita logo em cima) Abra a porta! E se gritarem assim?

REIZINHO — Não seja imbecil! Não vai abrir! Já está pronto o relógio?

ASSOMBRAÇÃO — Vá lá para dentro que quando estiver pronto eu chamo.

REIZINHO (Saindo) Eu vou mas estarei impaciente. Voltarei em seguida. Apresse-se (Sai)

ASSOMBRAÇÃO — (Abre a porta, a Coruja entra e torna a fechá-la) Achou a corda?

CORUJA — (Com a corda) Achei. Será que serve?

ASSOMBRAÇÃO — Deve servir. Vamos experimentar.

REIZINHO — (Gritando de lá) Assombração!

ASSOMBRAÇÃO — Esconda-se! (Como o rei esteja entrando, Coruja esconde-se atrás do trono)

REIZINHO — Assombração!

ASSOMBRAÇÃO — Ih, parece que o Rei está me...

REIZINHO — (Segurando Assombração pela roupa) Você está brincando comigo? Tôda vez que eu entro, não vejo você consertando o relógio!

ASSOMBRAÇÃO — Estou procurando peças... (Põe-se a catar pelo chão)

REIZINHO — Que peças precisa?

ASSOMBRAÇÃO — Um martelo.

REIZINHO — Tome o cetro. Bata com êle.
 ASSOMBRAÇÃO — Obrigado. Pode ir, Matajesde Com V. Matajesde aqui, eu não trabalho direito. Sou capaz de martelar o dedo.
 REIZINHO — Eu vou, mas contarei até vinte. Se ao fim disso, o relógio não estiver consertado, você vira charuto! (Sai)
 ASSOMBRAÇÃO — Oh, o que será de mim?!
 CORUJA — Vamos consertá-lo depressa! (Assombração entra no relógio e procura amarrar a corda nalguma parte lá. Nisso ouve o Rei contando)
 REIZINHO — (De fora) ...onze, doze, treze, catorze, quinze...
 ASSOMBRAÇÃO — (Olha o pêndulo do relógio que está parado) Não funciona! Entre aí depressa que o Rei já vai voltar. (Fecha a porta do relógio)
 REIZINHO — (Enquanto isso, continuava contando) ...dezesesseis, dezessete, dezoito, desenove, e... vinte! (Entra irritado) Não consertou, não é?
 ASSOMBRAÇÃO — Consertei sim Matajesde!
 REIZINHO — Como consertou, se êle continua marcando uma hora?
 ASSOMBRAÇÃO — Mas êste relógio é diferente, Matajesde! V. Matajesde precisa dar três batidinhas nêle e perguntar que horas são, que êle responde certinho. Experimente!
 REIZINHO — (Um tanto duvidoso) Espero que você não esteja brincando comigo. (Dá três batidinhas no relógio e pergunta) Que horas são, relógio?
 CORUJA — (De dentro) Onze e quarenta da noite! Cuco!
 REIZINHO — Que formidável! Esse relógio é incrível! Onze e quarenta! Onze horas e quarenta minutos! Faltam apenas vinte minutos! Se eu conseguir evitar que o nôvo rei chegue dentro de vinte minutos, estarei livre! Poderei ser rei por mais mil anos! (Agarrando a Assombração pela roupa) Atenda a porta, está ouvindo? Que ninguém entre! (Sai)
 ASSOMBRAÇÃO — (À Coruja, que está saindo do relógio) Coitado! Êle pensa que o nôvo rei ainda não chegou! Quando êle vir você aqui, vai desmaiar!
 CORUJA — (Sentando-se no trono com o cetro na mão) Mas será que eu sou mesmo o nôvo rei que deve chegar?
 ASSOMBRAÇÃO — Claro! Quem mais poderia ser se não chegou mais ninguém?

REIZINHO — (Entra e vai direito ao relógio e dá três batidinhas) Que horas são, relógio?
 CORUJA — (Do trono) Onze e quarenta e cinco!
 REIZINHO — (Contente) Onze e quarenta e cinco! Faltam quinze minutos apenas! (De alegria dá um beijo na Coruja) Daqui a quinze minutos, eu renovarei o meu reinado... (Em si, vira-se depressa, deparando, apenas, com um vulto da Coruja que está acabando de entrar no relógio e fechando-se nêle) O que foi isso?
 ASSOMBRAÇÃO — (Ficando na frente do relógio) Nada, Matajesde! É o Cuco do relógio que veio aqui fora conversar comigo!
 REIZINHO — Cuco de cetro na mão e sentado no trono?
 ASSOMBRAÇÃO — É um cuco peralta, Matajesde!
 REIZINHO — (Muito irritado) Não acredito! Não era Cuco nenhum! Eu já estava desconfiado mesmo de você! Eu sabia que você estava conspirando contra mim! Eu sabia que você havia deixado o nôvo rei entrar aqui! Eu sabia! Eu sabia! Agora... Oh! Oh! (Desmaia)
 ASSOMBRAÇÃO — (Socorre o Rei, dando-lhe batidinhas pelas faces) Matajesde! Matajesdinha! Acorde! Acorde! Eu explico tudo! Matajesdinha!
 REIZINHO — (Acordando-se) Ai! Ai! Por que você foi fazer isso comigo, Assombração! Eu que sempre cuidei de você! Por quê? (Chora)
 ASSOMBRAÇÃO — Mas, Matajesde! Eu bem que tentei...
 REIZINHO — Eu quero ver êsse sujeito! Eu quero vê-lo! Mande-o sair aqui!
 ASSOMBRAÇÃO — (Abrindo a porta do relógio. O Rei desembainha sua espada) Matajesde! Saia daí!
 CORUJA — (Saindo do relógio com pose real) Majestade! (Reverenciando)
 REIZINHO — (Aproximando-se) Que bicho é êsse?
 CORUJA — Eu sou Mestre Coruja da Nobreza!
 REIZINHO — Coruja? (Rindo muito) Ho, ho, ho... Coruja! Ho, ho, ho... Quem diria! Uma coruja querendo ser rei! Ho, ho, ho... (Batendo nas costas da Assombração) Que susto você me deu! Uma coruja não me oferece perigo nenhum! Coruja não pode ser rei! Ho, ho, ho...
 ASSOMBRAÇÃO — Não?! Antes assim!
 REIZINHO — (Parando de repente) Mas, então, o relógio não está funcionando?
 ASSOMBRAÇÃO — O relógio é o Mestre Coruja, Matajesde! Êle conhece as horas de cor! Quando V. Matajesde quiser saber as horas, basta

- perguntar a êle que, êle responde certinho, minuto por minuto!
- REIZINHO — É verdade, Mestre Coruja?
- CORUJA — Sim, Majestade!
- REIZINHO — Então me diga: que horas são?
- CORUJA — Onze horas, cinqüenta minutos e dez segundos!
- REIZINHO — Ótimo! Você trabalhará para mim até à meia-noite. Será o relógio real do Castelo de Mulumi.
- CORUJA — Sinto-me honrado com tamanha distinção, Majestade! Um humilde servo, às vossas ordens! (Reverência)
- REIZINHO — Bravos! Uma coruja realmente inteligente e educada! Digna de um rei! E você, Assombração, continue no seu pósto de guarda. Que ninguém entre. Esteja atenta e me avise de qualquer coisa. (Sai)
- CORUJA — (Sentando-se na arca) Eu até já estava gostando da idéia de ser rei! Mestre Coruja, Sua Majestade Real!
- PIRETSIM — (Que está dentro da arca, bate três pancadinhas nela)
- CORUJA — Estão batendo!
- ASSOMBRAÇÃO — Não ouvi nada!
- CORUJA — Pois eu ouvi! (Correm a pôr o uovido à porta)
- PIRETSIM — (Repete as batidas dentro da arca)
- CORUJA — Ouviu?
- ASSOMBRAÇÃO — Parece-me que ouvi!
- CORUJA — Ouviu sim. Umas batidinhas muito leves! Batidinhas delicadas!
- ASSOMBRAÇÃO — Mas...
- CORUJA — Mas...?
- ASSOMBRAÇÃO — Mas não foi na porta.
- CORUJA — Não foi na porta?
- ASSOMBRAÇÃO — Não. Vamos ouvir outra vez. (Esperam em silêncio, bem tesos)
- REIZINHO — (Entrando) Que horas são?
- CORUJA e ASSOMBRAÇÃO — Pssiu!
- REIZINHO — O que foi?
- AMBOS — Estão batendo!
- REIZINHO — Não abra! Não abra!
- ASSOMBRAÇÃO — Não é na porta!
- REIZINHO — Não é na porta? E onde é?
- CORUJA — Por ali, assim. Vamos esperar e ver se bate de novo. (Ficam os três em expectativa)
- REIZINHO — Vocês estão ouvindo coisas! Não existe nem ratos mais neste castelo! Como poderiam estar batendo aqui dentro se ninguém entrou?
- ASSOMBRAÇÃO — Será que é assombração? Toma-que seja! Tomara que seja!
- CORUJA — Fique quieta! Não fale em assombração! Eu morro de medo disso!
- ASSOMBRAÇÃO — Medo de assombração? E como é que você não tem medo de mim?
- CORUJA — Você é assombração, por acaso?
- ASSOMBRAÇÃO — Totalmente!
- CORUJA — Não acredito. Assombração não é assim.
- ASSOMBRAÇÃO — Que jeito que é então?
- CORUJA — Não sei. Eu nunca vi, mas acho que é diferente.
- ASSOMBRAÇÃO — É igualzinho sim. Não tem diferença.
- CORUJA — (Ao Rei) É verdade que ela é assombração?
- REIZINHO — É verdade sim, mas não importa; diga-me as horas.
- CORUJA — Ass...som...bra...ção de ver...dade?! Oh! (Desmaia)
- REIZINHO — Desmaiou! Acorde-o, Assombração. Preciso saber as horas! Acorde-o!
- ASSOMBRAÇÃO — (Batendo-lhe tapinhas) Acorde, Mestre Coruja! Acorde! O Rei quer saber as horas!
- CORUJA — (Acordando) Oh, o que se passou?
- REIZINHO — Que horas são? Que horas são?
- CORUJA — A assombração! (Desmaia de novo)
- REIZINHO — Ai, não (Ajudando a fazê-la acordar-se) Corujinha! Mestrinha Corujinha! Acorde por favor! (Empurrando Assombração) Saia daqui de perto que êle tem medo! Coruja! Acorde, por favor!
- CORUJA — (Despertando) Oh! Oh! Oh!...
- REIZINHO — Está acordando! Está acordando!
- ASSOMBRAÇÃO — (Aproximando-se) Está acordando?
- REIZINHO — Vá pra lá! (Assombração corre e fica espiando de longe) Está melhor, Mestre Coruja? Está melhor?
- CORUJA — Estou bem. É que eu sofro do coração! Não posso levar sustos muito fortes!
- REIZINHO — Que horas são? Mediga: que horas são?
- CORUJA — Estou sem relógio, Majestade.
- REIZINHO — Como, sem relógio?! Você não disse que sabia de cor as horas, minuto por minuto?
- CORUJA — Ah, é verdade! Com o susto até me esqueci de que eu sabia!
- ASSOMBRAÇÃO — Êle sabe sim.
- CORUJA — A assombração! (Desmaia de novo)
- REIZINHO — (Correndo atrás da Assombração com o cetro) Assombração burra! Vá embora daqui! Não me volte más aqui. (Volta para a Coruja) Mestre Coruja! Acorde, por favor! Eu preciso saber as horas logo! Acorde!

CORUJA — Oh! Oh! Oh!... Ai, meu coração!
 REIZINHO — Acalme-se, Mestre Coruja! Não tenha medo da Assombração! Ela é totalmente inofensiva! Não faz mal a nada! E além do mais, é muito burra! Agora que está aprendendo a ler! Não ligue! Não ligue! Olha: me diga as horas. Que horas são, Mestre Coruja? Diga-me as horas por favor.
 CORUJA — Agora...? Agora são onze horas, cinqüenta e quatro minutos e vinte e sete segundos.
 REIZINHO — Faltam apenas seis minutos para meia noite! Estes seis minutos parecerão seis séculos para mim! Mas eu esperarei! (Sai)
 ASSOMBRAÇÃO — (Gritando de fora de cena) Mestre Coruja!
 CORUJA — (Num susto) Uil! Quem é?
 ASSOMBRAÇÃO — Sou eu! Posso ir aí?
 CORUJA — Não. Não gosto de assombração!
 ASSOMBRAÇÃO — Mas não tenha medo de mim! Eu... Eu sou inofensiva!
 CORUJA — Mas assim mesmo não gosto.
 ASSOMBRAÇÃO — Ah, mas deixa!
 CORUJA — Eu... Eu não quero.
 ASSOMBRAÇÃO — Por favor, Mestre Coruja da Nobreza! Eu queria ir aí com você!
 CORUJA — Só se você não esbarrar em mim e nem conversar comigo.
 ASSOMBRAÇÃO — Eu não esbarro. E conversar, eu só converso depois que você se acostumar comigo.
 CORUJA — Então venha, mas devagarinho! Não vá entrar de repente. (Coruja esconde-se atrás do trono, porém, espiando)
 ASSOMBRAÇÃO — (Entra devagar) Oi! (Coruja encobre-se atrás do trono. Assombração, um tanto sem graça, vai se aproximando do trono, até sentar-se nele. Nisso a Coruja resolve espiar e, ao dar com ela, dá um berro e corre)
 CORUJA — Uail! (Esconde-se atrás da arca)
 ASSOMBRAÇÃO — Mestre Coruja! Não fuja assim! (Coruja vem vindo para a ponta da arca, a fim de espiar a Assombração, quando Piretsim, abrindo um pouco a arca, sem que sua figura seja distinguida pelo público, diz)
 PIRETSIM — Olá! (E fecha-se novamente na arca)
 CORUJA — (Sai gritando) Socorro! Socorro! Socorro! (Entra rápida no relógio e fecha a porta)
 ASSOMBRAÇÃO — Minha mãe!
 REIZINHO — (Entra assustado) O que se passou aqui?
 ASSOMBRAÇÃO — Eu acho que Mestre Coruja não está se sentindo bem. Está tão assustado!

REIZINHO — Onde está êle?
 ASSOMBRAÇÃO — No relógio!
 REIZINHO — (Dando três pancadinhas no relógio para perguntar as horas) Que horas são, relógio?
 CORUJA — (Assustando-se, sai do relógio e pula no Rei que o retém suspenso em seus braços) Socorro! (Desmaia)
 REIZINHO — (Colocando-o no chão) Ai, meu Deus! Desmaiou de nôvo! E eu queria saber as horas! (Senta-se no trono, tristonho) Devem faltar uns três minutos ou quatro.
 ASSOMBRAÇÃO — Mais ou menos, Majestade.
 REIZINHO — Você não aprende mesmo, Assombração! Não é Majestade! É Matajes... (Em si) Como foi que você disse?
 ASSOMBRAÇÃO — Majestade.
 REIZINHO — Repita de nôvo, bem devagar!
 ASSOMBRAÇÃO — Majestade!
 REIZINHO — Você aprendeu, Assombração!
 ASSOMBRAÇÃO — Aprendi.
 REIZINHO — Que grande satisfação você me está dando, Assombração!
 ASSOMBRAÇÃO — A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá; bebeu, beu; barba, arba; bode, ode!
 REIZINHO — Bravos!
 ASSOMBRAÇÃO — O rato roeu a rica roupa do rei de Roma!
 REIZINHO — Viva!
 ASSOMBRAÇÃO — Para pegar pombos precisa pôr pão!
 REIZINHO — Maravilhoso! (Abraça Assombração freneticamente entusiasmado) Maravilhoso! Maravilhoso! Hoje é um grande dia para mim, Assombração! O meu trabalho de mil anos coroadado de pleno êxito! Isso é uma recompensa!
 PIRETSIM — (Aparecendo de dentro da arca) V. Majestade foi um herói.
 REIZINHO — Obrigado! (Em si) Quem foi que falou?
 ASSOMBRAÇÃO — (Vendo Piretsim) Piretsim!
 REIZINHO — Piretsim! Você está aqui?
 PIRETSIM — Sim, Majestade. Eu não fui embora. Apenas me escondi. Eu queria ir, mas, na hora não tive coragem. Eu vi que gostava muito de vocês, e dêste castelo velho de Mulumi.
 REIZINHO — (Abraçando Piretsim) Meu bom amigo! Que grande satisfação! Estou feliz por você e pela Assombração! Muito obrigado a vocês dois! Muito obrigado mesmo! (Chora)

63
/

PIRETSIM — V. Majestade foi um grande rei! A maior virtude do homem é a perseverança, a paciência! V. Majestade sempre teve essa virtude. A grande prova foi a educação que conseguiu dar a uma assombração. Ensinou-a a ler e transformou-a em um ser inteligente como nós. Nenhum grande rei conseguiu isso! Só V. Majestade! Nenhum rei seria capaz disso! Só V. Majestade! Meus parabéns, Majestade!

REIZINHO — Obrigado, Piretsim! Você realmente me comove! Está me dando a maior felicidade da minha longa vida! Muito obrigado, Piretsim! (Abraça-o) Estou muito feliz por você, Assombração! (Abraça-a), Sinto-me orgulhoso por você, sinceramente.

ASSOMBRAÇÃO — E eu lhe agradeço muito, Majestade.

REIZINHO — (Sentando-se em seu trono, pensativo) Agora me preocupo: o que terei para fazer durante mais mil anos de reinado se eu continuar sendo rei? Creio que nada terei a fazer! Será um reinado monótono, eu sei! Sabe, Piretsim: eu... acho que não pretendo continuar sendo rei. Acho que... que vou permitir que o novo rei chegue. (Tira a coroa, o manto e, juntamente com o cetro, entrega-o a Piretsim) Guarde tudo isso lá na torre, junto com as coroas, mantos e cetros dos reis anteriores.

PIRETSIM — Sim, Majestade. (Vai para a escada)

REIZINHO — E você, Assombração: traga-me o cofre. Aquê que você foi buscar na torre. (Assombração vai buscá-lo. O Rei levanta-se, abre a porta do Castelo bem aberta e diz) Que entre o novo Rei que será recebido de braços abertos por todos nós! Que entre aquê que será o novo rei de Mulumi!

Que entre aquê que será o novo rei de Mulumi!

CORUJA — (Acordando) Oh! Oh! Oh!

REIZINHO — (Dando sua mão para ajudar Mestre Coruja a levantar-se) Mestre Coruja!

CORUJA — (Levantando-se) Obrigado, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO — Aqui está, Majestade. (Entrega o cofre ao Rei)

REIZINHO — Que horas são, Mestre Coruja? (Piretsim começa a subir os degraus da escada para guardar os apetrechos que o Rei lhe entregou)

CORUJA — Onze horas, cinqüenta e nove minutos e cinqüenta e cinco segundos.

REIZINHO — Já vai dar meia noite e... o novo rei não chegou ainda! Será que a inscrição da torre

não tem valor?

(Ouvem-se as doze badaladas da meia-noite, fortes; que chegam de não muito longe)

CORUJA — O que é isso?

REIZINHO — O sino da Torre dando meia-noite depois de mil anos de reinado, indicando a substituição do rei pelo novo rei!

OS QUATRO — Mas, e o rei?!

REIZINHO — (Abrindo o cofre com a chave) Neste cofre está o segredo sobre o novo rei. Vamos ver o que diz. (Aberto, lê em uma placa metálica. Ao concluir a leitura, sua expressão muda; devagar, volta-se para Piretsim que está parado no topo da escada esperando o desenrolar dos acontecimentos, e diz-lhe) O novo rei do Castelo de Mulumi é o menino Piretsim! É você o novo rei, Piretsim!

ASSOMBRAÇÃO — Piretsim... o novo rei?

CORUJA — O menino?!

REIZINHO — Sim, o menino! O menino sábio e bondoso que saberá fazer de Mulumi um grande reinado! Será um poderoso rei a quem eu terei imensa satisfação em servir.

(Toca bonita música e a escadaria se ilumina toda, e Piretsim desce-a devagar, com a coroa na cabeça, a manta real às costas e com o cetro na mão, sob os aplausos do Rei, da Coruja e da Assombração)

OS TRÊS — (Gritam) Viva o Rei! Viva o Rei! Viva o Rei!

PIRETSIM — (Já no sopé da escada, diz) Farei tudo para ser um rei tão capaz como o senhor o foi. O senhor será meu Ministro Conselheiro! Mestre Coruja da Nobreza continuará sendo o Relógio Real do Castelo de Mulumi, e Assombração será meu Pajem Real. (A música que Piretsim cantou no início volta a tocar e, numa bela movimentação, cantam)

TODOS — Esta estória termina aqui

Do Castelo de Mulumi

O Rei velho saiu assim

E chegou Piretsim

O Rei velho mil anos reinou

E Piretsim começou

PIRETSIM — E mil anos reinarei!

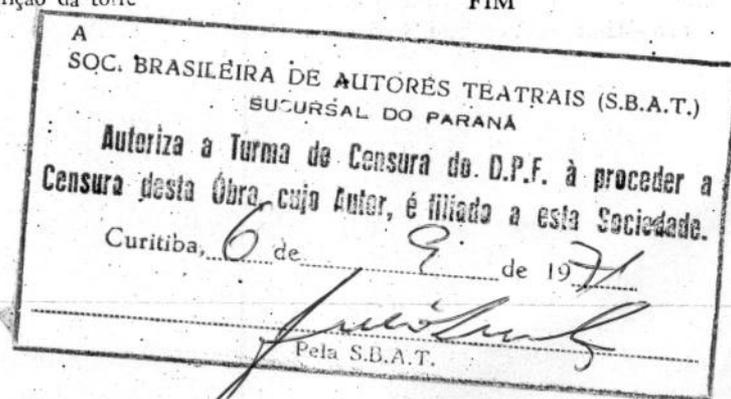
TODOS — (Menos Piretsim) Viva o Rei! Viva o Rei!

Salve o Rei

Salve o Rei

Salve o Rei!

FIM





M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

64
8

TÍTULO "O CASTELO DE MOLUMI" - Peça teatral

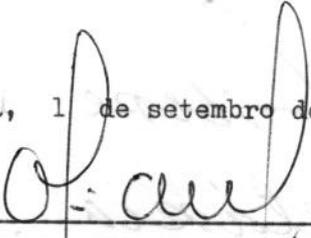
PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: - LIVRE-

ARGUMENTO: - Peça infantil, retratando a estória de um Reizinho e seus dois pagens, Assombrão e Piretsim. O reizinho, ao completar mil anos de reinado, deveria ser substituído. A escolha recai em Piretsim, que se torna rei, para satisfação dos demais componentes do grupo.

Conclusão | Obra de entretenimento infantil, com mensagens adequadas à audiência. Já foi examinada várias vezes, tendo sempre merecido a mesma classificação, pela ausência de qualquer impropriedade. A classificação na categoria de LIVRE é a sugestão que cabe renovar, no presente exame.

Brasília, 1 de setembro de 1971


OSMAR FIALHO

À Secção de Censura:

Trata-se de texto liberado
anteriormente: a classifica-
ção etária foi mantida.

20.9.77

Franco
PTE

de acordo.

Em: 21/9/77.

Wiseu

Libere-se sem restrições
etária.

Franco
230971



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p.75

65/2

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4.240-71

PEÇA "O CASTELO DE MULUMI"

ORIGINAL DE JURANDYR PEREIRA

PROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 27 de SETEMBRO de 1976

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 27 de SETEMBRO de 1971

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

Geová Lemos Cavalcante
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEATRO. 0246, p. 76 33
Certifico constar do livro nº _____ fôlha nº _____, de registro de

teatrais, o assentamento da peça intitulada **"O CASTELO DE MULUMI"**

Original de **JURANDYR PEREIRA**

Tradução de _____

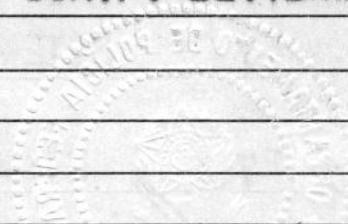
Adaptação de _____

Produção de **GRUPO TEATRO JOVEM DO PARANÁ - CURITIBA/PR**

Tendo sido censurada em **01** de **SETEMBRO** de 19 **71** e rec

a seguinte classificação: **LIVRE-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO**

**OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO
PANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**



Wilson de Queiroz Garófalo

**WILSON DE QUEIROZ GARÓFALO
CH. DA SEÇÃO DE CENSURA**

Brasília, **27** de **SETEMBRO** de 19 **71**

-WALER-

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

66
8

Mem. nº 778

/71 SCDP

Em 28

/ 9

/71

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Do: Chefe da TCTC do SCDP

Ao: Sr. Chefe da TCDP-DR-DPE/ **PR**

Ass: Providências (solicita)

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral baixo discriminada, podendo ser entregue a documentação - ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acordo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: " O CASTELO DE MULUMI "

Autor: JURANDYR PEREIRA

Intra: GRUPO TEATRO JOVEM DO PARANA

Endrg: CURITIBA-PR.

Atenciosamente,

PAULO LEITE DE LACERDA

-TCTC -

68

NJ-DEPARTAMENTO DE CENSURA
CA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

ILMO SR.

Diretor do Departamento de Censura Federal
BRASÍLIA - DF

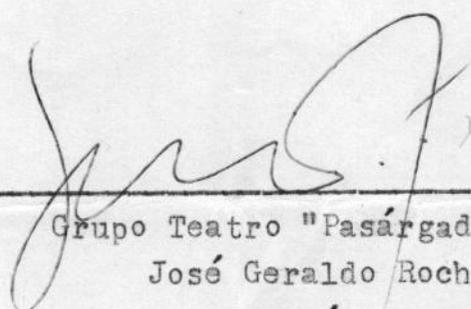
1 JAN 16 2 1 PM 03908

RECEBIDO POR: 

O Grupo Teatro "Pasárgada", São Caetano do Sul, sediado à rua Lourdes 685, em São Caetano do Sul, desejando encenar o texto de Jurandyr Pereira, "O CASTELO DE MULUMI", (peça infantil), que a êste faz juntar em três vias, vem requerer que V.S., se digne apreciá-los emitindo o competente certificado de censura.

Nêstes termos

P.Deferimento,



Grupo Teatro "Pasárgada"
José Geraldo Rocha
secretário.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - GB Nº 3317

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O Castelo de Mohumi

Original de J. Bour

Música de J. Bour

Tradução de J. Bour

No Teatro Municipal Cidade Paraná do Sul

Empresa J. P. Paschoalis Pela Cia. Paraná do Sul

nos dias 19 e 20 de Junho

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10%

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

de 20 de Janeiro de 19 72
SUCSA 3317
EMANDELE TOLYMA
(pela SBAT)

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmissores tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como qualquer estabelecimento onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p. 81

"DIÁRIO" - Distribuidora Aéro-RIO Ltda.

CONHECIMENTO

MATRIZ - Rua da Quitanda, 199 - Rio de Janeiro - Gb.

Tels. 243-8468, 223-0877, 223-6003 e 232-6026

Inscrição F.R.R.I. 356.678.00

C. G. C. 33.864.497

Nº 3317

De: **SÃO PAULO** Para: **BRASILIA DF.** Data: **20 1 72**

Remet. **GRUPO DE TEATRO BASARGADA**

End. **RUA LOUDES 685**

Cidade **SÃO CARLOS SUL S.P.** Tel.

Local de Cobrança

Dest. **CHEFE DE SERVIÇO DA CENSURA DA POLICIA**

End. **FEDERAL DE BRASILIA**

Cidade **BRASILIA DF.** Tel.

Nota Fiscal N.º

Quantidade	Espécie	Peso	Natureza da Mercadoria Diz - Conter	Valor Segurado
1	Pct.	1,000	PEÇAS TEATRAIS	S.V.D.

CÁLCULO

Frete	Cr\$	7,00
Taxa Domicilio	"	3,00
Taxa de Seguro	"	
	"	
TOTAL	Cr\$	10,00

ROBERTO

Funcionário Emissor

Remetente

OBS.

PREÇO PICO

O REMETENTE DECLARA ESTAR DE PLENO ACÓRDO COM TODAS AS CONDIÇÕES CONSTANTES NO VERSO DÊSTE CONHECIMENTO
NÃO SE TRATA DE CORRESPONDÊNCIA

4.ª Via Destinatário

dt

71
/

O CASTELO DE MULUMI

Peça Infantil de

Jurandyr Pereira.



AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. N.º 3317

PERSONAGENS:

(per ordem de entrada em cena)

PIRETSIM - (o arrumador do Castelo)
 ASSOMBRAÇÃO - (a aluna de Reizinho)
 REIZINHO - (de mil anos de idade)
 MESTRE CORUJA - (o relógio Real)

CENÁRIO:

Salão de trono de um velhíssimo castelo. Escadaria de oito degraus que sobe do centro ao fundo. Porta grande, de madeira, estileza à direita. Uma arca à esquerda da porta, que caiba alguém dentro.

Um alto e estileso treco à esquerda da escada. Um relógio de pêndulo, marcando uma hora, à direita, e que caiba alguém dentro com porta, pertante. Uma caminha - para Piretsim.

Saídas pelas dois lados do palco. Materes caracterizações, à gosto.

PRIMEIRO ATO

CENA - (Piretsim dorme tranquilamente em sua caminha, entra Assombração, muito estabonada, com sua cartilha nas mãos)

ASSOMBRAÇÃO:- (lendo a cartilha) A babá bebeu a barba de bode. Babá, há; bebeu, deu; barba, arba; bode, ode. (fecha a cartilha e experimenta falar de cor) Bebeu a barba de bode... Ah, eu não consigo decerar isto! (sai lendo). A Babá bebeu a barba de bode, Babá, há...

REIZINHO:- (entra com uma caçarela e bate nela com uma cencha, seis vezes) Seis horas! (vê que Piretsim não se mexeu) Piretsim! Seis horas! "A noite agora mesmo sumiu,
 e dia já amanheceu
 e sel agora mesmo surgiu
 e a caçarela seis horas bateu!"

(olha a ver se Piretsim acordou, mas, como continua imóvel, irrita-se e grita) Piretsim!

PIRETSIM:- (mal acordando) Já sei, Majestade! A noite agora mesmo sumiu, e dia já amanheceu... (depois de não)

REIZINHO:- E o que mais? (grita) Piretsim!

PIRETSIM:- (erguendo a cabeça) O que foi ? A noite agora mesmo amanheceu, o dia já sumiu ... (dorme)

REIZINHO:- Piretsim !

PIRETSIM:- Eu já falei, Majestade !

REIZINHO:- Falou tudo errado ! É sinal de que você ~~está~~ ainda não despertou direito ! Desperte logo e trate de fazer o serviço que precisa !

PIRETSIM:- Sei. (dorme)

REIZINHO:- (indo até ele, descobre-o) Piretsim !

PIRETSIM:- (encolhendo e procurando a cobertura de olhos fechados) Ah, que frio !

REIZINHO:- Sente-se e diga os versos.

ASSOMBRAÇÃO:- (entrando) Quer que eu diga ?

REIZINHO:- Não se meta ! Decore as lições.

ASSOMBRAÇÃO:- Deixe-me dizer, só para ver se eu decorei ! Posso, Matajesde ?

REIZINHO:- Matajesde não, eu já disse ! É Majestade !

ASSOMBRAÇÃO:- Eu sei, eu sei ! Eu que me enganei agora. Escute os versos: O sol já bateu seis horas, a caçarola já amanheceu, o dia sumiu agora mesmo e ... e ninguém achou !

REIZINHO:- Cale a boca, Assombração !

PIRETSIM:- Sei.

REIZINHO:- (à Piretsim) Não é com você ! Você faça o favor de falar os versos direitinho e levantar-se, preguiçoso ! (gritando) Piretsim !

PIRETSIM:- (senta-se na cama e diz bem rápido)

"A noite agora mesmo sumiu
o dia já amanheceu
o sol agora mesmo surgiu
e a caçarola seis horas bateu"

(apanha a cobertura e, cobrindo-se, deita-se e dorme)...

ASSOMBRAÇÃO:- O sol já bateu seis horas a caçarola já sumiu ...

REIZINHO:- Cale-se !

ASSOMBRAÇÃO:- Matajesde ! Majestida !

REIZINHO:- Matajesde não, Assombração burra ! Majestade, majestade !

ASSOMBRAÇÃO:- Olhe Matajesde: ontem eu cacei um vala-gume mas ele amanheceu morto !

REIZINHO:- Pois agora coma-o ! (vem para Piretsim) Pi-re-TSIM !

ASSOMBRAÇÃO:- Saúde ! (o rei vira-se bastante irritado olhando para a Assombração e esta sem jeito come o vagalume)

REIZINHO:- Piretsim ! (Piretsim, repentinamente levanta-se com a cobertura nas costas e caminha. O Reizinho acompanha-o falando)

REIZINHO:- Porque você me dá tanto trabalho Piretsim ? Eu grito, eu chamo, eu quase morro de tanto falar e você ... dormindo ! (Piretsim terminado a sua volta pelo palco, deita-se e, cobrindo-se, dorme de novo) Piretsim !

PIRETSIM:- (senta-se na beirada da cama) Bom dia, Majestade !

ASSOMBRAÇÃO:- Bom dia, Matajesde !

REIZINHO:- Ai, não ! Eu fico maluco neste castelo ! Ainda bem que hoje será o fim ! (sai de cena)

ASSOMBRAÇÃO:- (sai de cena lendo o livro) A Babé bebeu a barba do bode...

PIRETSIM:- (concluiu um longo bocejo) Ai ! todos os dias a mesma coisa ! É tão gostoso dormir de manhã ! Ai ! Esse Rei me amola ! Qualquer hora eu vou embora daqui ! Eu não tenho o direito de dormir ! Todos os dias bem cedo a danada dessa caçarola vem : Bem, bem, bem, bem, bem, bem, ... acordar a gente, e eu sou obrigado a pegar a vassoura e ... (toca deliciosa música que dê para os versos que se seguem e, Piretsim, varrendo, vai cantando)

é varre tudo bem varridinho
para tudo ficar bem limpinho !
O Reizinho está tão zandado,
eu me levantei atrasado !
Pego tôda esta sujeira
e joga dentro da lareira !
E a vassoura vou guardar
sempre no mesmo lugar !
A lareira eu vou acender
e vai aquecer
a sala para nós
que aqui vivemos sós
Assombração, Piretsim
e um rei que bate em mim !
Deixe-me trabalhar !
Se o rei chegar
Pega o chinelo
e me toca do castelo.
(pegando o espanador)
Com isto vou espanado aqui,
com isto vou espanando ali
quanto ó está saindo
eu já estou quase tossindo !
É um serviço tão grosseiro
êste de ser faxineiro !

75

-4-

Uma hora eu largo tudo
 pego as coisas e me mudo
 (sentando-seno trono)
 Aguentar eu já não posso mais
 trabalho demais !
 Levanto-me bem cedo,
 já vem o Rei azêdo
 dizer: "Não quero assim !
 venha cá Piretsim !
 Pegue isto aqui
 e ponha alí
 E aquilo lá
 traga tudo para cá" !
 Se eu fosse rei de Mulumi
 Pintava tudo isto aqui
 trocava o trono que é feiinho
 por outro mais bonitinho
 mas se a gente é ninguém
 se contenta com o que tem !
 Mas eu já estou enjoado
 de viver tão desprezado
 (suspira) Ai ! Se eu pudesse ser rei !

REIZINHO:- (entrando) Piretsim ! Tudo pronto ?

PIRETSIM:- Sim, Majestade.

REIZINHO:- Então vamos a aula para a Assombração, que depois eu e você
 vamos a lição de esgrima.

PIRETSIM:- Ah, Majestade! Não podemos deixar a aula da Assombração para
 depois ?

REIZINHO:- Não, não, não. Agora mesmo.

ASSOMBRAÇÃO:- (atravessa o palco lendo) A Babá bebeu a barba do bode.
 Babá, bá; bebeu, beu; barba, arba; bode, ode ... (sai)

PIRETSIM:- Essa Assombração é tão burra, Majestade, não aprende nada ?

REIZINHO:- Ao menos aprendeu a ler. Já é alguma coisa.

PIRETSIM:- Mas levou quase mil anos !

REIZINHO:- Pois então ! O mais difícil eu já fiz ! Agora que já sabe ler,
 o resto vai mais depressa ! Precisa ter paciência ! Veja quan-
 ta paciência eu tive ensinando-a durante mil anos ! (caminhan-
 do) Mil anos ! Hoje eu completo mil anos !

PIRETSIM:- Parabens, Majestade !

REIZINHO:- Obrigado, menino !

PIRETSIM:- Vossa Majestade é exatamente noventa e nove anos mais
 velho do que eu !

REIZINHO:- É verdade ! Você é mais novo do que eu ! Bem mais novo !

PIRETSIM:- V. Majestade deve estar feliz por haver durado tanto !

REIZINHO:- Feliz até hoje.

PIRETSIM:- Por que até hoje, Majestade ?

REIZINHO:- Por nada. Não lhe interessa. Vamos as lições Piretsim. Você e Assombração são os únicos súditos que eu tenho e quero-os bem capazes.

PIRETSIM:- Mas por que devo aprender esgrima, Majestade ?

REIZINHO:- Para ajudar-me a defender o Castelo contra o inimigo !

PIRETSIM:- Que inimigo ?

REIZINHO:- O inimigo, ora essa ! O inimigo !

PIRETSIM:- Durante mil anos nunca apareceu inimigo algum ! Por que apareceria agora ?

REIZINHO:- Hoje vai aparecer o inimigo que eu espero durante mil anos !

PIRETSIM:- E quem será ele ?

REIZINHO:- Não sei quem será. A inscrição da torre do castelo, ah ...

PIRETSIM:- (interessado) Inscrição da torre do castelo ?

REIZINHO:- Você se interessa pelo que não deve, Piretsim ! Esqueça isso e vamos à aula com a Assombração. Chame-a. (Sai de cena)

PIRETSIM:- (pensando) Inscrição da torre ! Por isso que ele nunca me deixou entrar na torre. Fechou a porta da torre com um enorme cadeado e escondeu a chave !

ASSOMBRAÇÃO:- (entra experimentando falar a lição da cartilha de cor)
O bode bebeu a barba da Babé. (Grita entusiasmada) Matajes de ! Matajesde ! Decorei ! Decorei !

PIRETSIM:- Decorou nada ! Está tudo errado !

ASSOMBRAÇÃO:- Decorei sim ! Ouça: a barba bebeu a babé do bode !

PIRETSIM:- Está tudo invertido !

ASSOMBRAÇÃO:- Está ? Mas... eu tinha falado de corziño agora mesmo !
Espera: a barba da babé bebeu o bode...

PIRETSIM:- Não ! Está errado ! é: a a boda barbeu a beba do bobeu... Não, não, não ! Não é assim ! Você me atrapalha ! é... é... A babé bebeu a barba do bode !

ASSOMBRAÇÃO:- Mas como é difícil ! Precisa mesmo decorar ?

PIRETSIM:- Claro ! Para ver se você fica um pouco mais inteligente ! Você precisa aprender a decorar as coisas que ouve e que lê !

ASSOMBRAÇÃO:- Ah, mas eu acho que estou tão bem assim como estou !

PIRETSIM:- Assombrações: eu preciso que você me ajude,

ASSOMBRAÇÃO (com má vontade) Ajudar ?

PIRETSIM:- Não seja preguiçosa ! Ouça: se você fizer o que eu quero, eu lhe darei um pacote deste tamanho de carvões novos, deliciosos !

ASSOMBRAÇÃO:- Dá mesmo ?

PIRETSIM:- Prometo que sim. Mas você tem que me ajudar primeiro.

ASSOMBRAÇÃO:- Ajudo sim (Pega a vassoura e começa a varrer)

PIRETSIM:- (tirando-lhe a vassoura e guardando) Não é para varrer !

ASSOMBRAÇÃO:- (pega o espanador e começa a espanar) Ah, já sei !

PIRETSIM:- (tirando-lhe o espanador). Não se trata de limpeza, Assombra-
ção ! Ouça o que eu quero. Sentese aí. (ela sente-se) Eu que-
ro que você vá até a torre do castelo e leia uma inscrição
que está gravada na parede e depois venha me contar o que
leu. Para você será fácil, porque você atravessa portas sem
precisar abrir, não é ?

ASSOMBRAÇÃO:- Inscrição ? Ah, aquê negócio que está escrito na torre ?

PIRETSIM:- É isso mesmo. Você já viu lá ?

ASSOMBRAÇÃO:- Ah, eu vejo todos os dias ! Lá é a minha sala de estudos !

PIRETSIM:- E... você se lembra do que leu lá ?..

ASSOMBRAÇÃO:- Se eu me lembro ? Deixa-me ver ... Hum ! Não me lembro
mais !

PIRETSIM:- Você é uma coisa horrorosa, Assombraçãõ ! Lê todos os dias e
não se lembra de mais nada !

ASSOMBRAÇÃO:- Ah, me lembrei da primeira palavra: é assim: "Quando"

PIRETSIM:- Só isso ? Veja se se lembra do resto. Pense um pouco, Assom-
bração !

ASSOMBRAÇÃO:- (senta-se com a mão no queixo) Estou pensando.

PIRETSIM:- (tentando ajudá-la) Quando... quando...

ASSOMBRAÇÃO:- Quando... Quando... não sei mesmo.

PIRETSIM:- Ai, minha nossa, que coisa ! Ouça, vá até lá e leia a outra
palavra e venha me dizer, Depois suba e veja a palavra seguin-
te e volte para me dizer. Assim é mais fácil ! Vá.

ASSOMBRAÇÃO:- Ah, quando eu chegar aqui já me esqueci de nôvo ?

PIRETSIM:- Pexoteza !

ASSOMBRAÇÃO:- Ah, me lembrei de mais duas palavras !

PIRETSIM:- Boa, Assombraçãõ ! Você é ótima ! Diga lá !

ASSOMBRAÇÃO:- Ah ! Piretsim: você falou aí e eu me esqueci !

PIRETSIM:- Oh, não !

ASSOMBRAÇÃO:- Não fale ! Me lembrei de nôvo ! É assim: "... o ... rei"
... É isso... "o rei"

PIRETSIM:- ... o re ! "Quando o rei , , , "

ASSOMBRAÇÃO:- É isso. "Quando o rei ... " O que quer dizer isso ?

PIRETSIM:- (um tanto irritado) Isso ? Isso quer dizer: "Quando o rei..."

ASSOMBRAÇÃO:- É ?

PIRETSIM:- Mas você é mesmo pouco inteligente, Assombraçãõ ! Nunca vi
igual ! Ouça aqui: precisamos descobrir como é êsse negócio
direitinho. Eu e você devemo-nos unir para descobrirmos o

segredo do rei.

ASSOMBRAÇÃO:- Pssiu ! Não fale comigo agora. Espere, é "... mil anos..."
Mil anos !

PIRETSIM:- Mil anos ! (reconstitui) "Quando o rei ~~ganhará~~ mil anos ..."
Quando o rei (descobrir) "Completar" ! É isso ! "Quando o
rei completar mil anos ... ?

ASSOMBRAÇÃO:- Isso mesmo ! "Quando o rei completar mil anos" !

PIRETSIM:- Mas ainda falta a parte mais importante, Assombração ! Se
esforce, por favor ! (lembrando-se) O Rei disse que "chegará"
o inimigo ?

ASSOMBRAÇÃO:- "Chegará" ! É isso !

PIRETSIM:- Chegará ? (forma) ... "Quando o rei completar mil anos chega
rá ... " Chegará o inimigo ?

ASSOMBRAÇÃO:- Inimigo ? Não. Não é inimigo. Chegará... chegará... "o nôvo"
Espere ! Quase saiu ! "Ehegará ... o nôvo" ! É isso Che-
gará o nôvo !

PIRETSIM:- "Quando o rei completar mil anos chegará o nôvo... Ai, minha
mãe, falta um pedacinho importante ! "... o nôvo... Nôvo
rei, não pode ser.

ASSOMBRAÇÃO:- É isso ! "Chegará o nôvo rei" !

PIRETSIM:- (assustado) Chegará o nôvo rei ? "Quando o rei completar mil
anos chegará o nôvo rei" ?

ASSOMBRAÇÃO:- O que quer dizer isso ?

PIRETSIM:- Raciocine, Assombração ! Preste atenção- "Quando o rei com-
pletar mil anos, chegará o nôvo rei" !.

ASSOMBRAÇÃO:- Nôvo rei ? Que rei nôvo ?

PIRETSIM:- Isso é que não sabemos ! (o rei entra) Só precisamos saber
quem será o nôvo rei do castelo de Mulumi.

REIZINHO:- Piretsim !

PIRETSIM:- (assustando-se) Pronto, Majestade !

REIZINHO:- Que foi que você disse ?

PIRETSIM:- Sinto muito, Majestade ! Eu descobri a inscrição da torre do
castelo.

REIZINHO:- (irritado) E como foi que descobriu ?

PIRETSIM:- Usando a minha inteligência !

ASSOMBRAÇÃO:- Eu também.

REIZINHO:- (à assombração, irritado) Você é burra !

PIRETSIM:- Sinto muito, Majestade !

REIZINHO:- (sentando-se no trono) Que horas são ?

ASSOMBRAÇÃO:- Uma hora.

REIZINHO:- Ah, esse relógio ! Há dois anos que é sempre uma hora ! Eu
sou um rei muito pobre e infeliz !. Mil anos de reinado sem

nunca fazer nada de importante ! Nunca fui herói ! Nunca pratiquei um ato de bravura ! Nunca matei nada !

ASSOMBRAÇÃO:- Matou sim, Matajesde ! Matou um rato !

REIZINHO:- Calê a boca ! Matar rato qualquer um mata ! Rei mata dragão com a espada !

ASSOMBRAÇÃO:- Puxa, se aqui tivesse um dragão, não, Matajesde ? Vossa Matajesde matava, êle !

REIZINHO:- E mesmo que tivesse. Eu não teria tempo de matá-lo. Hoje até a meia noite, deverá chegar o nôvo rei, e eu serei súdito de um rei ninguém ! Eu não posso permitir isso ! Não posso Piretsim ! Feche tôdas as portas e janelas do castelo. Não permitiremos que o nôvo rei entre ! Se eu conseguir evitar que êle chegue até a meia noite, estarei salvo ! Reinarei por mais mil anos ! Feche tudo, Piretsim !

PIRETSIM:- Sim, Majestade. (sai).

ASSOMBRAÇÃO:- (abre a cartilha e lê) Para pegar pombos precisa pôr pão. Para, ara; pegar, ar...

REIZINHO:- Não, não ! Já estou enjoado de ouvir você ler essas coisas...

ASSOMBRAÇÃO:- Esta aqui é bomitinha, ouça: O rato roeu a rica roupa do rei de Roma. Rato, to ...

REIZINHO:- Não me interessa o rei de Roma. O rato fêz muito bem em roer a rica roupa do rei de Roma. Leia-me outra coisa.

ASSOMBRAÇÃO:- (lendo) A cadela comeu a casa do coiote. Cadela, ela; comeu, meu; coiote; ote ...

REIZINHO:- Não gosto. Já ouvi essa também. Conte-me uma história alegre.

ASSOMBRAÇÃO:- Lendo ?

REIZINHO:- Não. Largue do livro e conte-me uma qualquer.

ASSOMBRAÇÃO:- A borba berbeu o borbo ...

REIZINHO:- Não !

ASSOMBRAÇÃO:- A pompa pegou o pão ...

REIZINHO:- Não !

ASSOMBRAÇÃO:- O rico ratou o roma do rau ...

REIZINHO:- Não !

ASSOMBRAÇÃO:- A casa comeu a cadela do coiote ...

REIZINHO:- (levantando-se) Silêncio !

ASSOMBRAÇÃO:- (após alguma pausa) Eu conheço uma bonita.

REIZINHO:- Qual ?

ASSOMBRAÇÃO:- A do boné do bôbo.

REIZINHO:- (sentando-se) Não quero.

ASSOMBRAÇÃO:- Quer que eu leia um livro que achei lá no porão ?

REIZINHO:- Que livro é ?

ASSOMBRAÇÃO:- é ... Como é mesmo o nome ? É... Me esqueci... Como é

mesmo o nome ? Ah, já sei ! É: LITA TELEFÔNICA" !

REIZINHO: - Um ! O nome não me agrada. Não deve ser de ~~aventuras~~ aventura. Gosto de estórias de aventuras !

ASSOMBRAÇÃO: - De aventuras ?

REIZINHO: - Sim, estórias de reis valentes, reis guerreiros que comandam soldados nas grandes batalhas e que lutam destemidos contra o inimigo... ! De reis que desembainham suas espadas, enfrentam os ataques de frente, derrubam dez, vinte, trinta milhões e ainda saem vivos para o clamor do povo que os carrega triunfantes pelas ruas e gritando: "Viva o rei" Viva o rei ! Viva o rei !

ASSOMBRAÇÃO: - Isso é só estória, não é Majestade. Isso não existe não é mesmo ?

REIZINHO: - (triste) Existe. Existe sim. Só que nunca se passou comigo ! Eu sou um rei diferente de todos os reis ! Tenho somente dois súditos, mil anos de idade e nenhuma aventura heróica ! (caminhando) E hoje chegará o nôvo rei !

ASSOMBRAÇÃO: - Ora, talvez êle seja um bom rei, ~~Matajesde~~ Matajesde !

REIZINHO: - Mas eu não quero ser súdito de outro rei, seja lá quem fôr !

ASSOMBRAÇÃO: - Não quer ? Mas é tão bom, Matajesde !

REIZINHO: - Bom ? Você quer dizer que ser um simples súdito é melhor do que ser ei ?

ASSOMBRAÇÃO: - Naturalmente que sim ! (sentando-se no trono)

REIZINHO: - Você não gostaria de ser rei ?

ASSOMBRAÇÃO: - Eu não gostaria não.

REIZINHO: - E por que não ?

ASSOMBRAÇÃO: - Ah, porque é ruim ser rei. Eu acho uma delícia ter um rei que cuida de mim, que vive para me atender e zelar para que esta humilde assombrção seja feliz (beijando as mãos do rei) Muito obrigada, Matajesde ! (Volta a sentar-se no trono).

REIZINHO: - (abismado) Eu nunca havia pensado nisso ! Eu sempre achei que ser rei era ser superior, e no entanto, eu não passo de um simples pajem de vocês dois !

ASSOMBRAÇÃO: - É sim.

REIZINHO: - Precisei completar mil anos para compreender isso ! Como são bôbos, os reis ! Vou deixar de ser rei !

PIRETSIM: - (entrando) Majestade: - tôdas as portas e janelas estão fechadas.

REIZINHO: - Pois abra-as tôdas novamente.

PIRETSIM: - Abrir ?

REIZINHO: - Sim. Abra tudo do jeito que estava. Resolvi aceitar o nôvo

rei. Quero ser feliz.

PIRETSIM: - Sério, Majestade ?

REIZINHO: - Claro que é sério ! Abra tudo já-já.

PIRETSIM: - Está bem, Majestade. (sai).

REIZINHO: - (abre bem a porta do castelo) Que entre o nôvo rei !

ASSOMBRAÇÃO: - Mas... Mas será que Vossa Matajesde se acostumará em não ser rei ?

REIZINHO: - Claro que sim ! Quer ver ? (põe a corpa na cabeça da Assombração) Seja rei.

ASSOMBRAÇÃO: - (rindo sem poder conter o riso) Hi, hi, hi ... Matajesde ! Que brincadeira é essa ? Hi, hi, hi ...

REIZINHO: - Tome o cetro também. Agora o meu manto de arminho. (veste-lhe o seu manto real),

ASSOMBRAÇÃO: - Ah, minha mãe ! V. Matajesde está troçando de mim ! Hi, hi, hi ...

REIZINHO: - Fique quieta (Assombração cala, mas de repente, desata a rir)

ASSOMBRAÇÃO: - Hi, hi, hi, ...

REIZINHO: - Fique quieta ! Porte-se como um rei ! Respeite a coroa o cetro e o manto reais ! Cale-se ! (Assombração cala-se) Agora seja rei.

ASSOMBRAÇÃO: - Ser rei ... ? Hi, hi, hi ...

REIZINHO: - Silêncio ! Seja rei, estou mandando !

ASSOMBRAÇÃO: - Mas, como é que se faz ?

REIZINHO: - Como você quiser. Seja um rei como você achar que deve ser. Não precisa me imitar.

ASSOMBRAÇÃO: - Mas, eu não queria ser rei, Matajesde !

REIZINHO: - Seja, sim ! E eu serei seu súdito !

ASSOMBRAÇÃO: - V. Matajesde meu súdito ? Oh, não Matajesde ! Onde se viu isso ? Um rei ser súdito de uma simples assombração !

REIZINHO: - Eu quero ! Seja rei .

ASSOMBRAÇÃO: - Está bem ! Se V. Matajesde manda, eu serei.

REIZINHO: - Dê as ordens.

ASSOMBRAÇÃO: - Ai... Dar ordens ... Hi, hi, hi ...

REIZINHO: - Mande-me fazer alguma coisa. ...

ASSOMBRAÇÃO: - Mandar... ? Bem... Pois bem... Matajesde... .

REIZINHO: - Não me chame de Matajesde. Agora o rei é você.

ASSOMBRAÇÃO: - Pois não. é ... Sabe: eu nem sei como o senhor se chama !

REIZINHO: - Não precisa ! Os reis não sabem os nomes de seus súditos !

Chame-me de súdito, pronto. ...

ASSOMBRAÇÃO: - Pois não. O... "seu" súdito ...

REIZINHO: - "Seu" súdito, não ! Súdito simplesmente !

ASSOMBRAÇÃO:- Pois não. Súdito: se não fôr incômodo, o senhor poderia me fazer o grande favor de ...

REIZINHO:- Não peça por favor e nem por nada ! Manda ! Ordene !

ASSOMBRAÇÃO:- Súdito: leia a cartilha para mim.

REIZINHO:- A cartilha ? Justo isso ?

ASSOMBRAÇÃO:- Desculpe. Então, eu peço ... eu mando outra coisa.

REIZINHO:- Não peça desculpas. Mandou, está mandado. Eu leio a cartilha.

ASSOMBRAÇÃO:- Entã leia.

REIZINHO:- (pega a cartilha, abre-a ao meio e lê) O cavalo cavou a cova na curva do corvo. Cavalo, alo; Cavou, ou; cova, ova; curva, urva; Pedro perguntou pela pena preta, porque precisava pin-celar paçonha pelo pé. (suspira) Puxa !

ASSOMBRAÇÃO:- Chega ! Agora ... traga-me um cavãozinho bem gostoso.

REIZINHO:- (não gostando muito) Pois não, Majestade. (sai).

ASSOMBRAÇÃO:- Hi, hi, hi ... Quem diria ! Eu sou rei ! Hi, hi, hi ... Eu sou rei ! Hi, hi, hi ... (toca uma música que dê para os versos que Assombração canta, movimentando-se)

"Eu sou rei

Nunca pensei

Com coroa

Muito boa

E o cetro

De quase um metro

Um casaquinho de

arminho

Eu sou rei

nunca pensei

Eu me sinto inteligente

Eu me sinto até valente

Se tivesse uma espada dura

Eu faria uma aventura

Lutaria com anões

Mataria dez dragões

Eu seria invencível

Eu seria tão terrível

Que o povo orgulhoso

Me faria poderoso

E todos me saudariam

A uma só voz e gritariam

Viva o rei !

Viva o rei !

Viva o rei !

REIZINHO:- (entrando) Aqui está o carvão, Majestade !

ASSOMBRAÇÃO:- (tomada pelo entusiasmo de ser rei) Coma-o.

REIZINHO:- Não tenho fome, Majestade !

ASSOMBRAÇÃO:- Coma assim mesmo.

REIZINHO:- Mas, quem come carvão, é somente assombração, Majestade !

ASSOMBRAÇÃO:- Pois de agora em diante, seja assombração. Eu sou assombração, e por isso meus súditos devem ser assombrações também. Coma !

REIZINHO:- Não quero, Majestade.

ASSOMBRAÇÃO:- Coma !

REIZINHO:- é ruim, Majestade !

ASSOMBRAÇÃO:- Coma !

REIZINHO:- (irritando-se, joga o carvão no chão e grita) Não como ! (Assombração cai sentada e o Rei tira-lhe a coroa, o cetro e o manto) Você não serve para ser rei ! Só seu serei o rei. Ninguém mais ! Feche essa porta ! (Assombração vai correndo e fecha a porta).

PIRETSIM:- (entrando cansado) Pronto, Majestade. Todas as portas e janelas estão abertas novamente.

REIZINHO:- Pois feche-as todas novamente.

PIRETSIM:- Como ?

REIZINHO:- Feche-as eu disse.

PIRETSIM:- Fechar, Majestade ?

REIZINHO:- Fechar sim ! Feche tudo ! Não deixe nada aberto.

PIRETSIM:- Mas, Majestade ! Agora mesmo eu ...

REIZINHO:- Pois feche-as novamente. (senta-se no trono) Resolvi não ceder o meu trono a ninguém. Está escrito que virá outro rei, mas eu não permitirei que se cumpra a profecia da inscrição da Torre do Castelo de Mulumi ! Não permitirei ! (corre e passa a tranca na porta ao voltar-se nota-se que Piretsim sentou-se no trono irrita-se) Piretsim ! Vá fechar as portas e as janelas !

PIRETSIM:- Sinto muito, Majestade, mas eu estou cansado. Quero descansar.

REIZINHO:- Descansar ? Então você pensa que teremos tempo de descansar ? Como descansar se ainda teremos a nossa aula de esgrima, que talvez demore o dia inteiro até que você fique bom espadachim até a meia noite ?

PIRETSIM:- Sinto muito (cruza os braços e encoستا-se) ...

REIZINHO:- Não seja teimoso, Piretsim ! Você ... Você ... (concordando) Está bem. Vamos à esgrima primeiro. Pegue a sua espada.

PIRETSIM: - Já disse que estou cansado, Majestade. Estou bastante cansado.

REIZINHO: - Amanhã você descansa. Amanhã eu o deixarei dormir até mais tarde. Agora precisamos trabalhar. Eu preciso manter o meu exército em ordem. Você melhorou muito na última aula. Eu preciso que você fique tão bom quanto eu, para hoje à noite.

PIRETSIM: - V, Majestade pretende lutar com o novo rei ?

REIZINHO: - Farei tudo que for preciso para evitar que ele me tire o poder. Tudo. Pegue a sua espada. (Dá a Piretsim a sua espada) Vamos lá. Faça de contas que eu sou seu inimigo e vou atacá-lo. Você então se defende. Vamos, lá. Ponha-se distraído como se eu fosse atacá-lo de surpresa. Fique sentado aí, que eu entro de lá e ataco você. Vamos ver. (sai e Piretsim com muita pouca vontade, continua sentado com a espada na mão. Entra o Rei num salto) Uá !

ASSOMBRAÇÃO: - (cai sentada de susto) Ui ! Que susto !

REIZINHO: - é agora que eu vou me apoderar deste Castelo !

ASSOMBRAÇÃO: - Oh, não !

REIZINHO: - (ataca Piretsim que, sem mudar de posição, defende-se com pouca vontade) ânimo ! Assim o inimigo mata você ! Vou entrar outra vez. (sai de cena e Piretsim continua na mesma posição. Assombração se levanta e se refaz. Entra o Rei num salto) Uá !

ASSOMBRAÇÃO: - (cai sentada de novo) Ai, que susto !

REIZINHO: - É agora que eu vou me apoderar deste Castelo !

ASSOMBRAÇÃO: - Oh, não !

REIZINHO: - (ataca Piretsim que se defende da mesma forma anterior) Mas, Piretsim ! Assim não pode ! Por favor: reaja ! Eu vou precisar de você hoje, Piretsim ! (Piretsim boceja. Assombração levanta-se) Eu vou sair novamente. Prepare-se, mas, por favor levante-se Piretsim, se defenda ! Eu agora vou atacar para valer mesmo ! (sai. Assombração senta-se depressa, para não cair de susto e cobre os olhos com as mãos. Piretsim dorme e ronca. Entra o rei num salto) Uá !

ASSOMBRAÇÃO: - (de sentada, cãe de costas) Ui, que susto !

REIZINHO: - é agora que eu vou me apoderar des .., (nota que Piretsim dorme) Dormiu ! (Sacode-o) Piretsim ! (À Assombração) Vá buscar a caçarola. (Assombração vai depressa) Piretsim ! acorde Menino ! O bandido vai chegar, Piretsim ! O novo rei está chegando !

ASSOMBRAÇÃO: - (chega batendo à caçarola com a concha) Seis horas ! Seis horas !

REIZINHO: "A noite agora mesmo sumiu
O dia já amanheceu
O sol agora mesmo surgiu
E a caçarola ... "

PIRETSIM: (enquanto ouve o barulhã, vai irritando-se e acorda bastante zangado e ataca o Rei com a espada) Chega ! (Rei defende-se como pode da fúria de Piretsim) V.Majestade é horroroso com êsses versos horrorosos, com essa mania horrorosa de me acordar todos os dias de madrugada com essa panala velha fazendo : bem, bem, bem, bem, bem, bem ... (Cada "bem" é uma espadada contra a espada do rei) É horrível, fique sabendo ! (enquanto vai falando vai atacando o rei que, um tanto assustado, defende-se, Piretsim ataca violentamente e a luta se faz mesmo para valer, com nuances bastante impressionantes e espetaculares. Ao final num lance mais violento, Piretsim tira a espada do Rei e êste cai ao chão)

REIZINHO:-- Piretsim ! Que é que você fez ?

PIRETSIM:-- Desculpe-me, Majestade, mas, eu o venci.

REIZINHO:-- Incrível ! Como conseguiu isso ?

PIRETSIM:-- Eu sempre fui capaz de vencê-lo, Majestade. Não o venci antes para não desagradá-lo, Mas agora eu me irritei. Fui obrigado a vencê-lo.

REIZINHO:-- Que ninguém saiba disso, Piretsim ! Que ninguém saiba disso !

ASSOMBRAÇÃO:-- Eu sei, eu vi, eu sei. (ri) Hi, hi, hi ...

REIZINHO:-- Cale essa boca, Assombrãço de uma figa ! E quanto a você Piretsim : Não estou de acôrdo com o que você fez. Foi um desrespeito para o rei. Como castigo, vá fechar tôdas as portas e janelas agora mesmo.

PIRETSIM:-- Ouça agora, Majestade: há quase um ano que eu trabalho neste Castelo, lavando as escadas, varrendo o Castelo sozinho e até as nossas roupas sem nunca V.Majestade ter me deixado, nem ao menos dormir até um pouco mais tarde. Pois agora resolvi não concordar mais com isso. Resolvi ir embora.

ASSOMBRAÇÃO:-- Ir embora ? Para onde ?

PIRETSIM:-- Por aí. Vou andando, andando, até encontrar outro lugar interessante para ficar. Sei que conseguirei um lugar melhor do que êste.

ASSOMBRAÇÃO:-- Ara, não vá, Piretsim ! (triste) Não vá !

PIRETSIM:-- Eu vou sim, Assombrãço. Antes vou fechar as portas e janelas. Farei mais isso, mas será meu último trabalho aqui.
(sai de cena)

REIZINHO:- (falando pouco sincero) Vá. Pode ir. Conseguirei outro empregado mais forte do que você e muito melhor. Um empregado que não vive reclamando e que me obedece direitinho.

ASSOMBRAÇÃO:- E se tiver outro rei ?

REIZINHO:- (irritando-se) Não vai ter outro rei nenhum.

ASSOMBRAÇÃO:- E se ele chegar e teimar de entrar aqui à força ? V. Matajesde lutaria contra ele sozinho ?

REIZINHO:- (sacando da espada, o que assusta Assombração) É dúvida ? (guardando a espada) Pois não duvide. Eu lutarei. Enfrentarei o inimigo sozinho. E vencerei ! (senta-se no trono) Assombração: vá na torre do castelo e me traga um cofre pequeno que está lá.

ASSOMBRAÇÃO:- E onde está a chave ?

REIZINHO:- Para que a chave ?

ASSOMBRAÇÃO:- Da porta da torre !

REIZINHO:- Mas você não é assombração ? E assombração não vara porta mesmo sem abrir ?

ASSOMBRAÇÃO:- Mas o cofre não é assombração, Matajesde !

REIZINHO:- (admite) É o primeiro raciocínio correto que eu já vi você fazer ! Pegue a chave número dez no armário oito que está na sala sete no fundo do corredor seis.

ASSOMBRAÇÃO:- Sei. (sai falando) Chave nove, no corredor sete, na sala seis, no armário dez.

REIZINHO:- Não é. Chave dez, do armário oito da sala sete do corredor seis !

ASSOMBRAÇÃO:- (de longe) Seis.

REIZINHO:- (triste) Hoje... é o dia do meu aniversário ! Ao invés de receber um presente de alguém, terei de enfrentar um inimigo que vai chegar e ... e perdi o meu melhor amigo !
(chora) Piretsim vai embora ! Ele vai embora ! Vai embora...

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

CENA - Quando a cortina se abre, ninguém está em cena. Logo entra o Rei desconsolado em seguida, Assombração; porém, entram por lados opostos.

ASSOMBRAÇÃO:- Encontrou, Matajesde ?

REIZINHO:- Não.

ASSOMBRAÇÃO:- Nem eu. Acho que ele foi embora mesmo ! (triste) Sem se despedir ! Pobre Piretsim !

REIZINHO:- (tocando a cama de Piretsim) A caminha dêle ! O cobertorzinho dêle !

ASSOMBRAÇÃO:- (solidarizando-se) O travesseirinho dêle. (chorando) O piñiquinho dêle !

REIZINHO:- Eu... eu reconheço que fui muito rude para com o pobre menino, mas, eu sempre gostei demais dêle ! ele foi a coisa mais importante dêste Castelo dos mil anos de minha existência ! Sei que vou sofrer muito ! Era um menino tão inteligente, tão competente ! Ele seria um grande rei, sabe ? Foi uma pena ! (chora) Hoje chegará o novo rei ! Isso me deixará ainda mais triste ! Eu não consentirei que o novo rei ocupe o meu lugar ! Todas as portas e janelas estão fechadas cuidarei para que o novo rei não entre. ~~Assombração~~ (segurando Assombração pelos ombros) E você, Assombração, terá de me ajudar agora. Você será a porteira da entrada principal do Castelo para não permitir que alguém entre. Fique de guarda aqui e qualquer ruído que ouvir, me avise. Mas não atenda, está ouvindo ? Se alguém entrar aqui, eu a transformarei em ... em fumaça, está me ouvindo ? Em fumaça ! (Sai).

ASSOMBRAÇÃO:- Em fumaça ! Ai ... Não permitirei que ninguém entre. (encosta-se na porta do Castelo, de braços abertos, para evitar que alguém abra. Nisso batem à porta. Assombração dá um salto e corre. Repetem a batida) Não abro (tornam a bater) Não abro !

CORUJA:- (de fora) Abra !

ASSOMBRAÇÃO:- Não abro !

CORUJA:- Quem está aí ?

ASSOMBRAÇÃO:- Aqui é a fumaça ! Isto é, eu ... eu não posso abrir !

CORUJA:- Abra, por favor ! Está chovendo muito !

ASSOMBRAÇÃO: - Quem é você ?

CORUJA: - Um pobre molhado !

ASSOMBRAÇÃO: - É o nôvo rei ?

CORUJA: - Não ! Eu não sou rei nenhum !

ASSOMBRAÇÃO: - É o nôvo rei sim. Eu sei que é. Não abre não.

CORUJA: - Não sou rei, nenhum ! Sou o Mestre Coruja !

ASSOMBRAÇÃO: - Coruja ? (abre a porta um tantinho para espiar) É coruja mesmo !

CORUJA: - Posso entrar ?

ASSOMBRAÇÃO: - Coruja pode ser rei ?

CORUJA: - Rei ? Mas que estória é essa ? Eu não sou e nem pretendo ser rei !

ASSOMBRAÇÃO: - Então eu vou deixar você entrar, mas, só até passar a chuva. Depois você vai embora, está bem ?

CORUJA: - Está (entra) Você teria um pano para eu me enxugar ?

ASSOMBRAÇÃO: - Não tenho nada, Rei Nôvo. Só tenho um lenço, serve ? (oferece-lhe o lenço).

CORUJA: - Por que me chama de Rei nôvo ?

ASSOMBRAÇÃO: - Porque você é rei mesmo.

CORUJA: - Sou nada ! Eu me chamo Mestre Coruja da Nobreza.

ASSOMBRAÇÃO: - Da Nobreza ? Então é rei mesmo. Nobreza é rei. O rei de Mulumi disse que hoje chegará aqui, o novô rei de Mulumi. Está escrito na tôrre do Castelo. Eu li. "Quando o rei completar mil anos, chegará o nôvo rei." Eu li lá. E o rei completa hoje mil anos e será substituído por um nôvo rei.

CORUJA: - Mas que estória complicada ! Eh... eu não quero ser rei nenhum.

ASSOMBRAÇÃO: - Assim é melhor. Você não quer ser rei e assim é mais fácil. Mas fique sabendo que você é rei.

REIZINHO: - (gritando lá de dentro) Assombração !

ASSOMBRAÇÃO: - Ih, o Rei ! Esconda-se ! Esconda-se !

CORUJA: - Onde ?

ASSOMBRAÇÃO: - Ai atrás do trono. Não, aí não. Aí êle acha. Esconda-se dentro do relógio. (abre a porta do relógio e a Coruja entra lá)

REIZINHO: - (chegando) não me ouviu chamá-lo ?

ASSOMBRAÇÃO: - Olha Matajesde, eu não ouvi nada ! Chame de nôvo.

REIZINHO: - (chamando) Assombração !

ASSOMBRAÇÃO: - Ih, parece que o Rei está me chamando ! (Pergunta alto)
V, Matajesde está me chamando por acaso ?

REIZINHO:- Estou (em si) Não seja burra ! Eu quero saber que horas são
Preciso saber que horas são de qualquer jeito e depressa.

ASSOMBRAÇÃO:- Mas o relógio está estragado !

REIZINHO:- Pois conserte-o depressa.

ASSOMBRAÇÃO:- Consertar ? Mas está tão desmantelado, Matajesde ! Quer
que eu vá procurar um relojoeiro por aí ?

REIZINHO:- Não. Não quero que ninguém entre no castelo hoje. Conserte-o
você mesma. (sai).

ASSOMBRAÇÃO:- Ai, como é que vai ser agora ? (abre a porta do relógio e
pergunta a Coruja) Você sabe consertar relógio ?

CORUJA:- Eu não !

ASSOMBRAÇÃO:- Nem eu. Mas, nós temos de dar um jeito, porque o rei
quer ! Vamos consertá-lo. Me dá o lenço. (Coruja dá-lhe o len
ço e Assombração põe-se a limpar o relógio com êle. Coruja,
para ajudar limpa-o com as mãos)

REIZINHO:- (chamando de fora) Assombração !

ASSOMBRAÇÃO:- Ih, vem êle de novo ! Esconda-se ! (coruja entra no relógio).

REIZINHO:- (entrando) Assombração.

ASSOMBRAÇÃO:- Ih, parece que o rei está me chamando ! (rei chega bem
perto de Assombração, sem ser notado por ela. Ela pergunta
alto) Me chamou, Matajesde ?

REIZINHO:- (gritando em seus ouvidos) Chamei !

ASSOMBRAÇÃO:- (dando um pulo de susto) Ai, que susto, Matajesde !
(joga o lenço nêle, dengosa).

REIZINHO:- Mais respeito com sua Majestade ! Está consertado ?

ASSOMBRAÇÃO:- Ainda não terminei.

REIZINHO:- Descobriu ao menos qual é o defeito ?

ASSOMBRAÇÃO:- Não, mas estou procurando com muito interesse.

REIZINHO:- Veja se não falta corda. Dê uma olhada geral (sai) Conserte
depressa que já é tarde da noite e eu preciso saber quanto
tempo falta para meia noite.

ASSOMBRAÇÃO:- Pois não, Matajesde. (Abrindo a porta pergunta a Coruja)
Você viu se tem uma corda aí dentro ?

CORUJA:- Corda ? Não vi corda nenhuma ! (procuram os dois).

ASSOMBRAÇÃO:- É ! Não tem corda ! Por isso que não funciona. Precisa
mos de uma. O rei disse que com corda vai. Mas, onde encon
trar uma ?

CORUJA:- Eu enrosquei o pé numa corda aí fora quando cheguei !

ASSOMBRAÇÃO:- Vá buscá-la bem depressa. (Abre-lhe a porta e a Coruja
sai)

REIZINHO:- (entrando de surpresa) Assombração ! (aquela cai de susto,

fechando a porta ao mesmo tempo) Que faz com a porta aberta?

ASSOMBRAÇÃO:- É que ... Eu ouvi um ruído lá fora e fui ver o que era .

REIZINHO:- (assustado) Ruído ? E viu o que era ?

ASSOMBRAÇÃO:- Vi.

REIZINHO:- E o que era ?

ASSOMBRAÇÃO:- Chuva ! Chove que é um colosso, Matajesde !

REIZINHO:- Feche essa porta com a tranca depressa ! (assombração passa a tranca na porta) E não abra mais ! Mesmo que haja ruídos lá fora. Se eu encontrar você abrindo essa porta novamente, eu a transformo em ... em ...

ASSOMBRAÇÃO:- ... em fumaça !

REIZINHO:- Não, Em cigarro ! (sai)

ASSOMBRAÇÃO:- Em cigarro ? Ai ! Dá na mesma ! Acabo fumaça do mesmo jeito ! (Vai pe-ante-pé, abrir a porta, Ouve um ruído lá dentro e sai correndo. Coruja bate na porta. Assombração vai depressa abrir. Quando está abrindo ...)

REIZINHO:- (grita lá de dentro) Assombração ! (Assombração fecha-a depressa. Entra o Rei)

ASSOMBRAÇÃO:- (disfarçando) Ih, parece que o Rei está me chamando !

REIZINHO:- Que faz aí na porta ?

ASSOMBRAÇÃO:- Estou aqui para ouvir se não se aproxima alguém. (põe o ouvido junto a porta)

REIZINHO:- Não precisa ficar aí. Mesmo que chegue não vamos deixar entrar. (coruja bate a porta e Assombração, para disfarçar, bate também).

ASSOMBRAÇÃO:- E se baterem assim ?

REIZINHO:- Mesmo que batam. (coruja bate de Nôvo e Assombração bate também)

ASSOMBRAÇÃO:- E se continuarem batendo ?

REIZINHO:- Nem que continuem batendo o dia inteiro !

CORUJA:- (grita lá de fora) Abra !

ASSOMBRAÇÃO:- (grita logo em cima) Abra a porta ! E se gritarem assim ?

REIZINHO:- Não seja imbecil ! Não vai abrir ! Já está pronto o relógio ?

ASSOMBRAÇÃO:- Vá lá para dentro que quando estiver pronto eu chamo.

REIZINHO:- Eu vou mas estarei impaciente. Voltarei em seguida (sai).

ASSOMBRAÇÃO:- (abre a porta, a Coruja entra e torna a fechá-la) Achou a corda ?

CORUJA:- (com a corda) Achei. Será que serve ?

ASSOMBRAÇÃO:- Deve servir. Vamos experimentar.

REIZINHO:- (gritando de lá) Assombração.

ASSOMBRAÇÃO:- Esconda-se ! (Como o rei esteja entrando, Coruja esconde-se atrás do trono).

REIZINHO: - Assombração !

ASSOMBRAÇÃO: - Ih, parece que o Rei está me ...

REIZINHO: - (segurando Assombração pela roupa) Você está brincando comigo ? Toda vez que eu entro, não vejo você consertando o relógio !

ASSOMBRAÇÃO: - Estou procurando peças... (Põe-se a catar pelo chão)

REIZINHO: - Que peças precisa ?

ASSOMBRAÇÃO: - Um martelo.

REIZINHO: - Tome o cetro. Bata com ele.

ASSOMBRAÇÃO: - Obrigado. Pode ir, Matajesde. Com V. Matajesde aqui, eu não trabalho direito. Sou capaz de martelar o dedo

REIZINHO: - Eu vou, mas contarei até vinte. Se ao fim disso, o relógio não estiver consertado, você vira charuto ! (sai).

ASSOMBRAÇÃO: - Oh, o que será demim ?

CORUJA: - Vamos consertá-lo depressa ! (assombração entra no relógio e procura amarrar a corda nalguma parte lá. Nisso ouve o Rei contando)

REIZINHO: - (de fora) ... onze, doze, treze, catorze, quinze ...

ASSOMBRAÇÃO: - (olha o pêndulo do relógio que está parado) Não funciona - na), Não funciona ! Entre aí depressa que o Rei já vai voltar. (fecha a porta do relógio)

REIZINHO: - (enquanto isso, continuava contando) dezesséis, dezessete, dezoito, dezenove, e ... vinte (entra irritado) Não consertou não é ?

ASSOMBRAÇÃO: - Consertei sim Matajesde !

REIZINHO: - Como consertou, se ele continua marcando uma hora ?

ASSOMBRAÇÃO: - Mas este relógio é diferente, Matajesde ! V. Matajesde precisa dar três batidinhas Nêle e perguntar que horas são, que ele responde certinho. Experimente !

REIZINHO: - (um tanto duvidoso) Espere que você não esteja brincando comigo. (Dá três batidinhas nê relógio e pergunta) Que horas são, relógio ?

CORUJA: - (de dentro) Onze e quarenta da noite ! Cuco !

REIZINHO: - Que formidável ! Esse relógio é incrível ! Onze e quarenta ! Onze e quarenta minutos ! Faltam apenas vinte minutos ! Se eu conseguir evitar que o nôvo rei chegue dentro de vinte minutos, estarei livre ! Poderei ser Rei por mais mils anos ! (agarrando a Assombração pela roupa) Atênda a porta, está ou vindo ? Que ninguém entre ! (sai).

ASSOMBRAÇÃO: - (à Coruja, que está saindo do relógio) Coitado ! ele pensa que o nôvo rei ainda não chegou ! Quando ele vir você

aqui, vai desmaiar !

CORUJA:- (sentando-se no trono com o cetro na mão) Mas será que eu sou mesmo o nôvo rei que deve chegar ?

ASSOMBRAÇÃO:- Claro ! Quem mais poderia ser se não chegou mais ninguém ?

REIZINHO:- (entra e vai ao relógio e dá três batidinhas) Que horas são, relógio ?

CORUJA:- (do trono) Onze e quarenta e cinco !

REIZINHO:- (contente) Onze e quarenta e cinco ! Faltam quinze minutos apenas ! (De alegria dá um beijo na Coruja) Daqui a quinze minutos, eu renovarei o meu reinado ... (em si, vira-se depressa deparando-se, apenas, com um vulto da Coruja que está acabando de entrar no relógio e fechando-se nele) O que foi isso ?

ASSOMBRAÇÃO:- (ficando na frente do relógio) Nada, Matajesde ! É o Cuco do relógio que veio aqui fora conversar comigo !

REIZINHO:- Cuco de cetro na mão e sentado no trono ?

ASSOMBRAÇÃO:- É um cuco peralta, Matajesde.

REIZINHO:- (muito irritado) Não acredito ! Não era cuco nenhum ! Eu já estava desconfiado mesmo de você ! Eu sabia que você estava conspirando contra mim ! Eu sabia que você havia deixado o nôvo rei entrar aqui ! Eu sabia ! Eu sabia ! Agora ... Oh ! Oh ! (desmaia).

ASSOMBRAÇÃO:- (socorre o rei, dando-lhe batidinhas pelas faces) Matajesde ! Matajesdinha ! Acorde ! Acorde ! Eu explico tudo ! Matajesdinha !

REIZINHO:- (acordando) Ai ! Ai ! Por que você foi fazer isso comigo, Assombração ! Eu que sempre cuidei de você ! Por que ? O (chora).

ASSOMBRAÇÃO:- Mas, Matajesde ! Eu bem que tentei ...

REIZINHO:- Eu quero ver êsse sujeito ! Eu quero vê-lo ! Mande-o sair aqui !

ASSOMBRAÇÃO:- (abrindo a porta do relógio o Rei desembainha sua espada) Matajesde ! Saia daí !

CORUJA:- (saíndo do relógio com pose real) Majestade ! (reverenciando-se)

REIZINHO:- Que bicho é êsse ? (aproximando-se)

CORUJA:- Eu sou o Mestre Coruja Nobreza !

REIZINHO:- Coruja ? (rindo muito) Ho, ho, ho, ... Coruja ! Ho, ho, ho... Quem diria ! Uma coruja querendo ser rei ! Ho, ho, ho ... (batendo nas costas da Assombração) Que susto você me deu ! Uma coruja não me oferece perigo nenhum ! Coruja não pode ser rei ! Ho, ho, ho ...

ASSOMBRAÇÃO:- Não ? Antes assim !

REIZINHO:- (parando de repente) Mas, então o relógio não está funcionando ?

ASSOMBRAÇÃO:- O relógio é o Mestre Coruja, Matajesde ! éle conhece as horas de cor ! Quando V. Matajesde quiser saber as horas, basta perguntar à éle que éle responde certinho, minuto por minuto !

REIZINHO:- É verdade, Mestre Coruja ?

CORUJA:- Sim, Majestade !

REIZINHO:- Então me diga: Que horas são ?

CORUJA:- Onze horas, cincoenta minutos e dez segundos !

REIZINHO:- Ótimo ! Você trabalhará para mim até a meia noite. Será o relógio real do Castelo de Mulumi.

CORUJA:- Sinto-me honrado com tamanha distinção, Majestade ! Um humil de servo as vossas Mordens (reverencia)

REIZINHO:- Bravos ! Uma Coruja realmente inteligente e educada ! Digna de um Rei ! E você Assombração, continue no seu posto de guarda. Que ninguém entre. Esteja atenta e me avise de qual quer coisa. (sai).

CORUJA:- (sentando-se na arca) Eu até já estava gostando da idéia de ser rei ! Mestre Coruja, sua majestade real !

PIRETSIM:- (que está dentro da arca, bate três pandadinhas nela)

CORUJA:- Estão batendo !

ASSOMBRAÇÃO:- Não ouvi nada !.

CORUJA:- Pois eu ouvi ! (corre a por o ouvido à porta).

PIRETSIM:- (repete as batidas dentro da arca).

CORUJA:- Ouviu ?

ASSOMBRAÇÃO:- Pareça-me que ouvi !

CORUJA:- Ouviu sim, umas batidinhas muito leves ! batidinhas delicadas !

ASSOMBRAÇÃO:- Mas ...

CORUJA:- Mas ... ?

ASSOMBRAÇÃO:- Mas não foi na porta.

CORUJA:- Não foi na porta ?

ASSOMBRAÇÃO:- Não. Vamos ouvir outra vez. (esperam em silêncio, bem tenhos)

REIZINHO:- (entrando) Que horas são ?

CORUJA:- e ASSOMBRAÇÃO:- Psiu !

REIZINHO:- O que foi ?

AMBOS:- Estão batendo !

REIZINHO:- Não abra ! Não abra !

ASSOMBRAÇÃO:- Não é na porta !

REIZINHO:- Não é na porta e aonde é ?

CORUJA:- Por ali, assim. Vamos esperar e ver se bate de novo. (ficam os três em expectativa).

REIZINHO:- Vocês estão ouvindo coisas ! Não existem nem ratos mais

neste Castelo ! Como poderiam estar batendo aqui dentro se ninguém entrou ?

ASSOMBRAÇÃO:- Será que é assombração ? Tomara que seja !

CORUJA:- Fique quieta ! Não fale em Assombração ! Du morro de medo disse !

ASSOMBRAÇÃO:- Medo de :Assombração ? É como é que você não tem medo de mim ?

CORUJA:- Você é Assombração por acaso ?

ASSOMBRAÇÃO:- Totalmente !

CORUJA:- Não acredito. Assombração não é assim !

ASSOMBRAÇÃO:- Que jeito que é, então ?

CORUJA:- Não sei. Eu nunca vi. Mas acho que é diferente.

ASSOMBRAÇÃO:- É igulazinho sim. Não tem diferença.

CORUJA:- (ao rei) É verdade que ela é Assombração ?

REIZINHO:- É verdade, sim, mas não importa; diga-me as horas.

CORUJA:- Ass... som...bra...ção de ver...dade ? Oh ! (desmaia).

REIZINHO:- Desmaiou ! Acorde-o Assombração, preciso saber as horas ! Acorde-o !

ASSOMBRAÇÃO:- (batebdo-lhe tapinhas) Acorde, Mestre Coruja ! Acorde ! O Rei quer saber as horas !

CORUJA:- (acordando) Oh, o que se passou ?

REIZINHO:- Que horas são ? Que horas são ?

CORUJA:- A assombração (desmaia de novo).

REIZINHO:- Ai não, Corujinha, Mestre Corujinha, acorde por favor ! (em purrando Assombração) Sai daqui de perto que ele tem medo ! Coruja ! Acorde, por favor !

CORUJA:- (despertando) Oh, oh, oh ...

REIZINHO:- Está acordando, está acordando !

ASSOMBRAÇÃO:- (aproximando-se) Está acordando ?

REIZINHO:- Vai prá lá (Assombração corre e fica espiando de longe). Está melhor Mestre Coruja ? Está melhor ?

CORUJA:- Estou bem. É que eu sofro do coração. Não posso levar autos muito fortes !

REIZINHO:- Que horas são ? Me diga: que horas são ?

CORUJA:- Estou sem relógio ! Majestade !

REIZINHO:- Como, sem relógio ? Você não disse que sabia de cor as horas minuto por minuto ?

CORUJA:- Ah, é verdade ! Com o susto até me esqueci de que eu sabia !

ASSOMBRAÇÃO:- Ele sabe sim !

CORUJA:- Assombração ! (desmaia de novo)

REIZINHO:- (correndo atrás da Assombração com o cetro) Assombração burra vá embora daqui ! Não me volte mais aqui ! (volta para a Coruja) Mestre Coruja ! Mestre Coruja ! Acorde por favor !

Eu preciso saber as horas logo ! Acorde !

CORUJA:- Oh ! Oh ! Oh ... Ai, meu coração !

REIZINHO:- Acalme-se, Mestre Coruja, não tenha medo da Assombração ! Ela é totalmente inofensiva ! Não faz mal a nada ! E além do mais é muito burra ! Agora que está aprendendo a ler ! Não ligue ! Não ligue ! Olhe me diga as horas ! Que horas são, Mestre Coruja ? Diga-me as horas, por favor.

CORUJA:- Agora... ? Agora são onze horas cinquenta e quatro minutos e vinte e sete segundos.

REIZINHO:- Faltam apenas seis minutos para a meia noite ! Estes seis minutos parecerão seis séculos para mim ! Mas eu esperarei. (sai).

ASSOMBRAÇÃO:- (gritando de fora de cena) Mestre Coruja !

CORUJA:- (num susto) Uí ! Quem é ?

ASSOMBRAÇÃO:- Sou eu ! Posso ir aí ?

CORUJA:- Não ! Não gosto de Assombração !

ASSOMBRAÇÃO:- Mas não tenha medo de mim ! Eu ... sou inofensiva !

CORUJA:- Mas assim mesmo não gosto.

ASSOMBRAÇÃO:- Ah, mas deixa !

CORUJA:- Eu ... não quero !

ASSOMBRAÇÃO:- Por favor, Mestre Coruja da Nobreza !. Eu queria ir aí com você !

CORUJA:- Só se você não esbarrar em mim e nem conversar comigo !

ASSOMBRAÇÃO:- Eu não esbarro. E conversar, eu só converso depois que você se acostumar comigo.

CORUJA:- Então venha, mas devagarinho ! Não vá entrar de repente.. (Coruja esconde-se atrás do trono, porém, espiando).

ASSOMBRAÇÃO:- (entra devagar) Oi ! (Coruja encobre-se atrás do trono) (Assombração um tanto sem graça, vai se aproximando do trono, até sentar-se nele. Nisso a Coruja resolve espirar e, ao dar com ela, dá um berro e corre)

CORUJA:- Uai ! (esconde-se atrás da arca).

ASSOMBRAÇÃO:- Mestre Coruja ! Não fuja assim! (coruja vem vindo para a ponta da arca a fim de espiar a Assombração, quando Piretsim abrindo um pouco a arca sem que sua figura seja distinguida pelo público diz)

PIRETSIM:- Olá ! (e fecha-se novamente na arca)

CORUJA:- (sai gritando) Socorro ! Socorro ! Socorro ! (entra rápido no relógio e fecha a porta).

ASSOMBRAÇÃO:- Minha mãe !

REIZINHO:- (entra assustado) O que se passou aqui ?

ASSOMBRAÇÃO:- Eu acho que o Mestre Coruja, não está se sentindo bem !

Está tão assustado !

REIZINHO:- Onde está ele ?

ASSOMBRAÇÃO:- No relógio !

REIZINHO:- (dando três pandadinhas no relógio para perguntar as três horas) Que horas são relógio ?

CORUJA:- (assustando-se sai do relógio e pula no Rei que o retém suspenso em seus braços) Socorro ! (desmaia).

REIZINHO:- (Colocando-a no chão) Ai, meu Deus demaiou de novo ! Eu queria saber as horas ! (senta-se no trono teistonho) Devem faltar uns três minutos ou quatro !

ASSOMBRAÇÃO:- Mais ou menos, Majestade.

REIZINHO:- Você não aprende mesmo, Assombração. Não é majestade é matizes ... (em si) Como foi que você disse ?

ASSOMBRAÇÃO:- Majestade.

REIZINHO:- Repita de novo bem devagar !

ASSOMBRAÇÃO:- Majestade !

REIZINHO:- Você aprendeu assombração.

ASSOMBRAÇÃO:- Aprendi.

REIZINHO:- Que grande satisfação você está dando !

ASSOMBRAÇÃO:- A Babá bebeu a barba do bode. Baba, ba; bebeu, beu; barba; arba; bode, ode ...

REIZINHO:- Bravos !

ASSOMBRAÇÃO:- O Rato roeu a rica roupa do rei de Roma.

REIZINHO:- Viva !

ASSOMBRAÇÃO:- Para pegar pombos precisa por pão !

REIZINHO:- Maravilhoso ! (abraça Assombração freneticamente entusiasmado) Maravilhoso ! Maravilhoso ! Hoje é um grande dia para mim, Assombração. O meu trabalho de mil anos coroado de pleno êxito ! Isto é uma recompensa !

PIRETSIM:- (aparecendo de dentro da arca) Vossa Majestade foi um herói !

REIZINHO:- Obrigado ! (em si) Quem foi que falou ?

ASSOMBRAÇÃO:- (vendo Piretsim) Piretsim !

REIZINHO:- Piretsim ! Você está aqui ?

PIRETSIM:- Sim, Majestade. Eu não fui embora. Apenas me escondi. Eu queria ir, mas, na hora não tive coragem. Eu vi que gostava muito de vocês, e deste Castelo velho de Mulumí.

REIZINHO:- (abraçando Piretsim) Meu bom amigo ! Que grande satisfação ! Estou feliz por você e pela Assombração ! Muito obrigado a vocês dois ! Muito obrigado mesmo (chora).

PIRETSIM:- V. Majestade foi um grande rei. A maior virtude do homem é a perseverança, a paciência, V. Majestade sempre teve essa virtude. A grande prova foi a educação que conseguiu dar a

uma assombração. Ensinou-a a ler e transformou em um ser inteligente como nós. Nenhum grande rei conseguiu isso. Só V. Majestade ! Nenhum rei seria capaz disso ! Só V. Majestade ! Meus parabens Majestade !

REIZINHO:- Obrigado Piretsim ! Você realmente me comove ! Está me dando a maior felicidade da minha longa vida ! Muito obrigado, Piretsim (abraça-o) Estou muito feliz por você Assombração (abraça-a) Sinto-me orgulhoso por você, sinceramente.

ASSOMBRAÇÃO:- Eu lhe agradeço muito, Majestade.

REIZINHO:- (sentando-se em seu trono passativo) Agora me preocupe o que terei para fazer durante mais mil anos de reinado se eu continuar sendo rei ? Creio que nada terei a fazer ! Será um reinado monótono eu sei ! Sabe, Piretsim, eu... acho que não pretendo continuar sendo Rei. Acho que... vou permitir que o novo rei chegue (tira a coroa, o manto e o cetro entrega-o a Piretsim) Guarde tudo isso lá na torre, junto com as coroas, mantos e cetros dos reis anteriores.

PIRETSIM:- Sim, Majestade (vai para a escada)

REIZINHO:- E você Assombração traga-me o cofre, aquele que você foi buscar na torre. (assombração vai buscar). (O rei levanta-se abre a porta do castelo bem aberta e diz) Que entre o novo rei, que será recebido de braços abertos por todos nós ! Que entre aquele que será o novo Rei de Mulumi !. Que entre aquele que será o novo rei de Mulumi !

CORUJA:- (acordando) Oh ! Oh !, Oh !

REIZINHO:- (dando sua mão para ajudar mestre Coruja a levantar-se) Mestre Coruja !

CORUJA:- (levantando-se) Obrigado, Majestade.

ASSOMBRAÇÃO:- Aqui está, Majestade. (entrega o cofre ao rei)

REIZINHO:- Que horas são, Mestre Coruja ? (Piretsim começa a subir os degraus da escada para guardar os apetrechos que o rei lhe entregou)

CORUJA:- Onze horas, cinquenta e nove minutos, cinquenta e cinco segundos.

REIZINHO:- Já vai dar meia noite... e ... o novo rei não chegou ainda... Será que a inscrição da torre não tem valor. (Ouvem-se as doze badaladas da mala noite, fortes, que chegam de não muito longe).

CORUJA:- O que é isso ?

REIZINHO:- O sino da torre dando meia noite, depois de mil anos de reinado, indicando a substituição do rei, pelo novo rei!

OS QUATRO:- Mas e o Rei ? !

REIZINHO:- (abrindo o cofre com a chave) Neste cofre está o segredo sobre o novo rei. Vamos ver o que diz. (aberto lê em uma placa metálica. Ao concluir a leitura sua expressão muda devagar, volta-se para Piretsim que está parado no topo da escada, esperando o desenvolver dos acontecimentos, e diz-lhe) O novo Rei do Castelo de Mulumi é o menino Piretsim ! É você o novo rei Piretsim !

ASSOMBRAÇÃO:- Piretsim ... o novo Rei ?

CORUJA:- O menino ?!

REIZINHO:- Sim, o menino ! O menino sábio e bondoso que saberá fazer de Mulumi um grande reino ! Será um poderoso rei a quem eu terei imensa satisfação de servir. (toca bonita música e a escadaria se ilumina toda e Piretsim desce-a devagar, com a coroa na cabeça, a manta real às costas e com o cetro na mão, sob os aplausos do Rei, da Coruja e da Assombração)

~~XXXXXXXXXXXX~~

OS VRÉS:- (gritam) Viva o Rei ! Viva o rei ! Viva o Rei !

PIRETSIM:- (já no sopé da escada diz) Farei tudo para ser um rei tão capaz como o senhor foi. O senhor será meu ministro conselheiro ! Mestre Coruja da Nobreza continuará sendo o Relógio Real do Castelo de Mulumi e a Assombração será meu Pagem Real. (A música que Piretsim cantou no início volta a tocar, numa bela movimentação, cantam)

TODOS:- "Esta estória termina aqui
do Castelo de Mulumi
o Rei velho saiu assim
e chegou Piretsim
o Rei velho mil anos reinou
e Piretsim começou "

PIRETSIM:- E mil anos reinarei !

TODOS:- (menos Piretsim) Viva o Rei ! Viva o Rei ! Y

Salve o Rei !

Salve o Rei !

Salve o Rei !

FIM DA PEÇA



TÍTULO O CASTELO DE MULUMI

PARECER

LIBERÉ - S. Teatro
na forma do parecer

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Em 09/02/1972

No velho castelo de Mulumi, o rei estava muito agitado, pois exatamente naquele dia, que completava mil anos de seu reinado, cumprir-se-ia a determinação de que outro assumiria o seu posto. Durante todo o desenrolar da peça, o rei mais seus dois súditos permanecem alertas, na tentativa de evitar tal acontecimento. Porém, no último instante, o reizinho muda de opinião e é com grande felicidade que passa a corôa para o menino Piretsim, que, por anos a fio, o servira humildemente.

Trata-se de peça infantil, enaltecendo as virtudes humanas, no sentido da humildade, perseverança e obediência. Nada tenho a opor quanto a sua liberação, com a classificação LIVRE.

Brasília, 02 de fevereiro de 1972

Mrs. Pinhati

M^{re} das Graças *Pinhati*
cart. 044



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p. III 107
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 092
Data 10.02.72

Do **Chefe da Seção de Censura do SCDP**
Para **Sr. Chefe da TCDP/DR/DPF/SP**
Assunto: **Providências - Solicita -**

Senhor Chefe:

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido ao ensaio geral da peça abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação - ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acordo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: O CASTELO DE MULUMI

Autor: JURANDIR PEREIRA

Intrs: TEATRO "PASÁRGADA"

Endrç: R. LOURDES, 685, SÃO CAETANO DO SUL / SP.

Atenciosamente,

PAULO LEITE DE LACERDA
Ch.Subst. da S/Censura



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p. 112

101

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4.631/72

PEÇA " O CASTELO DE MULUMI "

ORIGINAL DE JURANDYR PEREIRA

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 07 de FEVEREIRO de 19 77

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 07 de FEVEREIRO de 19 72

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

ROGÉRIO NUNES



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p.114

NÚCLEO EXPRESSÃO PRODUÇÕES S/C

Rua Minas Bogasian, 137 — Osasco — São Paulo

C. G. C. 44.318.327/001

MUNICÍPIO 37-52-28-A

MJ-DPF-SRA/BSE

103
18 AGO 1973 045134

RECEBIDO POR

Ilmo. Sr. Dr. ROGÉRIO NUNES
Chefe de Serviço de Censura de Diversões Públicas
Brasília. D.F.

02
[Handwritten signature]

NÚCLEO EXPRESSÃO Produções S/C, situado a R. Minas Bogasian 137, Osasco SP., vem mui respeitosamente solicitar de V.Sa., se digne mandar censurar a peça de teatro infantil "O Castelo de Mulumi", de autoria de Jurandyr Pereira.

N. Termos
P. Deferimento

Osasco, 13 de agosto de 1973

[Handwritten signature: Ricardo Dias]
NÚCLEO EXPRESSÃO Produções

Ricardo Dias



NÚCLEO EXPRESSÃO PRODUÇÕES S/C

Rua Minas Bogasian, 137 — Osasco — São Paulo

C. G. C. 44.318.327/001

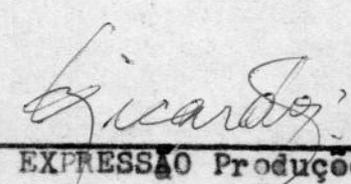
MUNICÍPIO 37-52-28-A

Ilmo. Sr. Dr. ROGÉRIO NUNES
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Brasília. D.F.

NÚCLEO EXPRESSÃO Produções S/C, situado a
R. Minas Bogasian 137, Osasco SP., vem mui respeitosa-
mente solicitar de V.Sa., se digne mandar censurar a peça de
teatro infantil "O Castelo de Mulumi", de autoria de Ju-
randyr Pereira.

N. Termes
P. Defurimento

Osasco, 13 de agosto de 1973


NÚCLEO EXPRESSÃO Produções

Ricardo Dias



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

105
/

[Handwritten signature]

SÃO PAULO

~~Rio de Janeiro~~, 10 de AGOSTO de 19 73

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

MINISTÉRIO DA POLÍCIA FEDERAL
BR-SÃO PAULO

10 AGO 15 54 73 30513

RECEBIDO POR:

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"O CASTELO DE MULEMI"

DE: JURANDIR PEREIRA

próxima apresentação da NUCLEO EXPRESSÃO PRODUÇÕES S/C.

no Teatro SALÃO NOBRE DO PASSO MUNI-
CIPAL - OSASCO
com estréia marcada para o dia _____

Sem outro assunto, subscrevo-me em sua maior
consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA
DE AUTORES TEATRAIS
10 AGO 1973
SUCURSAL SÃO PAULO
Djalma Bittencouri
Superintendente

TEATRO

TÍTULO O CASTELO DE MULUMI

1) S. ARQUIVO *atras*

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior LIVRE

Praça SÃO PAULO

Obs.: _____

DF. 19/8/73

[Signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor:

De acordo com o parecer 6789/73 - Livre - 28/8/73.

[Signature]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura Celia

Técnico de Censura -

Técnico de Censura -

Data para Exame de 22/08/73 a 24/08/73

DF. 21/08/73

[Signature]
Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 6789/73 - Livre - sem condições, em tratamento, ao uso geral. Anota - e os certificados com validade até 07.02.77

[Signature]
S. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe de SCTC-SC/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 28/8/73

[Signature]
Rogério Nunes



107
[assinatura]

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 6789/73

Título: " O CASTELO DE MULUMI " - AUTOR - JURANDIR PEREIRA

Classificação Etária: LIVRE

Espécie: PEÇA TEATRAL Com cortes: NÃO

Boa Qualidade: - - - Livre P/Exportação: - - -

Dublado: - - - Legendado: - - -

Vedada a Exploração Comercial: NÃO

Cenas: CONDICIONADAS AO ENSAIOGERAL .

Época: IMAGINÁRIA Gênero: COMÉDIA

Linguagem: INFANTIL

Tema: ENTRETENIMENTO

Personagem: HONESTOS , OBDIENTES , PERSEVERANTES, AMIGOS .

Mensagem: POSITIVA

Enredo: CONFRONTO

1 - Cortes: NÃO HÁ .

2 - Conclusão: PEÇA EXAMINADA VÁRIAS VEZES POR ESSE DEPARTAMENTO . CONFRONTANDO O " SCRIPT " COM OUTRO ANTERIOR ~~CONSTATEI~~ QUE NÃO HÁ NENHUMA ALTERAÇÃO ? ~~SUGIRO~~ A LIBERAÇÃO COM A MESMA CHANCELA ANTERIOR .

BRASÍLIA , 24 DE AGOSTO DE 1973 .

[assinatura]
MARIA CÉLIA DA COSTA

108

774/73-SOTC/SC/DODF

27/agosto

3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - SÃO PAULO

" O CASTELO DE MIJUMI "

" JURANDYR PEREIRA "

SUPERINTENDENTE:

OSASCO/SP.

FVAN/fm.

163

105

Do tecnico de censura: Maria Sylvia Barretto Nogueira
Ao Ilmo. Sr. Chefe do SCDP/DR/SP.

Departamento da Policia Federal
Censura Federal

1) De acordo com o parecer do Censor
2) Em cumprimento a
Brasil
Pol. Marcilio Nogueira

Sr. Chefe:

Assisti

Assisti ao ensaio geral da peça "Castelo de Mulumi" de Jurandyr Pereira no teatro da Prefeitura de Osasco as 15 horas do dia 14 de Setembro de 1973.

Trata-se de uma peça infantil em 1 ato com aproximadamente 50 minutos de duração.

Toda a peça gira em torno de um rei que aos mil anos será substituído.

O texto foi obedecido na intraga. ✓

O cenário consta de um velho castelo com 2 portas grandes de madeira ao fundo, destinado a entrada e saída dos personagens que são: O rei, o arrumador do castelo, a assombração, e mestre coruja.

Um alto trono do centro com escadarias em degraus; um relógio de pendulo marcando uma hora, a direita; uma caminha do arrumador do castelo à direita; uma arca a esquerda.

Todos estão vestidos à moda dos tempos dos antigos reinados; o rei com calção e camisa de cor maravilhosa e um manto florido, cetro e coroa; a assombração usa um camisolão branco cheio de pontas, que em nada assusta as crianças. Aquele faz a tônica da peça por sua movimentação e interesse em aprender a ler; o arrumador veste uma malha azul e um gorro da mesma cor.; a coruja veste uma malha preta com enormes asas.

Nada há que impeça a entrega do certificado com a impropriedade arbitrada por Brasília. ✓

Atenciosamente

M. S. Barretto Nogueira
Técnica nº 333

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

0246, p 121

O CASTELO DE MULUMI

JURANDYR PEREIRA

NÚCLEO EXPRESSÃO PRODUÇÕES S/C - SP

RICARDO DIAS

24 . AGOSTO

73

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DE SEU " SCRIPT " DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCOP.

20

AGOSTO

73

LIVRE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p. 122
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

017/73

O CASTELO DE NULUMI

JURANDYR PEREIRA

07

FEVEREIRO

77

28

AGOSTO

73

LIVRE

Roberto Nunes
ROBERTO NUNES

120

Ilmo. SR. CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

DPF - SRA/BSB

BRASILIA

23 MAI 10 13 74 030701

RECEBIDO POR

EU Edvaldo Gama da Silva

Residente a Rua (Av.) Rua Paulo

N.º 167 Apfo.

Estado Civil Solteiro

venho mui respeitosamente requerer á Vv. Ss. que se digne mandar censurar

a Peça: O castelo DE Muluani

Autoria de: Jurandyr Pereira

Trad. (Adap.)

Que será representada a partir do dia 15 julho 1974

na Cidade Guarulhos Estado São Paulo

pelo Grupo ou Empresa Grm - 9 Teatral Ltda

com Cobrança de Ingressos.

Junto segue 3 (Três) cópias do Texto.

& Autorização da SBAT N.º

Nos referidos termos

D. deferimento

Edvaldo Gama da Silva



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

113/10

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

São Paulo

~~Rio de Janeiro~~, 21 de Maio de 1974

Handwritten initials and a signature.

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"O CASTELO DE MULUMI"

DE: JURANDYR PEREIRA

próxima apresentação da GRU - 9 TEATRAL LTDA.

no Teatro da cidade de Guarulhos
com estréia marcada para o dia 15 de Julho de 1974

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior
consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES
21 MAI 1974
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto: Djalma Bittencourt
Superintendente

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

TEATRO

TÍTULO O CASTELO DE MULUMI

114

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem

Clas. Anterior LIVRE

Praça GUARULHOS-SP

Obs.: _____

DF. 24/5/74

[Handwritten signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

[Handwritten signature]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Emita-se os certificados na forma da Portaria nº 15.827/74, condicionados, todavia, ao exame do processo geral.

[Handwritten signature]
F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-S/DCDF

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 21/06/74

[Handwritten signature]
Wilson de Queiroz Garcia



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASÍLIA, D. F.

115
~~08~~
A
15227/44

.....

Em

Do

Ao

Assunto: Confronto dos textos da peça teatral "O CASTELO DE MULIMI",
de Jurandir Pereira.

Analisando os textos da peça teatral "O CASTELO DE MULIMI", de autoria de Jurandir Pereira, constatei que existem diferenças muito pequenas entre um e outro script, nada impedindo que possam ser considerados idênticos em todos os seus aspectos.

Tratando-se de peça infantil, de utilidade para o aprimoramento da educação das crianças e até mesmo para despertar o gosto pelo teatro, opino pela manutenção da classificação anterior, ou seja, LIVRE, conforme certificados ainda em vigor.

Brasília, 31 de maio de 1974.

L. Fernando
L. Fernando

Técnico de Censura

116
~~_____~~

359/74 - SCTC/SC/DCDP

3. junho

4

Superintendente Regional do DPF - SÃO PAULO

" O CASTELO DE MULUMI "

" JURANDIR PEREIRA "

Superintendente:

GUARULHOS/SP.

FVAN/fnn.



119

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

FICHA DO
S. A. DCDP

De ordem
ao arquivo
em 130175

São Paulo,
~~Rio de Janeiro~~, 8 de Janeiro de 1975

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

MJ-DPF SR/SP

-8 JAN 14 1975 00724

Saudações

RECEBIDO POR: _____

SRA/FICHA DO

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

"O CASTELO DE MULUMI"

DE: JURANDYR PEREIRA

próxima apresentação da MOVIMENTO INTEGRADO DE TEATRO OBJETIVO

no Teatro SEC DE CAMPINAS

com estréia marcada para o dia MÊS DE FEVEREIRO de 1975.

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA
DE AUTORES TEATRAIS
★ Djalma Brito Curt Superintendente ★
SUCURSAL SÃO PAULO
A isto: Luiz Augusto Gomes

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE
APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA
EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

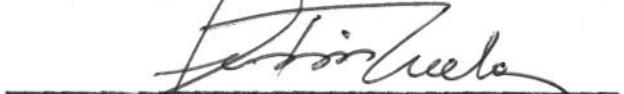
120
~~120~~

AO DEPARTAMENTO DE CENSURA E POLÍCIA FEDERAL
BRASÍLIA.

Ku.
2hr

O MITO - MOVIMENTO INTEGRADO DE TEATRO OBJETIVO, por seu representante abaixo assinado, solicita desse departamento a censura da peça infantil "O CASTELO DE MULUMI", de Jurandyr Pereira, para o que junta, em anexo, 4 (quatro) vias do respectivo texto e a autorização da SBAT.

Campinas, 08 de janeiro de 1.975


FRANCISCO FRIAS NETO

ENDERÊÇO P/ CORRESPONDÊNCIA:
Av. Heitor Penteado, 457 - Campinas
fone 9-5263

TEATRO

TITULO O Castelo de Mulhomi

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordemClas. Anterior LivrePraça São Paulo

Obs.:

DF. 14/01/75[Signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer n.º 709-75.1 A Ltr. para emitir certificado liberando a peça com a chancela de Livre, sem cortes, mas condicionada ao exame do ensaio geral.2 A consideração do Sr. chefe do SC. Em 3-02-75[Signature]
Floraldo de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres/SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 04/02/75[Signature]
Rogério Nunes

PARECER Nº 709 / 75 122TÍTULO: O CASTELO DE MULUMI.Autor: Jurandyr Pereira.CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE.

Procedi à comparação do texto ora encaminhado pelo Movimento Integrado de Teatro Objetivo com o script constante em nossos arquivos, devendo o mesmo ser liberado sem restrições etárias por conservar as mesmas características do anterior, com absoluta fidelidade de transcrição.

Brasília, 30 de Janeiro de 1975.


DALMO PAIXÃO

071/75-SOTC/SC/DODP

03, FEV

5

Superintendente Regional do DDF em São Paulo-SR/SP

"O CASTELO DE MULUMI"

Jurandyr Pereira

Superintendente:

São Paulo-SP

O CASTELO DE MULUMI

JURANOVA PEREIRA

017/75

MOVIMENTO INTEGRADO DE TEATRO OBJETIVO - BR - O CASTELO DE MULUMI

L. V. R. E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL

JURANOVA PEREIRA
PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DGP.

04 FEVEREIRO 80
REQUERER FRANCISCO F. NETO

04 FEVEREIRO 75

ROGERIO NUNES

LIVRE

MARCEL FRANCISCA G. GUIDO

: O CASTELO DE MULUMI

: JURANDYR PEREIRA

: MOVIMENTO INTEGRADO DE TEATRO OBJETIVO - SP -

30 JANEIRO 75

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O

PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: FRANCISCO F. NETO

[Handwritten signature]
04 FEVEREIRO 75

[Handwritten signature]
MANDEL FRANCISCO C. GUIDO - 357

Ilmo. Sr. Chefe de Serviço de Diversões Públicas
Superintendencia Regional do DPF no Amazonas

O Grupo de Teatro "LABORATÓRIO" de categoria amador, solicita exame censó-
rio da peça teatral "O CASTELO DE MULUMI" (infantil) de autor anonimo e tradução de
Jurandir Pereira. Para ser encenada na segunda quinzena do mes de julho. Para tanto
seguem tres vias do referido texto.

Manaus, 23 de junho de 1976

Atenciosamente.

Raimundo Nonato Tavares Ramos
Raimundo Nonato Tavares Ramos

TEATRO

TÍTULO O Castelo Apuluanu

Jurandir Pereira

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior livre

Praca AM

Obs.: _____

DF. 13/07/79


Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p.138

PARECER Nº 4443 / 76

TÍTULO: "O CASTELO DE MULUMI" (peça teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEVOLUÇÃO

AUTOR: JURANDIR PEREIRA

Devolvemos a presente peça, por apresentar várias páginas com rasuras, que impossibilitam a leitura do texto. Sugerimos, que seja pedida outra cópia mais legível.

Brasília, 10 agosto de 1976

Solange
Solange Vaz dos Santos

10/08/76

749/76-SCTC/SC/DCDP

- : Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
- : Sr. Superintendente Regional do DPF no Amazonas

Informação (faz)

Ref. Of. nº 1045/76-SCDP-SR/AM

Senhor Superintendente:

Em atenção ao ofício em referência, informamos a V.Sa. que a peça teatral intitulada "O CASTELO DE / MULUMI" de Jurandir Pereira, deixou de ser examinada por esta Divisão de Censura, em virtude de conter rasuras que impossibilitam a leitura do texto.

Outrossim, solicitamos o envio de / "scripts" em condições de exame.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa. proqtestos de estima e consideração.

CAF
PI ROGÉRIO NUNES
Diretor/DCDP

BOF FICHA DO



SIA/BSB

UNGO 1420 031280



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
RECEBIDO POR
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

OF.

Em, 09 de agosto de 1976.

Nº.4659/76-SCDP/SR/SP

Senhor Diretor

*Woe ord...
a SC
11/8/76
FICHA DO
S.A. DCDP*

*A SC...
para as...
leis...
11/8/76
C...
Diretor de...
Dir. de...
SUBSTITUTO*

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/76/DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "POP, A GAROTA LEGAL" original de Ronaldo Ciambroni, "EU, CRISTINA CONFESSE" ou "DEIXEM OS CÃES LADRAREM" original de Newton Martins, "MORTE LENTA" original de Marlei Cunha, "LOCOMOC E MILIPILI" original de Rainer Hachfeld e Volker Ludwig, "PAGINE MIDIPA" original de Jair Antonio Alves, "O CASTELO DE MULUMI" original de J.Pereira, "OS RATOS DE UM CERTO BUEIRO CHAMADO METROPOLE" original de José Luiz da Silva, "ALVINHO DA MIRA" original de Bene Rodrigues, "DESTINO MARCADO" original de Izaira das Dores Luizadora, "GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA" original de Antonio José da Silva, "NOVO OTELO" original de Joaquim M. de Macedo, "AS CORRENTES DO ORIENTE" original de Tide N.Pinto.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

Jose Vieira
JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

B R A S I L I A / D F .

Campinas, 20 de julho de 1.976

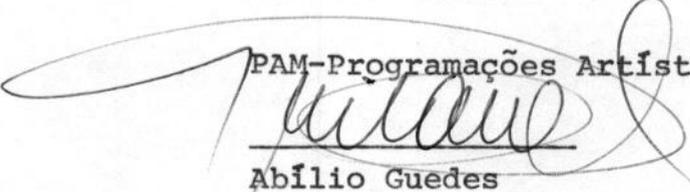
À
Divisão de Censura e Diversões
Publica Policia Federal
São Paulo

PAM-Programações Artísticas, pelo presente
solicita de V.Sas., censura do texto de Jurandyr Pereira
"O CASTELO DE MULUMI".

Para tanto, encaminha em anexo, os textos
correspondentes e a autorização para montagem da SBAT.

Sem mais, com nossos agradecimentos antecipados
ao ensejo, com protestos de consideração e apreço,
subscrevemo-nos,

Atenciosamente


PAM-Programações Artísticas

Abílio Guedes

Presidente

PAM-Programações Artísticas
Av. Faria Lima, nº 10
Fone: 8-5105 (R.202) 41-2320
13.100 - Campinas - SP-

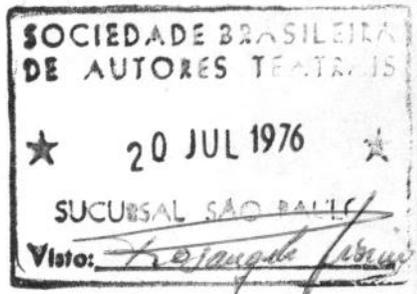
O CASTELO DE MULUMI

de Jurandyr Pereira

Peça infantil em dois atos

PERSONAGENS:

(por ordem de entrada em cena)
PIRETSIM - (o arrumador do Castelo)
ASSOMBRAÇÃO - (a aluna do Reizinho)
REIZINHO - (de mil anos de idade)
MESTRE CORUJA - (o Relógio Real)



CENÁRIO:

Salão do trono de um velhíssimo castelo. Escadaria de oito degraus que sobe do centro ao fundo. Porta grande, de madeira, estilosa, à direita. Uma arca à esquerda da porta, que caiba alguém dentro.
Um alto e estiloso trono à esquerda. Um relógio de pêndulo, marcando uma hora, à direita, e que caiba alguém dentro com porta, portanto. Uma caminha - para Piretsim.
Saídas pelos dois lados do palco. Maiores caracterizações, a gosto.

PRIMEIRO ATO

CENA - (Piretsim dorme tranquilamente em sua caminha. Entra Assombração, muito estabonada, com sua cartilha nas mãos)

ASSOMBRAÇÃO - (Lendo a cartilha) A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá; bebeu, beu; barba, arba, bode, ode. (Fecha a cartilha e experimenta falar de cor) Bebeu a borba do - bade... Ah, eu não consigo decorar isto! (Sai lendo) A babá bebeu a barba do bode. Babá-, bá...

REIZINHO - (Entra com uma caçarola e bate nela com uma concha, seis vezes) Seis horas! (Vê que Piretsim não se mexeu) Piretsim! Seis horas! "A noite agora mesmo sumiu, O dia já amanheceu
O Sol agora mesmo surgiu
E a caçarola seis horas bateu."
(Olha a ver, se Piretsim acordou, mas, como continua imóvel, irrita-se e grita) Piretsim!

PIRETSIM - (Mal acordando) Já sei, Majestade! A noite agora - mesmo sumiu, o dia já amanheceu.... (Dorme de novo)

REIZINHO - E o que mais? (Grita) Piretsim!

PIRETSIM - (Erguendo a cabeça) O que foi? A noite agora mesmo amanheceu, o dia já sumiu... (Dorme)

REIZINHO - Piretsim!

PIRETSIM - Eu já falei, Majestade!

REIZINHO - Falou tudo errado! É sinal de que você ainda não despertou direito! Desperte logo e trate de fazer o serviço que precisa!

- PIRETSIM - Sei. (Dorme)
- REIZINHO - (Indo até êle, desocbre-o) Piretsim!
- PIRETSIM - (Encolhendo e procurando a cobertura de olhos fechados) Aí, que frio!
- REIZINHO - Sente-se e diga os versos.
- ASSOMBRAÇÃO - (Entrando) Quer que eu diga?
- REIZINHO - Não se Mêta! Deocre as lições.
- ASSOMBRAÇÃO - Deixe-me dizer, só para ver se eu deocrei! Posso, Matajesde?
- REIZINHO - Matajesde não, eu já disse! É Majestade!
- ASSOMBRAÇÃO - Eu sei, eu sei! Eu que me enganei agora. Escute os versos: O Sol já bateu seis horas, a caçarolar já amanheceu, o dia sumiu agora mesmo e... e ninguém achou!
- REIZINHO - Cale a bôca, Assombração!
- PIRETSIM - Sei.
- REIZINHO - (A Piretsim) Não é com você! Você faça o favor de falar os versos direitinho e levantar-se, preguiçoso! (Gritando) Piretsim!
- PIRETSIM - (Senta-se na cama e diz bem rápido) "A noite agora mesmo sumiu
O dia já amanheceu
O Sol agora mesmo surgiu
E a caçarola seis horas bateu"
(Apanha a cobertura e, cobrindo-se deita-se e dorme)
- ASSOMBRAÇÃO - O Sol já bateu seis horas a caçarola já sumiu...
- REIZINHO - Cale-se!
- ASSOMBRAÇÃO - Matajesde!
- ASSOMBRAÇÃO - Majestade!
- REIZINHO - Majestade não, Assombração burra! Majestade! Majestade!
- ASSOMBRAÇÃO - Olhe, Majestade: ontem eu cacei um vala-gume mas êle amanheceu morto!
- REIZINHO - Pois agora coma-o! (Vem para Piretsim) Pi-re-TSIM!
- ASSOMBRAÇÃO - Saúde! (Rei vira-se bastante irritado olhando para Assombração e esta, sem jeito, come o vaga-lume)
- REIZINHO - Piretsim! (Piretsim repentinamente levanta-se com a cobertura nas costas e caminha. Reizinho acompanha-e falando) Porque você me dá tanto trabalho, Piretsim? Eu grito, eu chamo, eu quase morro de tanto falar e você... dormindo! (piretsim terminando a sua volta pelo palco, deita-se e, cobrindo-se, dorme de novo) Piretsim!
- PIRETSIM - (Senta-se na beirada da cama) Bom dia, Majestade!
- ASSOMBRAÇÃO - Bom dia, Matajesde!
- REIZINHO - Ai, não! Eu fico maluco neste castelo! Ainda bem que hoje será o fim! (Sai de cena)
- ASSOMBRAÇÃO - (Sai de cena lendo o livro) A babá bebeu a barba do bode...

PIRETSIM - (Conclui um longo bocejo) Ai! Todos os dias a mesma coisa! É tão gostoso dormir de manhã! Ai! Esse rei me amola! Qualquer hora eu vou embora daqui! Eu não tenho direito de dormir! Todos os dias bem cedo a danada dessa caçarola vem: bem, bem, bem, bem, bem, bem, ... acordar a gente, e eu sou obrigado a pegar a vassoura e... (Toca deliciosa música que dê para os versos que se seguem e, Piretsim, varrendo, vai cantando)

É varre tudo bem varridinho
 Para tudo ficar bem limpinho!
 O Reizinho está tão zangado,
 Eu me levantei atrasado!
 Pego tôda esta sujeira
 E jogo dentro da lareira!
 E a vassoura vou guardar
 Sempre no mesmo lugar.
 A lareira eu vou acender
 E vai aquecer
 A sala para nós
 Que aqui vivemos sós
 Assombração, Piretsim
 E um rei que bate em mim!
 Deixe-me trabalhar!
 Se o rei chegar
 Pega o chinelo
 E me toca do castelo.
 (Pegando o espanador)
 Com isto vou espanando aqui,
 Com isto vou espanando ali.
 Quanto pó está saindo
 Eu já estou quase tossindo!
 É um serviço tão grosseiro
 Éste de ser faxineiro!
 Uma hora eu largo tudo
 Pego as coisas e me mudo.
 (Sentando-se no trono)
 Aguentar eu já não posso mais!
 Trabalhodemais!
 Levanto-me bem cedo,
 Já vem o Rei azêdo
 Dizer: "Não quero assim!
 Venha cá Piretsim!
 Pegue isto aqui
 E ponha ali
 E aquilo lá
 Traga tudo para cá!
 Se eu fôsse rei de Mulumi
 Pintava tudo isto aqui
 Trocava o trono que é feinho
 Por outro mais bonitinho
 Mas se a gente é ninguém
 Se contenta com o que tem!
 Mas eu já estou enjoado
 De viver tão desprezado.
 (Suspira) Ai! Se eu pudesse ser rei!

REIZINHO - (Entrando) Piretsim! Tudo pronto

PIRETSIM - Sim, Majestade.

REIZINHO - Então vamos à aula para a Assombração, que depois eu e voce vamos à lição de esgrima.

- PIRETSIM - Ah, Majestade! Não podemos deixar a aula da Assombração para depois?
- REIZINHO - Não, não, não. Agora mesmo.
- ASSOMBRAÇÃO - (Atravessa o palco lendo) A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá; bebeu, beu; barba, arba; - bode, ode... (Sai)
- PIRETSIM - Essa Assombração é tão burra, Majestade! Não aprende nada!
- REIZINHO - Ao menos aprendeu a ler. Já é alguma coisa.
- PIRETSIM - Mas levou quase mil anos!
- REIZINHO - Pois então! O mais difícil eu já fiz! Agora que já sabe ler, o resto vai mais depressa! Precisa ter paciência, Piretsim! Veja quanta paciência que eu tive, ensinando-a durante mil anos! (Caminhando) Mil anos! Hoje eu completo mil anos!
- PIRETSIM - Parabéns, Majestade!
- REIZINHO - Obrigado, menino!
- PIRETSIM - V. Majestade é exatamente novecentos e noventa anos mais velho do que eu,
- REIZINHO - É verdade! Você é mais nôvo do que eu! Bem mais nôvo!
- PIRETSIM - V. Majestade deve estar feliz por haver durado tanto!
- REIZINHO - Feliz até hoje.
- PIRETSIM - Por que até hoje, Majestade?
- REIZINHO - Por nada. Não lhe interessa. Vamos as lições. Piretsim. Você e Assombração são os únicos súditos que eu tenho e quero-os bem capazes.
- PIRETSIM - Mas, por que devo aprender esgrima, Majestade?
- REIZINHO - Para ajudar-me a defender o Castelo contra o inimigo!
- PIRETSIM - Que inimigo?
- REIZINHO - O inimigo, ora essa! O inimigo!
- PIRETSIM - Durante mil anos nunca apareceu inimigo algum! Por que apareceria agora?
- REIZINHO - Hoje vai aparecer o inimigo que eu espero durante mil anos!
- PIRETSIM - E quem será êle?
- REIZINHO - Não sei quem será. A inscrição da tôrre do castelo, ah...
- PIRETSIM - (Interessado) Inscrição da tôrre do castelo?!
- REIZINHO - Você se interessa pelo que não deve, Piretsim! Esqueça isso e vamos a aula com a Assombração. Chame-a. (Sai de cena)
- PIRETSIM - (Pensando) Inscrição da tôrre! Por isso que êle - nunca me deixou entrar na tôrre. Fechou a porta da torre com um enorme cadeado e escondeu a chave!
- ASSOMBRAÇÃO - (Entra experimentando falar a lição da cartilha de cor) O bode bebeu a barba da babá. (Grita entusiasmada) Matajesde! Matajesde! Deocrei! Decorei!

- PIRETSIM - Decorou nada! Está errado!
- ASSOMBRAÇÃO - Decorei sim! Ouça: a barba bebeu a babá do bode!
- PIRETSIM - Está tudo invertido!
- ASSOMBRAÇÃO - Está? Mas.. eu tinha falado de corzinho agora mesmo! Espere: a barba da babá hebeu o bode...
- PIRETSIM - Não! Está errado! É; a boda barbeu a beba do bobeu.. Não, não, não! Não é assim! Você até me atrapalha! É... É... A babá bebeu a barba do bode!
- ASSOMBRAÇÃO - Mas como isso é difícil! Precisa mesmo decorar?
- PIRETSIM - Claro! Para ver se você fica um pouco mais inteligente! Você precisa aprender a decorar as coisas que ouve ou que lê!
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, mas eu acho que estou tão bem assim como estou!
- PIRETSIM - Assombração: eu preciso que você me ajude.
- ASSOMBRAÇÃO - (Com má vontade) Ajudar?
- PIRETSIM - Não seja preguiçosa! Ouça: se você fizer o que eu quero, eu lhe darei um pacote deste tamanho de - carvões novos, deliciosos!
- ASSOMBRAÇÃO - Dá mesmo?
- PIRETSIM - Prometo que sim. Mas você terá que me ajudar primeiro.
- ASSOMBRAÇÃO - Ajudo. (Pega a vassoura e começa a varrer)
- PIRETSIM - (Tirando-lhe a vassoura e guardando) Não é para - varrer!
- ASSOMBRAÇÃO - (Pega o espanador e começa a espanar) Ah, sei!
- PIRETSIM - (Tirando-lhe o espanador) Não se trata de limpeza, Assombração! Ouça o que eu quero. Sente-se aí. (Ela senta-se) Eu quero que você vá até a torre do castelo e leia uma inscrição que está gravada na parede e depois venha me contar o que leu. Para você será fácil, porque você atravessa portas sem precisar abrir, não é?
- ASSOMBRAÇÃO - Inscrição?! Ah, aquele negócio que está escrito na torre?
- PIRETSIM - É isso mesmo. Você já viu lá?
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, eu vejo todos os dias! Lá é a minha sala de estudos!
- PIRETSIM - E... você se lembra do que leu lá?
- ASSOMBRAÇÃO - Se eu me lembro? Deixa-me ver... Hum! Não me lembro mais.
- PIRETSIM - Você é uma coisa horrorosa, Assombração! Lê todos os dias e não se lembra mais de nada!
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, me lembrei da primeira palavra: é assim: "Quando".
- PIRETSIM - Só isso? Veja se se lembra do resto. Pense um pouco, Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO - (Senta-se com a mão no queixo) Estou pensando.
- PIRETSIM - (Tentando ajudá-la) Quando... Quando...
- ASSOMBRAÇÃO - Quando.... Quando... Não sei mesmo.

- PIRETSIM - Ai, minha mãe, que coisa'. Ouça: vá até lá e leia a outra palavra e venha me dizer. Depois suba e veja a palavra seguinte e volte para me dizer. Assim é mais fácil. Vá.
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, quando eu chegar aqui já me esqueci de nôvo!
- PIRETSIM - Pexoteza!
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, me lembrei de mais duas palavras!
- PIRETSIM - Boa, Assombração! Você é ótima! Diga lá!
- ASSOMBRAÇÃO - Ah! Piretsim: você falou aí e eu me esqueci!
- PIRETSIM - Oh, não!
- ASSOMBRAÇÃO - Não fale! Me lembrei de nôvo! É assim:: "...o.. rei". É isso. "...o rei".
- PIRETSIM - ... o rei! "Quando o rei..."
- ASSOMBRAÇÃO - É isso. "Quando o rei..." O que quer dizer isso?
- PIRETSIM - (Um tanto irritado) Isso? Isso quer dizer: "Quando o rei..."
- ASSOMBRAÇÃO - É?!
- PIRETSIM - Mas você é mesmo pouco inteligente, Assombração! Nunca vi igual! Ouça aqui: precisamos descobrir como é esse negócio direitinho. Eu e você devemos unir para descobrirmos o segredo do rei.
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, me lembrei de outro pedaço!
- PIRETSIM - Qual é?
- ASSOMBRAÇÃO - Pssiu! Não fale comigo agora. Espere. É..." ... mil... anos..." Mil anos!
- PIRETSIM - Mil anos! (Reconstitui) "Quando o rei.. mil anos.." Quando o rei... (Descobrimo) "Completar"! É isso! "Quando o rei completar mil anos..."!
- ASSOMBRAÇÃO - Isso mesmo! "Quando o rei completar mil anos"!
- PIRETSIM - Mas ainda falta a parte mais importante, Assombração! Se esforce, por favor! (Lembrando) O Rei disse que "chegará" o inimigo?
- ASSOMBRAÇÃO - "Chegará"! É isso!
- PIRETSIM - Chegará? (Forma) "Quando o rei completar mil anos chegará..." Chegará o inimigo?
- ASSOMBRAÇÃO - Inimigo? Não. Não é inimigo. Chegará... Chegará... "o nó..." Espere! Quase saiu! "Chegará ... o nôvo"! É isso! Chegará o nôvo!
- PIRETSIM - "Quando o rei completar mil anos chegará o nôvo..." Ai, minha mãe, falta um pedacinho importante!" ... o nôvo... " Nôvo rei, não pode ser.
- ASSOMBRAÇÃO - É isso! "Chegará o nôvo rei".
- PIRETSIM - (Assustado) Chegará o nôvo rei "Quando o rei completar mil anos chegará o nôvo rei"!??
- ASSOMBRAÇÃO - O que quer dizer isso?
- PIRETSIM - Raciocine, Assombração! Preste atenção: "Quando o rei completar mil anos, chegará o nôvo rei!"
- ASSOMBRAÇÃO - Nôvo rei? Que rei nôvo?

- PIRETSIM - Isso é que não sabemos (O Rei entra) Só precisamos saber quem será o novo rei do castelo de Mulu-mi.
- REIZINHO - Piretsim!
- PIRETSIM - (Assustando-se) Pronto, Majestade!
- REIZINHO - Que foi que você disse?
- PIRETSIM - Sinto muito, Majestade! a inscrição da torre do castelo.
- REIZINHO - (Irritado) E como foi que descobriu?
- PIRETSIM - Usando a minha inteligência!
- ASSOMBRAÇÃO - Eu também.
- REIZINHO - (À Assombração, irritado) Você é burra!
- PIRETSIM - Sinto muito, Majestade!
- REIZINHO - (Sentando-se no trono) Que horas são?
- ASSOMBRAÇÃO - Uma hora.
- REIZINHO - Ah, êsse relógio! Há dois anos que é sempre uma hora! Eu sou um rei muito pobre e infeliz! Mil anos de reinado sem nunca fazer nada de importante! Nunca fui herói! Nunca pratiquei um ato de bravura! Nunca matei nada!
- ASSOMBRAÇÃO - Matou sim, Matajesde! Matou um rato!
- REIZINHO - Cale a boca! Matar rato qualquer um mata! Rei mata dragão com a espada!
- ASSOMBRAÇÃO - Puxa, se aqui tivesse um dragão, não, Matajesde? Vossa Matajesde matava ele!
- REIZINHO - E mesmo que tivesse. Eu não teria tempo de matá-lo. Hoje, até a meia-noite, deverá chegar o novo rei, e eu serei súdito de um rei ninguém! Eu não posso permitir isso! Não posso! Piretsim! Feche todas as portas e janelas do castelo. Não permitiremos que o novo rei entre! Se eu conseguir evitar que ele chegue até a meia-noite, estarei salvo! Reinarei por mais mil anos! Feche tudo, Piretsim!
- PIRETSIM - Sim, Majestade. (Sai)
- ASSOMBRAÇÃO - (Abre a cartilha e lê) Para pegar pombos precisa pôr pão. Para, ara; pegar, ar...
- REIZINHO - Não, não! Já estou enjoado de ouvir você ler essas coisas.
- ASSOMBRAÇÃO - Esta aqui é bonitinha, ouça: O rato roeu a rica roupa do rei de Roma. Rato, to..
- REIZINHO - Não me interessa o rei de Roma. O rato fez muito bem em roer a rica roupa do rei de Roma. Leia-me outra coisa.
- ASSOMBRAÇÃO - (Lendo) A cadela comeu a casa do coiote. Cadela, ela; comeu, meu; coiote, ote...
- REIZINHO - Não gosto. Já ouvi essa também. Conte-me uma história alegre.
- ASSOMBRAÇÃO - Lendo?
- REIZINHO - Não. Largue do livro e conte-me uma qualquer.
- ASSOMBRAÇÃO - A borba borbeu o borbo...

- REIZINHO - Não!
- ASSOMBRAÇÃO - A pompa pegou o pão...
- REIZINHO - Não!
- ASSOMBRAÇÃO - O rico ratou o roma do rau...
- REIZINHO - Não!
- ASSOMBRAÇÃO - A casa comeu a cadela do coiote...
- REIZINHO - (Levantando-se) Silêncio!
- ASSOMBRAÇÃO - (Após alguma pausa) Eu conheço uma bonita.
- REIZINHO - Qual?
- ASSOMBRAÇÃO - A do boné do bôbo.
- REIZINHO - (Sentando-se) Não quero.
- ASSOMBRAÇÃO - Quer que eu leia um livro que achei lá no porão?
- REIZINHO - Que livro é?
- ASSOMBRAÇÃO - É... Como é mesmo o nome? É... Me esqueci... Ai, minha mãe! Como é mesmo o nome? Ah, já sei! É: "LITA TESLEFÔNICA"!
- REIZINHO - Um! O nome não me agrada. Não deve ser de aventura. Gosto de estórias de aventuras!
- ASSOMBRAÇÃO - De aventuras?
- REIZINHO - Sim, estórias de reis valentes, reis guerreiros que comandam soldados nas grandes batalhas e que lutam destemidos contra o inimigo...! De reis que desembainham suas espadas, enfrentam os ataques de frente, derrubam dez, vinte, trinta, mil, milhões e ainda saem vivos para o clamor do povo - que os carrega triunfantes pelas ruas e gritando: Viva o rei! Viva o rei! Viva o rei!
- ASSOMBRAÇÃO - Isso é só estória, não é Matajesde. Isso não existe, não é mesmo?
- REIZINHO - (Triste) Existe. Existe sim. Só que nunca se passou comigo! Eu sou um rei diferente de todos os reis! Tenho somente dois súditos, mil anos de idade e nenhuma aventura heróica! (Caminhando) E hoje chegará o nôvo rei!
- ASSOMBRAÇÃO - Ora, talvez êle seja um bom rei, Matajesde!
- REIZINHO - Mas eu não quero ser súdito de outro rei, seja lá quem fôr!
- ASSOMBRAÇÃO - Não quer? Mas é tão bom, Matajesde!
- REIZINHO - Bom? Você quer dizer que ser um simples súdito é melhor do que ser rei?
- ASSOMBRAÇÃO - Naturalmente que sim! (Sentando-se no trono)
- REIZINHO - Você não gostaria de ser rei?
- ASSOMBRAÇÃO - Eu não gostaria não.
- REIZINHO - E por que não?
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, porque é ruim ser rei. Eu acho uma delícia ter um rei que cuida de mim, que vive para me atender e zelar para que esta humilde assombração seja feliz. (Beijando as mãos do rei) Muito obrigada, Matajesde! (Volta a sentar-se no tronO)

- REIZINHO - (Abismado) Eu nunca havia pensado nisso! Eu sempre achei que ser rei era ser superior, e no entanto, - eu não passo de um simples pajem de vocês dois!
- ASSOMBRAÇÃO - É sim.
- REIZINHO - Precisei completar mil anos para compreender isso! Como são bobos os reis! Vou deixar de ser rei!
- PIRETSIM - (Entrando) Majestade: tôdas as portas e janelas - estão fechadas.
- REIZINHO - Pois abra-as tôdas novamente.
- PIRETSIM - Abrir?!
- REIZINHO - Sim. Abra tudo do jeito que estava. Resolvi aceitar o nôvo rei. Quero ser feliz.
- PIRETSIM - Sério, Majestade?
- REIZINHO - Claro que é sério! Abra tudo já-já.
- PIRETSIM - Está bem, Majestade. (Sai)
- REIZINHO - (Abre bem a porta do Castelo) Que entre o nôvo rei!
- ASSOMBRAÇÃO - Mas.. Mas será que V. Majestade se acostumará em não ser rei?
- REIZINHO - Claro que sim! Quer ver? (Põe a coroa na cabeça da Assombração) Seja rei.
- ASSOMBRAÇÃO - (Rindo sem poder contar o ridículo) Hi, hi, hi.. Matajesde! Que brincadeira é essa!? Hi, hi, hi...
- REIZINHO - Tome o cetro também. Agora o meu manto de arminho. (Veste-lhe o seu manto real)
- ASSOMBRAÇÃO - Ai, minha mãe! V. Matajesde está troçando de mim! Hi, hi, hi, ...
- REIZINHO - Fique quieta! (Assombração cala, mas de repente, desata a rir)
- ASSOMBRAÇÃO - Hi, hi, hi...
- REIZINHO - Fique quieta! Porte-se como um rei! Respeite a coroa, o cetro e o manto reais! Cale-se! (Assombração cala-se) Agora, seja rei.
- ASSOMBRAÇÃO - Ser rei...? Hi, hi, hi...
- REIZINHO - Silêncio! Seja rei, estou mandando!
- ASSOMBRAÇÃO - Mas, como é que se faz?
- REIZINHO - Como você quiser. Seja um rei como você achar que deve ser. Não precisa me imitar.
- ASSOMBRAÇÃO - Mas, eu não queria ser rei, Matajesde!
- REIZINHO - Seja sim! E eu serei o seu súdito!
- ASSOMBRAÇÃO - V. Matajesde meu súdito?! Oh, não, Matajesde! Onde se viu isso? Um rei ser súdito de uma simples assombração!
- REIZINHO - Eu quero! Seja rei.
- ASSOMBRAÇÃO - Está bem! Se V. Matajesde manda, eu serei.
- REIZINHO - Dê as ordens.
- ASSOMBRAÇÃO - Ai... Dar ordens... Hi, hi, hi...

- REIZINHO - Mande-me fazer alguma coisa.
- ASSOMBRAÇÃO - Mandar...? Pois Be... Matajesde...
- REIZINHO - Não me chame de Matajesde. Agora o rei é você.
- ASSOMBRAÇÃO - Pois não. É... Sabé: eu nem sei como senhor se chama!
- REIZINHO - Não precisa! Os reis não sabem os nomes de seus súditos! Chame-se de súdito, pronto.
- ASSOMBRAÇÃO - Pois não. O... "seu" súdito...
- REIZINHO - "Seu" súdito, não! Súdito simplesmente!
- ASSOMBRAÇÃO - Pois não. Súdito: se não fôr incômodo, o senhor poderia me fazer o grande favor de...
- REIZINHO - Não peça por favor e nem por nada! Mande! Ordene!
- ASSOMBRAÇÃO - Súdito: leia a cartilha para mim.
- REIZINHO - A cartilha?! Justo isso?!
- ASSOMBRAÇÃO - Desculpe. Então eu peço... eu mando outra coisa.
- REIZINHO - Não peça desculpas. Mandou, está mandado. Eu leio a cartilha.
- ASSOMBRAÇÃO - Então leia.
- REIZINHO - (Pega a cartilha, abre-a ao meio e lê) O cavalo cavou a cova na curva do corvo. Cavalo, alo; Cavou, ou; cova, ova, curva, urva. Pedro perguntou pela pena preta porque precisava pincelar pamonha pelo pé. (Suspira) Puxa!
- ASSOMBRAÇÃO - Chega! Agora... traga-me um carvãozinho bem gostoso.
- REIZINHO - (Não gostando muito) Pois não, Majestade. (Sai)
- ASSOMBRAÇÃO - Hi, hi, hi... Quem diria! Eu sou rei! Hi, hi, hi... Eu sou rei! Hi, hi, hi... (Toca uma música que dê para os versos que Assombração canta, movimentando-se)
- "Eu sou rei
Nunca pensei
Com coroa
Muito boa
E o cetro
De quase um metro
Um casaquinho
De arminho
Eu sou rei
Nunca pensei!
Eu me sinto inteligente
Eu me sinto até valente
Se tivesse espada dura,
Eu faria uma aventura!
Lutaria com anões,
Mataria dez dragões!
Eu seria invencível!
Eu seria tão terrível
Que o povo orgulhoso
Me faria poderoso
E todos me saudariam
A uma só voz e gritariam
Viva o rei!
Viva o rei!
Viva o rei!

- REIZINHO - (Entrando) Aqui está o carvão, Majestade!
- ASSOMBRAÇÃO - (Tomada pelo entusiasmo de ser ei) Coma-o
- REIZINHO - Não tenho fome, Majestade!
- ASSOMBRAÇÃO - Coma assim mesmo.
- REIZINHO - Mas, quem come carvão, é somente assombração, Majestade!
- ASSOMBRAÇÃO - Pois de agora em diante, seja assombração. Eu sou assombração e por isso meus súditos devem - ser assombrações também. Coma!
- REIZINHO - Não quero, Majestade.
- ASSOMBRAÇÃO - Coma!
- REIZINHO - É ruim, Majestade!
- ASSOMBRAÇÃO - Coma!
- REIZINHO - (Irritando-se, joga o carvão no chão e grita) Não como!
(Assombração cai sentada e o Rei tira-lhe a coroa, o cetro e o manto) Você não serve para rei! Ninguém serve para rei! Só eu serei o rei. Ninguém mais! Feche esse porta! (Assombração vai correndo e fecha a porta)
- PIRETSIM - (Entrando cansado) Pronto, Majestade. Todas as - portas e janelas estão abertas novamente.
- REIZINHO - Pois feche as todas novamente.
- PIRETSIM - Como?
- REIZINHO - Feche-as, eu disse.
- PIRETSIM - Fechar. Majestade?
- REIZINHO - Fechar sim! Feche tudo! Não deixe nada aberto.
- PIRETSIM - Mas, Majestade! Agora mesmo eu...
- REIZINHO - Pois feche-as novamente. (Senta-se no trono) Resolvi não ceder o meu trono a ninguém. Está escrito - que virá outro rei, mas e não permitirei que se cumpra a profecia da inscrição da Torre do Castelo de Mulumi! Não permitirei! (Corre e passa a tranca na porta ao voltar-se nota que Piretsim sentou-se no trono, e irrita-se Piretsim! Vá fechar as portas e janelas!
- PIRETSIM - Sinto muito, Majestade, mas eu estbu cansado. Quero descansar.
- REIZINHO - Descansar?! Então você pensa que teremos tempo de descansar?! Como descansar se ainda teremos a nossa aula de esgrima, que talvez demore o dia inteiro até que você fique bom espadachim até a meia-noite?
- PIRETSIM - Sinto muito. (Cruza os braços e encosta-se)
- REIZINHO - Não seja teimoso, Piretsim! Você.. Você...(Concordando) Está bem. Vamos a esgrima primeiro. Pegue a sua espada.
- PIRETSIM - Já disse que estou cansado, Majestade. Estou bastante cansado.
- REIZINHO - Amanhã você descansa. Amanhã eu o deixarei dormir até mais tarde. Agora precisamos trabalhar. Eu preciso que você fique tão bom quanto eu, para hoje à noite.

- PIRETSIM - V. Majestade pretende lutar com o nôvo rei?
- REIZINHO - Farei tudo que fôr preciso para evitar que êle me tire o poder. Tudo. Pegue a sua espada. (Dá a Piretsim a sua espada) Vamos lá. Faça de contas que eu sou seu inimigo, e vou atacá-lo. Você, então, se defende. Vamos lá. Ponha-se distraído como se eu fôsse atacar de surpresa. Fique sentado aí, que eu entro de lá e ataco você. Vamos ver. (Sai e Piretsim, com muito pouca vontade, continua sentado com a espada na mão. Entra o rei num salto) Uá!
- ASSOMBRAÇÃO - (Cai sentada de susto) Ui! Que susto!
- REIZINHO - É agora que eu vou me apoderar dêste Castelo!
- ASSOMBRAÇÃO - Oh, não!
- REIZINHO - (Ataca Piretsim que, sem mudar de posição, defende-se com pouca vontade) Animo! Assim o inimigo mata você! Vou entrar outra vez. (Sai de cena e Piretsim continua na mesma posição. Assombração se levanta e se refaz. Entra o rei num salto) Uá!
- ASSOMBRAÇÃO - (Cai sentada de nôvo) Ai, que susto!
- REIZINHO - É agora que eu vou me apoder deste Castelo!
- ASSOMBRAÇÃO - Oh, não!
- REIZINHO - (Ataca Piretsim que se defende da mesma forma anterior) Mas, Piretsim! Assim não pode! Por favor: reaja! Eu vou precisar de você hoje, Piretsim! (Piretsim boceja. Assombração levanta-se) Eu vou sair novamente. Prepare-se, mas, por favor, Piretsim, se defenda! Eu agora vou atacar para valer mesmo! (Sai. Assombração senta-se depressa, para não cair de susto e cobre os olhos com a-s mãos. Piretsim dorme e ronca. Entra o Rei num salto) Uá!
- ASSOMBRAÇÃO - (De sentada, cai de costas) Eu, que susto!
- REIZINHO - É agora que eu vou me apoder dê... (Nota que Piretsim dorme) Dormiu! (Sacode-o) Piretsim! (À Assombração) Vá buscar a caçarola. (Assombração vai depressa). Piretsim! Acorde menino! O bandido vai chegar, Piretsim! O nôvo rei está chegando!
- ASSOMBRAÇÃO - (Chega batendo a caçarola com a concha) Seis horas! Seis horas!
- REIZINHO - "A noite agora mesmo sumiu
O dia já amanheceu
O Sol agora mesmo surgiu
E a caçarola..."
- PIRETSIM - (Enquanto ouve o barulho, vai irritando-se e acorda bastante zangado e ataca o rei com a espada) - Chega! (Rei defende-se como pode da fúria de Piretsim) V. Majestade é horroroso com êsses seus versos horrorosos, com essa mania horrorosa de me acordar todos os dias de madrugada com essa panela velha, fazendo: bem, bem, bem, bem, bem... (Cada "bem" é uma espadada contra espada do rei) É horrível, fique sabendo! (Enquanto vai falando vai atacando o rei que, um tanto assustado, defende-se. Piretsim ataca violentamente e a luta se faz mesmo para valer, com nuances bastante impressionantes e espetaculares. Ao final, num lance mais violento, Piretsim tira a espada do Rei e êste cai ao chão).

- REIZINHO - Piretsim! Que é que você vêz?
- PIRETSIM - Desculpe-me, Majestade, mas, eu o venci.
- REIZINHO - Incrível. Como conseguiu isso?
- PIRETSIM - Eu sempre fui capaz de vencê-lo, Majestade. Não o venci antes para não desagradá-lo. Mas agora eu me irritei. Fui obrigado a vencê-lo.
- REIZINHO - Que ninguém saiba disso, Piretsim! Que ninguém saiba disso!
- ASSOMBRAÇÃO - Eu sei, eu vi, eu sei. (Ri) Hi, hi, hi...
- REIZINHO - Cale essa boca, Assombração de uma figa! E quanto a você, Piretsim: não estou de acôrdo com o que você fez. Foi um desrespeito para com o rei. Como castigo, vá fechar tôdas as portas e janelas agora mesmo.
- PIRETSIM - Ouça agora, Majestade: Majestade: há quase um ano que eu trabalho neste Castelo, lavando as escadas, varrendo o Castelo inteiro sôzinho e até as nossas roupas sem nuncar V. Majestade ter me deixado, nem ao menos dormir até um pouco mais tarde. Pois agora resolvi não concordar com isso. Resolvi ir embora.
- ASSOMBRAÇÃO - Ir embora? Para onde?
- PIRETSIM - Por aí. Vou andando, andando, até encontrar outro lugar interessante para ficar. Sei que conseguirei um lugar melhor do que este.
- ASSOMBRAÇÃO - Ara, não vá, Piretsim! (Triste) Não vá!
- PIRETSIM - Eu vou sim, Assombração. Antes vou fechar as portas e janelas. Farei mas isso, mas será meu último trabalho aqui. (Sai de cena)
- REIZINHO - (Falando pouco sincero) Vá. Pode ir. Conseguirei outro empregado mais forte do que você e muito melhor. Um empregado que não vive reclamando e que me obedece direitinho.
- ASSOMBRAÇÃO - E se tiver outro rei?
- REIZINHO (Irritando-se) Não vai ter outro rei nenhum.
- ASSOMBRAÇÃO - E se êle chegar e teimar de entrar aqui à fôrça? V. Matajesde lutaria contra êle sôzinho?
- REIZINHO = (Sacando a espada, o que assusta Assombração) E duvida? (Guardando a espada) Pois não duvide. Eu lutarei. Enfrentarei o inimigo sôzinho. E vencerei! (Senta-se no trono) Assombração: vá na tôrre do castelo e me traga um cofre pequeno que está lá.
- ASSOMBRAÇÃO - E onde está a chave?
- REIZINHO - Para que a chave?
- ASSOMBRAÇÃO - Da porta da tôrre!
- REIZINHO - Mas você não é assombração? E assombração não vara porta mesmo sem abrir?
- ASSOMBRAÇÃO - Mas o cofre não é assombração, Matajesde!
- REIZINHO - (Admite) É o primeiro raciocínio correto que eu já vi você fazer! Pegue a chave número dez no armário oito que está na sala sete no fundo do corredor seis.

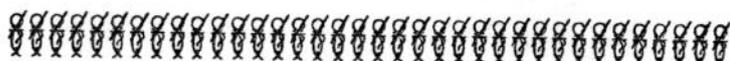
ASSOMBRAÇÃO - Sei. (Sai falando) Chave nove no corredor sete, na sala seis, no armário dez.

REIZINHO - Não é! Chave dez, do armário oito da sala sete do corredor seis!

ASSOMBRAÇÃO - (De longe) Seis.

REIZINHO - (Triste) Hoje... é dia do meu aniversário! E ao invés de receber um presente de alguém, terei de enfrentar um inimigo que vai chegar e... e perderei o meu melhor amigo! (Chora) Piretsim vai embora! Ele vai embora! Vai embora...

FIM DO PRIMEIRO ATO



SEGUNDO ATO

CENA - Quando a cortina se abre, ninguém está em cena. Logo entra o Rei desconsolado em seguida, Assombração; porém, entram por lados opostos.

ASSOMBRAÇÃO - Encontrou, Matajesde?

REIZINHO - Não.

ASSOMBRAÇÃO - Neu eu. Acho que ele foi embora mesmo! (Triste) Sem se despedir! Pobre Piretsim!

REIZINHO - (Tocando a cama de Piretsim) A caminha dêle! O cobertozinho dêle!

ASSOMBRAÇÃO - (Solidarizando-se) O travesseirinho dêle! (Chorando) O piquinho dêle!

REIZINHO - Eu... Eu reconheço que fui muito rude para com o pobre menino, mas, eu sempre gostei demais dêle! Ele foi a coisa mais importante deste Castelo dos mil anos de minha existencia! Sei que vou sofrer muito! Era um menino tão inteligente, tão competente! Ele seria um grande rei, sabe? Foi uma pena! (Chora) Hoje chegará o novo rei! Isso me deixará ainda mais triste! Eu não consentirei que o novo rei ocupe o meu lugar! Não consentei! Todas as portas e janelas estão fechadas. Cuidarei para que o novo rei não entre. (Segurando Assombração pelos ombros) E você, Assombração, terá de me ajudar agora. Você será a porteira da entrada principal do Castelo para não permitir que alguém entre. Fique de guarda aqui e qualquer ruído que ouvir, me avise. Mas atenda, está ouvindo? Se alguém entrar aqui, eu a transformarei em... em fumaça, está me ouvindo? Em fu-ma-ça! (Sai)

ASSOMBRAÇÃO - Emfu-ma-ça! Ai... Não permitirei que ninguém entre. (Encosta-se na porta do castelo, de braços abertos, para evitar que alguém a abra. Nisso, batem a porta. Assombração dá um salto e corre. Repetem a batida) Não abro. (Tornam a bater) Não abro!

CORUJA - (De fora) Abra!

ASSOMBRAÇÃO - Não abro!

CORUJA - (De fora) Quem está aí?

- ASSOMBRAÇÃO - Aqui é a fumaça! Isto é, eu... Eu não posso abrir!
- CORUJA - Abra, por favor! Está chovendo muito!
- ASSOMBRAÇÃO - Quem é você?
- CORUJA - Um pobre molhado!
- ASSOMBRAÇÃO - É o nôvo rei?
- CORUJA - Não! Eu não sou rei nenhum!
- ASSOMBRAÇÃO - É o nôvo rei sim. Eu sei que é. Não abro não.
- CORUJA - Não sou rei, nenhum! Sou o Mestre Coruja!
- ASSOMBRAÇÃO - Coruja? (Abre a porta um tantinho para espiar) É coruja mesmo!
- CORUJA - Posso entrar?
- ASSOMBRAÇÃO - Coruja pode ser rei?
- CORUJA - Rei?! Mas que estória é essa? Eu não sou e nem pretendo ser rei!
- ASSOMBRAÇÃO - Então eu vou deixar você entrar, mas, só até passar a chuva. Depois você vai embora, está bem?
- CORUJA - Está (Entra) Você teria um pano para me enxugar?
- ASSOMBRAÇÃO - Não tenho nada, Rei Nôvo. Só tenho um lenço, serve? (Oferece-lhe o lenço)
- CORUJA - Por que me chama de Rei Nôvo?
- ASSOMBRAÇÃO - Porque você é rei mesmo.
- CORUJA - Sou nada! Eu me chamo Mestre Coruja da Nobreza.
- ASSOMBRAÇÃO - Da Nobreza?! Então é rei mesmo. Nobreza é rei. O rei de Mulumi disse que hoje chegará aqui o nôvo rei de Mulumi. Estão escrito na tôrre do castelo. Eu li. "Quando o rei completar mil anos, chegará o novo rei." Eu li lá. E o rei completa hoje mil anos e será substituído por um nôvo rei.
- CORUJA - Mas que estória complicada! Eu... Eu não quero ser rei nenhum.
- ASSOMBRAÇÃO - Assim é melhor. Você não quer ser rei e assim é mais fácil. Mas fique sabendo que você é rei.
- REIZINHO - (Gritando lá de dentro) Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO - Ih, o Rei! Esconde-se! Esconda-se!
- CORUJA - Onde?
- ASSOMBRAÇÃO - Aí atrás do trono. Não, aí não. Aí êle acha. Esconde-se dentro do relógio. (Abre a porta do relógio e a Coruja entra lá)
- REIZINHO - (Chegando) Não me ouviu chamá-la?
- ASSOMBRAÇÃO - Olha, Matajesde: eu não ouvi nada! Chame de nôvo.
- REIZINHO - (Chamando) Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO - Ih, parece que o Rei está me chamando! (Pergunta alto) V. Matajesde está me chamando, por acaso?
- REIZINHO - Estou! (Em si) Não seja burra! Eu quero saber que horas são. Preciso saber que horas são de qualquer jeito e depressa.

- ASSOMBRAÇÃO - Mas o relógio está estrado!.
- REIZINHO - Pois conserte-o depressa.
- ASSOMBRAÇÃO - Consertar? Mas está tão desmanchado, Matajesde! Quer que eu vá procurar um relojoeiro por aí?
- REIZINHO - Não, Não quero que ninguém entre no castelo hoje. Conserte-o você mesma. (Sai)
- ASSOMBRAÇÃO - Ai, como é que vai ser agora? (Abre a porta do relógio e pergunta à Coruja) Você sabe consertar relógio?
- CORUJA - Eu não!
- ASSOMBRAÇÃO - Nem eu. Mas, nós temos de dar um jeito, porque o rei quer! Vamos consertá-lo. Me dá o lenço. (Coruja dá-lhe o lenço e Assombração põe-se a limpar o relógio com ele. Coruja, para ajudar, limpa-o com as mãos)
- REIZINHO - (Chamando de fora) Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO - Ih, vem êle de nôva! Esconde-se! (Coruja entra no relógio)
- REIZINHO - (Entrando) Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO - Ih, parece que o rei está me chamando! (Rei chega bem perto da Assombração, sem ser notado por ela. Ela pergunta alto) Me chamou, Matajesde?
- REIZINHO - (Gritando em seus ouvidos) Chamei!
- ASSOMBRAÇÃO - (Dando um pulo de susto) Ai, que susto, Matajesde! (Joga o lenço, nêle dengosa),
- REIZINHO - Mas respeito com sua Majestade! Está consertado?
- ASSOMBRAÇÃO - Ainda não terminei.
- REIZINHO - Descobriu ao menos qual é o defeito?
- ASSOMBRAÇÃO - Não, mas estou procurando com muito interêsse.
- REIZINHO - Veja se não falta corda. Dé uma olhada geral. (Sai) Conserte depressa que já é tarde da noite e eu preciso saber quanto tempo falta para meia noite.
- ASSOMBRAÇÃO - Pois não, Matajesde. (Abrindo a porta, pergunta à Coruja) Você viu se tem uma corda aí dentro?
- CORUJA - Corda? Não vi corda nenhuma! (Procuram os dois)
- ASSOMBRAÇÃO - É! Não tem corda! Por isso que não funciona. Precisamos de uma. O rei disse que com corda vai. Mas, onde encontrar uma?
- CORUJA - Eu enrosque o pé numa corda aí fora quando cheguei!
- ASSOMBRAÇÃO - Vá buscá-la depressa. (Abre-lhe a porta e a Coruja sai)
- REIZINHO - (Entrando de surpresa) Assombração! (Aquela cai de susto, fechando a porta ao mesmo tempo) Que faz com a porta aberta?
- ASSOMBRAÇÃO - É que... Eu ouvi um ruído lá fora e fui ver o que era!
- REIZINHO - (Assutado) Ruído? E viu o que era?
- ASSOMBRAÇÃO - Vi.
- REIZINHO - E o que era?
- ASSOMBRAÇÃO - Chuva! Chove que é um colosso, Matajesde!

- REIZINHO - Feche essa porta com a tranca depressa! (Assombração passa a tranca na porta) E não abra mais! Mesmo que haja ruídos lá fora. Se eu encontrar você abrindo essa porta novamente, eu a transformo em... em...
- ASSOMBRAÇÃO - fumaça!
- REIZINHO - Não. Em cigarro! (Sai)
- ASSOMBRAÇÃO - Em cigarro?! Ai! Dá na mesma! Acabo fumaça do mesmo jeito! Vai, pé-ante-pé, abrir a porta. Ouve um ruído lá dentro e sai correndo. Coruja bate na porta. Assombração vai depressa abrir. Quando está abrindo...)
- REIZINHO - (Grita lá de dentro) Assombração! (Assombração fecha-se depressa. Entra o Rei)
- ASSOMBRAÇÃO - (Disfarçando) Ih, parece que o Rei está me chamando!
- REIZINHO - Que faz aí na porta?
- ASSOMBRAÇÃO - Estou aqui para ouvir se não se aproxima alguém. (Põe o ouvido junto à porta)
- REIZINHO - Não precisa ficar aí. Mesmo que chegue não vamos deixar entrar. (Coruja bate a porta e Assombração, para disfarçar, bate também)
- ASSOMBRAÇÃO - E se gaterem assim?
- REIZINHO - Mesmo que batam. (Coruja bate de novo e Assombração também)
- ASSOMBRAÇÃO - E se continuarem batendo?
- REIZINHO - Nem que continuem batendo o dia inteiro!
- CORUJA - (Grita lá de fora) Abra!
- ASSOMBRAÇÃO - (Grita logo em cima) Abra a porta! E se gritarem assim?
- REIZINHO - Não seja imbecil! Não vai abrir! Já está pronto o relógio?
- ASSOMBRAÇÃO - Vá lá para dentro que quando estiver pronto eu chamo.
- REIZINHO (Saindo) Eu vou mas estarei impaciente. Voltarei em seguida. Apresse-se (Sai)
- ASSOMBRAÇÃO - (Abre a porta, a Coruja entra e torna a fechá-la) Achou a corda?
- CORUJA - (Com a corda) Achei. Será que serve?
- ASSOMBRAÇÃO - Deve servir. Vamos experimentar.
- REIZINHO - (Gritando de lá) Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO - Esconde-se! (Como o rei esteja entrando, Coruja esconde-se atrás do tron)
- REIZINHO - Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO - Ih, parece que o Rei está me...
- REIZINHO - (Segurando Assombração pela roupa) Você está brincando comigo? Toda vez que eu entro, não veja voce consetando orelógio!
- ASSOMBRAÇÃO - Estou procurando peças.. (Põe-se a catar pelo chão)

REIZINHO - Que peças precisa?

ASSOMBRAÇÃO - Um martelo.

REIZINHO - Tome o cetro. Bata com êle.

ASSOMBRAÇÃO - Obrigado. Pode ir, Matajesde com V. Matajesde aqui, eu não trabalho direito. Sou capaz de martelar o dedo.

REIZINHO - Eu vou, mas contarei até vinte. Se ao fim disso, o relógio não estiver consertado, você vira charuto! (Sai)

ASSOMBRAÇÃO - Oh, o que será de mim?!

CORUJA - Vamos consertá-lo depressa! (Assombração entra no relógio e procura amarrar a corda nalguma parte lá. Nisso ouve o Rei contando)

REIZINHO - (De fora ... onze, doze, treze, catorze, quinze...

ASSOMBRAÇÃO - (Olha o pêndulo do relógio que está parado) Não funciona! Entre aí depressa que o Rei já vai voltar. (Fecha a porta do relógio)

REIZINHO - (Enquanto isso, continuava contando)... dezesseis, dezessete, dezoito, desenove, e... vinte! (Entra irritado) Não consertou, não é?

ASSOMBRAÇÃO - Consertei sim Matajesde!

REIZINHO - Como consertou, se êle continua marcando uma hora?

ASSOMBRAÇÃO - Mas êste relógio é diferente, Matajesde! V. Matajesde precisa dar três batidas nêle e perguntar que horas são, que ele responde certinho. Experimente!

REIZINHO - (Um tanto duvidoso) Espero que você não esteja brincando comigo. (Dá tres batidinhas no relógio e pergunta) Que horas são, relógio?

CORUJA - (De dentro) Onze e quarenta da noite! Cuco!

REIZINHO - Que formidável! Êsse relógio é incrível! Onze e quarenta! Onze horas e quarenta minutos! Faltam apenas vinte minutos! Se eu conseguir evitar que o nôvo rei chege dentro de vinte minutos, estarei livre! Poderei ser rei por mais mil anos! (Agarrando a Assombração pela roupa) Atenda a porta, está ouvindo? Que ninguém entre! (Sai)

ASSOMBRAÇÃO - (À coruja, que está saindo do relógio) Coitado! Êle pensa que o nôvo rei ainda não chegou! Quando êle vir voce aqui, vai desmair!

CORUJA - (Sentando-se no trono com o cetro na mão) Mas será que eu sou mesmo o nôvo rei que deve chegar?

ASSOMBRAÇÃO - Claro! Quem mais poderia ser se não chegou mais ninguém?

REIZINHO - (Entra e vai direito ao relógio e dá três batidinhas) Que horas são, relógio?

CORUJA - (Do trono) Onze e quarenta e cinco!

REIZINHO - (Contente) Onze e quarenta e cinco! Faltam quinze minutos apenas! (De alegrei dá um beijo na Coruja) Daqui a quinze minutos, eu renovarei o meu reinado.. (Em si, vira-se depressa, deparando, apenas, com um vulto da Coruja que está acabando de entrar no relógio e fechando-se nêle) O que foi isso?

- ASSOMBRAÇÃO - (Ficando na frente do relógio) Nada, Matajesde! É o Cuco do relógio que veio aqui fora - conversar comigo!
- REIZINHO - Cuco de cetro na mão e sentado no trono?
- ASSOMBRAÇÃO - É um cuco peralta, Matajesde!
- REIZINHO - (Muito irritado) Não acredito! Não era Cuco nenhum! Eu já estava desconfiado mesmo de você! Eu sabia - que você estava conspirando contra mim! Eu sabia que você havia deixado o novo rei entrar aqui! Eu sabia! Eu sabia! Agora... Oh! Oh! (Desmaia)
- ASSOMBRAÇÃO - (Socorrei o Rei, dando-lhe batidinhas pelas faces) Matajesde! Matajesdinha! Acorde Acorde! Eu - explito tudo! Matajesdinha!
- REIZINHO - (Acordando-se) Ai! Ai! Por que você foi fazer isso comigo, Assombrão! Eu que sempre cuidei de você! Por que? (Chora)
- ASSOMBRAÇÃO - Mas, Matajesde! Eu bem que tentei...
- REIZINHO - Eu quero ver esse sujeito! Eu quero vê-lo! Mande-o sair aqui!
- ASSOMBRAÇÃO - (Abrindo a porta do relógio, O rei desembainha sua espada) Matajesde! Saia daí!
- CORUJA - (Saindo do relógio com pose real) Majestade! (Reverenciando)
- REIZINHO - (Aproximando-se) Que bicho é esse?
- CORUJA - Eu sou Mestre Coruja da Nobreza!
- REIZINHO - Coruja? (Rindo muito) Ho, ho, ho... Coruja! Ho, ho, ho, ho... Quem diria! Uma coruja querendo ser rei! Ho, ho, ho, (Batendo nas costas da Assombrão) Que susto você me deu! Uma coruja não me oferece perigo nenhum! Coruja não pode ser rei! Ho, ho, ho.
- ASSOMBRAÇÃO - Não?! Antes assim!
- REIZINHO - (Parando de repente) Mas, então, o relógio não está funcionando?
- ASSOMBRAÇÃO - O relógio é o Mestre Coruja, Matajesde! Ele conhece as horas de cor! Quando V. Matajesde quiser saber as horas, basta perguntar a ele que ele responde certinho, minuto por minuto!
- REIZINHO - É verdade, Mestre Coruja?
- CORUJA - Sim, Majestade!
- REIZINHO - Então me diga: que horas são?
- CORUJA - Onze horas, cinquenta minutos e dez segundos!
- REIZINHO - Ótimo! Você trabalhará para mim até à meia-noite. Será o relógio real do Castelo de Mulumi.
- CORUJA - Sinto-me honrado com tamanha distinção, Majestade! Um humilde servo, às vossas ordens! (Reverência)
- REIZINHO - Bravos! Uma coruja realmente inteligente e educada! Digna de um rei! E você, Assombrão, continue no seu posto de guarda. Que ninguém entre. Esteja atenta e me avise de qualquer coisa. (Sai)

CORUJA - (Sentando-se na arca) Eu até já estava gostando da idéia de ser rei! Mestre Coruja, Sua Majestade Real!

PIRETSIM - (Que está dentro da arca, bate três pancadinhas nela)

CORUJA - Estão batendo!

ASSOMBRAÇÃO - Não ouvi nada!

CORUJA - Pois eu ouvi! (Correm a pôr o ouvido à porta)

PIRETSIM - (Repete as batidas dentro da arca)

CORUJA - Ouviu?

ASSOMBRAÇÃO - Parece-me que ouvi!

CORUJA - Ouviu sim. Umas batidinhas muito leves! Batidinhas delicadas!

ASSOMBRAÇÃO - Mas...

CORUJA - Mas...?

ASSOMBRAÇÃO - Mas não foi na porta.

CORUJA - Não foi na porta?

ASSOMBRAÇÃO - Não. Vamos ouvir outra vez. (Esperam em silêncio, bem tesos)

REIZINHO - (Entrando) Que horas são?

CORUJA e ASSOMBRAÇÃO - Pssiu!

REIZINHO - O que foi?

AMBOS - Estão batendo!

REIZINHO - Não abra! Não abra!

ASSOMBRAÇÃO - Não é na porta!

REIZINHO - Não é na porta? E onde é?

CORUJA - Por ali, assim. Vamos esperar e ver se bate de novo. (Ficam os três em expectativa)

REIZINHO - Vocês estão ouvindo coisas! Não existe nem ratos mais neste castelo! Como poderiam estar batendo aqui dentro se ninguém entrou?

ASSOMBRAÇÃO - Será que é assombração? Tomara que seja! Tomara que seja!

CORUJA - Fique quieta! Não fale em assombração! Eu morro de medo disso!

ASSOMBRAÇÃO - Medo de assombração? E como é que você não tem medo de mim?

CORUJA - Você é assombração, por acaso?

ASSOMBRAÇÃO - Totalmente!

CORUJA - Não acredito. Assombração não é assim.

ASSOMBRAÇÃO - Que jeito que é então?

CORUJA - Não sei. Eu nunca vi, mas acho que é diferente.

ASSOMBRAÇÃO - É igualzinho sim. Não tem diferença.

CORUJA - (Ao Rei) É verdade que ela é assombração?

REIZINHO - É verdade sim, mas não importa; diga-me as horas.

CORUJA - Ass...som...bra...ção de ver...dade?! Oh! (Desmaia)

- REIZINHO - Desmaiou! Acorde-o, Assombração. Preciso saber as horas! Acorde-o!
- ASSOMBRAÇÃO - (Batendo-lhe tapinhas) Acorde, Mestre Coruja, Mestre Coruja! Acorde! O Rei quer saber as horas!
- CORUJA - (Acordando) Oh, o que se passou?
- REIZINHO - Que horas são? Que horas são?
- CORUJA - A assombração! (Desmaia de novo)
- REIZINHO - Ai, não (Ajudando a fazê-la acordar-se) Corujinha! Mestrinha Corujinha! Acorde por favor! (Empurrando Assombração) Saia daqui de perto que ele tem medo! Coruja! Acorde, por favor!
- CORUJA - (Despertando) Oh! Oh! Oh! ...
- REIZINHO - Está acordando! Está acordando!
- ASSOMBRAÇÃO - (Aproximando-se) Está acordando?
- REIZINHO - Vá pra lá (Assombração corre e fica espiando de longe) Esta melhor, Mestre Coruja? Esta melhor?
- CORUJA - Estou bem. É que eu sofro do coração! Não posso levar sustos muito fortes!
- REIZINHO - Que horas são? Me diga: que horas são?
- CORUJA - Estou sem relógio, Majestade.
- REIZINHO - Como, sem relógio?! Você não disse que sabia de cor as horas, minuto por minuto?
- CORUJA - Ah, é verdade! Com o susto até me esqueci de que eu sabia!
- ASSOMBRAÇÃO - Ele sabe sim.
- CORUJA - A assombração! (Desmaia de novo)
- REIZINHO - (Correndo atrás da Assombração com o cetro) Assombração burra! Vá embora daqui! Não volte mais aqui! (Volta para a Coruja) Mestre Coruja! Acorde, por favor! Eu preciso saber as horas logo! Acorde!
- CORUJA - Oh! Oh! Oh! ... Ai, meu coração!
- REIZINHO - Acalme-se, Mestre Coruja! Não tenha medo da Assombração! Ela é totalmente inofensiva! Não faz mal a nada! E além do mais, é muito burra! Agora que está aprendendo a ler! Não ligue! Não ligue! Olha: me diga as horas. Que horas são, Mestre Coruja? Diga-me as horas por favor.
- CORUJA - Agora...? Agora são onze horas, cinquenta e quatro minutos e vinte e sete segundos.
- REIZINHO - Faltam apenas seis minutos para meia noite! Estes seis minutos parecerão seis séculos para mim! Mas eu esperarei! (Sai)
- ASSOMBRAÇÃO - (Gritando de fora de cena) Mestre Coruja!
- CORUJA - (Num susto) Ui! Quem é?
- ASSOMBRAÇÃO - Sou eu! Posso ir aí?
- CORUJA - Não. Não gosto de assombração!
- ASSOMBRAÇÃO - Mas não tenha medo de mim! Eu... Eu sou inofensiva!
- CORUJA - Mas assim mesmo não gosto.

ASSOMBRAÇÃO - Ah, mas deixa!

CORUJA - Eu... Eu não quero.

ASSOMBRAÇÃO - Por favor, Mestre Coruja da Nobre! Eu queria ir aí com você!

CORUJA - Só se você não esbarrar em mim e nem conversar comigo.

ASSOMBRAÇÃO - Eu não esbarro. E conversar, eu só converso depois que voce se acostumar comigo.

CORUJA - Então venha, mas devagarinho! Não vá entrar de repente. (Coruja esconde-se atrás do trono, porém, espiando)

ASSOMBRAÇÃO - (Entra devagar) Oi! (Coruja encobre-se atrás do trono. Assombração, um tanto sem graça, vai se aproximando do trono, até sentar-se nele. Nisso a Coruja resolve espiar e, ao dar com ela, dá um be-
ro e corre)

CORUJA - Uai! (Esconde-se atrás da arca)

ASSOMBRAÇÃO - Mestre Coruja! Não fuja assim! (Coruja vem vindo para a ponta da arca, a fim de espiar a Assombração, quando Piretsim, abrindo um pouco a arca, sem que sua figura seja distinguida pelo público, diz)

PIRETSIM - Olá! (E fecha-se novamente na arca)

CORUJA - (Sai gritando) Socorro! Socorro! Socorro! (Entra rápida no relógio e fecha a porta)

ASSOMBRAÇÃO - Minha mãe!

REIZINHO - (Entra assustado) O que se passou aqui?

ASSOMBRAÇÃO - Eu acho que Mestre Coruja não está se sentindo bem. Estão tão assustado!

REIZINHO - Onde está ele?

ASSOMBRAÇÃO - No relógio!

REIZINHO - (Dando três pancadinhas no relógio para perguntar as horas) Que horas são, relógio?

CORUJA - (Assustando-se, sai do relógio e pula no Rei que o retém suspenso em seus braços) Socorro! (Desmaia)

REIZINHO - (Colocando-o no chão) Ai, meu Deus! Desmaiou de novo! E eu queria saber as horas! (Senta-se no trono, tristonho) Devem faltar uns três minutos ou quatro.

ASSOMBRAÇÃO - Mais ou menos. Majestade.

REIZINHO - Você não aprende mesmo. Assombração! Não é Majestade! É Matajes... (Em si) Como foi que você disse?

ASSOMBRAÇÃO - Majestade.

REIZINHO - Repita de novo, bem devagar!

ASSOMBRAÇÃO - Majestade!

REIZINHO - Você aprendeu, Assombração!

ASSOMBRAÇÃO - Aprendi.

REIZINHO - Que grande satisfação você me está dando, Assombração!

- ASSOMBRAÇÃO - A babá bebeu a barba do bode. Babá, bá; bebeu, beu; barba, arba, bode, ode!
- REIZINHO - Bravos!
- ASSOMBRAÇÃO - O rato roeu a rica roupa do rei de Roma!
- REIZINHO - Viva!
- ASSOMBRAÇÃO - Para pegar pombos precisa pôr pão!
- REIZINHO - Maravilhoso! (Abraça Assombração freneticamente entusiasmado) Maravilhoso! Maravilhoso! Hoje é um grande dia para mim, Assombração! O meu trabalho de mil anos coroado de pleno êxito! Isso é uma recompensa!
- PIRETSIM - (Aparecendo de dentro da arca) V. Majestade foi um herói.
- REIZINHO - Obrigado! (Em si) Quem foi que falou?
- ASSOMBRAÇÃO - (Vendo Piretsim) Piretsim!
- REIZINHO - Piretsim! Você está aqui?
- PIRETSIM - Sim, Majestade. Eu não fui embora. Apenas me escondi. Eu queria ir, mas, na hora não tive coragem. Eu vi que gostava muito de vocês, e deste castelo velho de Mulumi.
- REIZINHO - (Abraçando Piretsim) Meu bom amigo! Que grande satisfação! Estou feliz por você e pela Assombração! Muito obrigado a vocês dois! Muito obrigado mesmo! (Chora)
- PIRETSIM - V. Majestade foi um grande rei! A maior virtude do homem é a perseverança, a paciência! V. Majestade sempre teve essa virtude. A grande prova foi a educação que conseguiu dar a uma assombração. Ensinou-a a ler e transformou-a em um ser inteligente como nós. Nenhum grande rei conseguiu isso! Só V. Majestade! Nenhum rei seria capaz disso! Só V. Majestade! Meus parabéns, Majestade!
- REIZINHO - Obrigado, Piretsim! Você realmente me comove! Está me dando a maior felicidade da minha longa vida! Muito obrigado, Piretsim (Abraça-o) Estou muito feliz por você, Assombração! (Abraça-a) Sinto-me orgulhoso por você, sinceramente.
- ASSOMBRAÇÃO - E eu lhe agradeço muito, Majestade.
- REIZINHO - (Sentando-se em seu trono, pensativo) Agora me preocupo: o que terei para fazer durante mais mil anos de reinado se eu continuar rei? Creio que nada terei a fazer! Será um reinado monótono, eu sei! Sabe, Piretsim: eu... acho que não pretendo continuar sendo rei. Acho que... que vou permitir que o novo rei chegue. (Tira a coroa, o manto e, juntamente com o cetro, entrega-o a Piretsim) Guarde tudo isso lá na torre, junto com as coroas, mantos e cetros dos reis anteriores.
- PIRETSIM - Sim, Majestade. (Vai para escada)
- REIZINHO - E você, Assombração: traga-me o cofre. Aquê! que você foi buscar na torre. (Assombração vai buscá-lo. O rei levanta-se, abre a porta do Castelo bem aberta e diz) Que entre o novo Rei que será recebido de braços abertos por todos nós! Que entre aquê! que será o novo rei de Mulumi! Que entre aquele que será o novo rei de Mulumi!

CORUJA - (Acordando) Oh! Oh! Oh!

REIZINHO - (Dando sua mão para ajudar Mestre Coruja a levantar-se) Mestre Coruja!

CORUJA - (Levantando-se) Obrigado, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO - Aquiestá, Majestade. (Entrega o cofre ao Rei)

REIZINHO - Que horas são. Mestre Coruja? (Piretsim começa a subir os degraus da escada para guardar os apetrechos que o Rei lhe entregou)

CORUJA - Onze horas, cinquenta e nove minutos e cinquenta e cinco segundos.

REIZINHO - Já vai dar meia noite e...o nôvo rei não chegou ainda! Será que a inscrição da tórre não tem valor? (Ouvem-se as doze badaladas da meia-noite, que chegam de muito longe)

CORUJA - O que é isso?

REIZINHO - O sino da Tórre dando meia-noite depois de mil - anos de reinado, indicando a substituição do rei pelo nôvo rei!

OS QUATRO - Mas, e o rei?!

REIZINHO - (Abrindo o cofre com a chave) Neste cofre está o segredo sobre o nôvo rei. Vamos ver o que diz. (Aberto, lê em uma placa metálica. Ao concluir a leitura, sua expressão muda, devagar, volta-se para Piretsim que está parado no topo da escada esperando o desenrolar dos acontecimentos, e diz-lhe) O nôvo rei do Castelo de Mulumi é o menino Piretsim! É você o nôvo rei, Piretsim!

ASSOMBRAÇÃO - Piretsim... o nôvo rei?

CORUJA - O menino?

REIZINHO - Sim, o menino! O menino sábio e bondoso que saberá fazer de Mulumi um grande reinado! Será um poderoso rei a quem eu terei imensa satisfação em servir. (Toca bonita música e a escadaria se ilumina toda, e Piretsim desce-a devagar, com a coroa na cabeça, a manta real as costas e com o cetro na mão sob os aplausos do Rei, da Coruja e da Assombração)

OS TRÊS - (Gritam) Viva o Rei! Viva o Rei! Viva o Rei!

PIRETSIM - (Já no sopé da escada, diz) Farei tudo para ser um rei tão capaz como o senhor o foi. O senhor será meu Ministro Conselheiro! Mestre Coruja da Nobreza continuará sendo o Relógio Real do Castelo de Mulumi, e Assombração será meu Pajem Real. (A música que Piretsim cantou no início volta a tocar e, numa bela movimentação, cantam)

TODOS - Esta estória termina aqui
Do Castelo de Mulumi
O Rei velho saiu assim
E chegou Piretsim
O Rei velho mil anos reinou
E Piretsim começou

PIRETSIM - E mil anos reinarei!

TODOS - (Menos Piretsim) Viva o Rei! Viva o Rei!
Salve o Rei
Salve o Rei
Salve o Rei

783/76-SCTC/SC/DCDP

18

agosto

76

4659/76-SCDP-SR/SP

"O CASTELO DE MULUMI"

Jurandir Pereira

017

Livre.

SRA/FICHADO



MJ-DPF-SRA/BSB



29 AGO 1121 E 026753

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Superintendência Regional no Amazonas

OF. Nº 1616/77*SCDP/SR/DPF/AM - Manaus, 28 de agosto de 1977.

RECEBIDA POR

FICHADO
S. A. DCDP

*De ordem
ao Arquivo
em 30.8.77
mm*

Senhor Diretor:

Estamos enviando a V. Sa., em anexo, para que se ja determinado o devido exame censório, três vias do texto teatral "O CASTELO DE MOLUMI", de autoria de Jurandir Pereira e que será proxima mente apresentado pelo grupo de teatro amador "Teatro de Emergência para Crianças", nesta Capital.

Na oportunidade, renovamos protestos de consideração e elevado apreço.

Avelino Gambim
AVELINO GAMBIM
Chefe do SCDP/SR/DPF/AM

Il.mo Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
MD. Diretor da DCDP
Brasília - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

017/74

* O CASTELO DE MULUMI *

* JURANDYR PEREIRA *

05 JUNHO

79

05 JUNHO

74

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

[Handwritten signature]

LIVRE *[Handwritten signature]*

* O CASTELO DE MULUNI *

* JURANDYR PEREIRA *

G R U - 9 TEATRAL LTDA.

- SP -

EDVALDO GAMA DA SILVA

31 MAIO

74

L I V R E . CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCOP.

05

JUNHO

74

WILSON DE OLIVEIRA GARCIA

NW

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas no Amazonas.

MJ - D.P.E. - SR/AM - S.C.D.P.	
PROTECCO N°	100/77
DATA	26/08/77 HOR. 16,50
Premitido p.	Il. ro. 17

MÁRIO LÚCIO FREIRE FERREIRA, brasileiro, Carteira de Identidade nº 504.504, expedida pela SSP-Go., CPF nº 101066001/25, residente na Rua 15 nº 462-A, Conjunto Castelo Branco, em Manaus, requer a V. Sa. determinar sejam encaminhadas à Divisão de Censura de Diversões Públicas as três vias anexas da peça teatral "O CASTELO DE MOLUMI, da autoria de Jurandir Pereira para exame censório e liberação.

A referida peça deverá ser apresentada pelo grupo de teatro amador "Teatro de Emergência para Crianças, com estréia" prevista para 02 de Outubro de 1.977, nesta cidade.

Nestes Termos
Pede Deferimento.

Manaus, 25 de Agosto de 1.977.

Mário Lúcio Freire Ferreira
MÁRIO LÚCIO FREIRE FERREIRA
P/ Teatro de Emergência para Crianças.

TEATRO

TÍTULO O Castelo Mulummi

1) S.C.T.C.

Arquivo

Clas. Anterior

livre

Praça

Manaus - AM

Obs.:

DF.

01 / 09 / 77 /Faliva N. Gomes

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de

/ / a / /

DF.

/ /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em

de

de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores~~ do livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Cens, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 05 de set. de 1977

Maria Antea P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação:

livre

Brasília-DF,

05 / 09 / 1977

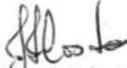
•CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

PARECER Nº 3742 177TÍTULO: " O CASTELO DE MULUMI "CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

AUTOR: JURANDYR PEREIRA

Procedendo ao confronto dos textos da peça teatral em epígrafe, constatamos a semelhança de forma e conteúdo, podendo ser liberada sem restrição etária, como foi determinado anteriormente.

Brasília, 02 de setembro de 1977.


JUSSARA FRANÇA COSTA

1335/77-SCTC/SC/DCDP

05/09

7

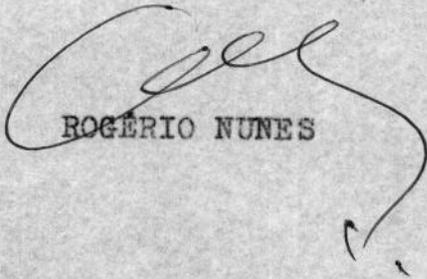
Superintendente Regional do DPF em Amazonas

"O CASTELO DE MULUMI"

Jurandir Pereira

Superintendente:

MANAUS-AM


ROGÉRIO NUNES

O CASTELO DE MULUMI

JURANDYR PEREIRA

017/77

O CASTELO DE MULUMI

JURANDYR PEREIRA

L. F. V. R. GONDICIONADA AO EXAME DO NÍVEL GERAL, ESTE

QUESTICIONÁRIO DESENVOLVIDO POR ESTE INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGEM

05 JUNHO 79

05 SETEMBRO 77

LIVRE

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

02

075

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas SR/DR

Departamento de Polícia Federal

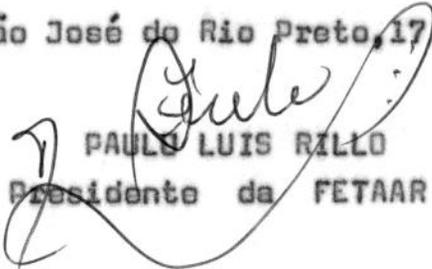
SÃO PAULO

Paulo Luis Rillo, residente em São José do Rio Preto à Rua Floriano Peixoto nº 471, Presidente da Federação de Teatro Amador da Alta Araraquarense, vem requerer a Vv.Sa. que se digne mandar expedir o certificado liberatório de censura para o texto "O CASTELO DE MOLUMI", de autoria de Jurandyr Pereira.

O espetáculo é de responsabilidade do Grupo Teatral Apresenta, nosso filiado, e será apresentado a partir do dia 15 de abril de 1977, no Teatro Municipal de São José do Rio Preto.

Juntamos ao presente requerimento as três cópias do texto e a autorização da SBAT. Certo da sua atenção renovo os votos de estima e apreço, ao tempo em que solicito deferimento.

São José do Rio Preto, 17 de março de 1977


PAULO LUIS RILLO
Presidente da FETAAR



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: O CASTELO DE MOLUMÍ

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

*De acordo c/ o Parecer
de Jurandir
Pereira*

Por determinação de V.Sa. procedi a verificação do Ensaio Geral da peça "O Castelo de Mulumí" de Jurandir Pereira, em São José do Rio Preto, no dia 21 de Abril.

Trata-se de um espetáculo infantil em que o Rei após reinar mil anos, espera a chegada do novo rei, inicialmente opõem-se à idéia, prevenindo-se para evitar a chegada, mas ao final aceita-o e recebe o novo rei, que é um de seus súditos.

O espetáculo é educativo, e com linguagem bastante coerente ao público que se destina.

O guarda-roupa é sóbrio e adequado ao espetáculo.

Opino pela sua liberação como LIVRE para todas as idades.

São Paulo, 29 de abril de 1.977

Luiz Carlos Horta Fernandes
Luiz Carlos Horta Fernandes
Técnico de Censura



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O CASTELO DE MOLUMI" - Jurandir Pereira

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

De acordo. E. J. J. J.

Ch. SED/AN/SP

A peça O Castelo de Molumi, de autoria de Jurandir Pereira, já possui certificado sob o nº 017/75, válido até 04 de fevereiro de 1980.

Trata-se de uma peça infantil em dois atos, girando em torno de um castelo. Toda peça se desenvolve tendo como tema central o problema de sucessão do rei, que após mil anos de reinado, - deverá passar seu reinado para outro em cumprimento a uma profecia inscrita na torre do castelo.

Após muitas peripécias para impedir a vinda do novo rei, o próprio menino, súdito do rei, é escolhido.

Procedemos ao confronto da peça acima mencionada, constatando que os textos são idênticos, por isso sugerimos sua liberação com a classificação de livre, sem qualquer restrição, de acordo com o certificado já liberado.

São Paulo, 12 de abril de 1977.

M. G. B. de Souza
Maria Glória Brasil de Souza



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O CASTELO DE MOLUMI"-Jurandir ^Fereira

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

De acordo. E. J. J. J.
CH/ SED/ J. J. J.

Peça infantil em dois atos, liberado em 04.02.1975, tendo recebido o certificado nº. 017/75 com classificação livre.

A estória gira no Castelo de Mulumi, no dia em que o rei comemora 1.000 anos de reinado e / aguarda a chegada do novo rei, como estava determinado na torre do castelo.

Procedido o confronto, verifiquei a identidade do presente texto com o já liberado. Sou/ assim, de parecer que o mesmo poderá ser liberado / sem cortes, com a mesma classificação etária.

São Paulo, 11 de abril de 1977.

Idalina Yabu

IDALINA YABU

TC

TEATRO

TÍTULO O CASTELO DE MUKUMI

1) ~~SCTC~~ ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.: _____

DF. 201 09 1 771

Guarantã
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores~~ de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 23 de set. de 1977

M. Gama
Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília -DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: livre

certif. 26 set 77
Brasília-DF, _____

Carvalho
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

1462/77-SC

DF, 21/09/77

em São Paulo

7067/77-SCDP/SR/SP

"O CASTELO DE MULUMI" de Jurandir Pereira.

A handwritten signature in dark ink, consisting of a large, stylized initial 'J' followed by a series of loops and a long horizontal stroke extending to the right.

IMLUME DE MULUMI

JURANDYR PEREIRA

017/77

GENRO MARIAL PEREIRA - 22

O CASTELO DE MULUMI

PAULO MELLO FILHO

77

22

22

JURANDYR PEREIRA

J. V. R. CONDIGNADA AO

CONDIÇÃO DE

CONDIÇÃO DE

CONDIÇÃO DE

LIVRE

Handwritten signatures and dates: JUNHO 05, SETEMBRO 26

79

77

22

22

ROGERIO NUNES

O CASTELO DE MULUMI

JURANDYR PEREIRA

GRUPO TEATRAL APRESENTA - SP

PAULO LUIS RILLO

23

SETEMBRO

77

L I V R E. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE

CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDA-
MENTE CARIMBADO PELA DCDP.

26

SETEMBRO

77

OFB

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

SRI/FICHELLO

RICHARDO
S.A. DCDP



MJ - DPF - SRA/BSB

13 OUT 14 55 = 030899



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº 7.114/77-SCDP/SR/SP

Em, 12 de outubro de 1977.

*Arguindo
Vai e
12/10/77*

Senhor Diretor

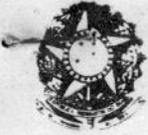
Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., os relatórios de textos e ensaios gerais das peças teatrais "AVENTURAS DE UM DIABO MALANDRO" original de Maria Helena Kuhner; "VAMOS COLORIR O MUNDO" original de Jurandyr Pereira; "EU SOU A VIDA, EU NÃO SOU A MORTE" original de José Joaquim de Campos Leão Corpo Santo; "NO MUNDO EN CANTADO DA MÚSICA" original de Landa Hooke; "AS MOÇAS" original de ISABEL CÂMARA; "LUA DE NEON" original de Nelson Agostinho; "O CASTELO DE MULUMI" original de Jurandyr Pereira; "AH! SE EU ME APANHASSE EM MINAS" original de Cecilia Meirelles; "PAGINE MIDIPA" original de Jair Antonio Alves; "ARTIGO 59" original de Carlos A. A. de Campos; "O CASAMENTO DA NATALINA" ou "O MILAGRE DE SANTO ANTONIO" original de Anton Tchecov e "FANTOCHES E FANTOLIXOS" original de Ana Maria de Abreu Amaral.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S., a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

Jose V. Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: " O CASTELO DE MULUMI "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: " L I V R E "

*M. acórdão Paulo
de
CA SEDALSA*

Trata-se de um texto adrede preparado para o público infanto-juvenil, por conseguinte, dentro de um padrão bem alegre e descontraído.

Dentre as várias mensagens, destaca-se a de que o homem deve sempre praticar as virtudes da perseverança e da paciência, como base para encarar os obstáculos da vida.

Tendo em vista sua temática, e principalmente pelo teor da obra, propomos a liberação / sem restrições etárias.: Livre.

São Paulo, em 19 de outubro de 1976.

Elie
Elie José de Sousa



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p. 187

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: O CASTELO DE MULUMI

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

*De acordo
com o parecer
de 17/08/76*

Peça teatral infantil, em 2 atos, da autoria de Jurandyr Pereira.

Conta a história de um Reizinho que vive num Castelo com os outros personagens, o arrumador do Castelo, Piretsim, e a aluna do Reizinho, a Assombração; o reinado de mil anos está prestes a terminar, pois existe uma profecia que à meia-noite surgirá um novo Rei; aparece, também, o Mestre Coruja tido como o suposto rei, mas que se torna o relógio real; o Reizinho a princípio reluta em entregar o reinado, mas, finalmente, conforma-se em ser súdito do novo Rei que é justamente o Piretsim.

Tratando-se, pois, de texto adequado para crianças, sugiro a sua liberação, com a classificação / LIVRE.

São Paulo, 17 de agosto de 1976.

Maria Estrella Dalva B. de Cavaco

Maria Estrella Dalva B. de Cavaco

mat. 23.593



Dalva

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O Castelo de Mulumi" (teatro)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: livre

*De acordo
com
CDP/SCDP/SP*

Senhor Chefe do SCDP/SR/SP

Opino pela liberação do texto da peça "O Castelo de Mulumi", de Jurandyr Pereira, pois, não contraria as normas censórias.

Tema: O cumprimento do dever, a educação, a compreensão dos governantes para com os governados, as virtudes da perseverança e paciência, etc.

A peça, apropriada às crianças, por certo transmitirá a elas excelentes mensagens.

São Paulo, 18 de agosto de 1976

[Assinatura]
L. Campos Maia
- Tec. de Cens. - (Cart. 307)

*De acordo com o Parecer
Em 20/08/76
Imv. Mendes
em SCDP/SR/SP.*

Castelo de Melumi

Juandyr Pereira

SRA/FICHA DO

DPF - SRA
Fl. nº /
Rub. /

FICHA DO
S. A. DCDP



MJ - DPF - SRA/BSB

19 ABR 09 17 2 011259

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DPF/SP RECEBIDO POR: *[assinatura]*
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO 4064/79
DO SCDP/SR/SP
ENDEREÇO
AO DCDP/BRASÍLIA

Em 18/abril/1.979

ASSUNTO - Encaminhamento textos e relatórios de peças teatrais

*A peça de Teatro
Em 27-79
[assinatura]*

Senhor Diretor

De acordo com o que determina a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto, relatórios de leitura e de ensaio geral das peças: "A MISSÃO DOS SEIS MENINOS", "O CASTELO DE MULUMU", "A MÁGICA DE UM SORRISO", de Jurandyr Pereira; "O DRAGÃO", de Jesgenij Schwartz; "AS AVES-TRUZES", de Micheline Bourday; "A VERDADEIRA ESTÓRIA DE PINOCHIO", de Kleber Affonso; "SONHO DE VALSA", de Roberto A. Carvalhaes; "SUPER-ETECETERA CONTRA A SEITA DO DRAGÃO VERMELHO", de Josep M. Benet e P.J. Puertolas; "O ROUBO DA MALA", de Ronaldo Ciambromi e "SOB O SIGNO DA DISCOTECA", de Plinio Marcos.

Na oportunidade, renovamos a V.S. protestos / de estima e consideração.

[assinatura]
DRAUZIO SEIMAMM D. COELHO
Chefe do SCDP/SR/SP

Ao
Ilmo.Sr.
Dr. JOSÉ VIEIRA MADEIRA
DD.Diretor da DCDP
BRASÍLIA/DF

DPF

DPF

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais 02912

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
 Filial da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
 Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
 Rio de Janeiro — Brasil.

São Paulo . 20Z de Fevereiro

de 19 79

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro
 São Paulo

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
 para fins de CENSURA, três cópias da peça

"O CASTELO DE MULUMI"

Original de JURANDYR PEREIRA

Tradução de

Próxima apresentação de CIA "SIA SANTA"

Teatro DO SESC

Cidade CAMPINAS

Estado S PAULO

A estréia está prevista para 1ª QUINZENA DE MARÇO DE 1979

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº /

TÍTULO : "O CASTELO DE MULUMI" Jurandyr Pereira.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA : LIVRE

PARECER CENSÓRIO DE ENSAIO GERAL - GRUPO PROFISSIONAL - INTERIOR

Peça movimentada, repleta de brincadeiras, ao gênero das crianças de 2 a 5 anos que mais se prendem aos aspectos dinâmicos da ação e aos efeitos visuais múltiplos.

A estória gira em torno de um reizinho que após ter cumprido mil anos de reinado deverá ser substituído, segundo antiga tradição.

O evento de sua saída está próximo e o reizinho rememora a sua vida, ressentindo-se por não ter praticado nenhuma bravura, nenhum ato heróico em todo o tempo, tendo apenas dois súditos: Piretsim e Assombração.

Ao vencer o seu prazo, percebe que o substituto ao reinado será seu súdito Piretsim e assim sendo, acaba por conformar-se pois apesar de dorminhoco, Piretsim é um bom caráter.

Cenário composto de painéis coloridos e acessórios diversos, figurino variado e divertido (barbas que se arrastam ao chão, sapatos imensos, etc.).

Proponho a liberação do espetáculo com LIVRE classificação etárea, sem restrições.

São Paulo, 28/março/1979

Célia G. Carneiro Durand
CELIA GOMES CARNEIRO DURAND
Técnica de Censura
Matr. 2.41.7.018



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº /

TÍTULO : " O CASTELO DE MULUMI "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA : LIVRE

Autor: Jurandyr Pereira.

Texto infantil com 4 personagens, cuja ação passa-se num velho castelo.

Piretsim, principal figura da história é o arrumador do Castelo, e a Assombração é aluna do Reizinho.

Existe uma velha profecia, quando o reinado completasse mil anos, à meia-noite surgiria um novo Rei; pouco antes desse horario chega o Mestre Coruja, todos desconfiam que ele seja o futuro rei, equivocam-se e ele fica sendo o relógio real.

Piretsim é o novo Rei, e Reizinho fica muito contente por ser substituído por um menino tão bom, apesar de dorminhoco.

Mensagem positiva de perseverança e de paciência.

Opino pela liberação como Livre.

São Paulo 12/3/1979

Beatriz Anna Maria Winter

Téc. de Censura 300

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº /

TÍTULO : " O CASTELO MULUMI "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA : LIVRE

Procedemos à leitura do texto teatral: "O castelo de Mulumi", original de Jurandyr Pereira, que já possui certificado sob o nº 017/75.

Trata-se de uma peça infantil em dois atos, girando em torno de um reizinho que ao completar mil anos, será substituído, cumprindo assim uma antiga profecia. Lamenta que / em mil anos de reinado nada tenha acontecido, digo, feito de importante. Nunca foi herói. Nunca praticou um ato de bravura. Rei de apenas dois súditos: Piretsim e Assombração, a princípio reluta em entregar o reinado, mas finalmente conforma-se em aceitar o novo rei que é justamente Piretsim.

Realizado o confronto, constatamos semelhanças entre os textos, pelo que opinamos por sua liberação com classificação etária Livre, conforme certificado liberatório, expedido pela DCDP.

São Paulo, 13 de março de 1979.

M. G. Brasil de Souza

Marla Glória Brasil de Souza
Técnica de Censura
Matr. 2.41 6.948

Seuzeiro Geral
Dominiano Bevilacqua

TÍTULO O Castelo de Melumí

Jucenadya Pereira

1) ARQUIVO

4) SERVIÇO DE CENSURA

Clas. Anterior livre

Praça São Paulo - SP.

Obs.: _____

DF. 07 / 05 / 79 /

Fátima N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

À consideração do Senhor Diretor da DCDP,
tendo em vista tratar-se de PEÇA para
o qual os censores propõem a classificação
etária de LIVRE.
Brasília-DF, 09 de maio de 1979

2) PROGRAMACÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

Em 09 de maio de 1.979
Senar

3) CHEFE DA S.C.T.C.

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: improvisado para a classificação LIVRE, com corte de _____ no ensaio geral.

Obs.: _____
Brasília-DF, 08 de maio de 1979
Belli Indente Cavallotti

Brasília-DF de _____ de 1.97

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 9 / 5 / 1979

JOSE VIEIRA MADEIRA
MAT. 2.085.256

BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p. 196

" O CASTELO DE MULUMI "

JURANDYR PEREIRA

017/79

" O CASTELO DE MULUMI "

JURANDYR PEREIRA

O PRESENTE CERTIFICADO SOBRENTE TEM A VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU

09 MAIO 84

09 MAIO 79

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

LIVRE

" O CASTELO DE MULUMI "

JURANDYR PEREIRA

SR/ SP

08 MAIO

79

LIVRE- CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.



09

MAIO

79

ELIEL JOSÉ DE SOUSA (Subst.)

Elia

LIVRE

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

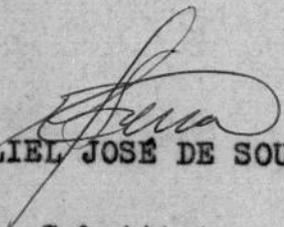
Of. nº 310/79-SCTC/SC/DCDP

09 de maio de 1979.

SP

4064/79-SCDP-SR/SP.

"O CASTELO DE MULUMI", de Ju-
randyr Pereira e "O DRAGÃO", de Jewgenij Schwarz.


ELIEL JOSÉ DE SOUSA

Substituto



MJ - DPF - SRA/BSB

21 DEZ 10 06 035358

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR:

d

OFICIO 5149/79-SCDP/SR/PR

EM, 019 de dezembro de 1979.

DO Chefe do SCDP/SR/PR

FICHADO
S. A. DCDP

ENDEREÇO SR/DPF/PR

AO Ilm^o. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.

ASSUNTO Encaminhamento (faz)

*De ordem,
ao Aguiar,
M a providencia
E 26.12.79
Arésio
Arésio Teixeira Delgado
Matr. 2.405.306*

Senhor Diretor,

Para as finalidades constantes da letra "d" do item I da Portaria 17/78-DCDP/DPF, estamos encaminhando o script, o Parecer de texto nº 316/79-SCDP/SR/PR e o Parecer de ensaio geral nº 364/79-SCDP/SR/PR, referentes à peça teatral intitulada "O CASTELO DE MULUMI", de autoria de JURANDYR PEREIRA, liberada por este / SCDP com a classificação LIVRE, para o grupo Momento - Espetáculos Teatrais e Shows Ltda, a requerimento de Oraci Gemba.

Ao ensejo, renovamos a Vossa Senhoria os / protestos de consideração e apreço.

Regina Russ
TC - Regina Abil Russ.

Subst. Event. do Chefe do SCDP/SR/PR.

SF

Do TC Lilian Filus
Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/PR
Assunto: Parecer nº 364/79 (encaminha)

Curitiba, 19 de dezembro de 1979

Ensaio geral de peça teatral

TITULO- "O Castelo de Mulumi"
AUTOR- Jurandyr Pereira
PRODUÇÃO-Momento - Espetáculos Teatrais e Shows Ltda
DIREÇÃO- Oraci Gamba
PARECER- pela liberação, com a classificação LIVRE

Comparecemos ontem, às 16,00 horas, ao mini-auditório do Teatro Guaira, a fim de assistirmos ao ensaio geral da peça teatral acima citada.

A história se desenrola num castelo bastante antigo, onde o rei demonstra, aos seus dois únicos súditos, a Assombração e o menino Piretsim, sua preocupação pela chegada do novo rei prevista numa profecia. Contudo, esta preocupação desaparece quando descobre que Piretsim é o seu sucessor.

Da encenação concluímos:

- 1- foram acrescentados ao texto alguns chavões com o objetivo de tornar a história mais acessível;
- 2- foi bastante explorado o aspecto cômico da peça;
- 3- apesar dos súditos "aprontarem" algumas brincadeiras para o velho rei, este é apresentado como uma pessoa de bom senso, preocupado com a educação e a sorte dos seus súditos, pois durante mil anos ensina a Assombração e retorna ao poder quando esta, recentemente coroada, numa brincadeira, obriga-o, arbitrariamente, a alimentar-se de carvão, frisando que e la não servia para ocupar-lhe o lugar;
- 4- Piretsim apesar de ser apresentado como um hippie, é cumpridor de seus deveres e, quando coroado, nomeia o velho rei seu conselheiro;
- 5- a peça louva a paciência e a perseverança como qualidades importantes no alcance de objetivos e deixa entrever o lado negativo da aprendizagem baseada na "decoreba". Nada apresenta

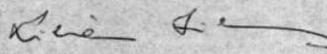
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

de prejudicial a menores de idade, motivo pelo qual ratificamos sua liberação com a classificação LIVRE estabelecida quando da análise do texto.

Cumpre-nos ainda comunicar:

- a peça será apresentada em vários estabelecimentos de ensino;
- durante o ensaio geral não foram apresentados os efeitos sonoros de suspense que constarão das apresentações públicas;
- o cenário inexistia;
- o guarda-roupa nos foi apresentado através de desenho no quadro-negro e explicações, sendo que nenhum dos modelos será transparente.

É o nosso parecer.


TC Lilian Filus.

XXXXX PARECER Nº 316/79-SCDP

26 de outubro de 1979

S T.C. Leonardo J. Albano, Jaime L. Hartmann e Regina Maria Abil Russ

Chefe do SCDP

Exame de texto teatral (encaminham)

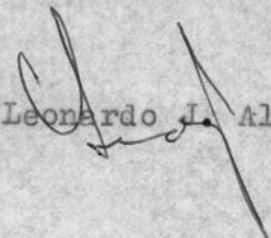
CLASSIFICAÇÃO: LIVRETítulo: "O CASTELO DE MULUMI"Autor: Jurandyr PereiraRequerente: Grupo MOMENTO/Ctba.

"O Rei de Mulumi, que reina há mil anos e tem apenas dois (2) súditos, está prestes a perder o trono para um novo rei, conforme pressagia uma antiga inscrição na torre no castelo. Ele, homem bom e justo, apesar de, inicialmente temer ser destronado, termina por coroar o menino PIRETSIM, camareiro real, como o novo rei, comprometendo-se este a ser um governante humanitário e digno".

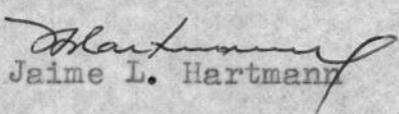
A história é infantil, entremeada de situações cômicas ao gosto das crianças. Também, dá lições de generosidade e reconhecimento humanos, estes configurados na atitude do rei em ceder o trono a um simples empregado. Dá lição de perseverança, quando a personagem Assombração mostra estar aprendendo a ler a cartilha há muitos anos, sem esmorecer.

Por tudo isso, a peça torna-se aconselhável a todas as idades, o que nos leva a opinar pela sua liberação sem restrições de nenhuma espécie.

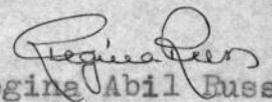
É nosso Parecer.



Leonardo J. Albano



Jaime L. Hartmann



Regina Abil Russ

017/80

"O CASTELO DE MULUMI"

JURANDYR PEREIRA

02 JANEIRO

85

02 JANEIRO

80

LIVRE

Jose V. Madeira
JOSÉ VIEIRA MADEIRA

O CASTELO DE MULUMI

JURANDYR PEREIRA

GRUPO MOMENTO - ESPETÁCULOS TEATRAIS e SHOWS LTDA

ORACI GEMBA - CURITIBA (PR)

27 DEZEMBRO 79

LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

ORIGINAL 80

ORIGINAL 80

02

JANEIRO

80

ANEXO 1 ANEXO 2

ELIEL ROSI DE SOUSA

LIVRE

TEATRO

TÍTULO O Castelo de Melun

Jurandyr Pereira

1) ARQUIVO

4) SERVIÇO DE CENSURA

Clas. Anterior livre

Praça Ceritil - PR

Obs.: _____

DF. 27 / 12 / 79 / _____

Calina n. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: livre para menores de 18 anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio.

Obs.: consta Ensaio Geral

Brasília-DF, 27 de dezembro de 1979

Hellé Prudente Carvalho
Matr. 2 415 791

Brasília -DF de _____ de 1.97

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 03 / 01 / 19 80

Moacir
Matr. 2 417 014

Of. nº 04/80-DCDP

02 de janeiro de 1980

PR

4064-5110/79-SCDP/SR/PR

- 1 - "O CASTELO DE IULUMI", de Jurandyr Pereira.
- 2 - "DOROTÉIA", de Nelson Rodrigues.
- 3 - "MACACA ESQUECIDA", de Caco Barcelos.

Na oportunidade, reitero a V.Sa. pro
testos de estima e consideração.

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do SC/DCDP



MJ-DPF-SRA/BSB

15 SET 11 17 028441



*Se indeluz
ao arquivo
S. P. DCDP*

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SRA/FICHA

OF.

Nº 7.067/77-SCDP/SR/SP

Em, 13 de setembro de 1977.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto, relatórios de texto e relatório de ensaio geral das peças teatrais "MIRANDOLINA" original de Carlos Goldoni; "O CASTELO DE MULUMI" original de Jurandyr Pereira; "PIPOCA E PAÇOCA" original de Eucharis Mourão Moraes; "O JOGO" original de Ronald Radde; "LETY-GIA, CORAÇÃO DE MANTEIGA" original de Claudia de Castro; "OS CEGOS" original de Michel de Guelderoga; "A LENDA DO VALE DA LUA" original de João das Neves; "TORRE DE PAPEL" original de Jurandyr Pereira; "MEUS AMIGOS COLORIDOS" original de Carlos Nabarrete e Francisco Eduardo; "CADÊ O CEU" original de Ronaldo Ciambro ni; "O ÍDOLO" original de Núcleo Arte Viva e "A FORÇA" original de Gonçalo Barbi e Hugo Damata.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S., a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

Jose Vieira Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

Of: 070/79 = SR/AM-
L, 04-12-79

RELATÓRIO DE EXAME DE ENSAIO GERAL

Título: "O CASTELO DE MOLUMI"

Grupo: Grupo de Teatro Infantil Tororó no Tororó

Censores: Ivaneide e Graciete

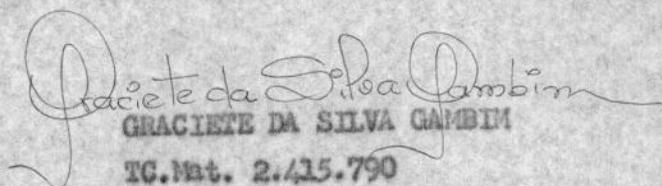
Classificação: LIVRE

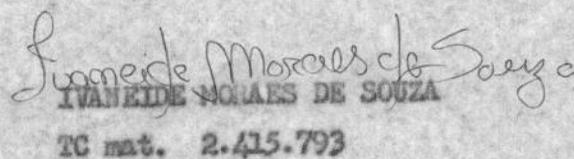
Às dez horas do dia dezanove de novembro de 1979, no galpão do Centro de Recreação Infante-Juvenil -CRIJ, procedemos ao exame de ensaio geral da peça teatral "O CASTELO DE MOLUMI", de autoria de JURANDIR PEREIRA, encenada pelo Grupo de Teatro Infantil TORORÉI NO TORORÓ.

Referida peça já havia sido encenada em 1977.

O texto foi seguido na íntegra pelos atores em cena e os recursos técnicos utilizados corresponderam às situações e ao meio ambiente sugerido no texto, podendo o mesmo ser liberado sem impropriedade.

Manaus, 19 de novembro de 1979


GRACIETE DA SILVA GAMBIM
TC.Nat. 2.415.790


IVANEIDE MORAES DE SOUZA
TC mat. 2.415.793

4562



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF NO AMAZONAS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO DE EXAME DE ENSAIO GERAL

Título: O FIM DE UM ABANDONADO

Autor: Pedro Paulo Xavier da Silva Camargo Filho
Fonnã

Classificação : LIVRE

Procedemos ao exame de ensaio geral da peça teatral O FIM DE UM CONDENADO, de autoria de Pedro Paulo Xavier da Silva Camargo Filho Fonnã, encenada pelo grupo amador EVOLUÇÃO, às dez e trinta horas de 28 de novembro de 1979, no Teatro Amazonas.

O texto recebeu a marcação inicial com a audição de duas músicas de Francisco Buarque de Hollanda (músicas das paradas de sucessos).

A interpretação das personagens "Narrador", "Dor", "Medo", "Alegria", "Tristeza", "Amor", "Razão" e "Morte" não causou impacto, pela própria fraqueza dos intérpretes. Já a marcação na interpretação do "Jovem" impressionou a assistência fortemente, a cada passagem dos, assim chamados no texto, "sentimentos".

Entretanto, o texto foi seguido na íntegra. Embora possa causar impacto à criança que o assista, o espetáculo aborda um problema social e de cunho realístico, visando à educação, e não é propenso a causar traumas no público infantil. Não há implicações de caráter moral ou de bons costumes.

A peça é desenvolvida em palco de arena.

À vista do exposto, liberamos o espetáculo com a classificação LIVRE, conforme estabelece o certificado de censura nº 9701/79.

Manaus, 29 de novembro de 1.979.

Graciete da Silva Gambim
Profª GRACIETE DA SILVA GAMBIM
TC matr. Nº 2.415.470

Avelino Gambim
Bel. AVELINO GAMBIM
TC Matr. Nº 2.324.369



M. J. -- DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Superintendência Regional do Amazonas

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**RELATÓRIO DE EXAME DE ENSAIO GERAL****Título da Peça: A MENINA DAS ESTRELAS****Grupo: EMERGÊNCIA****Censores: GAMBIM E GRACIETE****Classificação: LIVRE**

Aos nove dias do mês de novembro de 1979, no Teatro Amazonas, procedemos ao exame de ensaio geral da peça teatral "A MENINA DAS ESTRELAS", de autoria de Juranfyr Pereira, encenada pelo anador "GRUPO DE TEATRO EMERGÊNCIA".

O texto foi seguido na íntegra, com exceção da introdução da expressão "porra", pelo ator que faz a personagem do "espantalho", o qual, após o ensaio, disse não lembrar-se de havê-la proferido. Advertido, comprometeu-se a estar a tente para não repetir a palavra.

O Cenário, música, iluminação e figurino não apresentam nada que os possa contraindicar a público infantil.

Trata-se de peça infantil, sem qualquer conotação de qualquer ordem. Após a advertência supra consignada, o espetáculo foi liberado, sem impropriedade.

Mauaus, 12 de novembro de 1.979.

Graciete da Silva Gambim
 GRACIETE DA SILVA GAMBIM
 Técnica de Censura
 Matr. 2.415.790

Arnelino Gambim
 ARNELINO GAMBIM
 TC. Matr. 2.324.369



BR 0192 002786

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº 9167 /85- SCDP/SR/SP

Em 21 de março de 1985

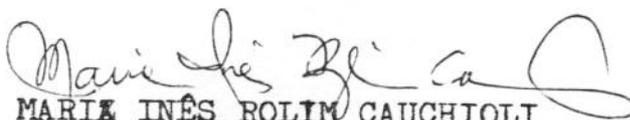
Senhor Diretor

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is):

1. O MAQUINISTA INGLÊS - Martins Penna
2. A TIGRESA (E OUTRAS ESTÓRIAS) - Dario Fó
3. PEDRO MALAZARTES - M^ã Helena Kuhner
4. PICARDIAS DO PICADEIRO - Vicentini Gomes
5. BRIGA DE FOICE-12 ROUNDS CONTRA O DESTINO - Carles Mathus
6. O DIA EM QUE ALFREDO VEROU A MÃO - João Bithencourt
7. SHOW... PADAS DE MULHERES - Francisco Ferreira
8. CAMA, CAMELO E CONFUSÃO - Paulo Figueiredo
9. O GORDO E O MAGRO - Ronaldo Ciambri
10. ALADIM E O GÊNIO DA LÂMPADA - Antonio Carles da Costa
11. BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES - Telassim Rodrigues
12. A VIUVA ALEGRE - Franz Lehar

continua ...

Na oportunidade, renovamos a V.S., pro -
testos de estima e consideração.


MARIA INÊS ROLIM CAUCHIOLI
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. CORIOLANO L C FAGUNDES
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

TITULO
" O CASTELO DE MULHERES "



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº9167 /85- SCDP/SR/SP

Em 21 de março de 19 85

continuação -

Senhor Diretor

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is):

13. O CASTELO DE MULUMI - Jurandyr Pereira
14. DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS - Jorge Amado
15. O SEGREDO DAS SETE CHAVES - Marcos Antonio Rocha Apolinário Santana.

Na oportunidade, renovamos a V.S., pro -
testos de estima e consideração.

Assinatura manuscrita em tinta preta, com uma caligrafia cursiva e elegante, identificando a signatária como Maria Inês Rolim Cauchioli.

MARIA INÊS ROLIM CAUCHIOLI

CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. CORIOLANO L C FAGUNDES
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

ILMO SENHOR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL EM SÃO PAULO

Prot. 24700

26/03/84

José Ayrton Salvagnini, RG 3868266, nacionalidade brasileira, residente à R. Alves Guimarães 286, Cerqueira Cesar, São Paulo, representando o Estudio Paulista Produções Artísticas Ltda, com sede à R. Alves Guimarães 286, pretendendo encenar a peça teatral infantil "O CASTELO DE MULUMI" de Jurandyr Pereira, cujo texto se encontra anexo a este em três vias, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa se digne mandar proceder à leitura e exame censório do Ensaio Geral, em data e hora a serem designadas por essa Chefia.

Para tanto presta as seguintes informações:

NOME DA PEÇA: " O CASTELO DE MULUMI"

AUTOR: JURANDYR PEREIRA

PRODUTOR: JOSÉ AYRTON SALVAGNINI

GRUPO PROFISSIONAL: ESTUDIO PAULISTA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA

LOCAL: R. ALVES GUIMARÃES 286

TELEFONE PARA CONTATO: 2807719.

Termos em que

P. Deferimento.

São Paulo, 7x de Novembro de 1984.



JOSÉ AYRTON SALVAGNINI RG 3868266



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filial da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

SÃO PAULO 07 de NOVEMBRO

de 19 84.

Ilmo. Sr.
Diretór do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasília DF

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, três cópias da peça

"O CASTELO DE MULUMI"

Original de JURANDYR PEREIRA

Tradução de _____

Próxima apresentação de Estúdio Pta. PROD.Art. LTDA.

Teatro DIVERSOS

Cidade SÃO PAULO/DIVERSOS

Estado DIVERSOS

A estréia está prevista para 1º quinzena de março de 1985.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.



M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 3401/85

TÍTULO: " O CASTELO DE MULUMI "

LIVRE

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: _____

EXPECIASE CERTIFICADO DE
 ACORDO COM PARECER DOB. GENSE

Em 14 03 85

Stella Maria

DPF - SA - SP

Chefe do S.C.E.P.

1- IDENTIFICAÇÃO

Título: "O Castelo de Mulumi"

Autor: Jurandyr Pereira

Grupo Profissional: "Estúdio Paulista /
 Prod. Artísticas Ltda.

2- CONTEÚDO

Trata-se de um texto infantil, em dois atos. A ação se passa no Castelo de Mulumi por ocasião do milésimo aniversário do rei, quando este deveria ser substituído. O rei, a princípio infeliz, fica contente ao descobrir que seu sucessor seria o menino Fire Tsim (um de seus súditos). Consciente de haver cumprido eficazmente sua missão, o rei entrega o poder ao seu sucessor, acreditando que o mesmo tinha condições de fazer um ótimo reinado.

3- PÚBLICO ALVO

Para público mirim.

4- LINGUAGEM

Coloquial.

5- GRAU DE PERSUASÃO

Relativamente convincente.

PARECER

Pelo exposto, por ser um texto com mensagem positiva, valorizando a solidariedade, a amizade e o não abuso do poder, opino por sua liberação, sem restrições etárias.

São Paulo, 26/11/84

Stella Maria

T.C. 2.417.106

Sheila
20/11/84

"O CASTELO DE MULUMI"

2 Atos de : JURANDYR PEREIRA

(Prêmio no "Concurso Narizinho" da Comissão
Estadual de Teatro de São Paulo - SP)

Personagens

PIRETSIM
ASSOMBRAÇÃO
REISINHO
BOBO DO REI

Cenário

SALÃO DO TRONO DE UM VELHISSIMO CASTELO.
ESCADARIA PARA O FUNDO QUE VIRA Á DIREITA
E Á ESQUERDA. PORTA GRANDE, ESTILIZADA, Á
DIREITA. SAÍDA TAMBÉM Á ESQUERDA. UM ALTO
E VELHO TRONO Á ESQUERDA. PRÓXIMO AO TRO-
NO, UM ANTIGO RELÓGIO, MARCANDO UMA HORA.
NELE, HÁ UMA PORTA E EM SEU INTERIOR CABE
UMA PESSOA ESCONDIDA. UMA ARCA VELHA PRÓ-
XIMA Á ESCADA, ONDE CAIBA ALGUÉM ESCONDI-
DO DENTRO. Á DIREITA, AO FUNDO, UMA CAMI-
NHA TIPO BERÇO. MAIORES DETALHES Á GOSTO.

de JURANDYR PEREIRA

1º A T O

- CENA: Piretsim DORME TRANQUILAMENTE EM SUA CAMINHA. ENTRA ASSOMBRAÇÃO, MUITO ESTABANADA, COM SUA CARTILHA NAS MAOS.
- ASSOMBRAÇÃO - (LENDO A CARTILHA) A babá bebeu no bico do bule. Ba-bá-ba; bebeu - beu; bico - co; bule - le; (FECHA A CARTILHA E EXPERIMENTA FALAR DE COR) A bebeu bicou a bilo do bebe...Ah, eu não consigo decorar isto.(SÓ LENDO) A babá bebeu no bico do bule. Babá - bá...
- REISINHO - (ENTRA COM UMA CAÇAROLA E BATE NELA COM UMA CONCHA, VÁRIAS VEZES) Seis horas ! (VÊ QUE PIRETSIM NÃO SE MOVE) Piretsim Seis horas ! (RECITA)
- "A noite agora mesmo sumiu,
O dia já amanheceu
O sol agora mesmo surgiu
E a caçarola seis horas bateu".
- (VÊ QUE PIRETSIM CONTINUA IMÓVEL, E IRRITA-SE)Piretsim !
- PIRETSIM - (MAL ACORDADO) Já sei, Magestade! A noite agora mesmo sumiu, e o dia já amanheceu... (DORME DE NOVO)
- REISINHO - E o que mais ? (GRITA) Piretsim !
- PIRETSIM - (ERGUE A CABEÇA) O que foi ? A noite agora mesmo amanheceu e o dia já sumiu... (DORME)
- REISINHO - Piretsim !
- PIRETSIM - Eu já falei, Majestade !
- REISINHO - Falou tudo errado. ! Isso quer dizer que você ainda não acordou direito. Acorde logo e trate de fazer o serviço que precisa.
- PIRETSIM - (SONADO) Sim. (DORME)
- REISINHO - (TIRANDO-LHE O COBERTOR) Piretsim !
- PIRETSIM - (ENCOLHENDO-SE E PROCURANDO A COBERTA, DE OLHOS FECHADOS) Ai que frio, Majestade !
- REISINHO :- Sente-se e diga os versos.
- ASSOMBRAÇÃO - (ENTRANDO) Quer que eu diga, Majestade ?
- REISINHO - Não se meta ! Decore as lições.
- ASSOMBRAÇÃO - Deixe-me dizer, Matajesde, só para ver se eu decorei!Posso?
- REISINHO - Matajesde não, eu já disse! É Majestade!
- ASSOMBRAÇÃO - Eu sei, eu sei! É que eu me enganei agora. Escute os versos: " O sol já bateu seis horas, a caçarola já amanheceu e o dia sumiu agora mesmo e... ninguém achou.

- REISINHO - Cale a boca, Assombração !
- PIRETSIM - Sim.
- REISINHO - Não é com você! Você faça o favor de falar os versos direitinho e levantar-se, preguiçoso! (GRITANDO) Piretsim !
- PIRETSIM - (SENTA-SE NA CAMA E DIZ BEM RÁPIDO)
 "A noite agora mesmo sumiu
 O dia já amanheceu
 O sol agora esmo surgiu
 E a caçarola seis horas bateu"
 (APANHA O COBERTOR, COBRE-SE E DEITA-SE, DORMINDO EM SEGUIDA)
- ASSOMBRAÇÃO - "O sol já bateu seis horas, a caçarola já sumiu..."
- REISINHO - Cale-se !
- ASSOMBRAÇÃO - Matajesde !
- REISINHO - Matajesde não, Assombração burra! Majestade! Majestade!
- ASSOMBRAÇÃO - Olhe, matajesde: ontem eu cacei um vaga-lume mas ele amanheceu morto!
- REISINHO - Pois agora coma-o. Piretsim !
- ASSOMBRAÇÃO - A caçarola... (REI VIRA-SE PARA ELA COM EXPRESSÃO MUITO IRRITADA E ENCARA-A. ELA, SEM JEITO, COMO O VAGA-LUME)
- REISINHO - Piretsim! (PIRETSIM REPENTINAMENTE LEVANTA-SE COM A COBERTA NAS COSTAS E CAMINHA PELO SALÃO, SENDO SEGUIDO PELO REISINHO QUE VAI FALANDO) Por que você me dá tanto trabalho, Piretsim? Eu grito, eu chamo, eu quase morro de tanto falar e você... dormindo! (PIRETSIM TERMINANDO A SUA VOLTA PELO PALCO, DEITA-SE E, COBRINDO-SE, DORME DE NOVO) Piretsim !
- PIRETSIM - (SENTA-SE NA BEIRADA DA CAMA) Bom dia, Majestada !
- ASSOMBRAÇÃO - Bom dia, matajesde !
- REISINHO - Ai, não! Eu fico maluco neste castelo! Ainda nem que hoje será o fim (SAI DE CENA)
- ASSOMBRAÇÃO - (SAI DE CENA LENDO O LIVRO) A babá bebeu no bico do bule...
- PIRETSIM - (CONCLUI UM LONGO BOCEJO) Ai! Todos os dias a mesma coisa! É tão gostoso dormir de manhã! Esse rei me amola! Qualquer hora eu vou embora daqui! Eu não tenho direito de fazer nada que quero. Todos os dias bem cedo vem com a danada dessa caçarola fazer: bem, bem, bem, bem, bem, bem... acordar a gente e eu sou obrigado a pegar a vassoura e... (TOCA ALEGRE MELODIA E PIRETSIM, TRABALHANDO, VAI CANTANDO)
 "É varrer tudo bem varridinho
 Para tudo ficar bem limpinho
 O Reisinho está zangado
 Eu me levantei atrasado"

Varre tudo com capricho
Joga fóra este lixo
A vassoura vem guardar
Sempre no mesmo lugar.

O fogão eu tenho que acender
Água prá aquecer
Cozinha para nós
Que aqui moramos sós
Assombração, Piretsim
E um rei que bate em mim

Dei-xe trabalhar
Se o Rei chegar
Pega o chicote
E me bate no cangote.

(PEGANDO O ESPANADOR)

Com isto vou espanando aqui
Com isto vou espenando alí
Quanto pó está saindo
Eu já estou quase tossindo

É um serviço tão grosseiro
Este de ser faxineiro
Uma hora eu largo tudo
Pego as coisas e me mudo

Aguantar eu já não posso mais
Trabalho demais
Levanto bem cedo
Já vem o Rei azedo
Dizer: "não quero assim
Venha cá Piretsim

Pegue isto aqui
E ponha ali
E aquilo lá
Traga tudo para cá

Se eu fosse rei de Mulumi
Pintava tudo isto aqui
Trocava o trono que é feinho
Por outro mais bonitinho

Mas se a gente é ninguém
Se contenta com o que tem
Eu já estou enjoado
De viver tão desprezado"

(SUSPIRA E DIZ)

- Ai, seu pudesse ser rei ! (SENTA-SE NO TRONO)

REISINHO - (ENTRANDO) Piretsim ! Tudo pronto ?

PIRETSIM - Sim, Majestade.

REISINHO - Então vamos á aula para a Assombração, que depois eu e você vamos á lição de esgrima.

PIRETSIM - Ah, Majestade! Não podemos deixar a aula da Assombração para depois ?

REISINHO - Não, não, não. Aggra mesmo.

ASSOMBRAÇÃO - (ATRAVESSA O PALCO LENDO) A babé bebeu no bico do bule. Babá -bá, bebeu-beu, bico-co, bule-le... (SAI)

PIRETSIM - (QUE OBSERVAVA) Essa assombração é tão burra, Majestade! Não aprende nada !

- REISINHO - Pelo menos aprendeu a ler. Já é alguma coisa.
- PIRETSIM - Mas levou quase mil anos !
- REISINHO - Pois então ! O mais difícil eu já fiz! Agora que já sabe ler, o resto vai mais depressa. Precisa ser paciente, Piretsim! Veja quanta paciência eu tive, ensinando-a durante mil anos ! (ENTRISTECE) Mil anos! Hoje eu comple Mil Anos !
- PIRETSIM - Parabens, Majestade !
- REISINHO - Obrigado, menino.
- PIRETSIM - V.Majestade é exatamente novecentos e noventa anos mais ~~xxx~~ velho do que eu.
- REISINHO - É verdade! Você é mais novo do que eu! Bem mais novo!
- PIRETSIM - V.Majestade deve estar feliz por ~~h~~aver durado tanto!
- REISINHO - Feliz até hoje.
- PIRETSIM - Por que até hoje, Majestade ?
- REISINHO - Por nada. Não lhe interessa. Vamos ás lições. Você e Assombração são os únicos súditos que eu tenho e quero-os bem treinados.
- PIRETSIM - Mas por que deve aprender esgrima, Majestade ?
- REISINHO - Para ajudar-me a defender o Castelo contra o inimigo.
- PIRETSIM - Que inimigo ?
- REISINHO - O inimigo, ora essa ! O inimigo !
- PIRETSIM - Durante mil anos nunca ~~h~~apareceu inimigo algum! Por que ~~a~~pareceria ~~aggra~~ ?
- REISINHO - Hoje vai aparecer o inimigo que eu espero há mil anos !
- PIRETSIM - E que é ele ?
- REISINHO - Não sei quem será. A inscrição da torre do Castelo...
- PIRETSIM - (INTERESSADO) Inscrição na torre do Castelo ?
- REISINHO - Você se interessa pelo que não deve, Piretsim. Esqueça isso e vamos á aula com a Assombração. Chame-a (SAI)
- PIRETSIM - (REFLETINDO) Inscrição na torre ! Por isso que ele nunca me deixa entrar na torre ! Fechou a porta com um enorme cadeado e escondeu a chave!
- ASSOMBRAÇÃO - (ENTRA, EXPERIMENTANDO FALAR DE CÓR) O bule bebeu na bico da babá.(EXULTANTE) Matajesde! Matajesde! Decorei!Decorei!
- PIRETSIM - Decorou nada ! Está errado !

- ASSOMBRAÇÃO - Decorei sim. Veja: o bico bebeu no bule da babá.
- PIRETSIM - Está tudo invertido !
- ASSOMBRAÇÃO - Está ? Mas... eu tinha falado de corzinho agora mesmo !
Espere: o bico bebeu no bebê do bule...
- PIRETSIM - Não ! Está errado! É assim: O bule beliscou o bumbum do bebê.
- ASSOMBRAÇÃO - (REPETE, PENSANDO ESTAR CERTO) ... bumbum do bebê.
- PIRETSIM - Não, não, não... Não é assim! Você até me atrapalha, Assombramento! É... é... A babá bebeu no bico do bule.
- ASSOMBRAÇÃO - Mas como isso é difícil! Preciso mesmo decorar?
- PIRETSIM - Claro! Para ver se você fica um pouco mais inteligente! Você precisa aprender a decorar as coisas que ouve ou que lê.
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, mas para que é que serve? Eu acho que estou tão bem assim.
- PIRETSIM - Eu até que concordo, mas o Rei quer! (LEMBRANDO) Assombramento: eu preciso que você me ajude.
- ASSOMBRAÇÃO - (COM MÁ VONTADE) Ah!!
- PIRETSIM - Não seja preguiçosa! Ouça: se você fizerem que eu quero, eu lhe darei um pacote deste tamanho de carvões fresquinhos...
- ASSOMBRAÇÃO - Dá mesmo ?
- PIRETSIM - Prometo que sim. Mas você terá que ajudar primeiro.
- ASSOMBRAÇÃO - Ajudo (PEGA A VASSOURA E COMEÇA A VARRER)
- PIRETSIM - (TIRANDO-LHE A VASSOURA E GUARDANDO) Não é pra varrer !
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, sei! (PEGA O ESPANADOR E COMEÇA A ESPANAR)
- PIRETSIM - (TIRANDO O ESPANADOR) Não se trata de limpeza, Assombramento! Ouça o que eu quero. Sente-se aí. (ELA SENTA-SE NO TRONO) Eu quero que você vá até a torre do castelo e leia a inscrição que está gravada na parede e depois venha me contar o que leu. Para você é fácil, porque você atravessa porta sem precisar abrir, não é ?
- ASSOMBRAÇÃO - Inscrição?! Ah,, aquele negócio que está escrito na Torre ?
- PIRETSIM - Isso mesmo ! Você já viu ?
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, eu vejo todos os dias; Lá é a minha sala de estudos!
- PIRETSIM - E você se lembra do que leu lá ?
- ASSOMBRAÇÃO - Se eu me lembro ? Deixe ver... Hum! Não me lembro mais !
- PIRETSIM - Você é uma coisa horrorosa, Assombramento! Lê todos os dias e não se lembra mais de nada !
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, me lembrei ! É assim: "Quando...

- PIRETSIM - Só isso ?
- ASSOMBRAÇÃO - Não. Tem mais! (REFLETE TENTANDO RECORDAR)
- PIRETSIM - (TENTANDO AJUDÁ-LA) Quando ... quando ...
- ASSOMBRAÇÃO - Quando... Quando... Não consigo mesmo.
- PIRETSIM - Você é mesmo burra ! (VOLTA COM MAIS CALMA) Ouça: vá até lá, leia a palavra seguinte e volte para me dizer. Assim será mais fácil. Vá!
- ASSOMBRAÇÃO - (INDO, VOLTA) Ah, mas quando eu chegar aqui já me esqueci...
- PIRETSIM - Pixoteza !
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, me lembrei de mais duas palavras !
- PIRETSIM - (EUFÓRICO) Bôa, Assombração! Você é ótima! Diga lá !
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, Piretsim! Você falou aí e eu me esqueci de novo !
- PIRETSIM - Oh, não !
- ASSOMBRAÇÃO - Não fale ! Não fale! Estou lembrando de novo! É assim: "...o rei". É isso. "...o rei".
- PIRETSIM - ... o rei! "Quando o rei..."
- ASSOMBRAÇÃO - É isso. "Quando o rei..." O que quer dizer isso ?
- PIRETSIM - (IRRITADO) Isso ? Isso quer dizer: "Quando o rei..."
- ASSOMBRAÇÃO - É ? !
- PIRETSIM - Mas você é mesmo pouco inteligente, Assombração! Nunca vi igual! Ouça aqui: precisamos descobrir como é esse negócio direitinho. Eu e você devemos unir para descobrir o segredo
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, me lembrei de outro pedaço !
- PIRETSIM - (BAIXO, PARA NÃO ATRAPALHA-LA) Qual é ?
- ASSOMBRAÇÃO - Pssiu ! Não fale comigo agora. Espere. É... "... mil...anos..."
- PIRETSIM - Mil anos ! (RECONSTITUI) Quando o Rei... Mil anos... Quando o Rei... (DESCOBRINDO)... completar! É isso! "Quando o Rei completar mil anos..."
- ASSOMBRAÇÃO - Isso mesmo! "Quando o Rei completar mil anos".
- PIRETSIM - Mas ainda falta a parte mais importante, Assombração! Se esforce, por favor! (LEMBRANDO) Espere! O Rei disse que chegará o inimigo !
- ASSOMBRAÇÃO - Chegará! É isso !
- PIRETSIM - Chegará ? (FORMA) "Quando o Rei completar mil anos chegará..." Chegará o inimigo ?
- ASSOMBRAÇÃO - Inimigo? Não. Não é inimigo. Chegará...Chegará..."o novo..." Espere! Quase saiu."Chegará... o novo". É isso: "chegará o novo"

- PIRETSIM - "Quando o Rei completar mil anos, chegará o novo..."Ai,ai-ai!
Falta um pedacinho! O novo... Novo rei, não deve ser.
- ASSOMBRAÇÃO - É isso ! Chegará o novo rei".
- PIRETSIM - (REPETE ATENTO E ASSUSTADO)Quando o Rei completar mil anos...
chegará o novo rei ? Puxa !
- ASSOMBRAÇÃO - O que quer dizer isso ?
- PIRETSIM - Raciocine, Assombração! Preste atenção: "Quando o Rei completar
mil anos, chegará o novo rei". Um novo rei!
- ASSOMBRAÇÃO - Um novo rei ? Que rei novo ?
- PIRETSIM - Isso é que não sabemos! (ENTRA O REI) Só precisamos saber quem
será o novo rei do Castelo de Mulumi,
- REISINHO - (REPREENSIVO) Piretsim !
- PIRETSIM - (ASSUSTANDO-SE) Pronto, Majestade !
- REISINHO - O que é que você estava falando aí ?
- PIRETSIM - Eu...É..Sinto muito, Majestade, mas eu descobri qual é a ins-
crição da torre do castelo.
- REISINHO - E como foi que conseguiu ?
- PIRETSIM - Usando minha inteligência.
- ASSOMBRAÇÃO - A dele e a minha.
- REISINHO - (IRRITADO, À ASSOMBRAÇÃO) Você é burra! (ENTRISTECE)
- PIRETSIM - Sinto muito, Majestade.
- REISINHO - (SENTANDO NO TRONO) Que horas são ?
- ASSOMBRAÇÃO : Uma hora.
- REISINHO - Ah, esse relógio! Há dois anos que é sempre uma hora. Eu sou
um rei muito pobre e infeliz. Mil anos de reinado, sem nunca
ter feito nada de importante. Nunca fui herpi! Nunca pratiquei
um ato de bravura.Nunca matei nada.
- ASSOMBRAÇÃO - Matou sim, Matajesde. Matou um rato!
- REISINHO - Cale a boca! Matar rato qualquer um mata.Rei mata dragão com a
espada !
- ASSOMBRAÇÃO - Puxa! Se aqui tivesse um dragão, não Matajeste ? Matava ele !
- REISINHO - E mesmo que tivesse.Eu não teria mais tempo de matá-lo. Hoje,
até a meia-noite, deverá chegar o novo rei e eu serei súdito
de um rei ninguém,Eu não posso permitir isso! Não posso! Pi-
retsim! Feche todas as portas e janelas do castelo. Não per-
mitiremos que o novo rei entre!Se eu consegui evitar que ele
chegue até a meia-noite, estarei salvo.Reinarei por mais mil
anos. Feche tudo, Piretsim.

- PIRETSIM - Sim, Majestade. (SAI)
- ASSOMBRAÇÃO - (ABRE A CARTILHA E LÊ) Para pegar pombos precisa por pão. Para-
ara, pegar-ar...
- REISINHO - Não, não! Já estou enjoado de ouvir você ler essas coisas,
- ASSOMBRAÇÃO - Esta aqui é bonitinho: O rato toeu a rica roupa do rei de Roma.
- REISINHO - (IRRITADO) Não me interessa o Rei de Roma. O rato fez muito bem
em roer a rica roupa dele. Leia outra coisa.
- ASSOMBRAÇÃO - (LENDO) A cadela comeu a comida do coiote. Cadela-ela, comeu-eu
comida-ida, coiote-ote.
- REISINHO - Não gosto. Já ouvi esta também. Conte-me uma história alegre.
- ASSOMBRAÇÃO - Lendo ?
- REISINHO - Não. Largue o livre e conte-me uma qualquer.
- ASSOMBRAÇÃO - (FECHANDO O LIVRO) A babá beliscou o bumbum do bule...
- REISINHO - Não.
- ASSOMBRAÇÃO - A pomba pegou o pão...
- REISINHO - Não.
- ASSOMBRAÇÃO - O rico ratou o ramo da rou...
- REISINHO - Não.
- ASSOMBRAÇÃO - A comida comeu a cadela do coiote...
- REISINHO - (EM PE, IRRITADÍSSIMO) Silêncio !
- ASSOMBRAÇÃO - (APÓS ALGUMA PAUSA) Eu lembrei uma bonita.
- REISINHO - Qual ?
- ASSOMBRAÇÃO - A do boné do bôbo.
- REISINHO - (SENTANDO-SE) Não quero. Não gosto do título. Não deve ser de
aventura. Gosto de história de aventura. Histórias de reis va-
lentes, reis guerreiros que comandam soldados nas grandes ba-
talhas e que lutam destemidos contra o inimigo... De reis que
desembainham suas espadas, enfrentam os ataques de frente e
derrubam dez, vinte, trinta, mil, milhões e ainda saem vivos
para o clamor do povo que os carregam triunfantes pelas ruas
gritando: viva o rei! Viva o Rei ! Viva o Rei !
- ASSOMBRAÇÃO - Viva ! (O REI SENTE COMO SE FOSSA PARA ELE) Viva! Viva! Mas
isso é só estória, não é Matajeste. Isso não existe, não é ?
- REISINHO - (TRISTE) Existe. Existe sim. Só que nunca acontece comigo. Eu
sou um rei diferente de todos os reis! Tenho somente dois sú-
ditos, mil anos de idade e nenhuma aventura heroica. E hoje,
serei substituído pelo novo rei.

- ASSOMBRAÇÃO - Ora, talvez ele seja um bom rei, Matajeste!
- REISINHO - (IRRITADO) Mas eu não quero ser súdito de outro rei, seja lá quem for. Um rei tem que morrer sendo rei.
- ASSOMBRAÇÃO - Puxa! Mas é tão bom, Matajesde !
- REISINHO - Bom? Você quer dizer que ser um simple súdito é melhor que rei?
- ASSOMBRAÇÃO - Certamente que sim. (SENTA-SE DESTRAIDA, NO TRONO)
- REISINHO - Você não gostaria de ser rei ?
- ASSOMBRAÇÃO - E não gostaria não.
- REISINHO - E por que não ?
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, porque é ruim ser rei. Eu acho uma delícia ter um rei que cuida de mim, que vive para me atender e zelar para que esta humilde assombração seja feliz! (BEJA AS MÃOS DO REI) Muito obrigado, Matajesde.
- REISINHO - (PERPLEXO) Não é possível! Eu nunca pude imaginar uma coisa dessa. Eu sempre achei que ser rei era ser superior e, e no entanto, eu não passo de um simple pajem de vocês dois ?
- ASSOMBRAÇÃO - É sim.
- REISINHO - Precisei completar mil anos para compreender isso! Como são as coisas! Vou deixar de ser rei.
- PIRETSIM - (ENTRANDO) Pronto, Majestade. Todas as portas e janelas estão fechadas.
- REISINHO - Pois abra-as todas novamente.
- PIRETSIM - Abrir ?!
- REISINHO - Sim. Abra todas do jeito que estava. Resolvi aceitar o novo rei. Quero ser feliz.
- PIRETSIM - Sério, Majestade ?
- REISINHO - Claro que é sério. Abra todas, já-já.
- PIRETSIM - Está bem, Majestade (SAI)
- REISINHO - (ABRA BEM A PORTA DO CASTELO. QUE ENTRE O NOVO REI.
- ASSOMBRAÇÃO - Mas...será que V.Matajesde se acostumará em não ser rei ?
- REISINHO - Claro que sim. Quer ver ? (POE A CORÓIA NA CABELA DA ASSOMBRAÇÃO) Seja rei.
- ASSOMBRAÇÃO - (RENDO, SEM PODER CONTER O RIDÍCULO) Hi,hi,hi,,, Matajesde ! Que brincadeira é essa ? Hi, hi, hi....
- REISINHO - Tomo o cetro também. (ELE PEGA QUASE AUTOMATICAMENTE) Agora o meu manto de arminho. (VESTE-LHE RÁPIDO O SEU MANTO REAL).
- ASSOMBRAÇÃO - Ai, puxa vida! V.Matajesde está trocando de mim! Hi,hi,hi...

- REISINHO - Fique quieta! (ELA FICA CALADA, MAS, DE REPENTE, COMEÇA A RIR)
Fique quieta! Portese como um Rei! Respeite a corôa, o ce -
tro e o manto reais! (ELA CALA-SE) Agora, seja Rei.
- ASSOMBRAÇÃO - Mas... eu não sei ser rei. Como é que se faz ?
- REISINHO - Como você quizer. Seja um rei como você acha que deve ser.
Não precisa me imitar.
- ASSOMBRAÇÃO - Mas eu não queria ser rei, Matajesde !
- REISINHO - Seja sim. E eu serei o seu súdito.
- ASSOMBRAÇÃO - V. Matajesde meu súdito ?! Oh, não, Matajesde! Onde já se viu
uma coisa dessas? Um rei ser súdito de uma simples assombração!
- REISINHO - Eu quero. Seja rei!
- ASSOMBRAÇÃO - Está bem. Se V. Matajesde ordena, eu serei.
- REISINHO - Dê as ordens.
- ASSOMBRAÇÃO - Ai... Dar ordens... Hi, Hi, Hi...
- REISINHO - Mande-me fazer alguma coisa.
- ASSOMBRAÇÃO - Mandar...? Pois bem... Matajesde...
- REISINHO - Não me chame de Matajesde. Agora o rei é você.
- ASSOMBRAÇÃO - Pois não. É... Sabe... Eu nem sei como o senhor se chama!
- REISINHO - Não precisa. Os reis não sabem os nomes de seus súditos. Cha
ma-se súdito, pronto.
- ASSOMBRAÇÃO - Pois não. O... "seu" súdito...
- REISINHO - "Seu" súdito, não. Súdito, simplesmente.
- ASSOMBRAÇÃO - Pois não. Súdito: se não for incômodo, o senhor poderia fa
zer o grande favor de...
- REISINHO - Não peça por favor e nem por nada. Mande! Ordene!
- ASSOMBRAÇÃO - Súdito: Leia a cartilha para mim.
- REISINHO - A cartilha ? Justo isso ?!
- ASSOMBRAÇÃO - Desculpe. Então eu peço... eu mando outra coisa.
- REISINHO - Não peça desculpas. Mandou, está mandado. Eu leio a cartilha.
(ABRE A CARTILHA E LÊ) O cavalo cavou a cova na curva do cor
vo. Cavalo- alo, cavou-ou, cova-ova, curva-urva, Pedra per
guntou pela pena preta porque precisava pincelar pamonha pe
la palha. (ASPIRA CANSADO)
- ASSOMBRAÇÃO - Chega. Agora... traga-me um carvãozinho bem gostoso.
- REISINHO - (ODIANDO A IDÉIA) Pois não, Majestada. (SAI)

- ASSOMBRAÇÃO - (GOSANDO O MOMENTO) Hi, Hi, Hi... Quem diria! Eu sou rei! Piretsim precisava me ver. Eu sou rei! Hi, Hi, Hi... (AO SOM DE BONITA MELODIA ELA CANTA EM PASSES EXEMPLIFICATIVOS)
- | | |
|-------------------|-------------------------------------|
| "Eu sou rei | Eu me sinto inteligente |
| Nunca pensei | Eu me sinto até valente |
| Qualquer pessoa | Se uma espada eu tivesse |
| Com corôa | O inimigo que viesse |
| E um cetro | Lutaria com milhões |
| De quase um metro | Mataria dez dragões |
| Um casaquinho | Eu seria invencível |
| De arminho | Eu seria tão terrível |
| Pode ser rei | Que o povo orgulhoso |
| Nunca pensei | Me faria poderoso |
| | E todos me saudariam |
| | A uma voz e gritariam |
| | Viva o Rei! Viva o Rei! Viva o Rei! |
- REISINHO - (ENTRANDO) Aqui está o carvão, Majestade.
- ASSOMBRAÇÃO - (TOMADA PELO ENTUSIASMO DE SER REI) Coma-o.
- REISINHO - Não tenho fome, Majestade.
- ASSOMBRAÇÃO - Coma assim mesmo.
- REISINHO - Mas quem come carvão é somente assombração, Majestade.
- ASSOMBRAÇÃO - Pois de agora em diante, seja assombração. Eu sou assombração e por isso meus súditos devem ser assombrações também. E de agora em diante você vai ensinar esgrima a Piretsim. Vai levantar-se às 6 horas. Eu o acordarei com apenla. Vai varrer todo o castelo, preparar as refeições, arrumar a cosinha... (VE QUE ELE AINDA NÃO COMEU) Coma, já mandei!
- REISINHO - (REVOLTANDO-SE, ATIRA O CARVÃO NO CHÃO) Você não serve para rei. Ninguém serve para rei. Só eu serei o rei. Ninguém mais! Feche essa porta. (ASSOMBRAÇÃO VAI CORRENDO E FECHA A PORTA)
- PIRETSIM - (ENTRANDO CANSADO) Pronto Majestade. Todas as portas e janelas do castelo, estão abertas, novamente.
- REISINHO - Pois feche-as novamente.
- PIRETSIM - Fechar, Majestade ?
- REISINHO - Fechar sim. Fecho todas. Não deixe nada aberto.
- PIRETSIM - Mas, Majestade... Agora mesmo eu...
- REISINHO - Pois feche-as novamente. (SENTA-SE NO TRONO) Resolvi não ceder o meu trono a ninguém. Está escrito que virá outro rei, mas eu não permitirei que se cumpra a profecia da inscrição da Torre do Castelo de Mulumi. Não permitirei. (CORRE E PASSA A TRANCA NA PORTA. AO VOLTAR, VÊ PIRETSIM SENTADO NO TRONO REFESTELADAMENTE) Piretsim! Vá fechar as portas e janelas.
- PIRETSIM - Sinto muito, Majestade, mas eu estou cansado. Quero descansar.

- REISINHO - Descansar ? Então você pensa que teremos tempo de descansar? Como descansar se ainda teremos a nossa aula de esgrima, que talvez demore o dia inteiro até que você fique bom espadachim até a meia-noite ?
- PIRETSIM - Sinto muito. (~~SEM~~ CRUZA OS BRAÇOS E ENCOSTA-SE).
- REISINHO - Não seja teimoso, Piretsim. Você... você... (CONCORDANDO) Está bem. Vamos a esgrima primeiro. Pegue a espada.
- PIRETSIM - Já disse que estou cansado, Majestade. Bastante cansado.
- REISINHO - Amanhã você descansa. Amanhã deixarei você dormir até mais tarde. Agora precisamos trabalhar. Preciso que você fique tão bom quanto eu, para hoje a noite.
- PIRETSIM - V. Majestade pretende lutar com o novo rei ?
- REISINHO - Farei tudo que for preciso para evitar que ele me tire o poder. Pegue a sua espada. (DÁ A PIRETSIM A SUA ESPADA) Vamos lá. Faça de contas que eu sou seu inimigo e vou atacar você. Você então se defende. Vamos lá. Fique distraído como se eu fosse atacar de surpresa. (OBSERVANDO QUE ELA JÁ ESTÁ DISTRAÍDO) Fique sentado aí. Eu entro de lá e ataco você. Vamos ver. (SAI E PIRETSIM CONTINUA SENTADO SEM ENTUSIASMO ALGUM. O REI ENTRA NUM SALTO) Uáááá !
- ASSOMBRAÇÃO - (CÁI SENTADA) Ui! Que susto!
- REISINHO - É agora que eu vou me apoderar deste Castelo!
- ASSOMBRAÇÃO - Oh, não !
- REISINHO - (AMEAÇA PIRETSIM COM SUA ESPADA, MAS ELE NÃO REAJE) Piretsim! Você tem que reagir. Assim o inimigo mata você. Vou entrar de novo. Desta vez reaja, ouviu ? (SAI. PIRETSIM CONTINUA DO MESMO JEITO. ASSOMBRAÇÃO SE LEVANTA. ENTRA O REI NOVAMENTE NUM SALTO) Uáááá !
- ASSOMBRAÇÃO - (CAI SENTADA DE NOVO) Ai, que susto!
- REISINHO - É agora que eu vou me apoderar deste Castelo!
- ASSOMBRAÇÃO - Oh, não !
- REISINHO - (REPETE O ATAQUE, SEM REAÇÃO DE PIRETSIM) Piretsim! Assim não pode! Por favor, reaja. Vou precisar de você, hoje, memino. (PIRETSIM BOCEJA. ASSOMBRAÇÃO LEVANTA-SE) Vou sair novamente. Prepare-se que eu vou atacar mesmo. Se defenda. (SAI. ASSOMBRAÇÃO SENTA-SE DEPRESSA ONDE TEM CAÍDO, PARA NÃO CAIR NOVAMENTE. PIRETSIM DORME. ENTRA O REI NUM SALTO) Uááááá !
- ASSOMBRAÇÃO - (CAI DE COSTAS) Ai, que susto !

- REISINHO - É agora que eu vou me apoderar des--- Dormiu! (SACODE-O) Piretsim, acorde.(Á ASSOMBRAÇÃO) Vá buscar a caçarola.(ELA VAI DEPRESSA) Piretsim! Acorde, por favor.O bandido vai chegar! O novo rei está chegando, Piretsim.
- ASSOMBRAÇÃO - (CHEGA VATENDO A CONÇA NA CAÇAROLA)Seis horas.Seis horas. O sol já sumiu...
- REISINHO - "A noite agora mesmo sumiu. O dia já amanheceu. O sol agora mesmo surgiu. E a caçarola..."
- PIRETSIM - (OUVE O BARULHO. DE OLHOS ABERTOS VAI-SE IRRITANDO E ACABA ATACANDO O REI COM SUA ESPADA) Chega ! (O REI DEFENDE-SE COMO PODE DA FÚRIA DE PIRETSIM) V. Majestade é horrorosa com êsses versos horrorosos, com essa mania horrorosa de acordar todos os dias de madrugada com essa panela horrorosa, fazendo: bem, bem,bem,bem,bem.(CADA "BEM" É UMA ESPADADA NA ESPADA DO REI E, NO ULTIMO, DESARMA O MONARCA QUE CAI CAIDO DE COSTAS NO CHÃO)
- REISINHO - Piretsim! Que é que você fez ?
- PIRETSIM - Sinto muito, Majestade, mas eu o venci.
- REISINHO - Incrível! Como conseguiu isso ?(LEVANTA-SE)
- PIRETSIM - (LARGANDO A ESPADA) Eu sempre fui capaz de vencê-lo, Majestade.Não venci antes para não desagradá-lo, mas agora eu me irritei.Fui obrigado a vencê-lo.
- REISINHO - Que ninguém saiba disso, Piretsim.Que ninguém saiba.
- ASSOMBRAÇÃO - Eu sei, eu sei, eu sei. Hi, Hi, Hi...
- REISINHO - Cale essa boca, Assombração de uma figa! E quanto a você, Piretsim, não estou de acôrdo com o que fez. Fui desrespeitado. Como castigo, vá fechar todas as portas e janelas agora mesmo.
- PIRETSIM - (IRRITANDO-SE) Majestade: há quase um ano que eu trabalho neste castelo, lavando as escadas, varrendo o castelo inteiro e até ~~agora~~ as nossas roupas, sem nunca V.Majestade ter-me deixado, nem ao menos, dormir até um pouco mais tarde.Pois agora resolvi não concordar mais com isso. Resolvi ir embora.
- ASSOMBRAÇÃO - Ir embora ? Para onde, Piretsim ?
- PIRETSIM - Por ai. Vou andando, andando, até encontrar outro lugar interessante para ficar.Sei que conseguirei um lugar melhor que este aqui.
- ASSOMBRAÇÃO - Ora, não vá, Piretsim.Você é meu professorzinho! Não vá !

- PIRETSIM - Eu vou sim, Assombração. Antes vou fechar as portas e janelas. Farei isso mais uma vez, mas será a última trabalho aqui (SAI)
- REISINHO - (FALANDO POUCO SINCERO) Vá! Pode ir. Conseguirei outro ajudante mais forte do que você e muito melhor. Um ajudante que não viva reclamando e que me obedece direitinho.
- ASSOMBRAÇÃO - E se vier outro rei ?
- REISINHO - (IRRITANDO-SE) Não vai ter outro rei nenhum.
- ASSOMBRAÇÃO - E se ele chegar e teimar de entrar aqui á força ? V. Matadeste lutaria contra ele sozinho ?
- REISINHO - (SACANDO A ESPADA, O QUE ASSUSTA ASSOMBRAÇÃO) E duvida ? Pois não duvide. Eu lutaria sim. Enfrentaria o inimigo sozinho. E venceria. (SENTA-SE NO TRONO) Assombração: Vá na Torre do Castelo e me traga um cofre pequeno que está lá.
- ASSOMBRAÇÃO - E onde está a chave ?
- REISINHO - Para que a chave ?
- ASSOMBRAÇÃO - Da porta da Torre!
- REISINHO - Mas você não é assombração? E assombração não vara porta mesmo sem abrir ?
- ASSOMBRAÇÃO - Mas o cofre não é assombração, Matajeste.
- REISINHO - É! Puxa! É o primeiro raciocinio correto que eu já vi você fazer. Pegue a chave nº 10 no armário 8 que está na sala 7 no fundo do corredor 6.
- ASSOMBRAÇÃO - Sei. (SAI REPETINDO) Chave 9 no corredor 7, na sala 6, no armário 10.
- REISINHO - Não! Chave 10, do armário 8 da sala 7 do corredor 6.
- ASSOMBRAÇÃO - (JÁ FORA DE CENA) Seis.
- REISINHO - (TRISTE) Hoje... é dia de meu aniversário...e...invés de receber presente de alguém, terei de enfrentar um inimigo que vai chegar e... e perderei o meu melhor amigo. (CHORA) Piretsim vai embora. Ele vai embora. Vai embora.

S

F I M D O 1º A T O

II A T O

- MESMO CENÁRIO. NINGUEM EM CENA. LOGO APARECE O REI, COM CARA DE CHORO, DES-CONSOLADO. ASSOMBRAÇÃO ENTRA PELO LADO OPOSTO.
- ASSOMBRAÇÃO - Encontrou, Matajesde ?
- REISINHO - Não.
- ASSOMBRAÇÃO - Nem eu. Acho que ele foi embora mesmo. (TRISTE) Sem se despedir! Pobre Piretsim.
- REISINHO - Eu ia lhe pedir desculpas. Ia implorar para ele ficar. (SENTA NA CAMA DELE) A caminha dele! O cobertozinho dele !
- ASSOMBRAÇÃO - (SENTA-SE TAMBEM) O travesseirinho dele! O piniquinho dele!
- REISINHO - Eu reconheço que fui muito rude para com ele, mas, sem que ele soubesse, eu gostava muito dele. Eu não tinha coragem de dizer a ele que gostava...dele. Ele foi a coisa mais importante deste castelo dos mil anos de minha existência. Sei que vai sofrer muito. Era um meino tão inteligente...Ele poderia ser um grande rei, sabe (CHORA) E hoje chegará o novo rei. Isso me deixa mais triste. (REPENTINAMENTE LEVANTA-SE E REAGE) Eu não consentirei. Todas as portas e janelas estão fechadas. Cuidarei para que o novo rei não entre. (SEGURANDO ASSOMBRAÇÃO PELOS OMBROS) E VOCE, ASSOMBRAÇÃO, terá de me ajudar, agora. Você será o porteiro da entrada principal do Castelo para não permitir que alguém entre. Fique de guarda aqui e, qualquer ruído que ouvir, me avise. Mas atenda, está ouvindo? Se alguém entrar aqui, eu a transformarei em retalhos, está me ouvindo? Em re-ta-lhos. (SAI)
- ASSOMBRAÇÃO - Em re-ta-lhos! Ai...Não permitirei que ninguém entre. (ENCOSTA-SE NA PORTA DO CASTELO, DE BRAÇOS ABERTOS, PARA EVITAR QUE ALGUÉM ABRA-A. BATEM NA PORTA. ASSOMBRAÇÃO DÁ UM SALTO E CORRE Á UM CANTO. REPETEM-SE AS BATIDAS) Não abro. (TORNAM A BATER) Não abro.
- BOBO - (DE FORA) Abra !
- ASSOMBRAÇÃO - Não abro.
- BOBO - Quem está aí ?
- ASSOMBRAÇÃO - Aqui é o retalho! Isto é, eu... Eu não posso abrir.
- BOBO - Abra, por favor. Está chovendo muito!
- ASSOMBRAÇÃO - Quem é você ?
- BOBO - Um pobre molhado!
- ASSOMBRAÇÃO - É o novo rei ?
- BOBO - Não! Eu não sou rei nenhum. Abra !
- ASSOMBRAÇÃO - É o novo rei sim. Eu sei que é. Não abro não.
- B O B O : Não sou não. Eu sou um bobo da corte.

- ASSOMBRAÇÃO - Bobo da côrte ! O que é isso ?
- BOBO - Ora essa ! Um espécie de palhaço real. Bôbo do rei. Faça graças
- ASSOMBRAÇÃO - (ESPIA POR UMA FRESTINHA QUE ABRE DA PORTA) Que sujeito esquisit
- BOBO - Posso entrar ?
- ASSOMBRAÇÃO - Bôbo pode ser rei ?
- BOBO - Mas claro que não !
- ASSOMBRAÇÃO - Então eu vou deixar você entrar, mas só até passar a chuva. Dê pois você vai embora, está bem ?
- BOBO - Está. (ENTRA. VESTE-SE TIPO POLICHINELO. Colorido, SIMPÁTICO E ALEGRE) Se o rei não quizer me contratar, então eu irei.
- ASSOMBRAÇÃO - Você sabe fazer faxina, cozinhar, lavar, passar, dar aulas, lutar com espada ?
- BOBO - Não. Só sei fazer graça. Palhaçada.
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, não serve. O rei não acha nada engraçado. Você está todo molhado!
- BOBO - Você teria um pano para me ~~XXXX~~ enxugar ?
- ASSOMBRAÇÃO - Não tenho nada, seu rei novo. Só tenho um lenço, serve? (OFERECE UM LENCINHO BEM PEQUENO)
- BOBO - (ENXUGANDO-SE) Por que me chama de rei novo ?
- ASSOMBRAÇÃO - Porque você é rei mesmo. O rei do Castelo de Mulumi disse que hoje chegará aqui o novo rei. Está escrito na torre do castelo. Eu li. "Quando o rei completar mil anos, chegará o novo rei. E hoje o rei completa mil anos.
- BOBO - Mas que estória mais complicada! Eu... Eu não quero ser rei.
- ASSOMBRAÇÃO - Assim é melhor. Você não quer ser rei e assim é mais fácil. Mas fique sabendo que você é rei.
- REISINHO - (CHAMANDO DE FÔRA) Assombração !
- ASSOMBRAÇÃO - Ih, o Rei ! Esconda-se! Esconda-se !
- BOBO - Por que ?
- ASSOMBRAÇÃO - O Rei não quer saber de nenhum estrano aqui hoje. Depressa ! Aí atrás do trono! Não, não, aí não! Aí ele acha! Esconda-se dentro do relógio. (ABRE A PORTA DO RELÓGIO E O BOBO ENTRA).
- REISINHO - (CHEGANDO) Não me ouviu chamar ?
- ASSOMBRAÇÃO - Sabe, Matajesde, que eu não ouvi nada? Chame de novo.
- REISINHO - (CHAMANDO) Assombração !
- ASSOMBRAÇÃO - Ih, parece que o Rei está me chamando! (PERGUNDA ALTO) V. Matajesde está me chamando, por acaso ?
- REISINHO - Estou ! Não seja burra! Quero saber que horas são, e depressa.

- ASSOMBRAÇÃO - Mas o relógio está estragado!
- REISINHO - Pois conserte-o depressa.
- ASSOMBRAÇÃO - Consertar ? Mas está tão desmanchado, Matajesde! Quer que eu vá procurar um relojoeiro por aí ?
- REISINHO - Não. Não quero que ninguém entre no Castelo hoje. Conserte-o você mesmo. (SAI)
- ASSOMBRAÇÃO - Ai, como é que vai ser agora ? (ABRE A PORTA DO RELÓGIO E PERGUNTA AO BOBO) Você sabe consertar relógio ?
- BOBO - Eu não!
- ASSOMBRAÇÃO - Nem eu. Mas temos que dar um jeito, porque o Rei quer. Vamos consertá-lo. Me dá o lenço. (POE-SE A LIMPAR O RELOGIO COM O LENÇO. O BOBO AJUDA)
- REISINHO - (CHAMANDO DE FÓRA) Assombração !
- ASSOMBRAÇÃO - Ia, vem ele de novo! Esconda-se! (BOBO ENTRA NO RELOGIO)
- REISINHO - (ENTRANDO) Assombração!
- ASSOMBRAÇÃO - Ih, parece que o Rei está me chamando. Me chamou, Matajesde ?
- REISINHO - (GRITANDO) Chamei !
- ASSOMBRAÇÃO - Ai, que susto, Matajesde!
- REISINHO - Já está consertado ?
- ASSOMBRAÇÃO - Estou consertando. Ainda não terminei.
- REISINHO - Descobriu ao menos qual é o defeito ?
- ASSOMBRAÇÃO - Não, mas estou procurando com muito interesse.
- REISINHO - Veja se não falta corda. Dê uma olhada geral. (SAINDO) Conserte depressa que já é tarde da noite e eu preciso saber quanto tempo falta para meia noite. (SAI)
- ASSOMBRAÇÃO - Pois não, Matajesde ! (ABRE A PORTA E PERGUNDA) Você viu se tem uma corda aí dentro ?
- BOBO - Corda ? Não vi corda nenhuma (PROCURA UMA CORDA)
- ASSOMBRAÇÃO - É. Não tem 'corda'. Por isso que não funciona. Precisamos encontrar uma. O rei disse que com corda vai. Onde encontrar uma ?
- BOBO - Eu enrosquei o pé numa corda aí fóra quando cheguei.
- ASSOMBRAÇÃO - Vá buscar depressa, então. (ABRE A PORTA E O BOBO SAI)
- REISINHO - (ENTRANDO) Assombração! (ELA CAÍ DE SUSTO E FECHA A PORTA DEPRESSA) Que faz com a porta aberta ?
- ASSOMBRAÇÃO - É que... eu ouvi um tuido lá fóra e fui ver o que era.
- REISINHO - (ASSUSTADO) Ruido! E viu o que era ?
- ASSOMBRAÇÃO - Vi, Matajesde! Chuva! Chuva que é um colosso!

- REISINHO - Feche essa porta com a tranca, depressa. (ELA PASSA A TRANCA NA PORTA) E não abra mais. Nem que haja ruídos lá fora. Se eu encontrar você abrindo essa porta novamente, eu a transformo em..
- ASSOMBRAÇÃO - Em retalhos. Re-ta-lhos.
- REIRINHO - Não. Em tiras. (SAI)
- ASSOMBRAÇÃO - Em tiras ! Ai! (PÉ-ANTE-PÉ VAI ATÉ A PORTA E ABRE-A COM CUIDADO)
- REISINHO - (GRITANDO LÁ DE DENTRO) Assombração ! (ELA FECHA DEPRESSA A PORTA E RECOLOCA A TRANCA. REI ENTRA)
- ASSOMBRAÇÃO - (DISFARÇANDO) Ih, parece que o o rei está me chamando.
- REISINHO - Que faz aí na porta ?
- ASSOMBRAÇÃO - Estou aqui para ouvir se não se aproxima alguém. (COLA O OUVIDO À PORTA)
- REISINHO - Não precisa ficar aí. Mesmo que chegue, não vamos deixar entrar. (BOBO BATE NA PORTA E ASSOMBRAÇÃO, PARA DISFARÇAR, BATE TAMBÉM)
- ASSOMBRAÇÃO - E se baterem assim ?
- REISINHO - Mesmo que batam. (BOBO BATE DE NOVO E ASSOMBRAÇÃO TAMBÉM)
- ASSOMBRAÇÃO - E se continuarem batendo ?
- REISINHO - Que continuem batendo o dia inteiro.
- BOBO : (GRITA DE FÓRA) Abra !
- ASSOMBRAÇÃO - (GRITA LOGO EM CIMA) Abra a porta! E se gritarem assim ?
- REISINHO - Não seja imbecíl. Não vai abrir. Já está pronto o relógio ?
- ASSOMBRAÇÃO - Vá lá dentro, Matajesde, que quando estiver pronto eu chamo.
- REISINHO - (SAINDO) Vou, mas estarei impaciente. Apresse-se (SAI)
- ASSOMBRAÇÃO - (ABRE A PORTA E O BOBO ENTRA. FECHA) Achou a corda ?
- BOBO - (COM A CORDA) Achei. Será que serve ?
- ASSOMBRAÇÃO - Deve servir. Vamos experimentar.
- REISINHO - (DE FORA) Assombração !
- ASSOMBRAÇÃO - Esconda-se. (ENTRA O REI E NÃO DÁ TEMPO DO BOBO ESCONDER-SE NO RELOGIO. ESCONDE-SE ATRAZ DO TRONO).
- REISINHO - Assombração !
- ASSOMBRAÇÃO - Ih, parece que o rei está me...
- REISINHO - Você está brincando comigo? Toda vez que eu entro, não vejo você consertando o relógio!
- ASSOMBRAÇÃO - Estou procurando peças (POES A PROCURAR PELO CHAO)
- REISINHO - Que peças precisa ?
- ASSOMBRAÇÃO - Um martelo
- REISINHO - Tome o cetro. Bata com ele.

- ASSOMBRAÇÃO - Obrigada. Pode ir, Matajesde. Com V. Matajesde aqui, eu não ~~xxx~~ trabalho direito. Sou capaz de martelar o dedo.
- REISINHO - Eu vou, mas contarei até vinte. Se no fim disso, o relógio não estiver consertado, você vira fiozinho de linha (SAI)
- ASSOMBRAÇÃO - Oh, ficarei toda desfiada!
- BOBO : Puxa, que rei exigente! Vamos consertar depressa. (ASSOMBRAÇÃO PROCURA ATAR A CORDA NALGUMA PARTE DENTRO DO RELOGIO. FÓRA, OU VE-SE O REI CONTINUANDO A CONTAR)
- REISINHO - ...Onze, doze, treze, quatorze, quinze...
- ASSOMBRAÇÃO - Não funciona mesmo. Entre aí depressa que o rei já vai voltar. (FECHA O BOBO DENTRO DO RELOGIO)
- REISINHO - ...Dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove e...vinte (ENTRA IR RITADO) Não consertou, não é ?
- ASSOMBRAÇÃO - Consertei sim, Matajesde.
- REISINHO - Como consertou, se ele continua marcando uma hora ?
- ASSOMBRAÇÃO - Mas este relógio é diferente, Matajesde. V. Matajesde precisa dar três batidinhas nele e perguntar : "que hora são, relógio"? que ele responde certinho.
- REISINHO - (DUVIDANDO) Espero que você não esteja brincando comigo. (DÁ 3 BATIDAS E PERGUNTA) Que hora são, relógio ?
- BOBO - (DE DENTRO) Onze hora e quarenta minutos da noite. Cuco !
- REISINHO - Que formidável! Este relógio é incrível. Onze e quarenta. Faltam 20 minutos. Se eu conseguir evitar que o novo rei chegue dentro de 20 minutos, estarei livre. Serei rei por mais mil anos. A-tenda porta, está ouvindo? Que ninguém entre. (SAI)
- ASSOMBRAÇÃO - Coitado! (BOBO SAI DO RELÓGIO) Ele pensa que o novo rei ainda não chegou. Quando ele vir você aqui, vai desmaiar.
- BOBO - (SENTANDO-SE NO TRONO COM O CETRO NA MÃO) Mas será que eu sou mesmo o novo rei que deve chegar ?
- ASSOMBRAÇÃO - Claro! Quem mais poderia ser se não chegou mais ninguém!
- REISINHO - (ENTRA E VAI DIRETO AO RELÓGIO. DÁ 3 BATIDA) Que horas são ?
- BOBO - (PERPLEXO, NÃO SE MOVE, MAS RESPONDE) Onze e Quarenta e Cinco.
- REISINHO - (CONTENTE) 11 e 45. Faltam 15 minutos apenas. (FALANDO AO BOBO) Daqui a 15 minutos eu renovarei o meu reinado. (Á ASSOMBRAÇÃO QUE TAMBÉM ESTÁ PERPLEXA) Não é maravilhoso, Assom... (LEMBRA QUE VIU O BOBO E VOLTA A OLHAR. E ELE QUE NEES INSTANTE ESTÁ ACABANDO DE SE ESCONDER DENTRO DO RELÓGIO) O que foi isso que correu aí ?
- ASSOMBRAÇÃO - (FICANDO NA FRENTE DO RELOGIO) Nada, Matajesde. É o cuco do relógio que veio aqui para conversar comigo.

- REISINHO - Cuco de cetro na mão e sentado no trono ?
- ASSOMBRAÇÃO - É um cuco muito descontraido, Matajesde.
- REISINHO - (TEMEROSO E IRRITADO) Não credito. Não era cuco cuco nenhum. Eu já estava desconfiado mesmo de você. Sabia que você estava cons_{pirando} contra mim. Sabia que você havia deixado o novo rei entrar aqui. Eu sabia. Agora...OH! OH! (DESMAIA)
- ASSOMBRAÇÃO : (TENTANDO REANIMAR O REI) Matajesde! Acorde! Acorde. Eu explico tudo! Matajestinha, acorde!
- REISINHO - (ACORDANDO) Ai! Ai! Por que você foi fazer isso comigo, Assombração...Eu sempre cuidei de você! Por que ?
- ASSOMBRAÇÃO - Mas Matajesde! Eu bem que tentei!
- REISINHO - Eu quero ver esse sujeito. Quero ver. Mande-o sai dali.
- ASSOMBRAÇÃO - (ABRINDO A PORTA DO RELÓGIO. O REI DESEMBAINHA A ESPADA) Sáia dai, Matajesde.
- BOBO - (SAINDO COM MUITAS REVERENCIAS, DANDO SALTOS ÀS VEZES, CAMBALHOTAS E GARGALHADAS) Majestade !
- REISINHO - Que bicho é esse ?
- BOBO - Minha profissão é ser bobo de rei.
- REISINHO - Bobo de rei?(GARGALHA) Ha,ha,ha,...Bobo?Ha,ha,ha... (ASSOMBRAÇÃO TAMBÉM RIA) Quem diria! Um bobo querendo ser rei. Ho,ho,ho. Que susto você me deu, Assombração. Um bobo não me oferece perigo nenhum. Os bôbosnunca podem ser reis. He,he,he...
- ASSOMBRAÇÃO - Ah!
- REISINHO - (INTERROGANDO-OS) Mas...Então o relógio não está funcionando?
- ASSOMBRAÇÃO - O relógio é ele, Matajesde. Ele conhece as horas de cór. Quando V.Matajesde quizer saber as horas, basta perguntar a ele, que ele responde certinho, minuto por minuto.
- REISINHO - É verdade, Bobo ?
- BOBO : Sim, Magestade.
- REISINHO - Então me diga: que horas são ?
- BOBO - 11 horas e 50 minutos e 10 segundos.
- REISINHO - Otimo.Você trabalhará para mim até a' meia-noite.Será o relógio real do Castelo de Mulumi.
- BOBO - Sinto-me honrado com tamanha distinção.Um humilde servo às suas ordens.(REVERÊNCIA) Quanto eu vou ganhar,Majestade ?
- REISINHO - Os relógios trabalham de graça, mas lhe dou alguns elogios. Pa bôbo, até que você é bem inteligente.É um bôbo digno de um rei. E você, Assombração, continue em seu posto.Que ninguem entre. (SAI)

- BOBO : (SENTANDO-SE NA ARCA) Eu até que estava gostando da idéia de ser rei. O Bôbo do Rei, Sua Majestade Real!
- PIRETSIM - (QUE ESTÁ DENTRO DA ARCA, BATE 3 PANCADINHAS NELA)
- BOBO - Estão batendo!
- ASSOMBRAÇÃO - Não ouvi nada.
- BÔBO - Pois eu ouvi. (CORRE À ASCULTAR A PORTA) (PIRETSIM REPETE BATIDA) Ouviu?
- ASSOMBRAÇÃO - Ouvi sim, mas... não foi na porta que bateram.
- BÔBO - Não foi na porta ?
- ASSOMBRAÇÃO - Não. Vamos ouvir outra vez. (ESPERAM EM SILÊNCIO E IMÓVEIS)
- REISINHO - (ENTRA FALANDO) Que horas são, relógio Bôbo?
- BÔBO/ASSOMB. - Psssiu !
- REISINHO - (ATENÇÃO) O que foi ?
- BÔBO/ASSOMB. - Estão batendo!
- REISINHO - (ENCOSTANDO-SE NA PORTA. Não abra! Não abra!
- ASSOMBRAÇÃO - Não foi na porta.
- REISINHO - Não foi na porta ? E onde foi ?
- BÔBO - Por ali, assim. Vamos esperar e ver se batem de novo.
- REISINHO - (APÓS AGUARDAR UM POUCO) Vocês estão ouvindo coisas. Não existe nem ratos mais neste castelo. Como poderia estar batendo aqui dentro se ninguém entrou ?
- ASSOMBRAÇÃO - Será que é assombração? Ai, tomara que seja. Tomara !
- BOBO - Fique quieta! Não fale em assombração que eu tenho medo.
- ASSOMBRAÇÃO - Medo de assombração? E como é que você não tem medo de mim?
- BÔBO - E você é assombração, por acaso ?
- ASSOMBRAÇÃO - Totalmente.
- BÔBO - É nada. Assombração não é assim!
- ASSOMBRAÇÃO - Ora essa! E que jeito é então ?
- BÔBO - Sei lá! Eu nunca vi, mas acho que é diferente.
- ASSOMBRAÇÃO - É igualzinha. Não tem diferença.
- BOBO : (AO REI) É verdade que ela é assombração ?
- REISINHO - É verdade, sim, mas não importa. Me diga as horas.
- BOBO - (APAVORADO) Ass...som...bra...ção... de ver...dade ? (DESMAIA)
- REISINHO - Desmaiou. Acorde-a, Assombração. Preciso saber as horas.
- ASSOMBRAÇÃO - (REANIMANDO-O) Acorde, Bôbo! Bobo! Bobinho! O rei quer saber as horas.
- BÔBO : (ACORDANDO) Oh, o que se passou ?

- REISINHO - Que horas são ? Que horas são ? Depressa!
- BOBO : A assombração! (DESMAIA DE NOVO)
- REISINHO - Ai, não (REANIMANDO-O) Bobinho, Relógio Real Bôbo! Acorde por favor. (EMPURRA ASSOMBRAÇÃO QUE ESTÁ BEM PROXIMA) Sáia daqui que ele tem medo. Bobo, acorde, por favor!
- BOBO : (ACORDANDO) oh, oh, bh...
- REISINHO - Está acordando! Está acordando!
- ASSOMBRAÇÃO - (APROXIMANDO-SE) Está acordando!
- REISINHO - Vá pra lá (ELA CORRE E ESPIA DE LONGE) Está melhor, Relógio Bôbo? Bôbo, está mlhor ? Então me diga qas horas !
- BÓBO - Estou sem relógio, Majestade.
- REISINHO - Como sem relógio? Você não disse que sabia as horas de cór?
- BÓBO - Ha, é verdade! Com o susto até me esqueci que sabia.
- ASSOMBRAÇÃO - Ele sabe, sim, Matajesde.
- REISINHO - Assombração burra. Vá embora daqui. Não me volte mais aqui. (AO BÓBO) Ela já foi. Me diga as horas. Depressa, Bôbo.
- BÓBO - A assombração... ela...
- REISINHO - Não tenha medo dela. É totalmente inofensiva. Não faz mal a uma pulga. E além do mais, é muito burra. Em mil anos, agora é que está aprendendo a ler. Diga as horas, diga.
- BOBO : Agora ? Agora são 11 horas 54 minutos e 27 segundos.
- REISINHO - Faltam menos de seis minutos. O que ainda poderá acontecer em seis minutos ? Nada! (SAI CONTENTE)
- ASSOMBRAÇÃO - (DE FÓRA) Rei Bôbo!
- BOBO - (NUM SUSTO) Ui! Quem é ?
- ASSOMBRAÇÃO - Sou eu! Posso ir aí ?
- BBO - (ESCONDE-SE ATRAZ DO TRONO) Não. Não gosto de assombração.
- ASSOMBRAÇÃO - Ora, não tenha medo de mim. Eu sou inofensiva e meio burra, até.
- BÓBO - Assim mesmo não gosto.
- ASSOMBRAÇÃO - Ah, deixa, vá !
- BOBO - Eu não quero.
- ASSOMBRAÇÃO - Por favor, rei Bobinho. Eu queria tsnto ir ai com você!
- BÓBO - Se você não esbarrar em mim e nem conversar comigo...
- ASSOMBRAÇÃO - Eu não esbarro. E conversar, eu só converso depois que você se acostumar comigo.
- BOBO - Então venha. Mas bem devagarinho. Não vá entrar de repente.
- ASSOMBRAÇÃO - (ENTRA AOS POUÇOS. 1º A MÃO, DEPOIS A CABEÇA E O RESTO. PROCURA O BOBO SILENCIOSAMENTE. VAI ESPIAR ATRAZ DO TRONO AO MESMO TEMPO QUE O BOBO E ENCARAM-SE)

- BOBO - Socorro! (CORRE P/ A ARCA. ABRE-A.)
- PIRETSIM - (SEM APARECER), Olá !! (FECHA A TAMPA DA ARCA)
- BOBO - (ENTRANDO NO RELÓGIO) Socorro! Socorro! (FECHA A PORTA)
- REISINHO - (ENTRANDO DEPRESSA) O que se passa por aqui ? Onde está o Bobo?
- ASSOMBRAÇÃO - No relógio! Está tão assustado !
- BOBO - (ABRE A PORTA E SALTA NOS BRAÇOS DO REI) Socorro! (DESMAIA)
- REISINHO - (COLOCA-O NA CAMINHA) Desmaiou de novo. E eu queria saber as horas
- ASSOMBRAÇÃO - Deve faltar uns 3 minutos, Majestade.
- REISINHO - Cale-se. Você não sabe nada. E não é Majestade, eu já disse. É Matajesde. (EM SI) Como foi que você disse ?
- ASSOMBRAÇÃO - Majestade.
- REISINHO - Repita, bem devagarinho, Assombração.
- ASSOMBRAÇÃO - Ma-jes-ta-de.
- REISINHO - Você aprendeu, Assombração.!
- ASSOMBRAÇÃO - Aprendi.
- REISINHO - (ENCISMADO) Assombração! Que grande emoção você está me dando!
- ASSOMBRAÇÃO - A babá bebeu no bico do bule.
- REISINHO - Bravos!
- ASSOMBRAÇÃO - O rato roeu a rica roupa do rei de Roma.
- REISINHO - Viva !
- ASSOMBRAÇÃO - Para pegar pompos precisa por pão.
- REISINHO - Maravilhoso! (ABRAÇA-A EFUSIVAMENTE) Maravilhoso! Hoje é o dia mais importante de minha vida! O meu trabalho de mil anos coroado de pleno êxito! Isso é uma recompensa. Sinto-me um rei herói, finalmente.
- PIRETSIM - (FICANDO EM PÉ DENTRO DA ARCA) Parabens, Majestade !
- REISINHO - Obrigado ! (EM SI) Quem foi que falou ?
- ASSOMBRAÇÃO - (VENDO PIRETSIM) Piretsim !
- REISINHO - Piretsim! Você está aí ? Sempre esteve aí ?
- PIRETSIM - Sim, Majestade. Não fui embora. Apenas me escondi. Eu queria ir, mas na hora não tive coragem. Resolvi então dar uma lição em V. Alteza. (SAI DA ARCA) Agora eu vou ajudá-lo a defender o Castelo
- REISINHO - (ENCISMADO) Meu bom e querido amigo. Vocês dois estão me dando muita alegria. Este é o meu aniversário mais feliz. (CHORA)
- PIRETSIM - (PEGANDO SUA ESPADA) Que venha o inimigo do Rei que vai se haver comigo!
- REISINHO - (SENTA-SE NO TRONO, PENSATIVO) Agora me preocupo: o que terei para fazer durante mil anos, se eu continuar reinando!? Acho que será um reinado monotono e... triste. Acho que vou permitir que o novo rei venha. (ABRE A PORTA DO CASTELO, TIRA A COROIA E O CETRO, ENTREGA TUDO A PIRETSIM) Guarde isto na lá no Torre.

- PIRETSIM - Sim, Majestade.(VAI PARA A ESCADA)
- REISINHO - E você, Assombração: traga-me o cofre. Aquele que você foi buscar na Torre.(ASSOMBRAÇÃO VAI BUSCAR) Que entre o novo rei que será recebido de braços abertos por todos nós. Que entre aquele que será o novo rei de Mulumi.
- BOBO - (ACORDANDO) Oh, oh, oh,...
- REISINHO - Que horas são, Bobo ?
- ASSOMBRAÇÃO - (ENTRANDO COM O COFRE) Aqui está, Majestade.(ENTREGA-O AO REI)
- BOBO - 11 horas 59 minutos e 55 segundos.
- REISINHO - Já vai dar meia-noite e...o novo rei não chegou ainda! Será que a inscrição da Torre não tem mais valor?(OUVE-SE 12 BADALADAS)
- BOBO - Que é isso ?
- REISINHO - O sino da Torre dando meia-noite depois de mil anos de reinado indicando a substituição do rei, pelo novo rei.
- PIRETSIM - (NO TOPO DA ESCADA) Mas,... e o rei ?
- REISINHO - (ABRINDO O COFRE COM A CHAVE) Neste cofre está o nome do novo rei, que as profecias reservaram por mil anos. Vamos ver o que fiz.(ABRE . LÊ UMA PLACA METÁLICA)O novo rei do Castelo de Mulumi... é o menino Piretsim.
- ASSOMBRAÇÃO - Piretsim... o novo rei ?
- BOBO - O menino ?(ASSOMBRAÇÃO CORRE ATÉ ELE E COLOCA-LHE A COROA, VESTE-LHE O MANTO E FÁ-LO SEGURAR O CETRO).
- REISINHO - Sim, o menino.Piretsim sem dúvida fará um grande reinado sobre Mulumi.Será um sábio rei ea quem eu terei imenso prazer de servir.(TOCA BONITA MUSICA.A ESCADARIA SE ILUMINA TODA E PIRETSIM, APLAUDIDO POR TODOS, DESCE COMO UM REI.)
- OS TRÊS - Viva o Rei!Viva o Rei! Viva o Rei! (TODOS CANTAM)
- "Esta estória termina aqui
No Castelo de Mulumi
O Rei velho saiu assim
E chegou Piretsim
O Rei velho Mil anos reinou
E Piretsim começou.
- PIRETSIM - E mil anos reinarei
- TODOS - Viva o Rei ! Viva o Rei !
Salve o Rei ! Salve o Rei ! Salve o Rei !

F I M

São Paulo, 13 de julho de 1984 (6ªfeira)

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

3402/85

" O CASTELO DE MULUMI "
LIVRE

EXPECASSE CERTIFICADO ACORDO COM PARECER DOS CENSO RES
Em 14/03/85
DPF / SR / SP
Chefe do RCP

Maria Inês Leite Correia Lima

IDENTIFICAÇÃO
AUTOR: JURANDYR PEREIRA
PROD: José Ayrton Salvagnini
DIREÇÃO: Idem
G.PROFISSIONAL: ESTUDIO PAULISTA Prod. Art.Ltda.
DIA: 05/ 03/ 85
HORA: 9:15' hs.

CONTEÚDO: No Castelo de Mulumi, o Rei completa seu milésimo aniversário. A " Assombração " e " Piretsim ", seus únicos súditos verificam o grau de ansiedade do Rei. No alto da torre está inscrito que V.M. será substituída naquele dia. O Rei, no entanto, mostra-se feliz ao descobrir a identidade do sucessor: " Piretsim ".

MENSAGEM: Otimista, valorizando a solidariedade como uma das principais virtudes do homem, além de apontar o despreendimento do poder político tão em falta nos dias de hoje.

PÚBLICO ALVO: Mirim.

LINGUAGEM: Acessível ao público.

GRAU DE PERSUAÇÃO: Convincente.

ENSAIO GERAL: O espetáculo é ambientado em um velho castelo (pa no pintado ao fundo), com portas laterais, bau, relógio de parede * alto com porta (para esconder o intruso " Bobo-da Corte "), trono * vermelho e uma cama. Todos elementos bem cuidados, pintados e de cor De com o tema. A musica é gravada e cantada pelos atores. O vestuário constitui-se de manto real, cetro, coroa (Rei), túnica, meias e sapatos brancos (Assombração), caças e jalecos bordados (Piretsim). Os atores atuam com desembaraço e marcação perfeitos.

PARECER: Pelo exposto, e pela forma leve que o espetáculo é conduzido - musical e alegremente, opino pela LIBERAÇÃO do mesmo, sem restrições etárias, ou seja LIVRE, pela temática descompromissada.

São Paulo, 06 de março de 1.985.

Maria Urania Leite Correia Lima
T.C. 2.417.003



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA O CASTELO DE MULANI

ORIGINAL DE JURANDYR PEREIRA

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 15 de maio de 19 85

S. Paulo
~~BRASÍLIA~~ 15 de março de 19 85

Maria Inês Bolin Cauchioli

MARIA INÊS BOLIN CAUCHIOLI
CHEFE DO SCDP/SR/SP
XXXXXXXXXXXX
Diretor da DCDP

LIVRE

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada **O CASTELO DE MULUMI**

Original de **JURANDYR FERREIRA**

Tradução de -

Adaptação de -

Produção de -

Requerida por **ESTUDIO PAULISTA PROD. ART. LTDA**

Tendo sido censurada em _____ de _____ de 19 _____ e recebido

a seguinte classificação: **LIVRE. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO DO TEXTO CARIMBADO.-**

S. Paulo

XXXXX15

Brasília, _____ de **Março** de 19 **85**

Arlete Aparecida Corrêa
ARLETE APARECIDA CORRÊA

—
 Chefe do Serviço de Censura

TEATRO

TÍTULO " O CASTELO DE MULUMI "

AUTOR DA PEÇA: " JURANDIR PEREIRA "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " L I V R E "

Praça " SCDP/SR/SP "

Obs.:

DF. 26 / MARÇO / DE / 1985

Adilson S. Henri
Resp. pela elaboração do Processo
ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista o teor do *parecer* para o qual os pareceres propõem a classificação etária de *livre*

Brasília-DF, 27 de 03 de 19 85

Roldan de Oliveira
Sargto Roldan de Oliveira
Chefe de SC/DCDP

Em de de 1.9

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de *livre* anos, *sem* cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.:
Brasília-DF, 29 de março de 19 85

Blisio de A. Inato
TC. Mar. 1987

Brasília -DF de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em, 27 / 03 / 19 85

Chafariz
Dir. DCDP



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº 017	EMISSÃO 27 MARÇO 1985	VALIDADE 27 MARÇO 1990
------------------------------	---------------------------------	----------------------------------

TÍTULO **"O CASTELO DE MULUMI"**

AUTOR (ES) **JURANDYR PEREIRA**

CLASSIFICAÇÃO
LIVRE

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE

Coriolano de L. C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: **"O CASTELO DE MULUMI"**
ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

CERTIFICADO Nº **017**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: **JOSE AYRTON SALVAGNINI** ***SÃO PAULO/SP***

DECISÃO: **LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.**

Sergio Roldan de Oliveira
SERGIO ROLDAN DE OLIVEIRA
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

Brasília 27 DE MARÇO DE 1985



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em 29 de março de 1985

OF. Nº 505/85-SE/DCDP

Do : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/SP

Assunto : Certificados — encaminha —

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78—DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício (s) em referência, encaminho a V. Sª as 1ª e 2ª vias do (s) certificados de Censura da (s) peça (s) teatral (is):

"BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES", de autoria de Telassin Rodrigues;
"O SEGREDO DAS SETE CHAVES", de autoria de Marcos Antonio Rocha Apolinário Santana; "A VIÚVA ALEGRE", de autoria de Henri Meillac, Victor Leon, Leo stein e Ralf Bodanzky; "PEDRO MALAZARTES", de autoria de Maria Helena Kuhner; "O DIA EM QUE ALFREDO VIROU A MÃO", de autoria de João Bethencourt; "O GORDO E O MAGRO", de autoria de Ronaldo Ciambroni; "O INGLÊS MAQUINISTA", de autoria de Martins Pena; "ALADIM E O GÊNIO DA LÂMPADA", de autoria de Antonio Carlos da Costa; "BRIGA DE FOICE OU 12 ROUNDS CONTRA O DESTINO", de autoria de Carlos Mathus; "O CASTELO DE MULUMI", de autoria de Jurandyr Pereira e "A TIGRESA - E OUTRAS ESTÓRIAS", de autoria de Dario Fô.

Atenciosamente,

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor da DCDP

13 FEV 1987 000992

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF. Nº 012 /87 -SCDP/SR/SP

Em, 12 DE FEVEREIRO DE 1987

DO: CHEFE SCDP/SR/SP

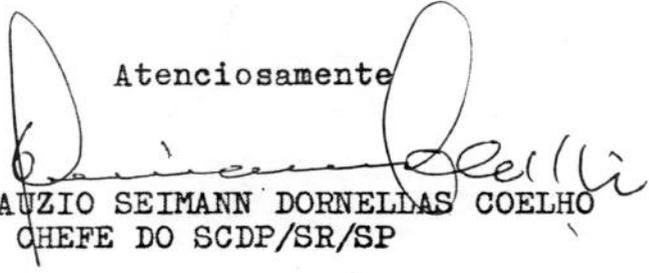
AO: SR. DIRETOR DA DCDP/DPF

ASSUNTO: Encaminhamento (faz)

Pelo presente, encaminho a V.Sa., para os devidos fins de arquivo, os relatórios, uma via do texto, cópia do Certificado de Censura e demais documentos referentes às seguintes peças teatrais:

- 1 - BENT
- 2 - PETER PAN
- 3 - AS DESGRAÇAS DE UMA CRIANÇA
- 4 - O GUARDA-CHUVA DOS DESEJOS
- 5 - O CASTELO DE MULUMÍ
- 6 - O EXERCÍCIO DO PODER

Atenciosamente


DRAUZIO SEIMANN DORNELLAS COELHO
CHEFE DO SCDP/SR/SP

ILMO SENHOR

DR. CORIOLANO DE LOIOLA CABRAL FAGUNDES

MD. DIRETOR DA DCDP

B R A S Í L I A - DF

Sia Santa

sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTÍSTICOS
CGC 46 259 339/0001-08



21/01/87

ILUSTRÍSSIMO SENHOR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES
PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL EM SÃO PAULO

CRISPIM GOMES JÚNIOR, brasileiro, solteiro, advogado inscrito na O.A.B. sob nº 74.415, artista inscrito na D.R.T. - sob nº 2.351, residente e domiciliado nesta cidade, neste Estado, à Rua Orlando Carpino, 842, portador do RG 6.777.575, na qualidade de Diretor Geral da SOCIEDADE CULTURAL TEATRO "SIA SANTA", com sede à Rua Rafael Sales, 934 - Bairro Castelo - CEP 13070, CAMPINAS=SP, - pretendendo encenar a peça teatral infantil "O CASTELO DE MULUMÍ", - cujo texto se encontra anexo a este em tres vias, vem mui respeitosamente requerer de Vossa Senhoria se digne mandar proceder à leitura e exame censório do Ensáio Geral, em data e hora a serem designadas por essa Chefia.

Para tanto, presta as seguintes informações:

Nome da Peça: "O CASTELO DE MULUMÍ"

Gênero: MUSICAL INFANTIL

Autor e Diretor: JURANDYR PEREIRA

Produção: COMPANHIA DE TEATRO "SIA SANTA"

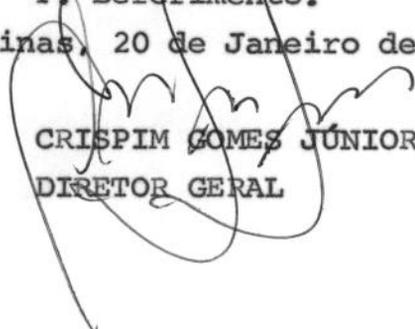
Montagem: PROFISSIONAL

Local: TEATRO DO SESC DE CAMPINAS=SP (RUA DOM JOSÉ I, 270)

TELEFONE PARA CONTATO: (0192) 42.4337

Termos em que,
P. Deférimento.

Campinas, 20 de Janeiro de 1987.


CRISPIM GOMES JÚNIOR
DIRETOR GERAL

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PT. 0246, p. 249



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

2ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

17 SET 1986 Nº 000002

PREÁMBULO
Espécie: OFICIAL
Origem:
Número:
Palavras:
Data:
Hora:

ENDEREÇO
SCDP/SR/SP

POSIÇÃO:
QUITAZÃO
HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 677/DCDP de 10 09 86 RERA NR 12654/SCDP/SR/SP DE 090986 VG
INFO PEÇAS TEATRAIS BIPT "O CASTELO DE MULUMI" CLASS LIVRE VG CERT
VAL 270390 PTVG "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE EH UMA FERA" LIB QUA-
TORZE ANOS VG CERT VAL 240889 VG J.I. TEMATICA COMPLEXA PTVG "ALZI
RA POWER" LIB DEZOITO ANOS VG CERT VAL 300890 VG J.I. TEMATICA ADUL
TA PTVG "ESPAÇOLINO VISITA A TERRA" CLASS LIVRE VG CERT VENC EM
101278 PTVG "O MARINHEIRO" LIB DEZOITO ANOS CERT VAL 011188 VG J.I.
TEMATICA COMPLEXA PTVG "BASILISCO" OU "CADE O PEIXE" OU "UFA BIPT
QUE PERIGO..." CLASS LIVRE VG CERT VEC 050886 PT "TALVEZ AMANHA" VG
"UM MARIDO EM APUROS ET "SHOW MEDICINA" NADA CONSTA PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor: *Raymundo Custódia de Mesquita*
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

DPF-B4

2466

SCDP

⊕
DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

DE SAO PAULO SP 1290 60 220187 1020P

DCDP BSA

NR. 1290/SCDP/SR/SP-220187 PT SOL INFO CLASS ET PRAZO VAL CER
T PEÇAS TEATRAIS BIPT ''O BAILADO DO DEUS MORTO'' DE FLAVIO /
CARVALHO VG ''O MAGICO TRAPALHAO'' DE ALBERTO GAUS DE MAGALHA-
ES MONTEIRO VG ''ESSAFADA OU ESSAFADINHA'' DE OTTO PRADO VG
''A ONÇA E O BODE'' DE CRISPIM GOMES JUNIOR VG ''AS DESGRAÇAS
DE UMA CRIANÇA'' DE MARTINS PENA ET ''O CASTELO DE MULUMI'' DE
JURANDIR PEREIRA PT

CH DO SCDP/SR/DPF/SP
EM EXERCICIO

NNNN
TR/GL 22-1125P⊕
DITEL BSAK
SERTEL/SR/SP

Handwritten mark

*Recibi em 23/01/87
às 20:30 h. (p/guia
88/87)*

h.P. mat. 6.190.500

Handwritten arrow

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL		PARA USO DA ESTAÇÃO	
		Nº 15485 000000	
PREÂMBULO	Espécie: OFICIAL	Número.....	Data:..... 2 JUN 1987
	Origem.....	Palavras.....	Hora:.....
ENDEREÇO	SCDP/SR/SP		POSIÇÃO: <i>[assinatura]</i> QUITAÇÃO HRS: OPR:
TEXTO A TRANSMITIR	054/DCDP 23 01 87 RERA NR 1290/SCDP/SP DE 22.0.87 VG INFO Nº PEÇAS " BAILADO DO DEUS MORTO " CLASS 18 ANOS VG CERT VENC 14.8.77 JI N/CONSTA VG " AS " AS DESGRAÇAS DE UMA CRIANÇA " CLASS 10 ANOS VG CERT VAL 06.8.90- JI COMÉDIA DE COSTUMES VG " O CASTELO DE MULUMI " CLASS LIVRE VG CERT VAL 27.3.90 PT N/CONSTA PEÇAS " O MÁGICO TRA- PALHÃO " VG " ESSAFADA OU ESSA FADINHA " ET " A ONÇA ET O BODE " CONSTA AUT DIFERENTES PT DCDP		
Assinatura ou rubrica do expedidor.....		<i>[assinatura]</i> Vilma Helena Senar Dominge Chefe do SC - DCDP Substituto	

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE: 0246; p.251

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0246, p. 252

Recebido em 11/10

Em 10/09/86

mat. 6190636

DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

9 SET 14 43 000000
44 090

DE SAO PAULO SP 12654 50 091000

DCDP/BSA

DCDP

NR 12654/SCDP/SRDPPF/SP - 090986 PT SOL INFO CLASS ET PRAZO VAL CERT
PECAS TEATRAIS BIPT 'O CASTELO DE NULUMI' DE JURANDIR PEREIRA VG
'TALVES ANANHA' DE EDSON CORREA VG 'TODA DONZELA TEM UM PAI QUE
EH UMA FERA' DE CLAUDIO GIL VG 'ALZIRA POWER' DE ANTONIO BIVAR VG
'ESPACOLINO VISITA A TERRA' DE RUBEN MEYER VG VG 'UEFA: QUE PERIGO!
DE AUGUSTO FRANCISCO VG 'O MARINHEIRO' DE FERNANDO PESSOA VG 'UM
MARIDO EM APuros' DE R.BELMAR VG 'SHOW MEDICINA' DE MARCELO
VALENTE, PT

RECEBIDO EM 09-03-86

SCDP/SRDPPF/SP

AS: 1731 HIS

VIDE VERSO

[Handwritten signature]

NNNN

DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

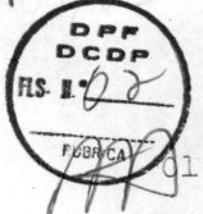
INFORMAÇÃO ARQUIVO/DCDP
NADA CONSTA COM RELAÇÃO ÀS PEÇAS
TEATRAIS:
UM MARIDO EM APUROS & SHOW MEDICINA & TALVES AMANHÃ.

Bsb-DF 10 de Setembro de 1986



Walter de Oliveira
Chefe do Arquivo/DCDP

SCB
10/09/86
100000



" O C A S T E L O D E M U L U M Í "

Peça Infantil de JURANDYR PEREIRA.

(PREMIADA NO "CONCURSO NARIZINHO" - COMISSÃO ESTADUAL DE TEATRO - SP)

PERSONAGENS:

- REI DE MULUMÍ.....(REI)
- ASSOMBRAÇÃO.....(ASS)
- PIRETSIM.....(PIR)
- BOBO DE REI.....(BOB)

ASS - A babá bebeu no bico do bule. Babá-bá, bebeu-beu, bico-co, bule-le. A babéu bicou o bilo do babo. Ah, eu não consigo decorar isto. A babá bebeu no bico do bule. Babá-bá...(sai de cena)

REI - Seis Horas! Piretsim, seis horas! A noite agora mesmo sumiu, o dia já amanheceu. O sol agora mesmo surgiu, e a caçarola seis horas bateu. Piretsim!!

PIR - Já sei, Majestade. A noite agora mesmo sumiu, o dia já ama....

REI - E o que mais? Piretsim.

PIR - O que foi? A noite agora mesmo amanheceu, o dia já sumiu...

REI - Piretsim?

PIR - Eu já falei, Majestade.

REI - Falou tudo errado. Isso quer dizer que você não acordou direito. Acorde logo e trate de fazer o serviço que precisa.

PIR - Está bem, Majestade.

REI - Piretsim?

PIR - Ai que frio, Majestade.

REI - Sente-se e diga os versos.

ASS - Quer que eu diga, Matajesde?

REI - Não se meta. Decore as lições. E não é matajesde. É majestade.

ASS - O sol já bateu seis horas, a caçarola já amanheceu, o dia sumiu agora mesmo e....ninguém nunca mais achou!

REI - Cale a boca, Assombração.

PIR - Certo.

REI - Não é com você. Faça o favor de levantar e dizer os versos direitinho. Piretsim?

PIR - A noite agora mesmo sumiu, o dia já amanheceu, o sol agora mesmo surgiu e a caçarola seis horas bateu.

ASS - O sol já bateu na caçarola, o dia bateu no amanheceu..

REI - Cale a boca.

ASS - Nossa, Matajesde.

REI - Matajesde não, assombração burra: Majestade, Majestade.

ASS - Olhe, matajesde: eu caçei um vagalume, mas ele morreu.

REI - Pois agora coma-o. Pi-ret-sim?

ASS - Saúde. (O Rei a encara e ela come o vagalume)

REI - Piretsim. Por que você me dá tanto trabalho. Eu grito, eu chamo, eu quase morro de tanto falar e você só dormindo. Piretsim?

PIR - Bom dia, Majestade!

ASS - Bom dia, Matajesde!

REI - Eu fico maluco neste castelo. Ainda bem que hoje será o fim.

ASS - A babá bebeu no bico do bule. Babá-bá, bebeu, beu...

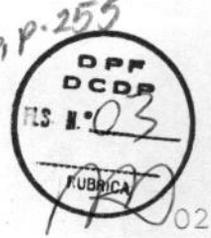
PIR - Todos os dias a mesma coisa. É tão gostoso dormir de manhã. Ah esse rei me amola. Qualquer hora eu vou embora daqui. Eu não tenho direito de fazer nada que eu quero. Todo santo dia bem cedo, ele vem com aquela caçarola fazer bém, bém. Aí, eu sou o brigado a levantar, pegar a vassoura e...(MÚSICA) Ah, se eu pudesse ser rei.

Sia Santa

sociedade cultural teatro sia santa

EMPREENDIMENTOS ARTÍSTICOS

CGC 46 259 339/0001-08



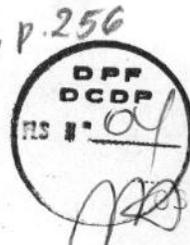
- REI - Tudo pronto, Piretsim?
- PIR - Sim, Majestade.
- REI - Então vamos à aula para a Assombração, que depois nós dois vamos à lição de esgrima.
- PIR - Majestade? Não podemos deixar a aula da Assombração p/depois?
- REI - Não, não. Agora mesmo.
- ASS - A babá bebeu no bico do bule. Babá-bá, bebeu-beu, bico-co.....
- PIR - Esta Assombração é tão burra. Não aprende nada.
- REI - Pelo menos aprendeu a ler. Já é alguma coisa.
- PIR - Mas levou quase mil anos.
- REI - Pois então. O mais difícil eu já fiz. Agora que já sabe ler, o resto vais mais depressa. Precisa ter paciência, Piretsim. Veja quanta paciência eu tive ensinando-a durante mil anos. Mil anos. Hoje eu completo mil anos.
- PIR - Parabéns, Majestade!
- REI - Obrigado, menino.
- PIR - Vossa Majestade é exatamente novecentos e noventa anos mais velho do que eu.
- REI - É verdade, você é bem mais novo do que eu. Bem mais novo.
- PIR - V.Majestade deve estar feliz por haver durado tanto tempo.
- REI - Feliz até hoje.
- PIR - Por que até hoje, Majestade?
- REI - Por nada, não lhe interessa. Vamos às lições. Você e Assombração são os únicos súditos que eu tenho e quero-os bem treinados.
- PIR - Mas por que devo aprender esgrima, Majestade?
- REI - Para ajudar-me a defender o castelo contra o inimigo.
- PIR - Que inimigo?
- REI - O inimigo, ora essa, o inimigo.
- PIR - Durante mil anos nunca apareceu inimigo algum. Por que apareceria agora?
- REI - Hoje vai chegar o inimigo que eu espero há mil anos.
- PIR - E quem é ele?
- REI - Não sei quem será. A inscrição da Torre do Castelo...
- PIR - Inscrição da Torre do Castelo?
- REI - Você se interessa pelo que não deve, Piretsim. Esqueça isso e vamos à aula com a Assombração. Chame-a.
- PIR - Inscrição da torre do castelo. Por isso que ele nunca me deixou entrar na torre. Fechou a porta com um enorme cadeado e escondeu a chave.
- ASS - O bule bebeu no bico da babá. Matajesde, decorei, decorei...
- PIR - Decorou nada, Assombração, está tudo errado.
- ASS - Decorei sim, veja: o bico bebeu na babá do bule.
- PIR - Está tudo invertido.
- ASS - É? Mas eu tinha falado certinho agora mesmo. Espere: o bico babou no bebê do bule.
- PIR - Não! Está errado. É assim: o bule beliscou o bumbum do bebê.
- ASS - Bumbum do bebê.
- PIR - Não, não é assim. Você até me confunde. É assim: a babá bebeu no bico do bule.
- ASS - Mas como isso é difícil. Precisa mesmo decorar?
- PIR - Claro, pra ver se você fica um pouco mais inteligente.
- ASS - Pra que que serve?
- PIR - O Rei quer. Assombração, eu preciso que você me ajude.
- ASS - Ah.
- PIR - Não seja preguiçosa. Ouça: se você fizer o que eu quero, você vai ganhar um pacote de carvão fresquinho e delicioso.
- ASS - De verdade?
- PIR - Mas você tem que me ajudar primeiro.
- ASS - Eu ajudo. Eu ajudo sim.

Sia Santa

sociedade cultural teatro sia santa

EMPREENHIMENTOS ARTÍSTICOS

CGC 46 269 339/0001-08



PIR - Não é pra varrer.
 ASS - Ah, sei. É pra espanar.
 PIR - Pare. Não se trata de limpeza, Assombração. Eu quero que você vá até a torre do castelo e leia uma frase que está escrita na parede, e depois venha me contar o que leu. Pra você vai ser moleza, porque você atravessa as portas sem precisar abrir, né?
 ASS - Aquele negócio que está escrito lá na torre chama "frase"?
 PIR - Isso mesmo, você já viu lá?
 ASS - Eu vejo todo dia. Lá é a minha sala de estudos.
 PIR - E você se lembra do que leu lá.
 ASS - Se eu me lembro? Deixa ver... Não, não me lembro não.
 PIR - Não é possível. Você lê todo dia e não lembra de nada?
 ASS - Ah, me lembrei. É assim: "Quando".
 PIR - E o que mais?
 ASS - Não tem mais.
 PIR - Quando...quando...
 ASS - Só tem um quando. Não tem mais nada lá. Eu não lembro.
 PIR - Mas você é mesmo burra. Ouça: vá até lá, leia a palavra seguinte e venha me dizer. Depois suba, veja a outra palavra e volte pra me dizer. Assim vai ser mais fácil.
 ASS - Ah, mas quando eu chegar aqui embaixo já me esqueci de novo.
 PIR - Assim não dá.
 ASS - Ah, me lembrei de mais duas palavras.
 PIR - Boa, Assombração. Você é ótima. Eu sabia. Fale.
 ASS - Ah, Piretsim. Você falou aí e eu me esqueci de novo.
 PIR - Não adianta.
 ASS - Fica quieto. Lembrei. É assim: "O REI".
 PIR - O Rei...Quando o Rei?
 ASS - É isso. Quando o Rei. O que quer dizer isto?
 PIR - Ora, isso quer dizer quando o rei.
 ASS - Não me diga uma coisa dessas.
 PIR - Tente lembrar mais alguma coisa, Assombração.
 ASS - Ah, me lembrei de mais um pedaço.
 PIR - Qual é?
 ASS - Pissitt. Não fale comigo agora. É... "MIL ANOS".
 PIR - Quando o Rei...Mil anos...Completar? É isso?
 ASS - Isso mesmo. Quando o Rei completar Mil Anos.
 PIR - Mas ainda falta a parte mais importante. Tente se lembrar, Assombração. O Rei disse que chegará o inimigo.
 ASS - Chagará. É isso.
 PIR - Quando o Rei completar mil anos chegará o inimigo?
 ASS - Inimigo não. Não é inimigo. Chagará...chagará o no...Espere! Quase saiu. Chagará...o novo. É isso. Chagará o novo.
 PIR - Quando o Rei completar mil anos chegará o novo...Mas ainda tá faltando um pedacinho. O novo...Novo Rei não pode ser.
 ASS - É isso. Chagará o Novo Rei.
 PIR - Quando o Rei completar Mil Anos chegará o Novo Rei. Puxa!
 ASS - O que quer dizer isto?
 PIR - Raciocine, Assombração. Quando o Rei completar Mil Anos chegará o Novo Rei. Um novo rei, entendeu?
 ASS - Um novo rei? Que rei novo?
 PIR - Isso é que não sabemos. Deve ser o novo rei do castelo de Mulumi.
 REI - Pirtesim!
 PIR - Pronto, Majestade.
 REI - O que foi que você disse aí?
 PIR - Sinto Muito, Majestade. Mas eu descobri qual é a inscrição da Torre do Castelo.
 REI - E como foi que descobriu?
 PIR - Usando a minha inteligência.

- ASS - A minha.
 REI - Você é burra.
 PIR - Sinto muito, Majestade.
 REI - Que horas são?
 ASS - Uma hora.
 REI - Ah, esse relógio. Há dois anos que é sempre uma hora. Eu sou um rei muito pobre e infeliz. Mil anos de reinado, sem nunca ter - feito nada de importante. Nunca fui herói. Nunca pratiquei um ato de bravura. Nunca matei nada.
- ASS - Matou sim, Matajesde. Matou um rato.
 REI - Cale a boca. Rato qualquer um mata. Rei mata dragão com a espada.
 ASS - Puxa, se aqui tivesse um dragão, V.Matajesde matava ele?
 REI - E mesmo que tivesse, não daria mais tempo. Hoje até a meia-noite chegará aqui o novo rei e eu serei súdito de um rei qualquer. Eu não posso permitir isto. Piretsim. Feche todas as portas e janelas do castelo. Não permitirei que o novo rei entre. Se eu conseguir evitar que ele chegue até a meia noite, estarei salvo. Reinarei por mais mil anos. Feche tudo, Piretsim.
- PIR - Sim, Majestade.
 ASS - Pra pegar pombos precisa por pão. Para-ara, pegar-ar...
 REI - Não, não. Já estou enjoado de ouvir essas coisas.
 ASS - Esta é bonitinha: o rato roeu a rica roupa do rei de Roma.
 REI - Não me interessa o rei de Roma. O rato fez muito bem em roer a roupa dele.
- ASS - A cadela comeu a comida do coiole. Cadela-ela, comeu-meu...
 REI - Não gosto. Conte-me uma história alegre.
 ASS - Lendo, Matajesde?
 REI - Não. Largue o livro e conte-me uma qualquer.
 ASS - A bábá beliscou o bumbum do bebê.
 REI - Não.
 ASS - A pomba pegou o pão do rato.
 REI - Não.
 ASS - O rico nunca paga o pato.
 REI - Não.
 ASS - A comida comeu a cadela do coiole.
 REI - Chega.
 ASS - Eu lembrei uma bonita.
 REI - Qual?
 ASS - A do boné do bobo.
 REI - Não quero, não gosto nem de boné e nem de bobo. Eu gosto de história de aventura. História de reis valentes, que comandam soldados nas grandes batalhas e que lutam destemidos contra o inimigo. Lutam com dez, vinte, mil milhões e depois recebem os aplausos do povo: viva o rei, viva o rei...
- ASS - Viva o Rei!
 REI - Só que isso nunca aconteceu comigo. Eu sou um rei diferente: tenho somente 2 súditos, mil anos de idade e nenhuma aventura heróica. E hoje serei substituído pelo novo rei.
- ASS - Ah, mas talvez ele seja um bom rei, Matajesde.
 REI - Mas eu não quero ser súdito de outro rei, seja lá quem for.
 ASS - Mas é tão gostoso ser súdito, Matajesde.
 REI - Você acha que ser súdito é melhor do que ser um rei?
 ASS - Claro, Matajesde.
 REI - Você gostaria de ser rei?
 ASS - Eu não gostaria não.
 REI - E por que não?
 ASS - Ah, é porque eu acho uma delícia ter um rei que cuida de mim, - que vive pra me atender e zelar pra que esta humilde assombração seja feliz. Muito obrigado, Matajesde!



- REI - Não é possível. Eu nunca pude imaginar uma coisa dessas. Precisei completar mil anos para compreender isso. Como são bobos os reis. Vou deixar de ser rei.
- PIR - Pronta, Majestade. Todas as portas e janelas estão fechadas.
- REI - Pois pode abrir tudo novamente.
- PIR - Abrir?
- REI - Sim, abra tudo do jeito que estava. Resolvi aceitar o novo rei. Quero ser feliz.
- PIR - Sério, Majestade?
- REI - Claro que é sério. Chega de fechadura. Abertura, já!
- PIR - Está bem, Majestade.
- REI - Que entre o Novo Rei.
- ASS - Mas será que V.Matajesde se acostumará em não ser rei?
- REI - Claro que sim. Quer ver? Seja rei.
- ASS - Matajesde, que brincadeira é essa.
- REI - Tome o cetro também. Agora o manto real.
- ASS - Puxa vida, Matajesde. Eu não sou rei.
- REI - Fique quieta. Porte-se como um rei. Respeite a coroa real. Cale-se. Seja Rei.
- ASS - Mas eu nem sei como é que se faz?
- REI - Como você quiser. Seja um rei como você achar que deve ser. Não precisa me imitar. Eu serei o seu súdito.
- ASS - V.Matajesde o meu súdito? Ah, não, Matajesde, onde já se viu um rei ser súdito de uma simples assombração?
- REI - Eu quero ser súdito. Vamos, seja o Rei.
- ASS - Está bem. Se V.Matajesde ordena, eu serei.
- REI - Dê as ordens.
- ASS - Dar ordens?
- REI - Mande-me fazer alguma coisa.
- ASS - Mandar? Está bem: Matajesde...
- REI - Não me chame de Matajesde; agora, o rei é você.
- ASS - Mas eu nem sei o nome do senhor.
- REI - Os reis nunca sabem os nomes dos seus súditos. Chame-me de..... Súdito. Pronto.
- ASS - O "seu súdito"?
- REI - Seu súdito não. Súdito. Só.
- ASS - Pois não. Súdito. Se não for incômodo, será que o senhor poderia fazer a gentileza de...
- REI - Não peça por favor e por nada. Mande! Ordene!
- ASS - Súdito: leia a cartilha pra mim.
- REI - A cartilha? Justo isso?
- ASS - Ah, desculpe. Eu peço outra coisa.
- REI - Não peça desculpas. Mandou, está mandado. Eu leio a cartilha. O cavalo cavou a cova na curva do corvo. Cavalo-alo, cavou-ou, cova-ova, curva-urva, corvo-orvo. Pedro perguntou pela pena pra ta porque precisava pincelar pamonha pela palha.
- ASS - Chega. Agora traga-me um pedacinho de carvão bem gostoso.
- REI - Pois não, Majestade.
- ASS - Eu nem acredito. O Piretsim precisava ver isto. Eu sou rei. Mas Quem diria. (MÚSICA) Viva o Rei.
- REI - Aqui está o carvão, Majestade.
- ASS - Coma-o.
- REI - Não tenno fome, Majestade.
- ASS - Coma assim mesmo.
- REI - Mas quem como carvão é somente assombração, Majestade.
- ASS - Pois de agora em diante seja assombração. Eu sou assombração e por isso todos os meus súditos devem ser assombrações também. E de agora em diante você vai ensinar esgrima ao Piretsim. Vai levantar às 6 horas. Eu vou bater a caçarola na sua cabeça. Você irá varrer o castelo, arrumar a cozinha, etc. Coma o carvão já.

Sia Santa

sociedade cultural teatro sia santa

EMPREENDIMENTOS ARTÍSTICOS

CGC 46 259 339/0001-08



- REI - Não como. Você não serve para ser rei. Ninguém serve para ser -
Rei. Só eu serei o Rei. Ninguém mais.
- PIR - Pronto, Majestade. Todas as portas e janelas estão abertas.
- REI - Muito bem. Feche tudo de novo.
- PIR - Fechar?
- REI - É, fechar. Feche tudo. Não quero nada aberto.
- PIR - Mas Majestade, agora mesmo o senhor disse...
- REI - Feche tudo de novo. Está escrito que virá outro rei, mas eu não
permitirei que se cumpra a profecia da inscrição da torre do -
castelo de Mulumí. Não permitirei.
- PIR - Sinto muito, Majestade. Mas estou muito cansado.
- REI - Cansado? Nada disso, ainda nem começamos a aula de esgrima. Que
ro ensinar você a se tornar um bom espadachim hoje até a meia-
noite.
- PIR - Mas eu estou cansado Majestade.
- REI - Não seja teimoso, Piretsin. Está bem. Vamos à esgrima primeiro.
Pegue a sua espada.
- PIR - Já disse que estou cansado, Majestade.
- REI - Amanhã você descansa. Eu vou deixar você dormir até mais tarde.
Agora, precisamos trabalhar. Eu preciso que você fique tão bom
quanto eu para hoje à noite.
- PIR - V.Majestade pretende lutar contra o novo rei?
- REI - Farei tudo que puder pra evitar que ele me tire o poder. Tudo.
Pegue a sua espada. Vamos lá. Faça de conta que sou o seu inimi-
go e vou atacar você. Você então se defende. Fique distraído, -
como se eu fosse atacar de surpresa. Fique sentado aí, eu entro
de lá e ataco você. Vamos ver: uuáá!!!
- ASS - Ai que susto!
- REI - É agora que eu vou me apoderar deste castelo.
- ASS - Oh, não!
- REI - Piretsim, você tem que reagir. Assim o inimigo te mata. Fique a
tento que eu vou entrar outra vez. Uuáá!!!
- ASS - Ai que susto!
- REI - É agora que eu vou me apoderar deste castelo...Dormindo! Piret-
sim, acorde. Assombração, vá buscar a caçarola. Piretsim, acor-
de. O inimigo já vai chegar. O novo rei vem aí...
- ASS - Seis Horas! Seis Horas!
- REI - A noite agora mesmo sumiu, o dia já amanheceu...
- PIR - Chega! Eu não aguento mais essa caçarola todo santo dia me acor-
dando, fazendo: bém, bém, bém, bém, bém.
- REI - Piretsim, o que você fez?
- PIR - Sinto muito, Majestade. Eu sempre fui capaz de vencê-lo. Não o
venci antes para não desagradá-lo, mas agora eu me irritei. Fui
obrigado.
- REI - Que ninguém saiba disso, Piretsim. Que ninguém saiba.
- ASS - Eu sei, eu ví.
- REI - Cale essa boca, Assombração tonta. E quanto a você, Piretsim.
Você faltou com respeito para com o seu rei. Como castigo, vá
fechar as portas e janelas do castelo, agora mesmo.
- PIR - Olha, Majestade. Há quase um ano que eu trabalho neste castelo,
lavando as escadas, varrendo o castelo inteiro sozinho, lavando
até as roupas, sem nunca V.Majestade ter-me deixado, nem ao me-
nos, dormir até um pouquinho mais tarde. Pois agora, resolvi -
não concordar mais com isso. Resolvi ir embora.
- ASS - Ir embora pra onde Piretsim?
- PIR - Eu sei que vou encontrar um lugar melhor do que este pra ficar.
- ASS - Ah, não vai não, bobinho. Eu gosto de você. Não vai embora não.
- PIR - Eu vou sim, Assombração.
- REI - Vá. Pode ir. Conseguirei outro súdito mais forte do que você. Um
súdito mais forte e muito melhor que não fique reclamando o dia



- inteiro e que me obedeça direitinho. Pode ir.
- ASS- E se chegar o outro rei.
- REI- Não vai chegar rei nenhum.
- ASS- E se ele chegar e teimar em entrar aqui a força? V. Matajesde lutaria contra ele sozinho?
- REI- Você duvida? Eu lutaria sim. Enfrentaria o inimigo sozinho. E venceria. Assombração, vá na torre do castelo e traga um cofre pequeno que está lá.
- ASS- E onde está a chave?
- REI- Pra que a chave?
- ASS- A chave da porta da torre, Matajesde.
- REI- Mas você não é assombração? E assombração não atravessa a porta sem precisar abrir?
- ASS- Mas o cofre não é assombração, Matajesde.
- REI- É o 1º raciocínio correto que esta criatura fez em mil anos. Está certo. Pegue a chave nº 10 no armário 8, que está na sala 7, no fundo do corredor 6.
- ASS- Chave 9, no corredor 7, sala 6, armário 12.
- REI- Não é. É a chave nº 10, do armário 8, da sala 7, corredor 6.
- ASS- Seis. Eu sabia, Matajesde.
- REI- Não é matajesde, assombração: É MAJESTADE!
- ASS- Seis.
- REI- Hoje é o dia do meu aniversário, e ao invés de receber um presente de alguém, terei de enfrentar um inimigo que vai chegar e acabar de perder o meu melhor amigo. O Piretsim foi embora.
- ASS- Matajesde, o Pirtsim foi embora mesmo.
- REI- Pois é, Assombração. E nem se despediu da gente. Eu ia pedir desculpas pra ele. Eu ia implorar pra ele ficar. Olha a caminha dele, coitadinho. O travesserinho, o cobertorzinho dele...
- ASS- O piniquinho dele.
- REI- Eu reconheço que fui muito rude para com ele. Mas eu gostava muito dele. Eu nunca tive coragem de dizer isso pra ele. Ele foi uma das coisas mais importantes deste castelo. Vou sofrer muito sem ele. Ele era tão inteligente, tão competente. E hoje chegará o novo rei, e isso me deixa mais triste. Não consentirei. Cuidarei para que o novo rei não entre no castelo. E você, Assombração, terá que me ajudar agora. Você ficará de guarda na porta principal do castelo, para não deixar ninguém entrar. Qualquer ruído que ouvir me avise. Se alguém entrar aqui eu tranformo você em sabão em pó. Entendeu? Sabão em pó.
- ASS- Sabão em pó? Ai, meu Deus. Não permitirei que ninguém entre.(*)
 Não abro. Não abro.
- BOB- (*) Abra.
- ASS- Não Abro.
- BOB- Quem está aí?
- ASS- É o sabão em pó. Não. É...eu não posso abrir.
- BOB- Abra por favor. Está chovendo muito.
- ASS- Quem é você?
- BOB- Um bobo.
- ASS- Ah, deixa de ser bobo. Você é o novo rei, não é?
- BOB- Eu não sou rei nenhum. Abra.
- ASS- É o novo rei sim. Eu sei que é. Não abro não.
- BOB- Eu não sou rei. Eu sou um bobo de corte.
- ASS- Bobo de Corte? O que é isso?
- BOB- Uma espécie de palhaço. Faço graça pra divertir os reis.
- ASS- (*) Que sujeito esquisito.
- BOB- Posso entrar?
- ASS- Bobo pode ser rei?
- BOB- Claro que não. Onde já se viu?

Sia Santa

sociedade cultural teatro sia santa

EMPREENDIMENTOS ARTÍSTICOS

CGC 48 259 939/0001-03



- ASS - Então eu vou deixar você entrar, mas só até passar a chuva. Depois você vai embora, tá bom?
- BOB - Tá. Então abra a porta.
- ASS - Pode entrar. Mas depois você vai embora.
- BOB - Se o rei não quiser me contratar, então eu vou embora.
- ASS - Você sabe fazer faxina, lavar, passar, lutar com a espada...?
- BOB - Não. Só sei fazer graça. Palhaçada.
- ASS - Ah, não serve. O Rei não acha nada engraçado. Ih, você está todo molhado.
- BOB - Você não tem um pano pra me enxugar?
- ASS - Não tenho nada, seu rei novo. Só tenho um lenço, serve?
- BOB - Por que você me chama de rei novo?
- ASS - Porque você é rei mesmo. O Rei do Castelo de Mulumí disse que hoje chegará aqui o novo rei. Está escrito na torre do castelo. Eu li.
- BOB - Mas que coisa complicada. Eu não quero ser rei nenhum.
- ASS - Assim é melhor. Você não quer ser rei, mas você é rei.
- REI - Assombração!
- ASS - Ih, o Rei. Esconda-se, esconda-se.
- BOB - Por que?
- ASS - O rei não quer saber de nenhum estranho hoje aqui. Depressa, aí atrás do trono. Não, não aí não. Aí ele acha. Esconda-se dentro do relógio.
- REI - Não me ouviu chamar?
- ASS - Sabe, Matajesde, que eu não ouvi nada? Chame do novo.
- REI - Está bem. Assombração!
- ASS - Òi!
- REI - Não seja burra! Eu quero saber que horas são. Preciso saber que horas são de qualquer jeito e depressa.
- ASS - Mas o relógio está estragado.
- REI - Pois conserte-o depressa.
- ASS - Consertar? Mas ele está todo desmanchado. Matajesde, quer que eu vá procurar um relojoeiro por aí?
- REI - Não. Não quero que ninguém entre no castelo hoje. Conserte você mesma.
- ASS - Ai, como é que eu vou fazer? Você sabe consertar relógio?
- BOB - Eu não.
- ASS - Nem eu. Mas nós temos de dar um jeito, porque o Rei quer. Vamos consertá-lo. Me dá o lenço.
- REI - Assombração!
- ASS - Ih, aí vem ele de novo. Esconda-se.
- REI - Assombração!
- ASS - Vossa Matajesde me chamou?
- REI - Chamei.
- ASS - Ai, que susto.
- REI - Já consertou o relógio?
- ASS - Ainda não terminei.
- REI - Descobriu ao menos qual é o defeito?
- ASS - Não, mas estou procurando com muito interesse.
- REI - Veja se não falta corda. De uma olhada geral. Conserte depressa que já é tarde e eu preciso saber quanto tempo falta pra meia-noite. Veja se não falta corda.
- ASS - Pois não, Matajesde. Você viu se tem uma corda aí dentro?
- BOB - Corda? Não vi nenhuma corda.
- ASS - É, não tem corda. Por isso que não funciona. Precisamos achar uma corda. O rei disse que com corda vai. Mas onde vamos achar?
- BOB - Eu enrosquei o pé numa corda aí fora quando cheguei.
- ASS - Então vá buscar depressa.
- REI - Assombração! (*) Que faz com a porta aberta?
- ASS - É que eu ouvi um ruído lá fora e fui ver o que era.



REI - Ruído? E viu o que era?
 ASS - Vi, era chuva. Tá chovendo muito, Matajesde.
 REI - Feche essa porta com a tranca depressa. E não abra mais, mesmo - que haja ruído lá fora. Se eu encontrar você abrindo essa porta novamente, eu transformo você em...
 ASS - Em Sabão em pó.
 REI - Não, em talco. (*) Assombração!
 ASS - Ôi!
 REI - O que você está fazendo aí na porta de novo?
 ASS - Estou aqui pra ouvir se não se aproxima alguém.
 REI - Não precisa ficar aí. Mesmo que chegue alguém, nós não vamos deixar entrar. (*)
 ASS - (*) E se baterem assim?
 REI - Mesmo que batam.
 ASS - (*) E se continuarem batendo?
 REI - Nem que batam o dia inteiro.
 BOB - Abra esta porta aí!
 ASS - Abra esta porta aí! E se gritarem assim?
 REI - Não seja imbecil. Não vai abrir. Já está pronto o relógio?
 ASS - Vá lá pra dentro, Matajesde. Quando estiver pronto eu chamo.
 REI - Eu vou, mas voltarei depressa. Conserte logo este relógio.
 ASS - (*) Achou a corda?
 BOB - Achei, será que serve?
 ASS - Deve servir, vamos experimentar.
 REI - Assombração!
 ASS - (*) Ôi!
 REI - Você está brincando comigo. Toda vez que eu entro aqui, você não está consertando o relógio.
 ASS - É que eu estou procurando peças, Matajesde.
 REI - Que peças precisa?
 ASS - Um martelo.
 REI - Tome o cetro. Bata com ele. (*)
 ASS - Obrigado. Pode ir, Matajesde. Com V.Matajesde aqui, eu não trabalho direito. Sou capaz de martelar o dedo.
 REI - Eu vou, mas vou contar até 20. Se ao fim disso o relógio não estiver consertado, eu transformo você em fumaça.
 ASS - Fumaça?
 BOB - (*) Puxa, que rei exigente. Vamos consertar depressa. (*)
 REI - 12, 13, 14...
 ASS - Não funciona mesmo. Entre aí depressa que o Rei já vai voltar.
 REI - ...19 e 20. Lá vou eu. Não consertou, não é?
 ASS - Consertei sim, Matajesde.
 REI - Como consertou, se ele continua marcando uma hora?
 ASS - É que este relógio é importado, Matajesde. V.Matajesde precisa dar 3 batidinhas nele e perguntar: que horas são, relógio?(*), Que ele responde certinho. Experimente, Matajesde.
 REI - Espero que você não esteja brincando comigo. (*)Que horas são, - relógio?
 BOB - Onze horas e quarenta e cinco minutos da noite. Cú-co!
 REI - Que formidável, esse relógio importado é incrível. Onze e - já tá. Faltam apenas 15 minutos. Se eu conseguir evitar que o - novo rei chegue dentro de 15 minutos, estarei livre. Serei rei por mais mil anos. Assombração, não deixe ninguém entrar.
 ASS - Coitado, ele pensa que o novo rei ainda não chegou. Quando ele vir você aqui, vai desmaiar.
 BOB - (*) Mas será que eu sou mesmo o novo rei que deve chegar?
 ASS - Claro, quem mais poderia ser se não chegou mais ninguém.
 REI - (*) Que horas são, relógio?
 BOBO- (*) 11 e 48, cú-co.



Sia Santa

sociedade cultural teatro sia santa

EMPREENDIMENTOS ARTÍSTICOS

CGC 46 259 339/0001-08

10

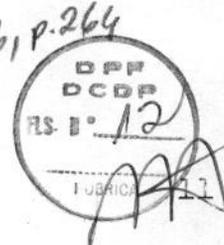
- REI - (*) 11 e 48. Faltam 12 minutos apenas. (*) Daqui a 12 minutos eu renovarei o meu reinado. (*) Não é maravilhoso, Assom... (*) O que foi isso que correu aí?
- ASS - (*) Nada, Matajesde. É o cuco do relógio que veio aqui fora pra bater um papinho comigo.
- REI - Cuco do relógio, com o meu cetro na mão e sentado no meu trono?
- ASS - É um cuco muito brincalhão, Matajesde.
- REI - Não acredito. Não era cuco coisa nenhuma. Eu já sabia que você estava conspirando contra mim. Eu já estava desconfiado. Eu sabia que você tinha deixado o novo rei entrar aqui. Eu sabia.... E agora... (*)
- ASS - Matajesde, eu posso explicar tudo.
- REI - Por que você foi fazer isso comigo, Assombração. Eu que sempre cuidei de você. Por que?
- ASS - Não fique bravo, Matajesde. Olha, eu vou explicar...
- REI - Eu quero ver este sujeito. Mande-o sair dali.
- ASS - (*) Saia daí, Matajesde Nova.
- BOB - (*) Majestade!
- REI - Mas que bicho esquisito é esse?
- BOB - Minha humilde profissão é ser bobo de rei.
- REI - Bobo de rei? (*) Quem diria? (*) Um bobo querendo ser rei. Que susto você me deu, Assombração. Um bobo não me oferece perigo nenhum. Os bobos nunca podem ser reis. (*) Mas, então o relógio não está funcionando?
- ASS - O relógio é ele, Matajesde. Ele sabe as horas de cór. Quando V. Matajesde quiser saber as horas, é só perguntar pra ele que ele responde certinho, minuto por minuto.
- REI - Isto é verdade, Bobo?
- BOB - Sim, Majestade.
- REI - Então me diga: que horas são?
- BOB - 11 horas, 53 minutos e 10 segundos.
- REI - Ótimo. Você trabalhará para mim até a meia noite. Será o Relógio Real do Castelo de Mulumí.
- BOB - Sinto-me honrado com tamanha distinção. Um humilde servo às vossas ordens, Majestade. Quanto eu vou ganhar, Majestade?
- REI - Os relógios trabalham de graça, mas eu vou lhe dar alguns elogios. E olha que pra bobo, até que você é bem inteligente. É um bobo digno de um rei. E você, Assombração, continue em seu posto de guarda. Que ninguém entre aqui no Castelo.
- BOB - (*) Eu até já estava gostando da idéia de ser rei. O Bobo do Rei sua Majestade Real. (*) Estão batendo.
- ASS - Eu não ouvi nada.
- BOB - Pois eu ouvi. (*) Ouviu agora?
- ASS - Ouvi sim, mas não foi na porta que bateram.
- BOB - Não foi na porta?
- ASS - Não. Vamos ouvir outra vez.
- REI - (*) Que horas são, Relógio Bobo? (*) O que foi, Santo Deus?
- BOB - (e Assombração, juntos) Estão batendo.
- REI - Não abra, não abra.
- ASS - Mas não foi na porta.
- REI - Não foi na porta? E onde foi?
- BOB - Por ali assim. Vamos esperar e ver se batem de novo.
- REI - (*) Vocês estão ouvindo coisas. Não existe nem ratos neste castelo. Como poderiam estar batendo aqui dentro se ninguém entrou?
- ASS - Será que é assombração? Tomara que seja.
- BOB - Fique quieta. Não fale em assombração que eu tenho medo disso.
- ASS - Medo de assombração? E como é que você não tem medo de mim?
- BOB - E você é assombração, por acaso?
- ASS - Por acaso não, eu sou assombração de nascença.

Sia Santa

sociedade cultural teatro sia santa

EMPREENDIMENTOS ARTÍSTICOS

CGC 46 259 339/0001-08



- BOB - É nada. Assombrção não é assim.
 ASS - Ora essa. Eque jeito que é então?
 BOB - Sei lá. Eu nunca vi. Mas acho que é diferente.
 ASS - É nada, bobo. É igualzinho sim. Não tem diferença.
 BOB - (*) É verdade que ela é assombrção de verdade?
 REI - É verdade sim, mas isso não importa. Me diga que horas são?
 BOB - (*) Assombrção? (*)
 REI - Ih, ele desmaiou. Acorde-o. Preciso saber as horas.
 ASS - Acorde, Bobo. Bobinho. O rei quer saber as horas.
 BOB - O que aconteceu?
 REI - Não aconteceu nada. Me diga que horas são depressa?
 BOB - (*) Assombrção (*)
 REI - Ai, essa não. (*) Bobinho. Relógio Real Bobo! Acorde, por favor.
 (*) Sáia daqui que ele tem medo de você. Bobo, acorde. (*)
 ASS - Ele tá acordando, ele tá acordando!
 REI - Vá pra lá. Está melhor Relógio Bobo. Que horas são?
 BOB - Estou sem relógio, Majestade.
 REI - Como sem relógio? Você não disse que sabia as horas de cór?
 BOB - Ah, é verdade. Com o susto até me esqueci que eu sabia.
 ASS - Ele sabe sim, Matajesde.
 REI - Assombrção burra. Vá embora daqui. Não me volte mais aqui. Ela já foi, ela já foi. Pronto. Me diga as horas? (*) Não tenha medo dela. Ela é totalmente inofensiva. Não faz mal nem a uma pulga. E além do mais é muito burra. Diga as horas, diga.
 BOB - Agora? Agora são 11 horas, 56 minutos e 20 segundos.
 REI - Faltam menos de 4 minutos. O que poderá acontecer em 4'? Nada.
 ASS - (*) Rei Bobo?
 BOB - (*) Quem é?
 ASS - Sou eu, posso ir aí?
 BOB - Não, não gosto de assombrção.
 ASS - Não tenha medo de mim, Bobinho. Eu sou meio burrinha.
 BOB - Mesmo assim, não quero.
 ASS - Ah, deixa vá.
 BOB - Eu não quero.
 ASS - Ah, por favor, rei Bobinho. Eu queria tanto ir aí com você?
 BOB - Só se você não esbarrar em mim e nem conversar comigo.
 ASS - Eu não esbarro. E conversar, eu só converso depois que você se acostumar comigo.
 BOB - Então venha, mas bem devagarinho. Não vá entrar de repente. (*)
 ASS - (*) Lá vou eu. (***)
 REI - O que se passa por aqui. Onde está o Bobo?
 ASS - Dentro do Relógio. Ele está muito assustado.
 REI - (*) Que horas são, relógio? (*) Desmaiou de novo. Eu queria saber que horas são.
 ASS - Devem faltar uns 2 minutos, MAJESTADE.
 REI - Cale-se, você não sabe nada. E não é Majestade, é MATAJESDE. (*)
 O que foi que você disse?
 ASS - Majestade.
 REI - Não é possível. Repita bem devagarinho, Assombrção.
 ASS - Ma-jes-ta-de.
 REI - Você aprendeu, Assombrção.
 ASS - A babá bebeu no bico do bule.
 REI - Isso, Assombrção.
 ASS - O rato roeu a rica roupa do rei de Roma.
 REI - Isso, Assombrção.
 ASS - Para pegar pombos precisa por pão.*
 REI - Que grande emoção você está me dando, Assombrção. É maravilhoso! (*) Hoje é o dia mais importante da minha vida. O meu trabalho de mil anos coroado de pleno êxito. Isso é uma recompensa!

Sia Santa

sociedade cultural teatro sia santa

EMPREENHIMENTOS ARTÍSTICOS

CGC 46 259 339/0001-08



- Finalmente, sinto-me um Rei Herói!
- PIR - (*) Parabéns, Majestade!
- REI - Obrigado! Quem foi que falou parabéns?
- ASS - (*) Piretsim.
- REI - Piretsim! Você está aí. Sempre esteve aí?
- PIR - Sim, Majestade. Eu não fui embora. Apenas me escondi. Eu queria ir, mas na hora não tive coragem. Resolvi então dar apenas uma liçãozinha em Vossa Majestade. (*) Agora eu vou ajudá-lo a defender o castelo contra o novo rei.
- REI - Meu bom e querido amigo. Vocês dois estão me dando muita alegria. Este é o aniversário mais feliz da minha vida.
- PIR - (*) Que venha o inimigo do Rei que vai ter que se haver conosco.
- REI - (*) Agora me preocupo: o que terei pra fazer durante mais mil anos de reinado se eu continuar sendo rei? Acho que será um reinado monótono e...triste. Eu acho...que não pretendo continuar sendo rei. Acho que vou permitir que o novo rei venha. (*) Guarde tudo isto lá na torre junto com as corôas, cetros e mantos reais dos monarcas anteriores.
- PIR - Sim, Majestade! (*)
- REI - E você, Assombração: traga-me o cofre. Aquele que você foi buscar na torre (*). Que entre o novo rei que será recebido de braços abertos por todos nós. Que entre aquele que será o novo rei do Castelo de Mulumí. (*) Que horas são, Bobo?
- ASS - (*) Aqui está o cofre, Majestade. (*)
- BOB - 11 horas, 59 minutos e 55 segundos.
- REI - Já vai dar meia noite e...o novo rei não chegou ainda. Será que a inscrição da torre do castelo não tem mais valor? (**)
- BOB - O que é isso, Majestade?
- REI - O sino da torre dando meia noite, depois de mil anos de reinado, indicando a substituição do rei atual, pelo novo rei.
- PIR - (*) Mas e o novo rei?
- REI - (*) Neste cofre está o nome do novo rei, que as profecias reservaram por mil anos. Vamos ver o que diz. (*) O NOVO REI DO CASTELO DE MULUMÍ É O MENINO PIRETSIM.
- ASS - Piretsim, o novo rei?
- BOB - O menino? (*)
- REI - Sim, o menino. Piretsim sem dúvida fará um grande reinado sobre Mulumí. Ele será um rei sábio a quem eu terei imenso prazer em servir. Viva o Novo Rei do Castelo de Mulumí.
- TODOS: "VIVA"! (MÚSICA).

F I M



MJ/DPF/SCDP/SP
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
LIBERAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

PARECER Nº

821/87

TÍTULO: "O CASTELO DE MULUMI"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE -0-

EXAME DE TEXTO

ENSAIO GERAL

FICHA TÉCNICA

Título: "O castelo de Mulumi"

Autoria: Jurandyr Pereira.

LEITURA DE TEXTO

De acordo com o parecer de leitura

Em 28/01/87

[Handwritten signature]

CONTEÚDO

Após 1.000 anos de reinado a majestade do castelo de Mulumi aguarda aquele que o substituirá. Toda a trama da peça está concentrada nas expectativas da sucessão real. O nome do novo rei está inscrito num cofre guardado na Torre e que será desvendado à meia noite. Fim do prazo, os súditos e o rei descobrem com grande satisfação que Piretsin, garoto bom e leal, é o indicado pelas profecias de tantos anos atrás para reinar em Mulumi por mais 1.000 anos.

PARECER CENSÓRIO

Peça dirigida a público infantil, explorando elementos da fantasia, do suspense e da aventura. Opino por sua liberação com classificação etária LIVRE e dispensa de exame censório de ensaio geral.

S. Paulo, 28/janeiro/1987

Célia Durand
CÉLIA GOMES CARNEIRO DURAND
2.417.018

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

LIVRE

822/87



X

01. IDENTIFICAÇÃO**Título:- O CASTELO DE MULUMI****Autor:- Jurandyr Pereira****Grupo:- Profissional (Cia. de Teatro Sia Santa)****Local:- Campinas**

LEITUR
De acordo
Em 26/01/87
Cidade
SAPR/025/51

02. CONTEÚDO

A peça narra a história do Rei do castelo de Mulumi e de seus dois súditos, Piretsim (o menino) e a Assombração. O Rei completa mil anos de reinado e sabe que, de acordo com a profecia, seu destino é o de perder o trono nesta data. A Assombração vive sendo ensinada pelo Rei, mas sua memória demonstra ser extremamente fraca. Piretsim cansa-se das ordens do Rei e resolve deixar o castelo neste dia. O Rei, entretanto, não quer deixar seu reinado pois sente não ter podido realizar nenhuma aventura heróica; pedindo ajuda à Assombração o Rei espera impedir a chegada de seu sucessor, o que faria com que ele reinasse por mais mil anos. A Assombração, ingenuamente, e contrariando as ordens do Rei, deixa entrar no castelo o Bobo de Rei, que parece ser seu substituto. Entretanto, Piretsim também é descoberto dentro do castelo, onde havia se escondido, pois arrependeu-se da decisão que tomara de abandonar o Rei; este, por sua vez, sensibiliza-se com esse gesto e se alegra ao descobrir que a Assombração finalmente absorveu seus ensinamentos. Quando bate meia noite o Rei cai em si e vê que sua missão foi cumprida, decidindo, então, receber de braços abertos o novo rei; indo até a torre onde se encontrava a profecia ele abre o cofre e surge o nome do seu sucessor:- o menino Piretsim. Este, é recebido por todos com muita festa.

03. MENSAGEM

A mensagem principal da peça encontra-se ligada ao bom uso que se deve dar ao poder que se tem nas mãos, devendo ele ser utilizado, apenas e tão somente, para fazer cumprir uma missão de amor ao próximo, e não a serviço da vaidade ou do orgulho pessoal.

04. PARECER

Pela adequação do conteúdo e de sua expressão ao público infantil, opinamos pela liberação com chancela LIVRE.

São Paulo, 26 de janeiro de 1987.

Antônia M. Santana Bordon
ANTÔNIA M. SANTANA BORDON
Censora Federal - Mat. 022.2495



820/87

O CASTELO DE MULUMÍ

LIVRE

XX

FICHA TÉCNICA:

AUTOR: JURANDYR PEREIRA

GRUPO PROFISSIONAL

LOCAL: TEATRO DO SESC DE CAMPINAS (SP).

LEITURA DE TEXTO
De acordo. Proceder Ensaio Geral
Em 02/02/87
Cidade: SCOP/SP/DFP/SP

ASSUNTO: NUM REINO DE APENAS TRÊS HABITANTES, O REI E SEUS DOIS SÚDITOS, PIRETSIM E A ASSOMBRAÇÃO, AGUARDA-SE A CHEGADA DO NOVO REI QUE REINARÁ NOS PRÓXIMOS MIL ANOS. ORA TEME ROSSO, ORA CONTENTE COM SUA SUBSTITUIÇÃO, O ATUAL MONARCA NÃO SE DECIDE ENTRE ACEITAR OU REJEITAR O NOVO MANDATÁRIO QUE DEVERÁ CHEGAR AO CASTELO ATÉ MEIA-NOITE. A CHEGADA DE UM ESTRANHO PÕE O REI E UM DOS SEUS SÚDITOS EM POLVOROSA, MAS LOGO SE DESCOBRE TRATAR-SE APENAS DE UM BÔBO DA CORTE QUE NÃO PRETENDE DE MANEIRA ALGUMA SER REI. QUANDO CHEGA A MEIA-NOITE E O REI ABRE O COFRE AONDE ESTÁ O NOME DO SEU SUCESSOR, DESCOBRE TRATAR-SE DE SEU SÚDITO PIRETSIM, O QUE TORNA A TRANSMISSÃO DO PODER UMA FESTA COMPARTILHADA POR TODOS.

PARECER: POR SE TRATAR DE TEXTO INFANTIL, FANTASIOSO, AINDA QUE SEJA UMA METÁFORA DO APEGO AO PODER, OPINO PELA LIBERAÇÃO SEM QUALQUER RESTRIÇÃO ETÁRIA, JULGANDO, TAMBÉM, DESNECESSÁRIA A REALIZAÇÃO DO ENSAIO-GERAL.

SÃO PAULO, 02 DE FEVEREIRO DE 1987.

FERNANDO ZANETTI

FERNANDO L. MOTTA ZANETTI
Censor Federal - Matr. 022.2471



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



CERTIFICADO Nº **272/87** ESPETÁCULO PARA: **TEATRO** ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

TÍTULO EM PORTUGUÊS: **"O CASTELO DE MULUMÍ"**

TÍTULO ORIGINAL: **Original de: JURANDIR FERREIRA**

EMPRESA, GRUPO OU DIRETOR: **CIA. DE TEATRO SIA SANTA**

CLASSIFICAÇÃO
LIVRE

Válido até **27 DE MARÇO DE 1990**

Emitido em **03 DE FEVEREIRO DE 1987**

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE

[Assinatura]
ASSIR FERREIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP EM EXERCÍCIO

DISCRIMINAÇÃO DE CORTES: ~~_____~~

OBSERVAÇÕES:
Este certificado somente tem validade quando acompanhado do texto corrigido pelo SCDP/SR, DPF/SP. Valido em todo território nacional,

S. Paulo, 03 de fevereiro de 1987.

MARIA ELIZA C. DE CARVALHO
Chefe SCC / SCDP / SR / DPF / SP

[Assinatura]

TEATRO

TÍTULO * O CASTELO DE MULUMI *

AUTOR DA PEÇA: * JURANDIR PEREIRA *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * LIVRE *

Praça * SCDP/SR/SP *

Obs.:

DF. 16 / FEV... / DE / 1987

Adilson
 Resp. pela elaboração do Processo
 Adilson **

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

 Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

1. Em Ordem.

2. ARQUIVE-SE!

Bza, 17/02/87

Luis Pedro de Souza
 Luis Pedro de Souza
 CF - Mat. 2.407.803
 Chefe - Substituto da SCTG/DCDP

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

⊙
DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

DE SAO PAULO SP 14771 50 180887 0850P

DCDP BSA

NR. 14771/SCDP/SR/DPF/SP-180887 PT SOL INFO CLASS ET PRAZO VAL
CERT PEÇAS TEATRAIS BIPT "POBRE MAIS FELIZ" DE ROBERTO MAI-
QUEL VG "O CASTELO DE MULUMI" DE JURANDIR PEREIRA VG "O DI-
VAN" DE ROGERIO LOPES ALVES VG "O TESOURO DO PEDRO MALAZARTES"
DE JOAO BITTENCOURT VG "HISTORIA DE LENÇOS E VENTOS" DE ILO
KRUGLI PT

CHEFE DO SCDP/SR/DPF/SP

NNNN
TR/GL 18-0935⊙
DITEL BSA
SERTEL/SR/SP⊙
DITEL BSAX

Arquivo/DCDP

Conta registros das peças:

- O castelo de Mulumi
- O Tesouro do Pedro Malazartes
- História de lençóis e ventos

Quanto às demais, nada consta.

[Handwritten Signature]
Márcia Monteiro L. Mello

M. 190.167

Chefe - Subst. do ARQUIVO/DCDP

37780

SCDP

